

**EDINALDO APARECIDO SANTOS DE LIMA**

**PREPARAR, APONTAR, FOTO!**

**A construção da imagem fotográfica dos camponeses cubanos nos  
periódicos *Revolución* e *Campo de Revolución* (1959-1961)**

**Assis**

**2018**

**EDINALDO APARECIDO SANTOS DE LIMA**

**PREPARAR, APONTAR, FOTO!**

**A construção da imagem fotográfica dos camponeses cubanos nos  
periódicos *Revolución e Campo de Revolución* (1959-1961)**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista  
(UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a  
obtenção do título de Mestre em História (Área de  
Conhecimento: História e Sociedade)

Orientador: Carlos Alberto Sampaio Barbosa

Bolsista: CAPES

**Assis  
2018**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca da F.C.L. – Assis – Unesp

L732p

Lima, Edinaldo Aparecido Santos de  
Preparar, apontar, foto! A construção da imagem fotográfica dos camponeses cubanos nos periódicos Revolución e Campo de Revolución (1959-1961) / Edinaldo Aparecido Santos de Lima. Assis, 2018.  
284 f. : il.

Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis  
Orientador: Dr Carlos Aberto Sampaio Barbosa

1. Fotojornalismo. 2. Cuba - História - Revolução - 1959. 3. Cuba - Política e governo - 1959. 4. Camponeses. 5. Visualização. I. Título.

CDD 972.91



**CERTIFICADO DE APROVAÇÃO**

**TÍTULO DA DISSERTAÇÃO:** PREPARAR, APONTAR, FOTO! A construção da imagem fotográfica dos camponeses cubanos nos periódicos *Revolución* e *Campo de Revolución* (1959 - 1961)

**AUTOR: EDINALDO APARECIDO SANTOS DE LIMA**

**ORIENTADOR: CARLOS ALBERTO SAMPAIO BARBOSA**



Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Mestre em HISTÓRIA, área: HISTÓRIA E SOCIEDADE pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. CARLOS ALBERTO SAMPAIO BARBOSA  
Depto. de História / UNESP/Assis

Prof. Dr. CHARLES MONTEIRO  
PUC/RS / Porto Alegre

Prof. Dr. JOSÉ LUIS BENDICHO BEIRED  
Depto. de História / UNESP/Assis

Assis, 27 de setembro de 2018

## AGRADECIMENTOS

Quando um escritor coloca sua caneta entre os dedos ou posiciona-os sobre os teclados do computador e a partir daí começa a tricotar seus pensamentos e conhecimentos adquiridos ao longo da pesquisa, mesmo que às vezes não se dê conta, esse sujeito fora atravessado pela experiência e contribuição de várias pessoas. E eu, não sou um caso à parte.

Durante essa minha jornada acadêmica muitas pessoas me proporcionaram reflexões, questionamentos, risos, incentivos e correções. É para elas que dedico esse trabalho.

Primeiramente agradeço a confiança depositada e amizade do professor Carlos Alberto Sampaio Barbosa e família (Daisy de Camargo e Gabo) que compartilharam inestimáveis conhecimentos para dentro e fora dos muros da universidade.

Aos professores Charles Monteiro e José Luis Bendicho Beired pela generosa e contributiva leitura do trabalho para a banca de qualificação. Sinto-me honrado por ter podido contar com os apontamentos de duas referências da área na minha pesquisa.

Agradeço à estimada professora Silvia Cezar Miskulin e todas(os) as(os) docentes que encontrei nos corredores da Unesp Assis e congressos, pelos norteamentos iniciais desta pesquisa, pela escuta atenta e pelas proteicas e valiosas indicações de leituras e reflexões a respeito de Cuba.

O desenvolvimento desta pesquisa não teria sido possível sem o financiamento da CAPES que tivera um papel crucial, pois com ela pude custear a participação em congressos nos mais diferentes rincões do país levando comigo tanto seu nome quanto do programa de pós-graduação em História da FCL-Assis.

Aos funcionários da biblioteca, do CEDAP, da seção de pós-graduação e à secretária do departamento de História da FCL Assis, também deixo registrado meus agradecimentos pela atenciosidade e dedicação aos alunos.

Nesses anos as amizades se fortaleceram e outras foram semeadas. Pessoas cujas palavras não são suficientes para descrever minha gratidão. De Assis-SP, onde tudo começou, meu agradecimento aos membros da casa 1250 na Rua Padre Gusmões, no período de fevereiro/2015 a março/2016, onde os lampejos do mestrado surgiram em meio a muitas conversas teóricas, "brisas" e churrascos no

tijolo, aos companheiros endiabrados do *Valhalla Rising*, aos amigos do grupo da Seresta e às meninas da Chicão Teixeira que me acolheram muitas vezes nas minhas andanças.

Na trajetória de pós-graduando tive a felicidade de conhecer pessoas que tenho grande apreço como o camarada Matheus Melo Barcelos (e família) e a estimada Daniela Emilena Santiago Dias de Oliveira (e família) com os quais partilhei copos e mais copos de cerveja, feijoada, discussões de textos e os percalços da vida acadêmica.

Agradeço às famílias Lima, Santos, Silva e Buesso pela recepção em seus lares, pelas palavras de carinho e incentivo.

Sou grato ao time de rugby de Botucatu, onde aprendi, à custa de muito suor, “*tackles*” e “*trys*”, os princípios básicos do esporte, assim como, a admiração e respeito por ele. Graças a amizade e carinho da equipe, saí do meu “enclausuramento doméstico-acadêmico” e pude respirar bons ares dentro de campo.

Aos meus pais Maria Senhorinha dos Santos Lima e Francisco Gonçalves de Lima que me deram o que fora possível para chegar até aqui. Em meados da década de 1980 ambos largaram suas famílias no nordeste brasileiro rumo à capital paulistana em busca de uma vida melhor para si e seus futuros filhos. Depois que conheci esse mundo, o verbo estudar reinou durante anos em seus lábios e até hoje, felizmente, me assombra todos os dias. Sou grato pelos seus incontáveis sacrifícios, trabalho de sol a sol, insultos recebidos e abafados num copo de cachaça.

À minha amada companheira de todos os dias Bruna Giovanna Buesso da Silva, com quem divido filmes, músicas, sorrisos, receitas mirabolantes, dias de preguiça, piadas sem graça, cochilos nas tardes de domingo, entre outros. Com você aprendo um pouco mais sobre o que é esta tal felicidade que tantos filósofos platônicos ou de butiquim buscam decifrar e que vez ou outra torna-se em versos dos poetas e dissoantemente são cantados pelos boêmios da madrugada.

*A queda de um combatente não para a revolução.*

Luiz Inácio Lula da Silva

LIMA, Edinaldo Aparecido Santos de. **PREPARAR, APONTAR, FOTO! A construção da imagem fotográfica dos camponeses cubanos nos periódicos *Revolución e Campo de Revolución* (1959-1961)**. 2018. 284 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em História). Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2018.

## RESUMO

Gestado nas matas da *Sierra Maestra*, em meio aos conflitos entre rebeldes e a ditadura de Fulgencio Batista (1952-1958), o jornal *Revolución* dirigido por Carlos Franqui cumpria o papel de divulgar as conquistas e os ideais dos insurgentes. Com o triunfo da Revolução em 1959, o periódico deixou a clandestinidade e tornou-se um influente veículo de informação do período. Nele trabalharam vários profissionais entre os quais, fotógrafos cujos frutos de suas produções cooperaram na eternização da Revolução como um dos eventos significativos do século XX. Depois dessa virada histórica, os holofotes dos principais meios de comunicação do mundo passaram a dedicar maior atenção aos passos que seriam dados por aquele país. Logo nos primeiros meses, o jovem governo revolucionário encetou uma série de reformas em vários âmbitos da sociedade, sobretudo em regiões rurais onde predominaram durante décadas a pobreza e a ausência de serviços básicos como educação e saúde. Diante das lentes dos fotógrafos de *Revolución*, os camponeses cubanos passaram a ter suas condições de vida e seus rostos propagados por toda a Ilha, ao passo em que um imaginário sobre si era construído no intuito de sensibilizar, conscientizar e mobilizar a sociedade, principalmente dos centros urbanos, a participarem do processo de mudanças sociopolíticas do país. Porém, os resultados obtidos a partir da meticulosa análise quantitativa e qualitativa do montante de fotografias presentes tanto no jornal quanto no seu suplemento *Campo de Revolución*, organizadas e catalogadas mostraram que a moldagem desse imaginário não fora unívoca ou rígida, pois a realidade histórica vivida intensamente pelos cubanos nos primeiros três anos tornou-a flexível. Além disso, a metodologia empregada na análise das fotografias permitiu-nos discutir outros assuntos inerentes ao universo rural cubano.

**Palavras-chave:** Fotojornalismo. Revolução Cubana. Camponeses. História Visual.



LIMA, Edinaldo Aparecido Santos de. **PREPARING, POINTING, PHOTO! The construction of the photographic image of the Cuban peasants in the periodicals *Revolución* and *Campo de Revolución* (1959-1961)**. 2018. 284 f. Dissertation (Masters in History). São Paulo State University (UNESP), School of Sciences, Humanities and Languages, Assis, 2018.

### **ABSTRACT**

Raised in the forests of the Sierra Maestra, amid conflicts between rebels and the dictatorship of Fulgencio Batista (1952-1958), the newspaper *Revolución* led by Carlos Franqui played the role of publicizing the achievements and ideals of the insurgents. With the triumph of the Revolution in 1959, the newspaper left the clandestine and became an influential vehicle of information of the period. In it worked several professionals among whom, photographers whose fruits of their productions cooperated in the eternalization of the Revolution like one of the significant events of century XX. After this historic turnaround, the spotlight of the world's mainstream media began to pay more attention to the steps that would be taken by that country. In the early months, the young revolutionary government embarked on a series of reforms in various areas of society, particularly in rural areas where poverty and lack of basic services such as education and health prevailed for decades. Faced with the lenses of the photographers of *Revolución*, the Cuban peasants began to have their living conditions and their faces propagated throughout the Island, while an imaginary about themselves was built in order to raise awareness, raise awareness and mobilize society, especially the urban centers to participate in the process of socio-political changes in the country. However, the results obtained from the meticulous quantitative and qualitative analysis of the amount of photographs present in both the newspaper and its *Campo de Revolución* supplement, organized and cataloged, showed that the molding of this imagery was not unequivocal or rigid, since the historical reality lived intensely by Cubans in the first three years made it flexible. In addition, the methodology used in the analysis of the photographs allowed us to discuss other subjects inherent to the Cuban rural universe.

**Keywords:** Photojournalism. Cuban Revolution. Peasants. Visual History.

## LISTA DE FIGURAS

<i>Figura 1. UNITED FRUIT: OTRO LATIFUNDIO QUE DESAPARECE</i> .....	16
Figura 2 - Caballería.....	17
Figura 3 - À direita Franqui ao fundo e à esquerda fotografia sem o diretor de Revolución.....	62
Figura 4 - Acima fotografia sem Goebbles e abaixo com o mesmo na casa de Leni Riefenstahl. ....	63
<i>Figura 5 - Trotsky e Kamenev ao lado de Lenin em Petrogrado 5 de maio de 1920 e depois ambos os homens removidos em 1929.</i> .....	64
Figura 6 - Capa do jornal Revolución de julho de 1957.....	65
Figura 7 - Propaganda da Radio Sierra Maestra.....	66
Figura 8 - Bonos do M-26/7 para arrecadação de recursos para a luta revolucionária. ....	67
Figura 9 - Novo logotipo de Revolución. ....	69
Figura 10 -Noticiero revolucionario e bandeira do M-26/7 edição especial .....	69
Figura 11 - El tirano y su prensa. ....	70
Figura 12 – Civis derrubando a fachada do jornal Alerta. ....	74
Figura 13 - Interventores de prensa. ....	75
Figura 14- LIMPIEZA.....	79
Figura 15 - "El Manengue Arribista" .....	80
Figura 16 – LAS COSAS CAMBIAN.....	80
Figura 17 – LA ALEGRIA FAMILIAR PERDURA EM FOTOS TOMADAS CON FLASH .....	82
Figura 18 - “¡ZAFRA GRANDE!” .....	84
Figura 19 – CAMPESINO ESPERALO! .....	85
Figura 20 - REVOLUCIÓN ES CONSTRUIR. ....	91
Figura 21 - Zonas de preferência em páginas ímpares e pares em 1959 no Revolución. ....	112
Figura 22 - Zonas de preferência em páginas ímpares e pares em 1960 no Revolución. ....	114
Figura 23 - Zonas de preferência em páginas ímpares e pares em 1961 no Revolución. ....	115

Figura 24 - Zonas de preferência em páginas ímpares e pares no <i>Revolución</i> (1959-1961).....	116
Figura 25 - Zonas de preferência em páginas ímpares e pares no <i>Campo de Revolución</i> .....	117
Figura 6 - Ya sale el Sol para todos! .....	125
Figura 27 - Localização de registro das fotografias no <i>Revolución</i> (1959-1961).....	129
Figura 28 - Capa edición extraordinaria .....	139
Figura 29 - Camilos después de haber sido herido. ....	141
Figura 30 - Camilo aceptando una taza de café.....	142
Figura 31 - Close up de Camilo en los días de la Concentración Campesina.....	143
Figura 32 - Head of Christ Crowned with Thorns. ....	144
Figura 13 - Abrele tu puerta al campesino. ....	150
Figura 34 - Contingentes de Campesinos recorren las calles de La Habana.....	151
Figura 35 - Campesinos de Guantanamo formulan dos protestas .....	153
Figura 36 – Oyen missa em La Habana los campesinos cubanos.....	154
Figura 37 - Camponeses da Sierra Maestra.....	155
Figura 38 - El Machete: Símbolo de la Revolución Cubana. ....	156
Figura 39 - ... a los que nos calumnian podemos decirles: ¡democracia es esto!...	159
Figura 40 - Antonio Hernández .....	160
Figura 41 - Despedida.....	161
Figura 42 - Al campo, de regreso. ....	161
Figura 43 - Por más de 50 años les robaron la tierra! .....	173
Figura 44 - Fidel conversa com camponeses.....	175
Figura 45 - LA TIERRA ES DEL QUE LA TRABAJA.....	178
Figura 46 - ESTA VEZ SI ES VERDAD!.....	180
Figura 47 – Fijese como se interesa el pueblo por la reforma.....	182
Figura 48 - Primeras fotos de "La Plata" .....	186
Figura 49 - Reforma Agraria o Muerte!.....	189
Figura 50 - Mujeres matanceras ayudan a construir 117 casas de campo .....	192
Figura 51 – Maíz: oro de Cuba.....	193
Figura 52 - Mujeres en cooperativas. ....	194
Figura 53 - 400,000 mil cajas para exportar.....	195
Figura 54 - Hombres de manos rudas. ....	196
Figura 55 – Daños en el central España. ....	199

Figura 56 - Família Matos.....	200
Figura 57 - Outra avioneta de rumbo norte. ....	201
Figura 58 - Mulheres y niños sustituyen a milicianos en el central 'Chile' .....	203
<i>Figura 59 - Necesitamos terrenos para escuelas.</i> .....	210
Figura 60 - Ábreme tu puerta...! .....	211
Figura 61 – NECESITAN PUPITRES!.....	212
Figura 62 - Progresivo el avance de la alfabetización. ....	217
Figura 63 - Maestros costarricenses alfabetizan en los campos de Cuba. ....	219
Figura 64 - ALFABETIZACIÓN: Todo el termino es una gigantesca escuela. ....	223
Figura 65 - ¡CUMPLIREMOS!.....	225
Figura 66 - Alfabetizador .....	225
Figura 67 - Capa do livro: A política da educação não-formal na América Latina...227	
Figura 68 - " Felicidades a todos aquellos que son Maestritos de Pueblo " .....	228
Figura 69 - Varela, Varona, Luz e Martí. ....	229
Figura 70 - Los Malagones.....	232
Figura 71 - Kodak Baby Brownie. EUA (1934 -1941) e Reino Unido (1948 – 1952). .....	234
Figura 72–Regalo Fidel los rifles a campesinos de Pinar del Río .....	240
Figura 73 - CENTINELA DE LA REVOLUCIÓN .....	245
Figura 74 - Estrada para Viñalles: "Si ustedes triunfan, habrá milicias em Cuba", 2017 .....	250
Figura 75 - Memorial "Los Malagones", 2014.....	251
Figura 76 - Lugar onde estão guardados os objetos pessoais do malagones: medalhas, armas, uniformes e instrumentos utilizados na campanha. ....	253
Figura 34 À esquerda a fotografia de Raúl Corrales sem cortes, no centro pedras com os nomes dos malagones entalhas e à direita uma homenagem com a bandeira nacional.....	253
Figura 78 - Ao pé do monumento a frase que Fidel teria se dirigido à Leandro: "Malagón, si ustedes triunfan habra milicias en Cuba".....	254
Figura 79 - 50 ANIV. DE LA CONSTITUCIÓN DEL PRIMER GRUPO DE MILICIANOS "LOS MALAGONES". Correos, 2009. ....	255

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Frequência de fotografias de camponeses por meses no Revolución...	106
Gráfico 2 - Quantidade de camponeses por registro fotográfico no Revolución .....	163
Gráfico 3 - Quantidade de camponeses por registro fotográfico no Campo de Revolución.....	163
Gráfico 5 - Exposição da face dos camponeses no Campo de Revolución .....	164
Gráfico 4 - Exposição da face dos camponeses no Revolución.....	164
Gráfico 6 – Grupos etários dos camponeses fotografados no Revolución.....	165
Gráfico 7 - Grupos etários dos camponeses fotografados no Campo de Revolución .....	165
Gráfico 9 - Etnia dos camponeses fotografados no Campo de Revolución .....	168
Gráfico 8 - Etnia dos camponeses fotografados no Revolución .....	168
Gráfico 11 - Sexo dos camponeses fotografados no Campo de Revolución .....	169
Gráfico 10 - Sexo dos camponeses fotografados no Revolución.....	169

## LISTA DE TABELAS

<i>Tabela 1 - Média aproximada da quantidade de fotografias por página no Revolución</i>	104
<i>Tabela 2 - Fotografias de camponeses no Revolución</i>	105
<i>Tabela 3 - Fotografias de camponeses no Revolución dividido por meses</i>	105
<i>Tabela 4 - Fotografias no Campo de Revolución</i>	110
<i>Tabela 5 – Descritores das formas da expressão fotográfica no Revolución</i>	118
<i>Tabela 6 - Descritores das formas da expressão fotográfica no Campo de Revolución</i>	121
<i>Tabela 7 - Localização geográfica de registro das fotografias no Revolución (1959-1961)</i>	123
<i>Tabela 8 - Localização geográfica de registro das fotografias no Campo de Revolución</i>	124
<i>Tabela 9 - Responsáveis pelos registros fotográficos de camponeses no Revolución</i>	130
<i>Tabela 10 - Responsáveis pelos registros fotográficos de camponeses no Campo de Revolución</i>	132
<i>Tabela 11 - Assuntos e temas fotografados no Revolución</i>	135
<i>Tabela 12 - Assuntos e temas fotografados no Campo de Revolución</i>	136
<i>Tabela 13 - Informações do corpo editorial de Revolución, locais de produção e quantidade de páginas (1959 - 1961)</i>	281

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>CAPÍTULO 1: A REVOLUÇÃO CUBANA, O <i>REVOLUCIÓN</i> E O CAMPO DE <i>REVOLUCIÓN</i></b> .....	38
1. O triunfo da Revolução: golpe, resistência e vitória. ....	38
2. O trajeto de <i>Revolución</i> na Revolução .....	53
3. O breve protagonismo do <i>Campo de Revolución</i> .....	84
<b>CAPÍTULO 2: ITINERÁRIO VISUAL REVOLUCIONÁRIO:</b> .....	93
4. Proto-fotojornalismo cubano: todas as lentes voltas para a guerra.....	93
5. Os lugares da fotografia no <i>Revolución</i> e no <i>Campo de Revolución</i> .....	103
6. Sobre a organização da análise quantitativa: categoria espacial e temática	111
7. Realocamento da arquitetura visual .....	128
<b>CAPÍTULO 3: AS FACES DOS CAMPONESES</b> .....	171
8. A Reforma Agrária em foco.....	171
9. À luz de uma nova Cuba: A Campanha de Alfabetização em destaque. ....	204
10. A Revolução Cubana escrita a chumbo, tinta e pedra. ....	231
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	257
<b>FONTES</b> .....	267
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	270
<b>ANEXOS:</b> .....	280

## INTRODUÇÃO

Duas dezenas de cavaleiros, bandeiras cubanas tremulando ao vento, fuzis a tira colo, chapéus de palha com o símbolo nacional espetado nas abas; além dos óculos de sol, das hirsutas barbas, dos sorrisos acanhados e charutos no canto da boca a fotografia abaixo é preenchida com um céu carregado de nuvens ameaçadoras e um horizonte formado por uma serra (figura 1) <sup>1</sup>. Sua composição equilibrada sugere que no exato momento do registro, o fotógrafo cubano Raúl Corrales Varela (1925-2006) estivesse na mesma altura dos fotografados localizados no centro da cena. Aparentemente a espontaneidade do registro não busca “endeusar” os protagonistas. Entretanto os acontecimentos da Revolução cubana e a trajetória própria da foto insinuam o contrário. Corrales que formava parte desse grupo de cavaleiros, talvez consciente da importância dos momentos que estava vivenciando, captou um instante no qual os cavaleiros e suas montarias parecem nos transmitir a noção de que colapsam o tempo, quer dizer saem de um passado remoto em direção ao futuro, mas não é ao futuro para o qual se dirigem. É à câmera.

A respeito dos sujeitos fotografados em si, Corrales retratou em *Caballería* um dos líderes da Revolução cubana, Camilo Cienfuegos (1932-1959), ao centro, montado num cavalo branco e portando com a sua mão direita uma bandeira de Cuba enquanto liderava um grupo de camponeses.

As origens da tomada dessa fotografia são bastante nebulosas, uns dizem que os cavaleiros estariam chegando a Havana quando se avizinhava a vitória da Revolução em 1959, outros que foi durante a comemoração do primeiro aniversário da mesma, todavia a certeza que possuímos é que ela veio a público no dia 16 de maio de 1960 no jornal *Revolución*. Abaixo dessa foto lê-se: “*United Fruit: Otro latifúndio que desaparece*”. Nessa edição comemorava-se o primeiro ano de sanção da primeira Lei de Reforma Agrária, que registrou um primeiro passo para a tentativa de desenvolvimento da economia cubana<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Cabe destacarmos que a qualidade das imagens dos periódicos utilizados nessa pesquisa varia entre regular e ruim. A isto atribuímos ao fato de terem sido retiradas da digitalização feita a partir de um microfilme, atualmente disponível para acesso no CEDAP - Assis. Embora existam esses empecilhos, procuraremos na medida do possível, encontrar em outros suportes imagens com qualidade aceitável.

<sup>2</sup> Além de minar diversos interesses de latifundiários nacionais e estrangeiros, como a United Fruit que dominavam grande parte das terras, a reforma agrária “moderada” (GOTT, 2006, p.197), na prática anulou o direito de empresas e indivíduos estrangeiros de adquirirem e possuírem terras em Cuba, salvo pequenos agricultores. Fixou-se também em 30 *caballerías* (402 hectares, aproximadamente



Figura 1. UNITED FRUIT: OTRO LATIFUNDO QUE DESAPARECE



Fotografia: Raúl Corrales

Fonte: *Revolución*, ano 3, n. 444, 16/05/1960, p.38.

Com o triunfo de 1959, os revolucionários deram início a inúmeras reformas prometidas ainda nos tempos da *Sierra Maestra*. A primeira delas foi a sanção, em maio do mesmo ano, da Lei de Reforma Agrária, a campanha de alfabetização, a reforma do sistema de saúde e a formação de organizações de massa. Embora alguns cubanos fossem contra o governo recém-formado e abandonassem o país, muitos outros contribuíram nas mudanças da sociedade. A campanha contra o analfabetismo, por exemplo, assim como a aplicação de recursos na educação, especialmente em áreas rurais, levadas a cabo por todo o país desde o ano “um” da Revolução, estendeu-se para grande parte daqueles que não tiveram a oportunidade de aprender

---

402.000m<sup>2</sup>) a extensão máxima de terra que cada pessoa poderia obter. Une-se a isso, a criação do Instituto Nacional de Reforma Agrária (INRA) sob chefia do primeiro-ministro para acompanhar a efetivação de tais medidas e auxiliar os trabalhadores na organização de cooperativas. No entanto, para Richard Gott, certo número de grandes criadores de gado foi isento assim como algumas plantações de açúcar e de tabaco reconhecidas pela sua produtividade excepcional. (GOTT, 2006, p.197).

a ler e a escrever<sup>3</sup>. De acordo com Richard Gott (2006, p.217), o impacto da campanha de alfabetização para os camponeses foi “arrebataador”<sup>4</sup>.

*Figura 2 - Caballería*



*Fotografia: Raúl Corrales*

*Fonte: RETAMAR, Roberto Fernández. Cuba la fotografía de los años 60, Cuba: Fototeca de Cuba, p. 24, 1988.*

Bem como a educação, o acesso à saúde e a qualidade de seus serviços careciam de transformações imediatas. Em janeiro de 1960, o governo criou o Serviço de Saúde Rural, instalando hospitais rurais e exigindo que todos os médicos graduados passassem um período prestando atendimentos em zonas rurais menos favorecidas (OSA, 2011, 89-96)<sup>5</sup>. Paralelo à etapa inicial de reformas, havia as

<sup>3</sup> De acordo com os dados levantados por González González e Reyes Velázquez (2010, p. 17), em zonas rurais e urbanas, a diferença era notória: 50% das crianças em idade escolar, aproximadamente 800.000, não assistiam as aulas. Existiam 17.000 salas, quando deveriam ser 35.000. Essas crianças viviam no campo. Cada ano aumentava o número de adultos analfabetos. Nos anos de 1959 e 1960, a matrícula das escolas municipais era de 582.198 alunos. Em apenas um ano, de 1960 a 1961 haviam sido criadas 15.000 salas novas em zonas rurais e a matrícula em escolas fundamentais haviam aumentado para 1.118.942 alunos. No momento de iniciar-se a *Campaña de Alfabetización*, havia um total de 844 centros com 2.832 professores e 19.075 alunos.

<sup>4</sup> Essa campanha poderia ter sido melhor, e certamente mais barata, viria admitir anos mais tarde Fidel Castro. Contudo, o que foi feito em 1961 ajudou a definir a imagem da Revolução nos seus anos iniciais, nacional e internacionalmente (GOTT, 2006, p.217).

<sup>5</sup> No começo de 1960, apenas três meses depois de formados, mais de 300 médicos partiram para cumprir o Serviço Rural com uma mochila nas costas, um estetoscópio, alguns poucos instrumentos cirúrgicos e os medicamentos elementares que cada qual conseguiu. Eles respondiam, dessa forma,

ameaças externas a Revolução. Para contê-las, o governo canalizou esforços de parte da sociedade cubana e assim criou as Milícias Nacionais Revolucionárias e os *Comités de Defensa de la Revolución* (CDR).

O andamento dessas e de outras mudanças referidas acima, alcançaram toda a Ilha, adentrando os lares de milhares de famílias cubanas por meio da imprensa, especialmente por intermédio do *Revolución* (1956-1965). Criado por Carlos Franqui, ex-militante do Partido Socialista Popular (PSP), este jornal surgiu em Cuba em 1956, no contexto da luta popular encabeçada pelo Movimento 26 de Julho<sup>6</sup> contra a ditadura de Batista e, logo após a vitória da resistência rebelde, o periódico que então circulava clandestinamente se tornou o porta-voz impresso do M-26/7.

Inicialmente, o *Revolución* contou com poucos recursos técnicos e equipamentos adequados para sua reprodução, mesmo assim, nele eram expressos os feitos, as conquistas e os golpes infringidos à ditadura de Batista. A partir do triunfo da Revolução, o jornal deixou a ilegalidade para se tornar o órgão noticioso oficial do novo regime. Impresso diariamente, contendo de início dez páginas e oito colunas – gradualmente aumentadas no decorrer de poucos meses - as edições do jornal adquiriram também com o tempo, suplementos semanais tais como o *Lunes de Revolución* e o *Campo de Revolución*<sup>7</sup>, que contemplavam diversos temas e públicos. Nessa nova fase, o jornal passou de simples diário a um potente núcleo de informação, congregando além de outros veículos, boa parcela da intelectualidade revolucionária<sup>8</sup>.

---

às solicitações, sugeridas nas assembleias de estudantes de Medicina, de que apresentassem solução para as condições sanitárias adversas da época.

<sup>6</sup> O Movimento 26 de Julho (M-26/7) foi uma organização política e militar cubana criada em 1953 por indivíduos, dentre eles o advogado Fidel Castro, que atuaram inicialmente em ataques aos quartéis do exército do ditador Fulgencio Batista em Santiago de Cuba. Seguidores das ideais de José Martí os membros do M-26 derrubaram o governo de Batista no dia 31 de dezembro de 1958. Devido a amplitude ideológica e a seus objetivos o M-26 agregou jovens das mais diversas procedências políticas. Os primeiros membros do movimento como Fidel Castro, Haydée Santamaría e Antonio Níco López tiveram a colaboração de Che Guevara, Camilo Cienfuegos, Raúl Castro, Juan Almeida Bosque, Celia Sánchez, Huber Matos, Carlos Franqui entre outros (FAVATTO Jr. 2014, p. 169).

<sup>7</sup> *Campo de Revolución* foi tema de iniciação científica desenvolvida por mim durante o último ano de graduação em História em 2015 na Unesp de Assis com orientação do professor Carlos Alberto Sampaio Barbosa. Na oportunidade nossa proposta foi inventariar as fotografias do suplemento e identificar os conteúdos das matérias. Os resultados parciais obtidos foram apresentados e debatidos em congressos regionais.

<sup>8</sup> Dentre os jornalistas que trabalharam no *Revolución* estiveram presentes, além do diretor Carlos Franqui, Euclides Vázquez, Gregorio Ortega, Ernesto Vera, Ricardo Cardet, José Lezama Lima, Virgilio Piñera e repórteres esportivos como Fausto Miranda.

Em outubro de 1965, o *Revolución* fundiu-se com o periódico do partido comunista chamado *Hoy*, dando origem ao *Granma*, desde então, órgão oficial do Partido Comunista de Cuba. Seu diretor, Carlos Franqui, assim como outros membros, foram remanejados para atividades funcionais secundárias dentro e fora de Cuba. O descontentamento desses com as decisões do governo castrista levou-os à opção final de romperem definitivamente com o regime cubano e partirem para o exílio, no caso de Carlos Franqui, em 1968, para a Europa.

A equipe do *Revolución* era composta por diversos profissionais, dentre eles, fotógrafos como Raúl Corrales que contribuíram não somente para a cobertura das matérias do cotidiano como também tiveram um papel relevante no processo de ruptura de ideias que até então eram disseminadas aos quatro ventos a respeito da sociedade cubana <sup>9</sup>.

Com a Revolução na ordem do dia, o governo revolucionário mobilizou recursos do âmbito cultural como: a literatura, a música, o teatro, o cinema e a fotografia para confrontar com tenacidade esses pensamentos corriqueiros. Em virtude do destaque que esses meios lograram a partir de 1959, tanto o governo recém-criado quanto a sociedade tiveram, dentro e fora do país, sua reputação renovada e fortificada.

Como podemos perceber, a Revolução em Cuba não se propusera apenas transformar as estruturas sociais, as instituições e o regime, mas buscou igualmente uma transformação profunda e radical de homens e mulheres, da sua consciência, de seus costumes, valores e hábitos. De acordo com Michael Löwy (2012, p.37), uma revolução não é autêntica se não for capaz de criar esse “homem novo”. Para um dos líderes da Revolução cubana, Che Guevara, ser “homem novo” significava ser um cidadão politicamente consciente de seus deveres, fraterno, corajoso, disposto a qualquer sacrifício para defender valores coletivos.

Nesta virada histórica, a fotografia adquiriu relevância e rumos totalmente novos do que até então eram empregados. Pesquisadores da história da fotografia

---

<sup>9</sup> Segundo a percepção popular estadunidense, a Cuba pré-revolucionária seria uma espécie de “ilha dos prazeres”, ou seja, um lugar do pecado no qual se mesclavam os vícios dos jogos nos cassinos, a máfia e a prostituição. Proeminentes intelectuais norte-americanos reiteraram essa visão. Em artigo publicado pela revista *Rampart*, Susan Sontag (1969, p.14, tradução nossa), descreveu Cuba como “um país conhecido principalmente pela dança, música, prostitutas, charutos, abortos, centros turísticos e os filmes pornográficos”. Já o dramaturgo Arthur Miller, reafirmou esse ideário num artigo para o semanário *The Nation* (2003, tradução nossa) ao referir-se à sociedade sob o governo de Fulgencio Batista como “irremediavelmente corrupta, um lugar predileto da máfia, e um prostíbulo para os estadunidenses e outros estrangeiros”.

cubana, como María Eugenia Haya Jiménez (1980) nomearam esse período de: *Fotografía Épica*. Isso porque a produção dos fotógrafos refletia a epopeia e a força dos cubanos que se manifestavam ao sabor das mudanças sociais e políticas do país. Além disso, observa-se que suas produções fotográficas obtiveram grande difusão e reconhecimento no mundo. Em decorrência disso, elas também colaboraram: na formação e perpetuação de uma memória da Revolução, de uma identidade latino-americana e da construção do “homem novo”.

Em linhas gerais, entendemos que um dos papéis desses especialistas no manejo do universo fotográfico dentro da Revolução - independentemente dos caminhos profissionais que seguiram durante a década de 1950 e/ou suas motivações político-ideológicas – foi a concessão de seus serviços como carro-chefe para uma mudança processual de mentalidade. O “velho” daria espaço ao “novo” e nessa brecha havia a chance de trabalhar em prol dela e quiçá correlato a isso alçarem suas carreiras.

Sobre esse último ponto, a forma mais rápida de um fotógrafo ter suas fotos e seu trabalho amplamente reconhecidos, em Cuba ou no mundo, entre as décadas de 1950 e 1960, era estando a serviço de periódicos. Embora a remuneração não fosse condizente com os seus esforços e perigos próprios da profissão, no decorrer do século XX, o avanço das técnicas fotográficas e a mudança do padrão na edição dos periódicos foram atribuindo às imagens fotográficas um papel cada vez maior na imprensa<sup>10</sup>.

Diante disso, ressaltamos que apesar da pretensa objetividade da imagem fotográfica veiculada nos jornais e revistas destine-se, num primeiro momento informar o leitor - a respeito de datas, localização, nome de pessoas envolvidas nos acontecimentos abordados pelo periódico, do fotógrafo ou da agência responsável pelos direitos das imagens – ela também auxilia na criação de “verdades a partir de fantasias do imaginário quase sempre produzidas por frações da classe dominante” (BORGES, 2011, p.69).

Foi na imprensa alemã do final da década de 1920 e início dos anos 1930, que se estabeleceram os primeiros contatos de uma narrativa baseada num novo tipo

---

<sup>10</sup> Conforme a pesquisa de Maria E. L. Borges (2011), na passagem de fins do século XIX e início do século XX, o jornalista americano, Jacob-August Riis (1848-1914), especialista em crônicas policiais, descobria o poder de persuasão e propaganda da fotografia. E, tal qual no último retrato de Lampião e de Che Guevara, notava-se que a solidariedade entre texto e imagem visa à formação de opinião dos leitores de jornais.

de relacionamento entre texto e imagem. Nesse caso, as revistas ilustradas foram o veículo ideal que abraçou esse tipo de expressão (COSTA, 1992, p. 70). Com efeito, no decorrer dos anos, brotaram uma constelação de revistas com esse perfil pelo mundo afora, como *Life*, *Paris Match*, *L'Express*, *Der Spiegel*, *Stern*, *Caras y Caretas* e *O Cruzeiro*. A somatória de fatores tais como incremento tecnológico dos equipamentos fotográficos, a qualidade técnica e produtiva dos fotógrafos <sup>11</sup> que compunham estas revistas, marcaram os anos 1950-60 como a “era de ouro” do fotojornalismo (MONTEIRO, 2016, p.67).

O fim dos anos 1960 e a Guerra do Vietnã demarcaram o ponto alto e o ocaso de uma época áurea do fotojornalismo. Podemos enumerar alguns motivos para esse declínio como, por exemplo, a) concorrência com a televisão, b) problemas econômicos ligados ora pelo aumento dos custos de produção e distribuição ora pelo desvio de investimentos publicitários para as emissoras de TV e c) a restrição dos governos ao acesso dos jornalistas ao *front* de guerra. Em virtude disso, algumas revistas tradicionais da imprensa ilustrada, como a *Life* e a *Look*, desaparecem. Contudo, sublinhamos que foi somente o fim de uma época e não do fotojornalismo, já que as “agências fotográficas e os serviços fotográficos de algumas agências noticiosas florescerão, transformando-se em autênticas fábricas de fotografias”. (SOUSA, 2004, p. 145).

A acepção de fotojornalismo no sentido estrito (*stricto sensu*) caracteriza-se como uma atividade que visa “informar, contextualizar, oferecer conhecimento, formar, esclarecer, ou ‘opinar’ através da fotografia de acontecimentos e da cobertura de assuntos de interesse jornalístico” (*Ibidem*, p.12). Sem saber exatamente o que iria fotografar, como o poderia fazer e as condições que encontraria, o fotojornalista trabalha com a atualidade, visando mostrar o que está acontecendo no calor da hora e com a “linguagem do instante”.

Conforme Monteiro (2016, p.72), o fotojornalista atende à demanda de produção de um veículo de comunicação e se filia a sua linha editorial, buscando apresentar de forma clara, nítida e objetiva, um acontecimento voltado ao consumo imediato no periódico para um público amplo. Não obstante, com o auxílio do fotojornalismo, tais veículos também tentam fidelizar e ampliar seu público de leitores

---

<sup>11</sup> Robert Capa, David Seymour (Chim), George Rodger, Henri Cartier-Bresson (1908-2004) – criador do mito do fotógrafo herói de guerra e do conceito de “momento decisivo” em 1952 – entre outros, compuseram imagens icônicas nesse período.

utilizando diversos recursos editoriais e mercadológicos, entre eles a fotografia de impacto, conjugadas às manchetes sensacionalistas nas primeiras páginas dos periódicos. Para tanto, “a fotografia de imprensa frequentemente lança mão de estereótipos para ilustrar matérias e atribuir um sentido facilmente compreensível aos leitores” (*Ibidem*, p.72).

Para Jorge Pedro Sousa (1998, p.85) os discursos fotográficos são manipuladores: “podem jogar com as ideologias, as crenças, os mitos e as expectativas, jogam certamente com os padrões culturais através dos quais uma sociedade vê o mundo”. Para o autor, a natureza formal, a matéria informativa, o conteúdo, a paginação, os textos que acompanham uma fotografia, todos estes são fatores de manipulação que, ao nível do fotojornalismo, originam percepções e imagens diferenciadas da realidade.

Além do mais, há outros aspectos sobre a fotografia e seus estudos que devemos destacar ainda que de modo sumário. Pertencente à comunidade das imagens, a fotografia diferencia-se das demais por conta da técnica de produção mecânica, da reprodutividade (produção de cópias), da ampla capacidade de circulação (imprensa, livro, outdoors, internet etc.) e pela apropriação por diferentes grupos sociais. Por outro lado, por muito tempo, a crença na fotografia como reflexo fidedigno da realidade devido, principalmente, a sua capacidade de operar uma cisão no tempo e no espaço, tornou-a um elemento *sui generis* dentro do universo de imagens. Contudo, o fato de estar amarrada à materialidade não lhe isenta da parcialidade contida no seu âmago, logo ao manejá-la como documento passível de investigação, não se deve considerá-la como objeto neutro.

Por sua vez, o produtor desse documento, o fotógrafo, atua como cronista de seu tempo que, capturando a especialidade do cotidiano ou a monumentalidade de um certo evento, faz mais do que reproduzir simples aparências. Conforme Essus e Grinberg (1994, p.137), o sujeito que opera a máquina fotográfica “compõe mensagens que transmitem significados captados e recriados em representações e comportamentos socialmente aceitos como válidos”. Logo, a fotografia transmite significados que, por mais pessoais que possam parecer, se inserem em um conjunto de escolhas possíveis, delimitadas pelo quadro cultural e político de um dado momento histórico e, são realizadas pelo fotógrafo mediante tanto às “opções técnicas e estéticas que compõe o arsenal de recursos ao seu alcance como pela ideologia em que está inserido e comprometido”.

Conforme Ulpiano B. de Meneses (2003, p.18), estudar as fotografias nas suas diversas formas e contingências de uso e apropriação, possibilita superar uma tênue inadequação epistemológica muito corrente entre os historiadores, principalmente no que tange aos estudos das imagens, ora como documentos, ora como componentes da vida social. Já para Rouillé (2009, p.193), uma análise macroscópica “das funções sociais, das questões econômicas, dos códigos culturais e da estética” da fotografia, seria mais útil do que uma desmesurada atenção aos detalhes do suporte. Em relação a isso, *Caballería* (1960) de Raúl Corrales é uma das fotografias que representam parte do processo investigativo proposto por esses autores. Nela, o momento histórico vivenciado por grande parte da sociedade cubana, relembra uma grandiloquente pintura histórica dos séculos XVIII e XIX, como a de Juan Manuel Blanes chamada *Ocupación militar del Rio Negro en la expedición al mando del General Julio A. Roca*, 1889, em que apresenta uma cena de vitória com uma clara conexão para a agenda revolucionária. Esta imagem também pode ser cotejada com a de Agustín Casasola que capturou a entrada triunfal de Francisco Villa e Emiliano Zapata na Cidade do México depois de uma reunião em Xochimilco no dia 6 de dezembro de 1914, dadas as similitudes de tema e estrutura formal.

Os fotojornalistas a serviço do *Revolución*, por nós considerados em sentido estrito (*stricto sensu*), produziram um farto material nos quais identificamos diversas temáticas como: política, cotidiano, moda, esportes, artes e etc. Já as fotografias que serão a base dessa pesquisa se inserem na temática que denominamos camponesa. Sendo assim, na sequência trataremos de mostrar ao leitor um pouco da complexidade do universo desse grupo social que às vezes pode ser interpretado como monolítico por alguns pesquisadores.

Ao longo da história, o camponês tem sido uma das figuras sociais mais importantes em todas as civilizações e culturas, dado que as atividades rurais sempre ocuparam um papel central na vida econômica do ser humano. Ademais, o âmbito rural mantém certos elementos de tradição, folclore, costumes, estilos de vida e de pensamento que são visivelmente distintos do mundo urbano - permeado por seus próprios problemas diários – e que configuram algumas de suas grandes riquezas.

Para além da separação, campo *versus* cidade, com efeito, dentro do próprio universo camponês há distinções que por muito tempo convencionou-se não



existir para muitos sociólogos e antropólogos, isto é, davam uma visão homogênea a respeito de sua estrutura social <sup>12</sup>.

No artigo *Peasants and Politics* (1973), o historiador Eric Hobsbawm demonstra o início de uma renovação teórica dos estudos camponeses. Um dos temas centrais desse artigo constitui a diferenciação interna dos camponeses. Na época, o historiador inglês referiu-se a esse problema nos seguintes termos:

O "pequeno mundo" pode realmente variar consideravelmente em tamanho, população e complexidade. A unidade básica da vida camponesa tradicional, a comunidade, forma apenas uma parte dela. Dentro desta área - grandes ou pequenas, mais ou menos complexas - as pessoas se conhecem e a divisão social do trabalho, o sistema de exploração e estratificação são visíveis. Uma "consciência de classe" camponesa completa é concebível aqui, na medida em que a diferenciação dentro do campesinato é secundária às características comuns de todos os camponeses e seus interesses comuns contra outros grupos e, na medida em que a distinção entre eles e outros grupos é suficientemente clara (HOBSEAWM, 1973, p.7, tradução nossa)<sup>13</sup>.

Do ponto de vista de Sevilla-Guzmán e Yruela (1976, p.27), a diferenciação interna dos camponeses pode ser explicada como resultado do processo de exploração dentro das comunidades rurais. Por exemplo, "*las personas cuyos excedentes no han sido totalmente extraídos por grupos externos [y] han podido acumular tierra y/o dinero*", além de encontrarem-se numa posição social diferenciada por terem sido menos pilhados, podem levar adiante a exploração de outros membros

---

<sup>12</sup> Na academia, o estudo pioneiro que pode-se considerar como o mais claro antecedente da jovem tradição intelectual de *estúdios campesinos* apareceu entre 1918 e 1920 com o título de *The Polish Peasant*, e se deve aos sociólogos William I. Thomas (1863-1947 um dos fundadores da "Escola de Chicago") e Florian Witold Znaniecki (1882-1958). Na Rússia, o marxista Alexander V. Chayanov (1888 – 1937) tentou elaborar uma construção teórica que viesse a explicar o comportamento econômico dos camponeses russos considerado na época como passivo. Para Chayanov não havia diferenciação econômica entre os camponeses; esta imagem não refletia a situação real da Rússia de então, menos ainda dos países latino-americanos. A tradição antropológica tem uma especial relevância na bagagem teórica sobre o estudo de camponeses. Um dos mais destacados autores foi Robert Redfield (1897-1958) com seu trabalho *Peasant Society and Culture: An anthropological approach to civilization* (1956) onde percebeu nos camponeses sua dependência em termos econômicos, políticos e sociais da sociedade global. Dentro dessa mesma linha se encontra *Peasants* (1966) de Eric Robert Wolf (1923-1999), que recorre às conceituações de Redfield e define o camponês com base a seus sistemas de relações ao resto da sociedade, que por sua vez permanece integrado, em termos econômicos, culturais e políticos. Em linhas gerais esses estudos são coincidentes e dão uma visão homogênea com respeito à estrutura social dos camponeses.

<sup>13</sup> Traduzido do original: *The 'little world' may indeed vary considerably in size, population and complexity. The basic unit of traditional peasant life, the community, forms only one part of it. Within this area—large or small, more or less complex—people know of one another and the social division of labour, the system of exploitation and stratification are visible. A full peasant 'class consciousness' is conceivable here, insofar as differentiation within the peasantry is secondary to the common characteristics of all peasants, and their common interests against other groups, and insofar as the distinction between them and other groups is sufficiently clear.*

da comunidade que, ao não conseguirem satisfazer suas necessidades de subsistência, ou sujeitam-se a trabalhar para aqueles ou então acabam endividando-se com empréstimos.

O líder político e revolucionário chinês, Mao Tsé-tung (1949-1976), ao contrário de algumas correntes marxistas, também observou a complexidade que havia no núcleo entre os camponeses:

Há três ordens de camponeses: os ricos, os médios e os pobres. As três vivem em condições diferentes, tendo por isso diferentes pontos de vista sobre a revolução [...] Segundo o recenseamento do distrito de Tchancha, os camponeses pobres representam setenta por cento da população das regiões rurais, os camponeses médios vinte por cento e os senhores de terras e camponeses ricos dez. Os setenta por cento de camponeses pobres podem subdividir-se em duas categorias, a dos **que nada têm** e a dos **que têm muito pouco**. Os **que nada têm** cifram-se em vinte por cento, estão destituídos de tudo, quer dizer, não dispõem de terras nem de dinheiro, faltam-lhes todos os meios de vida e são forçados a abandonar os locais onde vivem para converter-se em mercenários, em trabalhadores assalariados, ou deambulam como mendigos. Os **que têm muito pouco**, os restantes cinquenta por cento, são os que se encontram parcialmente destituídos de haveres, quer dizer, apenas dispõe duma reduzida nesga de terra ou duns quantos fundos, gente que ganha menos daquilo que necessita consumir, vivendo esgotada e na miséria durante o ano inteiro. É, por exemplo, o caso dos artesãos, dos rendeiros (excluídos os rendeiros ricos) e dos camponeses semi-proprietários (TSÉ-TUNG, 1975, grifo nosso).

No universo acadêmico, o conceito de camponês (em espanhol, inglês, francês, italiano, etc.) foi e ainda é bastante discutido entre as ciências humanas. No entanto, como nosso intuito é outro não entraremos no mérito desse tipo debate, dessa forma o estudo do sociólogo José Luis Calva (1988) nos servirá de amparo para esse conceito.

Nesse caso, José L. Calva (CALVA, 1988, p.33-35), identificou três conceitos objetivamente congruentes de camponês: a) no sentido *strictu* o camponês é aquele que cultiva o solo, que obtém seus meios de sustento (*in natura* ou mediante a troca de seus produtos) da terra que possui e trabalha por sua conta (só ou associado em comunidade ou cooperativa). Este viés exclui, portanto, ao trabalhador agrícola que trabalha por um salário em fazendas privadas ou do Estado e também ao escravo subordinado à pequena propriedade patriarcal, ao latifúndio ou à plantação; b) o sentido *lato* de trabalhador agrícola *tout court*, inclui tanto o agricultor

que cultiva por conta a terra como ao assalariado agrícola com ou sem terra<sup>14</sup>, e c) o sentido ainda mais extenso de *countryman*, habitante do campo, aldeão, ou rústico – esta acepção inclui ao artesão, ao pescador, etc. O uso da palavra neste último caso mais extenso é bastante menos frequente que os anteriores. Consideramos que o sentido *lato* para o conceito de camponês é o que melhor se adequa ao nosso estudo<sup>15</sup>.

Com essa baliza conceitual poderemos perscrutar alguns caminhos dos camponeses cubanos dentro da Revolução e sua importância para ela. Porém, afinal de contas quais eram as características dos camponeses em Cuba?

Segundo o sociólogo Juan Valdés Paz (2011, p. 74), nos anos 1950 a estrutura agrária cubana de posse da terra era caracterizada da seguinte forma: “57% da terra estavam em mãos de 3% dos proprietários, enquanto 78,5% (cerca de 126 mil ocupantes com menos de 5 hectares de terra) possuíam só 15%; e 40% deles em condição de arrendatários, subarrendatários, parceiros ou precaristas”.

Sobre essa estrutura, existiam três regimes regulamentados de concessão rentista em que se sustentava uma sociedade rural de assalariados, camponeses e desempregados agrícolas, tão explorados como precários: o arrendamento, o subarrendamento e a parceria.

De acordo com Vasconcelos (2017, p.49), os subarrendatários ocupavam 4,4% do número de propriedades e deveriam pagar as rendas em dinheiro para arrendatários intermediários ou finais. Por outro lado, aos parceiros, que ocupavam 20,7% das unidades produtivas, era exigido o pagamento pelo usufruto da terra em espécie, renda que poderia chegar à metade ou um terço da sua produção total. Os parceiros estabeleciam uma relação contratual com o arrendador, mas sem mediação monetária, e sua lavoura estava submetida aos interesses cíclicos da safra canavieira.

---

<sup>14</sup> A palavra alemã para designar ao camponês (*bauer*) não admite, no entanto, seu uso para um assalariado que não cultive uma parcela por sua conta.

<sup>15</sup> Na visão de José Luis Calva (1988, p. 260), existem diferenças dentro do sentido *lato* e tais disparidades não se limitam ao patrimônio, à quantia de riqueza ou ao bem-estar; trata-se de diferenças na posição que ocupam no processo social da produção em que alguns: “*actuán principalmente como vendedores de su fuerza laboral, como proletários, y otros como compradores de la fuerza de trabajo, como pequenos capitalistas dedicados a la producción de mercancías; y otros finalmente como pequeños burgueses cuyas explotaciones, orientadas igualmente al mercado, se basan primordialmente en la fuerza de trabajo propia y familiar*”. Para o autor essa diferenciação é elementar, visto que nas revoluções e movimentos sociais modernos os camponeses não atuaram sempre como uma massa política homogênea. Em outras palavras, do ponto de vista político tais desníveis socioeconômicos redundaram num comportamento histórico-político heterogêneo dos camponeses (*Ibidem*, p. 598).

Em terceiro lugar, havia um regime sem regulamentação: os precaristas, que ocupavam 8,6% do número de propriedades. Estes sequer possuíam um contrato, não tinham respaldo de qualquer legislação trabalhista, geralmente em posse ilegal de um pequeno terreno para produção de subsistência. Justamente pela ausência de contrato, estavam mais suscetíveis às explorações. Em síntese, sem terras, sem educação e muito menos saúde, as únicas companheiras dos camponeses cubanos e suas famílias na década de 1950 eram os regimes de exploração de sua força de trabalho.

A abordagem dessa pesquisa coloca-se no entroncamento da história política e da história das ideias. O “retorno” da História política, nunca totalmente abandonada, depois de ter sido relegada ao ostracismo, durante grande parte do século XX, foi adquirindo a partir dos anos 1970 ares de importância e autonomia. Ela deixou de ser factual, subjetiva, psicologizante e idealista escolhendo temas a serem analisados na longa duração e trabalhando a questão fundamental do poder em suas múltiplas dimensões. Estabeleceu, ainda, pontes com outras disciplinas ampliando os objetos de estudo, encontrando novos conceitos (cultura política, representação, imaginário). Assim sublinhou Rémond (2003, p. 36):

Abraçando os grandes números, trabalhando na duração, apoderando-se dos fenômenos mais globais, procurando nas profundezas da memória coletiva, ou do inconsciente, as raízes das convicções e as origens dos comportamentos, a história política descreveu uma revolução completa. Como então acreditar que seu renascimento possa ser apenas um veranico de maio?

No lugar de "retorno" do político parece-nos mais apropriado usar termos como revivescência ou renovação, uma vez que não se prescinde das contribuições teórico-metodológicas alcançadas nas últimas décadas. As renovações no estudo da História política, por sua vez, não poderiam dispensar a imprensa, que cotidianamente registra cada lance dos embates na arena do poder e contribui na formação de imaginários sociais e mitos políticos.

Segundo o historiador Áureo Busetto (2008), a história política caminha a passos lentos no que tange o tratamento dos produtos midiáticos. A causa dessa lentidão encontra-se no peso de uma tradição de pesquisa na mente de boa parte dos historiadores do político que consideram a grande mídia apenas como uma caixa de ressonância das instâncias políticas, sua produção é uma fonte menor e bastante parcial, sendo, portanto, pouco relevante. Sendo assim, propõe a abertura das

pesquisas históricas para outros tipos de mídia que não sejam somente impressas como, por exemplo, a televisão.

O debate sobre a inserção da mídia no rol de fontes e objetos de estudo da história política surgiu na coleção *Faire de l'histoire*, coordenada por Jacques Le Goff e Pierre Nora. Publicada na França no ano de 1974, tempo depois lançada no Brasil, a mídia foi tratada no volume dedicado aos novos objetos em dois capítulos. Um de autoria de Marc Ferro, sobre filme e outro voltado para o livro, de Roger Chartier e Daniel Roche. Essas são sem dúvida, contribuições importantes se considerarmos seu contexto de criação, contudo outros estudos sobre mídia foram postos de lado como os periódicos, o rádio, a televisão e a fotografia.

Em *Pour une histoire politique* de René Rémond (1988), a mídia era enunciada como um dos objetos dos novos de que a história política deveria se ocupar. Porém, Jean-Noël Jeanneney (1942 -) viu-se obrigado a reconhecer que “no *front* da história política renovada, o setor dos meios de comunicação não é o mais ardorosamente trabalhado” (JEANNENEY, 2003, p. 213). Os motivos que dão conta de explicar uma parcela dessa vagarosidade de pesquisas estariam segundo o autor, na “diversidade extrema dos objetos de estudo e sua dispersão”. Apesar disso, neste capítulo intitulado “A Mídia”, Jeanneney contou com a produção e orientação de pesquisas que contemplavam mais acuradamente de questões teórico-metodológicas, das fontes em geral (televisão, rádio, imprensa impressa) sem perder de vista a relação entre mídia e política, pois conforme o pesquisador “na vida cotidiana de um jornal de uma rádio, de uma televisão, se reflete constantemente a vida política do país” (*Ibidem*, p. 225).

Alia-se aos estudos acima mencionados, a proposição teórica do filósofo polonês Bronislaw Baczko contida no conceito de imaginação social (1985)<sup>16</sup>. Nesse artigo/verbete, Baczko observou a utilidade das representações coletivas para a esfera política que almeja, sobretudo, se legitimar no poder. Para Baczko (1985, p. 309-313), cada época traz consigo “suas modalidades específicas de imaginar, reproduzir e renovar o imaginário, assim como possuem modalidades específicas de acreditar, sentir e pensar”.

---

<sup>16</sup>O conceito de Imaginário Social foi assim definido por Bronislaw Baczko (1985, p.297): “trata-se de aspectos da vida social, da atividade global dos agentes sociais, cujas particularidades se manifestam na diversidade do seu produto”.

A propósito, “o imaginário social informa acerca da realidade, ao mesmo tempo em que constitui um apelo à ação, um apelo a comportar-se de determinada maneira”. O controle do imaginário social, da sua reprodução, difusão e manejo, assegura em graus variáveis, segundo Baczko “uma real influência sobre os comportamentos e as atividades individuais e coletivas, permitindo obter os resultados práticos desejados, canalizar as energias e orientar as esperanças”. A influência dos imaginários sociais sobre as mentalidades depende sobretudo da difusão destes e, por conseguinte, dos meios que asseguram tal difusão. Logo, o filósofo salientou a importância dos meios de comunicação de massa para se garantir a dominação simbólica, pois “[...] correspondem a outros tantos instrumentos de persuasão, pressão e inculcação de valores e crenças”.

Seguindo por uma linha de raciocínio similar ao trabalho de Baczko, o estudioso Raoul Girardet (1987, p.14), vê o imaginário como uma “singularidade de uma realidade psicológica de uma especificidade muito evidente”. Em sua proposição analítica, Girardet enxergava na essência do mito político “um apelo ao movimento, incitação à ação e aparece em definitivo como um estimulador de energias de excepcional potência” (*Ibidem*, p.13).

No caso da fotografia, a narrativa visual que emana de um período, ao mesmo tempo em que “toma como objeto os atores sociais de um determinado tempo, também é agente” e, ela atua “diretamente na elaboração de opiniões e tomada de posicionamento político” (ESSUS; GRINBERG, 1994, p. 141), tanto por aqueles que se reconhecem nas imagens como pelo restante da população que sofre pressão ideológica ou antagoniza com o grupo dominante no jogo de produção simbólica.

Os fotojornalistas e os demais integrantes do jornal *Revolución* e do suplemento *Campo de Revolución* serão concebidos como intelectuais partindo de uma visão ampla desse conceito, que permite definir como tal o artista ou profissional que desenvolve uma reflexão sobre a sua obra e o processo histórico tal como a sociedade que o rodeia. A definição de intelectual abrange diferentes concepções, portanto, consideramos interessante para nossa análise as disposições de Antonio Gramsci (1891-1937) e Jean-François Sirinelli (1949- ).

Deixando de considerá-los de maneira abstrata, avulsa, como casta separada dos outros, Gramsci apresenta os intelectuais intimamente entrelaçados nas relações sociais, pertencentes a uma classe, a um grupo social vinculado a um determinado modo de produção. Toda a aglutinação em torno de um processo

econômico precisa dos seus intelectuais para se apresentar também com um projeto específico de sociedade:

Todo grupo social, ao nascer do terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria também, organicamente, uma ou mais camadas de intelectuais que conferem homogeneidade e consciência da própria função não apenas no campo econômico, como também no social e político: o empresário capitalista gera junto consigo o técnico da indústria, o cientista da economia política, o organizador de uma nova cultura, de um novo direito etc. (GRAMSCI, 1975, p. 1513).

Daqui a designação de “intelectuais orgânicos” distintos dos “intelectuais tradicionais”. Estes, para Gramsci, eram sujeitos ainda ancorados a uma formação socioeconômica superada. Para o militante sardo, que tomou de empréstimo o caso italiano, o “clero”, os “funcionários”, “a casa militar”, “os acadêmicos” faziam parte desse grupo de prisioneiros de seu próprio mundo antiquado onde permaneciam encerrados em abstratos exercícios cerebrais. Estes intelectuais possuiriam um forte sentimento de continuidade através do tempo e ver-se-iam alheios às questões centrais da própria história e independentes em relação às classes sociais em luta. Atemporais, esses intelectuais tradicionais cultivavam uma aura de superioridade com seu saber enciclopédico.

Por outro lado, os “orgânicos” são os intelectuais que, além de especialistas na sua profissão, que os vincula profundamente ao modo de produção do seu tempo, elaboram uma concepção ético-política que os habilita a exercer funções culturais, educativas e organizativas para assegurar a hegemonia social e o domínio estatal da classe que representam (GRAMSCI, 1975, p. 1.518). Aliás, a função do intelectual orgânico na sociedade deveria consistir no amálgama entre conhecimento científico, filosofia e ação política.

Gramsci não cerceou o sentido de intelectual àqueles com saber acadêmico, para ele, todos, independentemente do estrato social, teriam a capacidade de pensar e agir, de elaborar conhecimentos, de acumular experiência, de ter uma sensibilidade, um ponto de vista próprio. Nesse sentido, afirmou que:

Todos são intelectuais (...). Porque não existe atividade humana da qual se possa excluir alguma intervenção intelectual, não se pode separar o Homo faber do Homo sapiens. Em suma, todo homem enfim, fora de sua profissão, desenvolve uma atividade intelectual qualquer, ou seja, é um filósofo, um artista, um homem de gosto, participa de uma concepção de mundo, possui uma linha consciente de conduta moral, contribui assim para manter ou para modificar uma concepção de mundo, isto é, para promover novas maneiras de pensar (Gramsci, 1975, p. 1.516).

Para Jean-François Sirinelli (1996, p. 242-243), há duas acepções a respeito do conceito de intelectual uma abrangente “englobando os criadores e os ‘mediadores’ culturais”; e outra mais afinada, embasada na ideia de “engajamento”. No primeiro caso, estão indivíduos representados pelos jornalistas, escritores, professores e eruditos. Já a segunda definição “mais estreita e baseada na noção de engajamento”, isto é, um sujeito como ator, testemunha e consciência “segundo modalidades específicas” não é, no fundo autônoma da anterior. O autor também alerta que o debate entre essas duas definições é um falso problema para o historiador do político, que deve partir sempre da definição ampla para, em determinados momentos, “fechar a lente, no sentido fotográfico do termo” e focalizar-se no conceito mais restrito de engajamento.

Depois de contemplarmos os principais aspectos teórico-metodológicos dessa pesquisa, nesse momento cuidaremos dos aspectos historiográficos sobre a Revolução Cubana. Primeiramente destacamos que as pesquisas sobre Cuba, sobretudo desenvolvidas em solo brasileiro, de acordo com Renato Saiani (2015, p.93) ainda possuem “algumas barreiras” que “precisam ser superadas”, logo acreditamos que os debates existentes poderão tanto serem enriquecidos quanto potencializar o surgimento de novos trabalhos e com outros questionamentos.

A constelação de pesquisadores que se debruçaram e que estão inseridos no debate historiográfico sobre Cuba é imensurável, portanto, dialogar ponto a ponto cada uma de suas contribuições seria um pouco cansativo para o leitor e nos alongaríamos em demasia nesta proposta de introdução do trabalho, logo faremos um breve passeio por alguns estudos aqui utilizados e que são ao nosso ver, incontornáveis.

Inauguramos a apresentação de estudos sobre a Revolução Cubana com a obra do sociólogo Florestan Fernandes, intitulada *Da guerrilha ao socialismo* (1979). Este trabalho atuou, além de tudo, no rompimento de uma vertente interpretativa sobre a Ilha até então frequente nos anos 1970.<sup>17</sup> Nessas páginas, o sociólogo pontuou os avanços sócio-históricos da Revolução, os dissabores do regime castrista e alguns

---

<sup>17</sup> Segundo a análise da historiadora Claudia Wasserman (2007, p.65), a produção de trabalhos científicos e acadêmicos sobre Cuba no Brasil foi durante muitos anos pequena devido ao início da ditadura brasileira e uma consequente censura de jornalistas, professores e pesquisadores. A Revolução Cubana não era objeto de estudo em cursos secundários e tampouco fazia parte do currículo nos cursos universitários de história ou sociologia.



aspectos e consequências da reforma agrária cubana. Por sua vez, para tratar mais incisivamente desse tema, Juan Valdés Paz (2011) e Joana Salem Vasconcelos (2017), analisaram a trajetória de transformações da estrutura agrária desenvolvida com início em 1959 e os (des) caminhos desse processo que perduram na atualidade.

Sob outra perspectiva, Luis Fernando Ayerbe (2004) e Luiz Alberto Moniz Bandeira (1998), contestam algumas concepções cristalizadas sobre a Revolução como, por exemplo, a ideia de inevitabilidade de alinhamento cubano ao modelo político e econômico soviético em plena Guerra Fria. Adensa criticamente, pois o debate historiográfico sobre a Revolução, os trabalhos da historiadora Aviva Chomsky e do pesquisador Richard Gott, *História da revolução cubana* (2015) e *Cuba: uma nova história* (2006), respectivamente.

Cabe também darmos destaque a alguns trabalhos que tangenciam nossa proposta como por exemplo o estudo de Juan Antonio Molina (1998), que buscou refazer os caminhos da imagem do negro cubano, apreendidas desde a chegada dos primeiros equipamentos fotográficos no século XIX. Já Rafael Baitz (2003), pesquisou as imagens construídas sobre a América Latina nas revistas brasileiras, *O Cruzeiro* e *Manchete* entre 1954 e 1964. No capítulo dedicado à Revolução Cubana, Baitz pôde perceber que o discurso fotográfico das revistas sobre Cuba alternava conforme as políticas empreendidas por ela.

Por outro lado, Jaddiel Díaz Frene, no artigo, *Familia, campesinado y fotografía en Cuba: Un acercamiento a la historia de la familia Naite* (2013), tentou captar os usos sociais da fotografia de uma família camponesa cubana residente há mais de um século na Sierra del Rosario: os Naite.

*Cultura ilhada: imprensa e revolução cubana* (2003), de Silvia Cezar Miskulin focalizou seu objeto de estudo na imprensa cubana. Na perspectiva de entender a imbricada relação do suplemento literário cubano *Lunes de Revolución* com a política cultural vigente no país a partir de 1959, o mote presente nesse trabalho é a compreensão da participação do intelectual cubano<sup>18</sup>, num cenário de constantes mudanças, atravessado por debates explícitos ou silenciado com o poder em vigor<sup>19</sup>,

---

<sup>18</sup> Outra obra de grande utilidade para se compreender a relação dos intelectuais cubanos com o governo revolucionário é: *Os intelectuais Cubanos e a política cultural da Revolução* (2009) de Silvia Cezar Miskulin. Nessas páginas, são alvos de análise os conflitos no meio intelectual e artístico a partir de publicações da editora *El Puente* (1961-1965) e do suplemento cultural *El Caimán Barbudo* (1966-1975).

<sup>19</sup> Coopera para o estudo sobre a imprensa cubana o artigo da historiadora espanhola Patrícia Calvo González, intitulado: *Discurso Y Praxis Del Movimiento 26 De Julio: ¿Planificación O Improvisación?*

Sem dúvida, essa obra é assaz pertinente para pensarmos a relação que o governo revolucionário mantinha com os meios de comunicação e seus integrantes.

Mariana Martins Villaça (2010), dedica-se a esquadrihar a política cultural em Cuba entre 1959 e 1991, a partir da trajetória do *Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos* (ICAIC). Neste trabalho os filmes<sup>20</sup> constituem as fontes privilegiadas de investigação da historiadora, no sentido de problematizar os projetos ideológicos que lhes deram suporte e deslindar dilemas dos intelectuais cubanos e suas dificuldades de trabalhar dentro da Ilha. Nesse caso, ao se falar de intelectuais e o *Revolución*, estamos nos referindo a Carlos Franqui e Guillermo C. Infante. Estudados por Favatto Jr. (2014), o cerne dessa pesquisa é evidenciar a delicada relação desses intelectuais com o regime castrista.

Levando em conta todos os elementos expostos até o momento, podemos dizer então que esta dissertação tem o intuito de dar um passo adiante nos estudos sobre a Revolução Cubana ao se trabalhar as fotografias relacionadas à temática camponesa e com isso, refletir sobre os imaginários que se buscou criar sobre camponeses cubanos a partir da análise do material fotográfico, presente no jornal *Revolución* e no suplemento *Campo*. Aliás, trata-se de um momento privilegiado para se pensar tal tema, já que a publicação do jornal tem como pano de fundo o contexto de consolidação da Revolução, as ações políticas do governo revolucionário dirigidas à população camponesa, os atritos de um mundo bipolarizado e a efervescente produção fotográfica cubana.

Paralelo a esse objetivo geral, tentaremos compreender como o fotojornalismo cubano atuou nos primeiros anos da Revolução na Ilha, isto é: a) analisar quais foram seus colaboradores e o grau de envolvimento destes com a Revolução, b) os equipamentos e técnicas que dispunham naqueles anos; c) as relações que mantiveram com o jornal e com a sociedade e; d) observar algumas

---

Pretende-se trazer a lume, o discurso construído durante a revolução com o objetivo de analisar em que medida o pensamento precedente correspondeu com o levado a cabo pelos rebeldes cubanos e, além do mais, com a elaboração teórico-política e militar posterior.

<sup>20</sup> Os trabalhos de Itamara Silveira Soalheiro, “Cine sobre ruedas”: expressões da cultura política comunista nos discursos cinematográficos e na organização do Cine-Móvil cubano (1961-1971) (2011) e *Jocuma: un caso olvidado de cine comprometido en tiempos de Batista* (2011) de Emmanuel Vincenot também se utilizaram do cinema cubano para investigar questões pertinentes sobre a relação cultura e política cubanas, os discursos oficiais que perpassam os filmes e a sociedade que ali é representada. Por exemplo, no artigo de Vincenot o documentário *Jocuma*, estreado em 1955, evocava a vida de algumas famílias campesinas no extremo ocidental de Cuba. Por outro lado, Soalheiro partiu para uma análise do ICAIC e a compreensão desse meio, com base na política cultural oficial do governo cubano e da sua relação com a cultura política comunista. Ambos serão úteis para a pesquisa.

apropriações de suas obras na posteridade. E por fim, conhecer a(s) função (ões) das fotografias no periódico e na Revolução.

A hipótese que norteia esse trabalho, concebe as fotografias nos periódicos como contribuintes de peso no processo de moldagem de imaginários sobre o *ser camponês* alicerçados pelos desdobramentos e necessidades históricas do período, ao passo que também cooperavam na condução das ações do governo revolucionário.

Para tanto, a escolha desse recorte temporal, os anos 1959, 1960 e 1961, apoiou-se em alguns fatores como: a) as mudanças expressivas na economia, política e cultura em Cuba que particularmente afetaram os camponeses; b) grandes mobilizações nacionais para a realização dos projetos de uma nova sociedade e de defesa desta com todas as armas possíveis; c) período de febril atividade criadora nas artes e d) o início de uma modelação desta a partir de 1961. Além disso, os exemplares consultados e que também englobam esse triênio - publicados entre janeiro de 1959 e dezembro de 1961- possuem um rico e farto material fotográfico disponível para inúmeras pesquisas no campo da História.

Por fim, como proponente desse estudo esclareço que, enquanto pesquisador, julgo-me estar num local onde não falo *pelo* outro, ou seja, dos fotógrafos ou dos camponeses cubanos. Faço questão de pontuar isso, pois conforme a reflexão da pesquisadora indiana Spivak (2010), o estudioso que se furta poder falar *pelo* outro torna-se reprodutor de estruturas de poder e opressão. A consequência desse tipo de postura reflete-se na manutenção desse outro numa posição de subalternidade na qual dificilmente poderá ser ouvido e que em geral pertence às camadas mais baixas da sociedade. Em razão disso, posiciono-me como aquele que *fala de* ao contrário de pesquisadores que teimam em *falar por*. Nosso objetivo primeiro é compreender como os camponeses cubanos foram representados pelo *Revolución* e *Campo de Revolución* sem reforçar estereótipos, preconceitos e alimentar dispositivos de poder e opressão.

A princípio a dissertação está dividida em três partes. Na primeira parte intitulada “A Revolução Cubana, o *Revolución* e o *Campo de Revolución*”, deverá compor uma apresentação do contexto cubano da década de 1950, pois é-nos um importante ponto de partida para entendermos alguns desdobramentos da Revolução. Sua condição econômica, social, política e cultural será discutida e refletida à luz de um conjunto heterogêneo de obras e pesquisadores.

Num segundo momento trataremos de descrever de maneira acurada algumas características gerais do periódico *Revolución* e do seu suplemento *Campo de Revolución* como seus editores e conteúdos.

A propósito o suplemento *Campo de Revolución*, obterá atenção especial nessa pesquisa, pois esteve direcionado principalmente para o público camponês. Nele contemplam-se temas relacionados à política de redistribuição de terras, à orientação revolucionária, à higiene pessoal e a difusão cultural própria à população camponesa. Publicado em outubro de 1959, ou seja, poucos meses depois de implantada a Lei de Reforma Agrária em maio daquele mesmo ano, o suplemento esteve sob a direção do Movimento 26 de Julho. Em suas publicações semanais pode-se notar a presença de charges, retratos, fotografias e ilustrações relacionadas com um ou mais textos publicados. As edições do suplemento cessam em novembro de 1959 sem qualquer justificativa.

A segunda parte denominada “**Itinerário visual revolucionário**” abordará de início o contexto fotográfico cubano dos anos 50 e 60, para em seguida partir para um mapeamento dos principais fotógrafos a serviço do *Revolución* e do *Campo*.

Concernente aos registros fotográficos de camponeses cubanos, ao que tudo indica, sua recorrência acompanha as ações do governo revolucionário para com esse segmento social como, por exemplo, na implantação e desenvolvimento da Reforma Agrária em 1959, nas campanhas de alfabetização e saúde, e nas mobilizações populares armadas contra-ataques de grupos contrarrevolucionários. E para conferir essa hipótese, recorreremos à análise quantitativa dos dados coletados dessas fotografias.

No segundo semestre de 2016 cadastrei e organizei em formato de tabela 137 fotografias do suplemento *Campo de Revolución*. Por outro lado, no semestre subsequente pode-se inventariar por completo todas as fotografias relacionadas à temática camponesa presentes no jornal *Revolución*. No triênio 1959-1961 que correspondem os anos de fontes disponíveis, foram catalogadas 1.298 fotografias, sendo respectivamente relacionadas à somatória de 500, 342 e 456. A partir desse levantamento extraímos informações e problemas que nos serviram para a redação dessa dissertação.

Esse *corpus* fotográfico meticulosamente catalogado tem por finalidade primeira reter o máximo de informações que esses registros contêm dentro de si. Portanto, para facilitar a observação e análise de tais dados, elaborei uma “taxonomia

visual” inspirada nos estudos de Lorenzo Vilches (1997)<sup>21</sup> e Ana Maria Mauad (2005)<sup>22</sup>. A título de exemplo, seguem as principais divisões criadas cujo interior também comporta subdivisões - para melhor visualizar os resultados sugiro a consulta do anexo: frequência de fotografias de camponeses; zonas de preferência da imagem; localização geográfica das fotografias; fotógrafos, temas e assuntos fotografados; forma de expressão que estruturam o espaço fotográfico; distribuição descritiva de pessoas fotografadas por: quantidade, etnia, gênero e faixa etária; e, espaço do objeto fotografado e os elementos nele contidos.

Com os dados coletados e armazenados num sistema de gerenciamento de banco de dados da *Microsoft* chamado *Access*, obtivemos agilidade para acesso e pesquisa das informações adquiridas. Além disso, com auxílio de outra ferramenta, o *Excel*, criou-se tabelas e gráficos no intuito de ilustrar didaticamente grande parte desses elementos. Portanto, o segundo capítulo será uma junção da abordagem do contexto fotográfico cubano dos anos 50 e 60 para em seguida problematizarmos exaustivamente os dados coletados e não apenas colocá-los no papel, ou seja, “o número pelo número”. Esmiuçarmos cada um dos elementos inventariados correlacionando-os com o desenrolar da Revolução Cubana será nosso objetivo.

A novidade estatística que rendeu tantos trabalhos acadêmicos nas décadas de 1950-1980 na historiografia, já não é por si só suficiente para suprir questionamentos e análises das atuais demandas. Em vista disso, também faremos um tratamento qualitativo dessas fontes.

Criteriosamente selecionadas com base na sua qualidade visual (luz, enquadramento e demais elementos de cunho simbólico); temática (campanha de alfabetização, militar, reforma agrária, manifestação, política, trabalho e propaganda) e contexto histórico do registro (Comemoração do sexto ano de criação do Movimento 26 de Julho; morte de Camilo Cienfuegos, explosão do *La Coubre*, invasão da Baía dos Porcos, declaração da adesão ao socialismo etc.) as fotografias passarão por um tratamento analítico conforme os ensinamentos de Ulpiano Bezerra de Meneses, Pepe Baeza e demais pesquisadores que veem nas (re) apropriações ou

---

<sup>21</sup> VILCHES, L. Teoria de la imagen periodística. Barcelona: Paidós, 1997.

<sup>22</sup> MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 133-174, June 2005. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-47142005000100005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142005000100005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso: 08 Aug. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-47142005000100005>.

ressignificações da fotografia ao longo do tempo a riqueza do trabalho do historiador. Sendo assim, essa etapa fará parte da terceira e última parte nominada: “**As faces dos camponeses**”.

## **CAPÍTULO 1: A REVOLUÇÃO CUBANA, O REVOLUCIÓN E O CAMPO DE REVOLUCIÓN.**

*Para mi no hay un realismo mayor que el de una fotografía. Por eso, nosotros hemos querido también, idear un estilo de periodismo en que la fotografía tenga la gran importancia que tiene; porque nosotros sabemos que en una época de poco tiempo en una época de mucho trabajo, no hay tiempo suficiente para leer todo un periódico...y por eso a importancia de algo que las investigaciones dicen que llega a la inmensa mayoría del pueblo*

Carlos Franqui durante homenagem ao *Revolución* em 27 de março de 1961.

### **1. O triunfo da Revolução: golpe, resistência e vitória.**

Segundo a análise do historiador Luis. F. Ayerbe, a Cuba dos anos 1950 apresentava algumas semelhanças a nível econômico, de seus vizinhos latino-americanos mais desenvolvidos e em alguns casos de países da Europa. A média de carros por habitante, de importação de tratores, de aparelhos de televisão, de jornais publicados e de emissoras de rádio entre os anos 1949 e 1958 colocava a ilha entre os dez principais países consumidores desses produtos (AYERBE, 2004, p.32). Para Eric Wolf (1984, p.313), embora a economia não acertasse o passo com a população, não era também uma economia pobre.

Entre as vinte repúblicas latino-americanas, Cuba estava em quinto lugar à renda anual *per capita*; em terceiro quanto a pessoas não empregadas na agricultura; em terceiro ou quarto, quanto à expectativa de vida; em primeiro, quanto à construção de estradas de ferro e posse de aparelhos de televisão; em segundo, quanto ao consumo de energia; em quarto, quanto ao número de médicos por habitantes.

No entanto, a Cuba “desenvolvida” que os dados expressam, ocultam outra realidade embasada pela desigualdade de acesso a essa estrutura e serviços, nos quais desfrutavam boa parte dos setores das médias e grandes cidades cubanas, sobretudo “uma burguesia vinculada a atividades de especulação imobiliária, indústria turística e uma classe média formada principalmente por profissionais liberais e funcionários do Estado” (AYERBE, 2004, p.33). Aliás, nas atividades econômicas mais relevantes dos cubanos, o capital norte-americano atuava vigorosamente no controle de “boa parte das plantações de cana-de-açúcar, das usinas, das refinarias de petróleo, do sistema telefônico e de eletricidade” (*Ibidem*, p. 34).

Os contornos socioeconômicos da sociedade cubana descritos pela historiadora Aviva Chomsky (2015, p.39-40) como veremos são complementares ao

ponto de vista de Fernando Ayerbe. Segundo a historiadora norte-americana haveria três Cubas nos anos 1950, uma composta por quase dois milhões de pessoas desempregadas ou pertencentes ao setor rural pobre, incluindo trabalhadores sem-terra e camponeses com pequenos lotes de terra, cuja base alimentar era “arroz, feijão e água com açúcar”. No outro extremo, próximo de um milhão, cubanos ricos detinham o controle de quase metade da renda do país. Já entre esses dois polos, outros 3,5 milhões tinham dificuldades para sustentar suas famílias, isto é “ainda que não estivessem na situação de fome da camada inferior da população viviam à beira da queda”.

Social e economicamente cindida, os antagonismos em Cuba eram presentes também no que tangia os interesses próprios de cada grupo social. Conforme a análise de Florestan Fernandes (2012, p.101), a burguesia cubana não possuía “nem unidade, nem firmeza e eficácia” para suplantar a situação de domínio neocolonial perpetrado pelos EUA. Em contrapartida, as correntes socialistas e radicais, “universitários, intelectuais ou a esquerda católica” devido ao excesso de ação dispersiva, “fragmentava e enfraquecia a luta contra a ordem existente” (*Ibidem*, p.103).

Romper com esta ordem neocolonial, sem um mínimo de unificação política e ideológica, se não impossível, exigiria um esforço hercúleo dos cubanos, segundo o sociólogo. Todavia, tais disparidades de interesses e ações não eram paralisadoras. Nesse caso, três fatores foram cruciais para que a sociedade subvertesse a ordem social: a) a insatisfação popular, atrelada a luta pela libertação nacional somado ao sentimento anti-imperialista; b) a força de uma geração jovem radical que via no anti-imperialismo e no anti-capitalismo os elementos motrizes para mudança da sociedade cubana e; c) por fim a guerrilha foram, segundo Florestan, fundamentais para que a sociedade subvertesse a ordem social existente e superasse a ditadura batistiana em 1959.

Visto que a conjuntura endógena cubana acima sublinhada pode ser interpretada como suficiente para que a Revolução estivesse a um passo de ser iniciada, coexiste ainda outro fator a esta conjuntura tão grave quanto às demais: o golpe militar de 1952.

Conduzido por Fulgencio Batista Zaldívar (1901-1973) em 10 de março de 1952, o golpe desferido no presidente eleito Carlos Prío Socarrás (1903-1977), pôs fim a um curto período em que os cubanos saborearam a democracia. Com o poder



em mãos, o governo militar expressou poucas soluções para as mazelas do país, isto é, Cuba permanecia dependente do seu principal produto agrícola (o açúcar), da política e da economia norte-americanas; fora pobreza e desigualdade generalizadas: “[...] o que o governo Batista incrementou de fato foi repressão, intensificação da violência, do desemprego, da corrupção institucional e o banimento da oposição” (CHOMSKY, 2015, p.39).

Para as diversas lideranças políticas que criam ser o caminho da política institucional o itinerário das mudanças socioeconômicas do país, o golpe de Estado fora um verdadeiro “balde de água fria” para suas aspirações. Dentre os candidatos lesados, destacava-se o jovem Fidel Alejandro Castro Ruz (1926-2016) que concorreria ao cargo de deputado pelo Partido Ortodoxo<sup>23</sup>.

O dissabor do golpe e, conseqüentemente, o fechamento das portas de ingresso na política pela via democrática, impeliu diversas organizações estudantis e políticas a enxergarem a luta armada como a única solução possível para retomada daquela. Fora esses grupos citados, os embates contra a ditadura de Batista aglutinou um amplo espectro de setores da sociedade cubana, como trabalhadores rurais e urbanos, intelectuais, segmentos da classe média e da burguesia, além de segmentos partidários que iam desde o presidente deposto, Carlos Prío Socarrás, até os militantes do Partido Ortodoxo, em que começa a destacar-se a figura de Fidel Castro. Em termos mais simples: Batista acendera o rastilho da Revolução.

A promissora carreira política do jovem advogado Fidel Castro Ruz (1926-2016)<sup>24</sup> e de tantos outros que aspiravam nela se inserirem, obstruída pelo golpe de Estado, deu lugar à forte convicção de que o retorno à normalidade democrática passava pela derrubada de Batista. Tendo isso em vista, Fidel reuniu um grupo de jovens em torno desse objetivo e planejou a primeira ação revolucionária: o assalto aos quartéis de Moncada e Bayamo, na província de Oriente. (AYERBE, 2004, p.29)

---

<sup>23</sup> O Partido do Povo Cubano, autodenominado Ortodoxo, por considerar-se verdadeiramente revolucionário, fiel representante e intérprete dos ideais de José Martí, foi criado em 1947 pelo político veterano, Eduardo Chibás. A partir da ruptura de setores do Partido Revolucionário Cubano (PRC, Autêntico), os Ortodoxos denunciaram o caráter corrupto da administração de Grau San Martín e passaram a pautar sua ação pela retomada da ética na política nacional e pelo nacionalismo. Seu favoritismo para vencer as eleições foi a principal motivação do golpe de Estado de 1952, que obteve apoio norte-americano (AYERBE, 2004, p. 26-27).

<sup>24</sup> Nascido, em Birán, província de Oriente, perto de Mayarí e da Baía de Nipe, Fidel era filho de pai galego e mãe cubana. Educado em colégios jesuítas, em 1945 ingressou na faculdade de Direito da Universidade de Havana. Em 1950, obteve o título de advogado e, em 1952, assumiu uma das candidaturas a deputado pelo Partido Ortodoxo.

Inúmeros personagens e acontecimentos da história revolucionária de Cuba ascenderam a patamares míticos. E, dentro de um leque de episódios de grande valor para essa historiografia, que de certo modo corroboraram para a criação e imortalização de mitos e lendas, deparamo-nos com o episódio do assalto ao quartel Moncada<sup>25</sup>.

Nos anos 1950, essa base militar era a segunda maior do país e, perdia somente para a base de *Camp Columbia* em Havana. Transformado fisicamente em colégio e museu anos após a conquista do poder em 1959, e, em tema nos versos do trovador cubano Carlos Puebla<sup>26</sup>, na historiografia revolucionária, a tentativa de assalto deste quartel pelos rebeldes simboliza o princípio de uma “ruptura total com o passado”. Conforme assevera Chomsky (2015, p.43), Moncada se expandiu de tal maneira ao longo dos anos que até mesmo os “buracos de bala no prédio foram recriados e mantidos como atração turística”.

Contudo, antes de tornar-se um marco na história e na cultura cubana a investida dos rebeldes se iniciou no dia 26 de julho de 1953 – data do centenário de nascimento de José Martí<sup>27</sup>, importante líder do movimento de independência de Cuba - e reuniu algo em torno de 135 simpatizantes aos planos de Fidel cuja composição social seria a seguinte:

Quarenta e quatro eram operários (estivadores, pedreiros, caminhoneiros) ou aprendizes; 33 eram empregados administrativos, incluindo os garçons; havia 13 estudantes, 11 agricultores, quatro profissionais liberais, seis do pequeno comércio... dez trabalhadores autônomos e caixeiros viajantes, um taxista, um professor e um soldado (FURIATI, 2001, p. 252).

O plano inicial era ocupar os quartéis Moncada e Bayamo, tomar posse das armas e convocar o povo para derrubar o governo<sup>28</sup>. No entanto, mesmo que

---

<sup>25</sup> Seu nome deriva de uma homenagem ao general Guillermo Moncada (1841-1895) que participou das lutas pela independência de Cuba.

<sup>26</sup> Carlos Puebla (1917-1989) foi cantor e compositor de gêneros da música popular cubana, como o *bolero*, o *son*, a *guaracha* e o *sucu-sucu*. Puebla ficou conhecido por cantar os principais eventos da Revolução, como a que dedicou ao assalto ao quartel Moncada chamada *Para nosotros, siempre es 26*. No entanto, seu maior sucesso é a que dedicou ao Che Guevara, *Hasta siempre* (1965).

<sup>27</sup> José Martí (1853-1895) dirigiu o movimento pela independência de Cuba perante a Espanha e foi um dos fundadores do Partido Revolucionário Cubano. Destacou-se como uma grande liderança, tanto por seus textos políticos e programáticos sobre a libertação de Cuba e a união de “Nossa América” como por sua participação ativa nos combates, quando acabou dando sua vida pela causa independentista (VILLAÇA, 2008).

<sup>28</sup> Na análise de Gott (2006, p.173), Fidel não era o único que estava na empreitada de destituir Batista do poder, segundo o historiador, outros grupos pequenos e independentes estariam se agrupando em Havana e demais cidades, “tirando a poeira da velha tradição de violência política e preparando o assalto ao regime de Batista”.

tenha representado um desafio ao regime de Batista, a ação não obteve êxito. Em termos militares, foi um completo fracasso<sup>29</sup>. O número de baixas entre os insurretos chegava a noventa, a maioria assassinada após o combate (AYERBE, 2004, p.30). As principais lideranças, Fidel e seu irmão Raúl, foram presos e levados para julgamento.

Conforme o historiador Rafael Rojas (2008), a tríade de “*sucesos míticos: el Moncada, el Granma y la Sierra*”, foram privilegiados pela história oficial. Em decorrência disso, de acordo com Teixeira (2009, p.55), o reducionismo desta memória oficial, omitiu toda a luta insurrecional levada a cabo durante o período. Diferentes grupos como o *Movimiento Nacional Revolucionario* (MNR), a *TRIPLE-A*, o *Directorio Revolucionario* (DRE), a *Federación Estudiantil Universitaria* (FEU), a *Organización Auténtica* (O/A), a *Acción Libertadora*, tiveram suas existências e ações abafadas.

Quando se constata a existência de outros ataques pré e pós 1953<sup>30</sup>, torna-se patente a investida de oficialização da memória histórica do ataque ao Moncada, por vezes considerado por alguns escritores como o único ataque que digno de ser lembrado e ao mesmo tempo tido como marco fundador das ações revolucionárias.

Processado em Santiago com mais outros acusados, Fidel Castro fez a sua própria defesa, argumentando com base na ilegalidade do regime e no direito garantido ao cidadão de se rebelar contra um governo ilícito. Tendo admitido em seu discurso de defesa, sua participação no ataque e justificando suas ações, Fidel ainda teria resumido o seu programa político durante o julgamento. “Condenem-me - não importa”, concluiu. “A história me absolverá”<sup>31</sup>.

---

<sup>29</sup> Para maiores detalhes da operação Moncada consultar o trabalho de Richard Gott (2006, p. 173). Para Ayerbe a precipitação de um dos combatentes pôs a operação em risco, pois no instante do disparo o grupo de assalto encontrava-se em posições vulneráveis ao alcance do fogo inimigo (AYERBE, 2004, p.30).

<sup>30</sup> Segundo Teixeira, antes do ataque ao quartel de Moncada, o MNR – Movimento Nacional Revolucionário, liderado por Rafael García Bárcena, havia preparado um ataque ao quartel de Colúmbia que por fim, fracassou. Por outro lado, depois do Moncada ocorreram outros ataques a quartéis como o ataque ao quartel de Goycuria. Em abril de 1956, “*50 revolucionarios de la Organización Auténtica y la Triple A, encabezados por Reynold García, trataron de ocupar el cuartel “Domingo Goicuría” de Matanzas*” (ROJAS, 2008).

<sup>31</sup> Dentre suas propostas, a primeira restituiria ao povo sua soberania e proclamava a Constituição de 1940 como a verdadeira lei suprema do Estado, até que o povo decidisse modificá-la ou substituí-la. A segunda concederia terras a camponeses que dela dependiam diretamente e que possuíssem até cinco *caballerías* (67 hectares ou 13.430 m<sup>2</sup>), enquanto seus antigos proprietários seriam indenizados pelo Estado com base no valor de dez anos de arrendamento. A terceira proposta de Castro outorgaria aos operários e empregados o direito a participar de trinta por cento nos lucros das grandes indústrias mercantis e mineiras, incluindo centrais açucareiras, com exceção de empresas agrícolas em

Quando veio a público, o discurso de Fidel Castro (1979, p.49-50) tornou-se o manifesto do movimento revolucionário. Nele, estão detalhadas as “cinco leis revolucionárias” que teriam sido promulgadas caso o ataque ao Moncada tivesse triunfado. Ademais, às leis revolucionárias seriam acompanhadas por outras medidas vinculadas à reforma agrária, à reorganização da educação pública, a nacionalização dos serviços públicos e de telefonia, o controle das rendas e a caça aos sonegadores de impostos. Dessa forma, o programa visava atingir problemas nevrálgicos da sociedade cubana como ausência de liberdade, de democracia, de acesso à terra e a precariedade das condições de vida de grande parte da população. Para um país como Cuba era naqueles anos, isto é, eminentemente agrícola, tais medidas buscariam dinamizar o desempenho econômico do campo através de mudanças na estrutura da propriedade, que além do elevado grau de concentração, favorecia a desocupação entre os trabalhadores rurais.

Em linhas gerais, o programa apresentado em *A história me absolverá* denunciava as condições de pobreza e subdesenvolvimento de um país desigual e, por mais que os EUA tenham contribuído para esse quadro, o documento de Fidel não almejava desavenças com seus vizinhos do norte, seu alvo eram os oligarcas nacionais e o regime político que lhes sustentava. Aliás, este programa seria capaz de unificar principalmente a oposição fragmentada de Cuba, que durante os anos 1950 competiam pelo apoio da população em prol do avanço nas mudanças políticas.

Somente em 1955, Fidel e seu irmão lograram exílio no México. Com a anistia concedida e passados três anos (1956) desde o primeiro fracasso insurrecional, o nascimento do Movimento Revolucionário 26 de Julho (M-26/7) reacenderia o confronto entre grupos rebeldes e o exército de Batista.

Enquanto no ano de 1956 Cuba era palco de inúmeros enfrentamentos entre os soldados de Batista e diferentes grupos hostis à sua ditadura, ainda no exílio, o M-26/7 reorganizava-se para nova tentativa de derrotar o governo. Do México rumo

---

consideração a outras leis que seriam implantadas. A quarta asseguraria aos plantadores de cana-de-açúcar cinquenta e cinco por cento dos lucros da sua produção e cota mínima de quarenta mil arrobas a todos os pequenos colonos que levassem três ou mais anos de estabelecidos. E por último, combater-se-ia a corrupção e se confiscaria os bens dos que fossem considerados culpados de fraude durante governos anteriores. Parte das propriedades recuperadas seria usada para subsidiar projetos sociais. O documento também se preocupava com a estrutura industrial e a dependência da exportação de açúcar para obtenção de produtos importados para o consumo interno, como caramelos, sapatos e arados. Em 1959 a exportação de açúcar cubano para os EUA chegava a 33% e a importação de seus produtos representavam 75% do total (MORALES & PONS, 1987, p.155). Por isso, que para Fidel industrializar Cuba era imprescindível e nisso, segundo ele, todos estariam de acordo (CASTRO, 1979, p.52).

a Cuba, Fidel Castro partiu com mais oitenta e dois membros, dentre eles o médico argentino Ernesto Guevara de la Serna<sup>32</sup>, todos a bordo do iate *Granma*<sup>33</sup>. Ao longo do percurso até o desembarque na província de Oriente, muitas dificuldades foram enfrentadas, mas nada comparado ao que aqueles jovens tripulantes enfrentariam ao chegar à ilha.

No plano dos rebeldes, a revolta popular arquitetada para ocorrer na cidade de Santiago, seria o momento perfeito para desembarcarem em segurança, mas o desfecho não foi bem assim. As forças de Batista, que estavam de sobreaviso, surpreenderam a todos com um ataque devastador no dia 5 de dezembro. Deste desastroso desembarque poucos sobreviveram e conseguiram alcançar as matas da *Sierra Maestra*, localizada na parte oriental da Ilha.

Desde os tempos coloniais as montanhas da *Sierra Maestra* foram refúgio de muitos foragidos, sem-teto e rebeldes<sup>34</sup>. A historiografia cubana oficial recorrentemente enaltece a *Sierra Maestra* da “maneira como ela modelou a ideologia e os programas revolucionários” (CHOMSKY, 2015, p.45). Os líderes rebeldes lutavam por mudanças radicais antes de passar esse período na *Sierra*, “mas foi durante os anos na *Sierra* que seus objetivos se cristalizaram”. Chomsky acredita que o contato com os camponeses dessa área, serviu como parte do processo de conscientização daqueles.

Tal processo despontara logo nos primeiros dias que sucederam ao fatídico desembarque quando conheceram Crescencio Pérez, um líder camponês que vivia do lado ocidental da *Sierra Maestra*. Conforme afirma Gott (2006, p.180), Pérez seria uma figura crucial no “recrutamento dos camponeses e bandidos locais para a causa da guerrilha”. Contudo, antes desse contato, destacamos a situação na qual se encontravam os sobreviventes, que na referida situação não era das melhores:

---

<sup>32</sup> Ernesto Guevara de la Serna, mais conhecido como Che, nasceu em Rosário, na Argentina, em 1928. Quando iniciou suas primeiras viagens pela América Latina, estudava medicina. Presenciou os meses finais do governo de Jacob Arbenz na Guatemala em 1954. De caráter reformista, o governo guatemalteco suscitara a oposição dos Estados Unidos, que não via com bons olhos o apoio de Arbenz a uma singular reforma agrária, que teria, segundo Gott (2006, p.177), “afetado o excedente de terras da United Fruit Company” - empresa norte-americana dedicada à produção de bananas. A derrota do governo Arbenz marcou a trajetória de Che que na sequência mudou-se para o México, onde conheceu os militantes exilados do M-26/7 e unira-se ao grupo na luta pela derrubada de Batista. Che declarava-se marxista, anti-imperialista, mas não se alinhava com a política soviética (CASTAÑEDA, 1997).

<sup>33</sup> Destaque no *Museo de la Revolución* em Havana, *Granma* é também o nome do principal diário do país, órgão oficial do Comitê Central do Partido Comunista (CHOMSKY, 2015, p.44).

<sup>34</sup>A expansão da economia açucareira dominada pelos Estados Unidos no leste de Cuba durante o começo do século XX só aumentou os números de sem-terra e descontentes.

Avançamos por um pântano no meio de muito mato, mas de poucas árvores. A toda hora tínhamos que nos atirar ao chão. Nesse dia não tínhamos comido comida nenhuma. Estivemos dando várias voltas, completamente perdidos, até que, valendo-nos das orientações do primeiro camponês, pudemos nos orientar um pouco. (GUEVARA & CASTRO, 1997, p. 72).

Narrados em diários e memórias como verdadeiros heróis mitológicos ou mártires, os combatentes enfrentavam a fome e o perigo. Porém, a mão camponesa que era estendida e acolhida de bom grado pelos rebeldes aparecia em momentos-chave nestes relatos. Por exemplo, em seu diário Raúl Castro recorda outro episódio no qual, após vários dias sem comida, foram alimentados por uma família de camponeses.

Ao final de um caminho de uma região madeireira e de carvão, encontramos a cabana onde viviam um jovem camponês [José Rafael Pérez Veja], sua mulher e dois filhos, de 9 e 12 anos [...] Mataram galinhas e um pedacinho de carne de galinha e yuca em abundância e mel de sobremesa foram nossa primeira refeição quando desde o dia 25 de novembro de madrugada, quando saímos do México (*Ibidem*, p. 72).

Segundo a análise de Teixeira (2009, p.145), o convívio na *Sierra Maestra* modelara o corpo do soldado guerrilheiro, devido principalmente “às marchas, à alimentação restrita e às enfermidades constantes”, assim “o corpo deveria ser levado ao limite do seu sofrimento para ser capaz de suportar o modo de vida revolucionário”. Já o camponês daquela região surge como uma encarnação deste “corpo ideal” resistente. Segundo o líder guerrilheiro Juan Almeida Bosque (1927-2009), a dura vida do *guajiro*<sup>35</sup> também produzia um homem duro:

*El hombre aquí en la Sierra es duro como ella, propio para este medio. Trabaja de sol a sol, protegiendo la cabeza con un sombrero de guano. Su piel tiene el color por la faena diaria a la intemperie. En la tarde, en su taburete recostado a la pared de yagua o de tabla de palma del bohío, reposa la espalda por la jornada del día, de chapear, desmontar, limpiar, guatear, pastorear. Mira a lo lejos por arriba de las lomas y el monte. Rasga las cuerdas del laúd o la guitarra para sacar el punto guajiro o las tonadas campesinas, mientras la mujer teje con guaniquique una cesta, o prepara con saco de yute un morral donde mañana echará el grano dorado o rojo del café maduro. (BOSQUE, 1995, p. 83).*

De corpo resistente e conhecimentos apurados do terreno da *Sierra* o *guajiro* também era alçado como um guerrilheiro nato.

*Con los guajiros que engrosan nuestras filas, nos multiplicamos; ellos son fuertes, resistentes, combativos, aguerridos, conocedores del terreno,*

<sup>35</sup> Pessoa que vive e trabalha no campo ou que procede de uma zona rural.

*hábil, audaz, por eso algunos ascienden pronto a grados superiores en el mando del Ejército Rebelde. (Ibidem, p. 85).*

Essa imagem, aos poucos criada sobre o camponês, também encontrou ressonância nas opiniões de Che que o consideravam-no um guerrilheiro preferencial por conta do seu conhecimento preciso da região e do seu corpo treinado para as inconstâncias próprias de um terreno irregular e montanhoso (GUEVARA, 1980, p. 41).

Contudo, esse soldado de bronze gestado na narrativa dos rebeldes encobria seus pés de barro. Para Che, o maior pecado dos camponeses era a pouca descrição, considerada pelo guerrilheiro: “Nunca deve confiar-se demasiado na discricção camponesa, porque há uma lógica tendência de falar e a comentar os fatos com outras pessoas de confiança e da família” (*Ibidem*, p. 60).

Embora houvesse certa supervalorização da parceria camponesa-rebelde, tendo o primeiro elemento considerado como elemento essencial guerrilha, nem sempre o consenso vigorou plenamente da parte dos camponeses em unirem-se à guerrilha, e, quando assim o faziam, obedecer aos líderes da guerrilha não estava à prova de falhas. Às vezes, como foi o caso de Aristídio, havia camponeses que se juntavam à Revolução sem saber ao certo seu significado. Entretanto, para um exército que almejava fazer frente à Batista, a disciplina era tudo e “só poderia ser garantida a custos altos” (TEIXEIRA, 2009, p.155). Após participar do Exército Rebelde e tê-lo abandonado, logo depois de ser ferido em batalha, Aristídio dizia aos companheiros que denunciaria os rebeldes para o exército de Batista.

Ele vendeu seu revólver por alguns pesos e começou a fazer declarações em torno do distrito que não era nenhum tolo e não seria capturado em casa, humildemente esperando, e uma vez que os partidários saíssem, faria contato com o exército. (FRANQUI, 1980, p. 233, tradução nossa).

Depois de investigado, Aristídio foi executado pelos rebeldes em nome da disciplina. Já o camponês Dionísio aproveitando-se da confiança que lhe foi dada pelos guerrilheiros, desviava para consumo próprio parte dos suprimentos que vinham da cidade para os combatentes. O desfecho encontrado para as acusações de seus crimes foi a execução junto com dois espiões de Batista que haviam se infiltrado no Exército Rebelde e que confessaram seus crimes.

No julgamento, diante das acusações indignadas de Fidel sobre a traição cometida contra a Revolução, bem como de sua imoralidade em manter três

mulheres com dinheiro do povo, ele manteve uma ingenuidade camponesa, dizendo que não havia três, mas duas, porque ele era casado com uma - e que aconteceu ser a verdade (*Ibidem*, p. 233, tradução nossa).

Na *Sierra Maestra*, a luta travada por meio do método de guerrilha, isto é, com emboscadas, ações rápidas e o elemento-surpresa, conservava uma relação ambígua entre os guerrilheiros e os camponeses. Como tentamos demonstrar acima, o apoio da população rural foi decisivo ao M-26/7, porém às vezes a ausência de clareza de interesses suscitaram algumas contendas entre ambas as partes.

Vale sublinharmos que nesta pesquisa daremos atenção especial a um *guajiro* que participou ativamente tanto na destituição de Batista do poder quanto *a posteriori*. Nos referimos a Carlos Franqui, criador de dois preciosos meios de comunicação da época para os guerrilheiros: a *Radio Rebelde* e o periódico *Revolución*.

Retomando a discussão anterior, se em determinado momento a *Sierra* foi importante para a ideologia revolucionária, em termos militares (mesmo com algumas vitórias nas batalhas de *La Plata e Uvero*), ela pode ter sido menos impactante para Revolução do que sugere a historiografia. Recentemente, alguns estudiosos se empenharam em estudar as organizações urbanas e destacaram sua importância no M-26/7. A estratégia do *llano* (planície, em contraste com a *Sierra*, ou montanhas) era causar a renúncia de Batista por meio da insurreição urbana. A historiadora americana Julia Sweig afirma que os anos de 1957-1958 foram marcados por atos de sabotagem praticados por uma juventude urbana. Para Sweig, a participação desses jovens na guerra revolucionária abriu caminho à greve geral em 1958 que impactou na causa rebelde.

O ataque à refinaria de petróleo da Esso que a fez queimar “*for over three days, forcing the oil company to form an air bridge and fly in chemicals from the United States to put it out*” (SWEIG, 2004, p.104); o sequestro do piloto argentino Juan Manuel Fangio - que atraiu uma ampla cobertura da imprensa em Cuba e no exterior - ; e os assaltos a banco são alguns exemplos de ações dos insurretos urbanos. Tais façanhas demonstravam que o governo estava incapacitado, segundo o embaixador norte-americano, de manter a “*order in its own house*” (*Ibidem*, p. 105).

Para Vania Bambirra (1974, p.42), até a tentativa fracassada de greve geral em abril de 1958, na concepção do M-26/7 as cidades seriam “*como escenario principal de la lucha y las guerrillas rurales como su complemento*”. A guerrilha urbana



levou, segundo constatou a autora, “*la guerra civil a las ciudades*” e tivera “*grandes bajas, posiblemente en mayor número que el Ejército Rebelde*” (*Ibidem*, p.52). Além do mais,

[...] *servió para entrenar cuadros, crear un ambiente político y psicológico adecuado y para obligar a la tiranía a mantener fuertes guarniciones en las ciudades, protegiendo las propiedades, vidas de funcionarios, etc., de modo que de sus 50 mil hombres no pudo Batista emplear simultáneamente más de 12 mil frente al Ejército Rebelde (...). Cuadros técnicos, militares, médicos, radistas, artilleros y centenares de combatientes procedían del aparato de acción urbano (Ibidem, p.52).*

Transcorrido um ano desde o infausto desembarque na ilha, o M-26/7 publicou em junho de 1957, o “Manifesto da Sierra”, um documento redigido por Fidel que apresentava um programa mínimo de unificação das múltiplas formas opositoras a Batista. Entretanto, ao que parece, o documento não obteve significativo respaldo pelos grupos anti-batista, dado que no ano seguinte a greve geral que seria irrompida em 9 de abril de 1958, falhou miseravelmente devido a vários fatores: trabalhadores mal preparados, polícia e exército armados e prontos, ativistas urbanos sem armamento suficiente e, talvez o motivo central, o sectarismo entre as organizações (BAMBIRRA, 1974, p. 68).

A ofensiva que Batista esperava ser decisiva contra os rebeldes no meio do ano de 1958 fracassou, e a contraofensiva rebelde, iniciada em agosto enveredou-se por um caminho no qual não haveria mais volta. Embora fosse superior em muitos quesitos aos rebeldes, o exército regular falhava principalmente no treinamento e na motivação. Não tardou para que o exército demonstrasse os primeiros sinais de sua ruína - isso ocorreu entre novembro e princípio de dezembro. Com sua decomposição evidente, as colunas guerrilheiras intensificaram os ataques, rompendo sistematicamente as vias de comunicação e fechando ou danificando várias estradas, inclusive a ferrovia, até cortarem a ilha ao meio, entre Havana e os povoados a leste de Santa Clara. Empresas norte-americanas como a *United Sugar Company*, a maior usina de açúcar da época e a *Esso* também foram alvos dos ataques dos rebeldes, que lhes causaram prejuízos e má reputação para Batista.

As vendas da Esso caíram, entre novembro de 1957 e novembro de 1958, 80% na Província de Oriente e 35% em Camagüey... A United Fruit Company, da qual os rebeldes em agosto queimaram 10.000 sacas de açúcar, teve de pagar uma taxa de US\$ 186.000. Naquele ano, a maior perda deveu-se à destruição do açúcar, 68 cuja indústria os guerrilheiros de Castro sabotavam — com apoio de Prío Socarrás —, visando a provocar a queda de Batista (BANDEIRA, 2009, p. 181).

Próximo do fim de 1958, os exércitos rebeldes conquistaram cidade por cidade e avançaram rumo a capital. Tropas chefiadas por Che Guevara, Camilo Cienfuegos, Raúl Castro e Juan Almeida apoiados pela população se apossaram de parte do território cubano. Batista ainda esboçou alguma resistência ao enviar um trem blindado para tentar retomar Santa Clara, mas falhou. Com essa importante vitória, a Revolução estava praticamente assegurada. Cômico da iminente derrota, no último dia do ano, em 31 de dezembro de 1958, Batista e seus principais ministros abandonaram o país, em direção à República Dominicana.

A garantia de que não haveria uma reviravolta nos rumos da Revolução, ocorreu logo no primeiro dia do ano de 1959, momento no qual se impediu que a junta militar formada por Batista assumisse o poder. O envio das colunas comandadas por Che Guevara e Camilo Cienfuegos para que ocupassem o *Camp Columbia* e a fortaleza *La Cabaña*, sucederam-se concomitantemente à convocação de greve geral. Organizou-se um novo governo entre os grupos e movimentos que se opunham a Batista, em que se nomeou o juiz da Província de Oriente, Manuel Urrutia Lleó, presidente provisório de Cuba e Fidel Castro o comandante-em-chefe do exército.

Em linhas gerais, nosso objetivo até esta etapa do texto era expor a complexidade do processo insurrecional contra a ditadura de Batista e salientar a múltipla participação de outros grupos opositores, fora o M-26/7. Porém, um grupo em particular, aderiu tardiamente a essa luta, o Partido Comunista Cubano<sup>36</sup>, denominado na época de Partido Socialista Popular (PSP). Na sequência tentaremos dar cabo de apresentar algumas causas que nos auxiliem a compreender minimamente parte dessa participação tardia.

O pensamento marxista latino-americano e as demais vertentes de esquerda, ainda que timidamente, tomavam forma própria entre o final do século XIX e começo do XX. Para isso se sobressaíram algumas figuras como Juan B. Justo com

---

<sup>36</sup> Em sua curta existência – morto aos 26 anos -, o cubano Julio Antonio Mella (1903-1929) desenvolveu uma febril atividade política que o converteu em um líder de reconhecimento internacional. Foi um dos fundadores da Liga Anticlerical de Cuba (1922), da Federação dos Estudantes Universitários (1923) e da seção cubana da Liga Anti-imperialista das Américas (1925), além de ter participado da criação do Partido Comunista Cubano (1925). Seu pensamento e proposta revolucionária era a formação de uma frente única anti-imperialista, composta por quase todos os setores da sociedade, exceto a burguesia nacional. A questão do nacionalismo e da libertação nacional ocupou um lugar central na obra de Mella. Apoiou o movimento de Sandino, que lutava contra a invasão norte-americana da Nicarágua à frente de seu exército de guerrilheiros camponeses. Internacionalista e militante, Mella era ao mesmo tempo, profundamente integrado na cultura e nas tradições revolucionárias de Cuba (LÖWY, 2016, p.18).

o Partido Socialista na Argentina; Luis Emilio Recabarren e a "*tradición obrerista*" no Chile; Martínez Villena e Julio Mella em Cuba com a seção da APRA (Alianza Popular Revolucionaria Americana) e a criação do Partido Comunista; Emilio Frugoni e o Partido Socialista no Uruguai; e os aportes do anarquismo<sup>37</sup> de González Prada no Peru, etc.

Já segundo a análise de Michael Löwy (2016, p. 28), a partir da década de 1920 os Partidos Comunistas latino americanos teriam iniciado de maneira desigual e contraditória um processo que denominou de stalinização<sup>38</sup>. Por outro lado, para José Aricó (1982, p. 79) os anos 1920 marcaram um momento de reavaliação por parte do movimento comunista internacional sobre a realidade latino-americana, até então pouco adequada. Esse quadro se modificou somente a partir do VI Executivo da II Internacional Comunista em 1926 iniciou-se uma abertura para considerar adequadamente a situação econômico social e a necessidade de uma estratégia revolucionária diferenciada para a região latino-americana. Esta mudança de perspectivas irrompeu plenamente no VI Congresso da Comintern em 1928. Tanto pelo número de organizações partidárias representadas como pela atenção particular prestada aos problemas dos movimentos revolucionário e comunista latino-americano, "*dicho congreso fue considerado como el momento del 'descubrimiento' de América Latina por la Comintern*". Nessa mesma época, o secretariado latino da Internacional Comunista redatou o primeiro esboço de teses gerais sobre as particularidades da região. Em síntese os PC's latino americanos nos anos 1920 não estariam imersos num processo de afunilamento de seus pensamentos, mas sim de "descobrimiento" pela alta cúpula do Leste Europeu.

Em Cuba, embora o programa político do partido comunista possuísse um viés radical, havia apoio considerável entre trabalhadores negros e intelectuais. No início da década de 1930, o partido expandiu sua influência para as áreas rurais, organizando trabalhadores agrícolas e camponeses, e tornando-se "um dos maiores e mais fortes partidos comunistas da América Latina" (CHOMSKY, 2015, p.35). Já em

---

<sup>37</sup> Segundo José Aricó (1987, p. 421-422), até a década de 1920, foram os anarquistas que mostraram "*una flexibilidad extrema para heredar buena parte de todo aquel híbrido mundo de pensamientos inspirados en proyectos de reformas sociales y de justicia económica*", mantendo-se vinculados com as classes proletárias urbanas. O "*socialismo de raíz marxista*", afirma "*fue antes de todo la expresión ideológica y política de las clases obreras urbanas de origen migratorio*".

<sup>38</sup> Por stalinismo o autor entende a criação em cada partido, "de um aparelho dirigente – hierárquico, burocrático e autoritário – intimamente ligado, do ponto de vista orgânico, político e ideológico, à liderança soviética e que seguia fielmente todas as mudanças de sua orientação internacional".

1938, publicavam um jornal diário chamado *Hoy* editado por Aníbal Escalante – fechado em decorrência do assalto ao quartel Moncada.

Enquanto alguns partidos comunistas da Europa e da Ásia (China e Vietnã) trilhavam na prática uma orientação autônoma, sem romper com o Comintern, na América Latina e na maioria dos países europeus, seguia-se plenamente as diretrizes tomadas pela liderança soviética, limitando-se a “adaptá-la, muitas vezes de maneira pobre, às condições específicas” (*Ibidem*, p.29). Com a sanção oficial em 1935 pelo VII Congresso do Comintern, os PCs foram orientados a formarem uma frente popular, isto é, uma aliança antifascista de partidos comunistas, socialistas e democrático-burgueses.

O PC cubano na ausência de aliados socialdemocratas, liberais ou democratas, tornou-se o mais próximo aliado do coronel Fulgencio Batista, devido a suas inclinações antifascistas. Todavia, essa aliança teve fôlego curto nos anos pós-guerra, e os comunistas foram retirados do movimento sindical em 1947, mas a memória da sua colaboração e desconfiança dos grupos de esquerda que vinham de outras tradições continuou viva (GOTT, 2006, p.183).

Apesar da preocupação norte-americana com o comunismo, a União Soviética e o Comintern não costumavam apoiar a ideia de revolução armada na América Latina e não apoiaram a Revolução em Cuba nos anos 1950. A provável explicação para isso encontra-se no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), quando na ocasião Nikita Kruchev denunciara os crimes de Stalin e passara a defender a “via pacífica” para a implantação do socialismo. Quiçá, esses elementos nos ajudem a compreender o porquê do PSP ter sido contra o golpe de 1952 e não ter conduzido qualquer ofensiva radical contra o regime de Batista e até mesmo ter denunciado o ataque contra Moncada conduzido por Fidel (1953) como “uma tentativa golpista, uma forma desesperada de aventureirismo, típico dos círculos pequenos burgueses” (LÖWY, 2016, p.40).

Colocados na ilegalidade a partir desse acontecimento, o partido não acreditava que os movimentos guerrilheiros fossem propriamente revolucionários, pois a América Latina não vivia naquele momento uma etapa de “revoluções socialistas”, mas de “revoluções democrático-burguesas”, por isto deveria fazer alianças com a “burguesia nacional progressista” para combater o imperialismo. Portanto, ao verem no método empregado por Fidel e demais guerrilheiros de luta armada como “pequeno-burgueses”, não participaram da greve geral chamada pelo

M-26/7 e pelo Diretório Revolucionário em 9 de abril de 1958 e, apenas no verão de 1958 alguns setores do PSP aderiram tardia e relutantemente à guerrilha rural, quando a queda do regime Batista era inexorável<sup>39</sup>.

Conforme Löwy (2016, p.40-41), o PSP, continuou a ser uma influência moderadora no movimento revolucionário cubano, defendendo a tese de que este deveria permanecer nos limites da etapa nacional-democrática. Assim, Blas Roca, secretário-geral do PSP, em seu relatório à VIII Assembleia Nacional do partido em agosto de 1960, enfatizou que na Revolução Cubana, “dentro de limites a serem estabelecidos, é necessário garantir os lucros da empresa privada, o seu funcionamento e desenvolvimento normais”.

Daqui podemos perceber que o PSP esteve ausente tanto na deflagração da luta armada contra Batista como na transição da Revolução Cubana para o socialismo. Isso não foi resultado das limitações específicas do PSP, mas consequências da orientação política fundamental do movimento comunista “oficial” do continente. Nesse sentido, a política do PSP de 1953 a 1960 reflete a dificuldade, para os PCs, de desempenhar um papel revolucionário real. Além disso, a atmosfera anticomunista da Guerra Fria também não era favorável ao PSP. Para Florestan Fernandes (2012, p.134), o PSP prendera-se demasiadamente a uma estratégia de luta de classes fundada na “presunção de que a burguesia cubana seria capaz, pressionada de baixo para cima, de unir a liberação nacional com a reforma do capitalismo e a revolução democrática”.

Quando as tropas rebeldes— formadas por uma parcela substancial de *guajiros*, sujos e de uniformes rasgados - fizeram sua entrada triunfante em Havana no Ano Novo de 1959, a guerra acabou, mas a Revolução estava apenas no começo, pois para os cubanos o termo “Revolução” se refere a um processo de criação consciente de uma nova sociedade com muitas fases, voltas e reviravoltas.

Independentemente dos indicativos de pobreza e precariedade do emprego, principalmente na zona rural, tentou-se demonstrar que a Cuba pré-revolucionária apresentava indícios de modernização equiparáveis a outros países

---

<sup>39</sup> Mesmo depois que Castro assumira o poder, o PSP ainda considerava a aliança com ele como manobra tática, parecida com o apoio que dera a Batista anos antes. E Luiz Carlos Prestes, secretário-geral do Partido Comunista Brasileiro, qualificou Castro como “aventureiro pequeno-burguês”, em entrevista coletiva à imprensa, pouco tempo depois de vitoriosa a revolução em Cuba. Por outro lado, Camilo Cienfuegos, não escondeu sua oposição ao PSP, havendo proibido seus militantes de distribuir o jornal *Hoy*, no *Camp Columbia*, onde se estabelecera (BANDEIRA, 2009, p.185-188).

desenvolvidos. Em razão disso, não se pode atribuir o desencadeamento da Revolução a uma explosão popular de insatisfação com as condições de vida em estado lamentável, mas ao resultado da ação de grupos insurgentes descontentes com o golpe militar que pôs em xeque a democracia no país e suas aspirações políticas.

Durante a insurreição os rebeldes demonstraram qualidades como: capacidade de organização, abertura de negociação com outros segmentos da sociedade cubana, principalmente as elites e comprometimento com os anseios das camadas populares na realização das reformas estruturais por onde passavam, antecipando medidas revolucionárias no decorrer da luta. O contato que tiveram com os camponeses fora-lhes importante, primeiramente como guias nas matas da *Sierra*, como soldados “preferenciais” para encorparem as fileiras rebeldes e principalmente para assentar as bases ideológicas do M-26/7 já que, segundo Che Guevara foi na *Sierra Maestra* que “aprenderam a respeitar o camponês e o operário”, logo que nenhum daqueles que participaram da expedição do *Granma* vieram de “famílias operárias e camponesas” (WOLF, 1984, p. 325).

Com a vitória dos insurgentes, o camponês cubano fora alvo de relevantes investimentos do governo revolucionário. Paralelo à criação e implantação de tais medidas, a imprensa cubana agiu ativamente na comunicação das mesmas espalhando-as ao máximo de leitores possíveis da Ilha. Nesse caso, concorre com tais objetivos o periódico *Revolución* (1959-1965). A seguir trabalharemos o contexto de surgimento dele, seus idealizadores, as críticas, suas estruturas e demais assuntos correlatos.

## **2. O trajeto de *Revolución* na Revolução**

O jornal *Revolución* e o seu suplemento, *Campo de Revolución*, foram importantes veículos da imprensa cubana durante o primeiro triênio da Revolução, todavia, o surgimento do segundo apenas foi possível com a existência do primeiro. Assim, antes de entrarmos no mérito de análise da concretude dos materiais consultados, nosso objetivo primeiro será refazer os passos do contexto no qual veio

à tona o jornal *Revolución*, seus idealizadores e sua relevância no instante de sua gestação<sup>40</sup>.

## 2.1. Contexto da imprensa cubana nos anos 1950.

Segundo a historiadora Patrícia Calvo González (2014), a existência de sólidos diários como empresa; uma massiva população urbana consumidora de material impresso, tanto a nível informativo como publicitário e a reorganização do fluxo informativo mundial em favor das agências informativas, colocavam a imprensa cubana dos anos 1950 num patamar análogo aos demais países do mundo. Aliás, a pesquisadora assevera que o país contava “*con medio centenar de diarios y cada capital regional disponía de dos o tres cotidianos*” (*Ibidem*, p. 347). Embora houvesse tantos impressos, esse período não cessou a criação de semanários, alguns inclusive adquiriram grande renome e uma notável difusão como o *Bohemia*. Porém, ao usurpar o poder em 1952, Batista também inaugurou um período de restrições à imprensa.

No dia 4 de abril de 1952, o novo governo assinou a *Ley Constitucional de la República*, que estabeleceu estatutos adicionais à *Constitución de 1940*, referente à liberdade de expressão. Nesta emenda percebe-se que esse direito poderia ser suspenso a qualquer instante.

*Artículo 41. Las garantías de los derechos reconocidos en los artículos 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 36, 37 y 71 podrán suspenderse en todo, o en parte del territorio nacional por el tiempo que fuere necesario para la seguridad del Estado, o en caso de guerra o invasión en el territorio nacional, alteración del orden público y otros que perturben hondamente la tranquilidad pública; así como cuando sea necesario para combatir el terrorismo o pistolero, y*

<sup>40</sup> A pesquisa sobre a ideologia liberal do jornal *O Estado de S. Paulo*, desenvolvido pelas historiadoras Maria Ligia Coelho Prado e Maria Helena Rolim Capelato será de grande importância como perspectiva metodológica. Ao utilizarem o jornal como fonte privilegiada de sua investigação e análise crítica, tendo como recorte cronológico de 1927 a 1937- anos que precedem a revolução de 30, a tomada de poder por Getúlio Vargas e os acontecimentos que redundaram no golpe de 37 -, mostram sua atuação relevante no processo político brasileiro, expondo o papel do jornal na defesa das posições políticas dos setores sociais que representavam e indicando como tais posicionamentos foram compatíveis com os ideais liberais. Segundo as pesquisadoras a escolha do periódico como fonte documental “justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social” logo, “nega-se, pois, aqui aquelas perspectivas que a tomam como mero ‘veículo de informações’, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere” (CAPELATO; PRADO, 1980, p.xix). Por outro lado, analisamos algumas características internas e externas aos periódicos como um todo, antes de nos adensarmos sobre a análise das suas fotografias, isto é, rastreamos algumas características de sua estrutura de produção: materialidade, organização interna dos conteúdos, os agentes envolvidos e responsáveis pela criação e editoração das notícias veiculadas, seu público alvo e etc. Para isso, utilizamos como metodologia de pesquisa das fontes impressas as premissas teóricas dos clássicos trabalhos de René Barata Zicman (1985) e de Tania Regina de Luca (2006) sobre os métodos a que o historiador deve recorrer no trabalho de pesquisa sobre essa documentação.

*podrá decretarse por el Consejo de Ministros rigiendo la Ley de Seguridad y Orden Público, sin perjuicio de las medidas especiales que crea conveniente el Presidente de la República, dándole cuenta al Consejo de Ministros* <sup>41</sup>.

Como podemos perceber, a proposta dessa emenda era facilitar o amordaçamento de protestos e reivindicações contra o governo. Contudo, a liberdade de imprensa manteve-se incólume até o ataque ao quartel Moncada em 1953 (CALVO GONZÁLEZ, 2014, p. 348).

Logo após o fracasso dos rebeldes, os primeiros periódicos afetados foram os de tendência esquerdista como *Hoy*, *Última hora*, *La Calle*, *Alerta* e *Tiempo en Cuba*, gradualmente tirados de cena até 1959. Além desses havia também diários conservadores ou independentes, tais como: *Diario de la Marina* (1839-1960), *El mundo* (1901-1980), *Prensa Libre* (1941-1960), *Información* (1933-1960), *El País* (1921-1959), *Avance* (1937- 1959), *Excélsior* (1922-1959), *El crisol* (1934-1960), assim como o diário escrito em inglês *Havana Post* (1899-1959).

Conforme a ditadura se endurecia, a imprensa declaradamente de oposição, aos poucos era eliminada e por outro lado, os órgãos que de certo modo se coadunavam com as diretrizes de Batista recebiam “*un sueldo mensual... para que no tocan en sus informaciones nada que hiciera referencia a la guerra de guerrillas, por lo que afirma que, aparte de la censura, existía un ‘soborno mediático’*” (*Ibidem*, p. 350).

Desse modo, com a imprensa local de mãos atadas viu-se, entre os anos 1956 a 1958, um acréscimo da presença da imprensa internacional e também o surgimento de órgãos clandestinos, por exemplo, o *Revolución* e a *Radio Rebelde*, que representaram meios alternativos de acesso às informações dentro e fora da ilha.

De acordo com o ex-secretário de Imprensa de Batista, José Suárez Núñez (1963), o então presidente cubano era cômico da relevância que os meios de comunicação possuíam junto à população, portanto, todo método empregado era válido para que os tivessem bem assegurados em suas mãos.

*Se inició una tremenda carrera para lograr influir en todos los periódicos cubanos. A unos les extendían fuertes asignaciones de propaganda en los distintos Ministerios o en el Palacio Presidencial y a otros se les intentaba hacer callar con autorizaciones para Planes de Regalo. [...] En el Palacio Presidencial, a finales de 1958, se pagaban unos 450.000 pesos mensuales por concepto de propaganda. [...] La cuenta de la Oficina Presidencial de Columbia a medida que transcurrían los meses se ampliaba. Las listas de*

<sup>41</sup> Para consulta o texto original, ver: <http://www.ilc.cnr.it/cubalex/images/1952-265.JPG>. Consultado dia 13 de abril de 2017.



*nombres se fueron ampliando y ya percibían cheques legisladores opositores, columnistas, políticos opositores y viejos amigos que integraban una pequeña nómina de 175.000 dólares mensuales (SUÁREZ NÚÑEZ, 1963, p. 29-30).*

No entanto, o testemunho de Suárez Núñez (*Ibidem*, p. 53-55) também nos indica que, apesar de querer manter a imprensa sob seu controle, Batista não agia decisivamente com respeito a sua imagem. E, foi nesta “brecha” que os movimentos de oposição tiraram seu máximo proveito, como constatou o referido autor,

*Me consta que no faltaron consejeros inteligentes que le recomendaron el establecimiento de un sistema de propaganda para contrarrestar la inteligente campaña publicitaria del “26 de Julio”, que se había apoderado de todas las imaginaciones y de todas las conciencias.*

Conflui nesse sentido a interpretação de Spicer (1982, p. 129), que viu na debilidade da articulação comunicacional do governo Batista e na censura impostas, elementos que favoreceram e justificaram a luta insurrecional. A liberdade de imprensa, reiteradamente denunciado por Castro em suas entrevistas com demais jornalistas, tornara-se, pois, outra bandeira da causa rebelde.

No estudo de Favatto Jr. (2014, p. 55), em meio ao cenário cultural cubano da década de 1950, surgia um grupo de intelectuais que protagonizariam funções importantes no campo cultural cubano após o triunfo da Revolução em 1959, chamado *Sociedad Cultural Nuestro Tiempo*, cuja relevância deu-se, não apenas como um local de debate das artes em geral, mas também de discussões acerca da conjuntura política de Cuba. Aliás,

*Em suas sessões, jovens, e até então quase anônimos cineastas, artistas plásticos, músicos e intelectuais organizam sarais, debates, exposições de arte, exibições de concertos e cines, dentre outras atividades, umas mais, outras menos subversivas, haja vista que durante quase todo período de existência de *la Sociedad Cultural*, Cuba viveu sob o signo sombrio da Ditadura e, por conseguinte, dos censores de Fulgencio Batista y Zaldívar (1952-1959).*

E é nesse grupo que encontramos duas figuras importantes para a cultura cubana nos primeiros anos pós-Batista, são eles Carlos Franqui fundador e diretor do jornal *Revolución* e Guillermo Cabrera Infante, diretor do suplemento cultural *Lunes de Revolución*.

## 2.2. Carlos Franqui: da doce militância ao amargor da dissidência

Filho de família camponesa, Carlos Franqui nasceu em *Las Villas* em 1921 e, ainda bastante jovem partiu para Santa Clara onde estudou no Instituto Agrícola. Filiado ao PSP, trabalhou no jornal *Hoy* onde viu a oportunidade de seguir uma vida militante e de “ganhar a vida na capital” (FAVATTO JR., 2014, p. 39). Foi em Havana também que se encontrou pela primeira vez com Guillermo Cabrera Infante.

Após anos de militância pelo partido comunista a relação de Franqui com o mesmo mostrara sinais de desgaste. Ora enviado a contragosto em uma expedição de fundação de células do partido no interior, ora tendo suas opiniões dentro do *Hoy* questionadas, o esfacelamento total dessa relação ocorreu quando Franqui reparara que alguns dos membros do partido simpatizavam com o socialismo stalinista, algo que logo “aprendeu a desgostar” e que “tratava-se da linha seguida à risca pelo PSP” (*Ibidem*, p.48). Diante disso, aos 25 anos de idade rompeu com o partido em 7 de novembro de 1946 e deste então converteu-se num dos críticos e opositores da orientação stalinista e do partido em si, de maneira tenaz, assim relembra:

*Había salido del partido sin decir una palabra, pero la guerra me fue hecha. Fui circulado. Los sindicatos me negaron apoyo. [...] La participación del partido en el gobierno de Batista desmoralizó a sus dirigentes. Batista, de regreso a Washington, con las migajas dadas por el imperialismo, era recibido por el partido como un héroe popular, el mensajero de la prosperidad. [...] Yo no entiendo el socialismo así. Hay una sola moral, una ética y no dos, arriba y abajo* (FRANQUI, 2006, p.133).

Entrevistado por Miguel Rivero, em Lisboa no dia 18 de dezembro de 2006 e publicado pela revista eletrônica *Cubaencuentro*, Carlos Franqui revelou as circunstâncias que o levaram a incorporar-se à luta contra Batista ao lado do M-26/7 e seu estreitamento com *Revolución*:

*Cuando Batista dio su golpe, el 10 de marzo de 1952, derrocando la democracia que gozaba Cuba, extraordinaria pese a sus imperfecciones, me di cuenta de que la vida iba a cambiar y también mi propia vida. Como era periodista, me dediqué a crear prensa clandestina en varios sitios. Así llegué hasta el período 55-56, donde hicimos primero la publicación Aldabonazo y después Revolución, que fue auspiciada por el grupo del 26 de Julio que formaban Faustino Pérez y el movimiento clandestino habanero.* (FRANQUI, 2006b).

Formalmente, Franqui asseverou que nessa época ainda não fazia parte do 26 de Julho, “*porque como era una organización tan amplia, tanto en lo que se refiere a la ciudad como a la propia guerrilla, no había, como en otros partidos, el problema de la militancia*” (Ibidem, 2006). No entanto, logo que se viu partícipe da luta contra o regime batistiano tornou-se um dirigente do M-26/7. O envolvimento com este grupo lhe custou vários meses de prisão após a oficina clandestina de *Revolución* ter sido descoberta em março de 1957.

Posteriormente à sua libertação e o período de exílio na Costa Rica, México e Estados Unidos, Franqui regressou a Cuba à sombra de difíceis circunstâncias. Em 1958 havia uma sensação de que a ditadura fraquejava e a greve geral de 9 de abril de 1958 aspirava ser o fim da linha para Batista, mas como vimos falhara. As derrotas sofridas foram “*muy grandes para el movimiento clandestino en las ciudades*”, pois este balanceava o “*caudillismo de Fidel*” (Ibidem, 2006b). Além do mais “*fue un momento también duro, porque Batista lanzó la ofensiva contra la Sierra Maestra y fue en esas circunstancias que llegué*”. Como podemos constatar, naqueles tempos a vida de quem se opunha a Batista não era tarefa fácil, nem as cidades e muito menos a *Sierra Maestra* eram refúgios seguros, mas por fim Carlos Franqui optou pela *Sierra* e lá dirigiu o *Revolución* - fundado em 1956 -, e a estação de rádio *Radio Rebelde* - inaugurada em fevereiro de 1958.

Na clandestinidade, Franqui havia se encarregado de maneira eficaz da propaganda do M-26/7, avivando o espírito de luta dentro da Ilha mediante fórmulas engenhosas como as quais usou para dirigir *Revolución* e *Radio Rebelde*. Esses meios de comunicação foram tão importantes quanto cada tiro disparado pelos rebeldes, pois se combatia não apenas com armas de fogo, mas também com informações. E nesse caso, os órgãos de imprensa que trabalhavam a favor de Batista não pouparam esforços para desvirtuar informações sobre o desenrolar da guerra civil. Sendo assim, não é descomedido afirmar que “tanto o *Revolución* quanto a *Radio Rebelde* não só amplificaram como concederam cor e timbre às vozes revolucionárias, principalmente, àquelas isoladas pelas densas e até então quase incomunicáveis matas da *Sierra Maestra*” (FAVATTO JR, 2014, p. 58).

Sinteticamente, o trabalho clandestino desses veículos cumpriu as seguintes funções: a) propagar sua versão dos combates contra as tropas de Batista; b) de ponte comunicativa entre os rebeldes da *Sierra* e os militantes das cidades (*llano*); c) de interlocução entre o M-26/7 com a comunidade nacional e internacional

e; d) para o recrutamento de homens e mulheres dos mais variados segmentos sociais, idade e etnia.

Seu trabalho clandestino lhe havia convertido em uma figura experiente e logo foi admitido como integrante do *Secretariado del Movimiento*. Foi também o terceiro responsável de *El Cubano Libre*, periódico com o qual Ernesto Guevara evocava um diário fundado por Carlos Manuel de Céspedes em 1868 e recuperado por Antonio Maceo em 1895 durante as batalhas pela independência da Espanha.

Para Favatto Jr. (2014, p. 215), a posição alçada pelo *Revolución* com a vitória dos rebeldes permitiu a Carlos Franqui reaver seus “anseios outrora manifestos... a fim de iniciar, dentro e conforme as convicções emanadas pela revolução política uma Revolução Cultural Cubana”. Sendo assim, criou o suplemento cultural *Lunes de Revolución*, que fora dirigido por Guillermo Cabrera Infante.

Conforme Leandro Estupiñán (2015, p.17), *Lunes de Revolución* era como um sujeito próprio dotado de “*un cuerpo, un sistema vivo gracias a sus órganos, los intelectuales jóvenes, inteligentes y temperamentales que lo hicieron realidad*”. Nascido da costela do periódico “*más atractivo del momento*” *Lunes*, converteu-se em um sucesso editorial sem precedentes na Ilha<sup>42</sup>.

A motricidade dos projetos desses autores, para uma cultura revolucionária tipicamente cubana, agarrava-se à defesa da diversidade estética, imbuída “de um espírito experimentalista” e livre de amarras ideológicas. Apesar de progressistas, isto é, considerados de esquerda, Franqui e Cabrera Infante, travaram disputas pela vanguarda cultural cubana, que se iniciou antes mesmo da eclosão da Revolução Cubana com membros do PSP, no qual Franqui fora membro até 1952.

Avessos ao modelo soviético de cultura, segundo princípios do realismo socialista, os “desencontros” entre Franqui e Cabrera Infante de um lado e seus antigos arquirrivais filiados ao PSP do outro - que adquiriam espaços junto ao governo revolucionário conforme crescia a aproximação de Cuba com a União Soviética em 1960 – chegaram ao desborde em 1961, com o patrocínio de *Lunes* ao curta-metragem *P.M.* - produzido por Sabá Cabrera Infante e Orlando Jiménez-Leal - acusado de contrarrevolucionário e condenado à censura em 12 de maio de 1961.

---

<sup>42</sup> Ainda segundo os referenciais de Leandro Estupiñán (2015, p. 17), o suplemento *Lunes* seria editado nas cores vermelho e preto, como a bandeira do M-26/7. Também o vermelho e preto havia formado parte da simbologia nazi, fato que alguns reparariam anos mais tarde, ou nas cores de bandeiras anarquistas. O primordial é que são cores de Eleguá, orixá da religião ioruba a quem pertencem os caminhos, os trilhos, as avenidas, as rotas que unem.

Não bastasse a censura, após esse episódio ocorreram três reuniões nos dias 16, 23 e 30 de junho na Biblioteca Nacional com as presenças de intelectuais e políticos, dentre eles Fidel Castro que manteve a censura a *P.M.*<sup>43</sup> As declarações de Fidel nessas reuniões foram compiladas num único discurso intitulado *Palabras a los Intelectuales*, que demarcou naquele ano o princípio do estreitamento da política cultural em Cuba, a criação da *Unión de Escritores y Artistas de Cuba* (UNEAC) e o fechamento de *Lunes*.

Dessa forma, nos damos conta de que mesmo após a vitória das tropas rebeldes, as disputas pela vanguarda cultural revolucionária continuaram acirradas. Porém esses embates não ficaram restritos somente aos intelectuais e artistas cujo lado era favorável às diretrizes soviéticas de cultura *versus* àqueles que a abominavam. Pelo contrário, *Lunes* e *Revolución* que foram críticos vorazes da geração que os precederam, não escaparam aos ataques de outros grupos além do próprio PSP. Tal investida coubera aos dirigentes da editora *El Puente*, Isel Rivero e José Mario. Ambos acusavam o suplemento *Lunes de Revolución* de privilegiar apenas a divulgação de obras de membros próximos a seu diretor, Guillermo Cabrera Infante além de não abrir espaço para novos escritores. Nas palavras de Silvia Miskulin,

(...) a polêmica entre membros da editora *El Puente* e de *Lunes de Revolución* fazia parte não só da disputa entre escritores de distintas gerações, mas também da busca por ocupar os novos espaços culturais e institucionais surgidos após a Revolução (MISKULIN, 2009, p. 53).

Com efeito, podemos notar que do mesmo modo que os membros de *Lunes* atacavam os escritores da geração que os precediam, os jovens de *El Puente* empregavam a mesma tática contra *Lunes*. Além do mais, percebe-se que havia um ambiente convulsionado composto por múltiplos grupos intelectuais que ensejavam maior notoriedade na esfera cultural cubana, quiçá mais complexo do que se imaginava até então.

A relação do diretor de *Revolución* e Fidel Castro não era amistosa bem antes do estreitamento das relações deste com os membros do PSP. Do ponto de

---

<sup>43</sup> O documentário oferecia um panorama da Habana noturna, com seus bares e restaurantes, o jogo e o vício. O ICAIC não apenas negou a permissão da projeção do documentário como o qualificou “decante e contrarrevolucionário” (MISKULIN, 2016, p. 222). Fidel Castro deu a razão ao ICAIC e em novembro de 1961 as atividades de *Lunes de Revolución* foram encerradas. A explicação oficial considerou a aguda escassez de papel como justificativa para seu fechamento.

vista de Franqui, os atritos e faíscas geradas pelas divergências de ideias de ambos se iniciaram logo que este pisara na *Sierra Maestra* e se encontrara com Castro:

*Fidel quiso militarizarme, nombrándome comandante. Quiso también convertirme en político, que mi nombre se transmitiera por la radio todos los días. Y yo le dije que no era militar, que yo iba a ir a los combates pero con un altoparlante, que predicaba la violencia pero que no la practicaba, y que mi lucha clandestina había sido como la de muchos otros, sin armas, y no quería que mi nombre saliera en la radio porque venía de la clandestinidad. Agregué que aceptaba ser miembro de la dirección, sobre la base de que él sabía que yo era un discutidor, que aceptaba su dirección, pero mi papel, como miembro de esa dirección, era opinar si creía que las cosas no estaban bien. Y eso me dio una autonomía, porque después de la victoria Fidel disolvió el Movimiento y yo no era militar y no acepté cargo de ministro. Era una cosa muy rara, muy rara, porque...era el director del diario Revolución (FRANQUI, 2006b).*

A negação de Franqui para compor o alto escalão do governo revolucionário, pode ter pesado em algumas das decisões que Fidel tomaria a respeito do *Revolución*, *Lunes* e sua própria vida. Mas as desavenças continuaram e da parte de Fidel em entrevista cedida ao jornalista Ignacio Ramonet, que trabalhava em um livro-entrevista sobre o estadista, ele afirmou categoricamente que Franqui não havia sido seu amigo:

*Mire, Carlos Franqui no era amigo mío. Yo conosco realmente a Carlos Franqui en la Sierra Maestra. A Franqui lo envía la organización en el llano, después de la fracasada huelga de abril de 1958, consecuencia de una táctica errónea del Movimiento 26 de Julio. Ya le conté. Después de ese fracaso tremendo, lo mandaron a la Sierra. Franqui dirigía un periodiquito creado por la organización; había sido comunista; la dirección de nuestro Movimiento, en determinado momento, recluto ex comunistas, y no hay nada peor que un renegado, eso es seguro (RAMONET, 2006, p.638).*

Por outro ângulo podemos identificar e condensar a relação antagônica que havia entre o diretor de *Revolución* e Castro. Tal capacidade é observada no instante fortuitamente capturado por um fotógrafo num dado momento e anos depois alvo de manipulação da imagem.

Nos registros que seguem abaixo do lado direito vemos Fidel a discursar para a rádio Voz Rebelde enquanto em segundo plano encontra-se Franqui com o rosto voltado para a direita como num ato de alguém que não gostaria de compor parte do enquadramento do fotógrafo. Segundo nos informa Jorge Ferrer (2010, s.p.), tal imagem fora publicada no *Revolución* no ano de 1962; à esquerda, a mesma instantânea reproduzida no jornal *Granma* em 1973 não apresenta Franqui ao centro.

Descartado pelas tesouras da memória do poder, Franqui que se afastava pouco a pouco da Revolução e dos rumos que estavam sendo tomados na época, por fim rompeu formalmente em 1968, quando assinou uma carta condenando a invasão do exército soviético na Checoslováquia. Desde essa época sua imagem foi apagada do álbum revolucionário.

Aqui temos um nítido exemplo de manipulação fotográfica muitos anos antes da tecnologia de retoque digital (fig.3). Percebemos que já havia especialistas capazes de retocar, montar ou até fazer desaparecer pessoas “indesejadas”. Apelar ao que denomino “morte fotográfica”, isto é, ao apagamento proposital de pessoas nos registros fotográficos de modo consciente no intuito de impossibilitar a perpetuação de sua existência e a evocação de sua memória, não foi uma prática inventada em Cuba.

*Figura 3 - À direita Franqui ao fundo e à esquerda fotografia sem o diretor de Revolución*



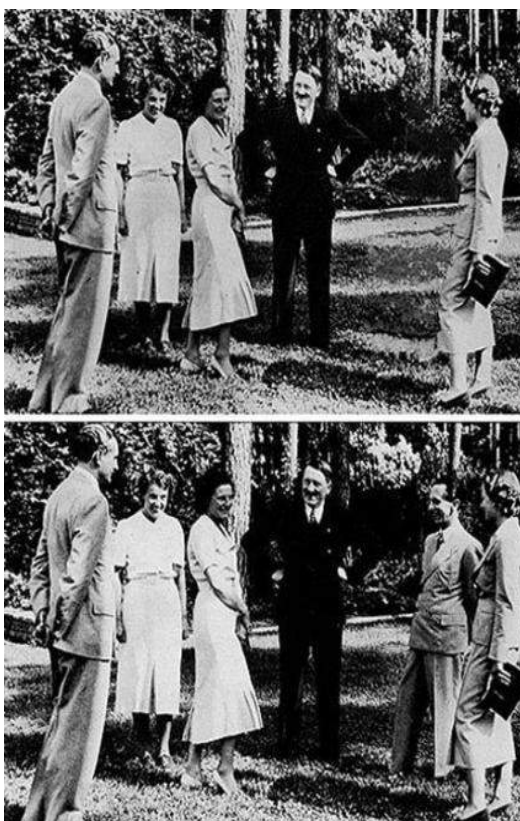
*Fonte: El tono de la voz. Disponível em: <<http://www.eltonodelavoz.com/2010/04/16/muere-carlos-franqui-y-raul-castro-%C2%ABla-discusion%C2%BB/>>, acesso: 25/03/2018.*

Na história da fotografia, esse tipo de recurso foi relegado a “desertores”, e “traidores” fotografados próximos a figuras de poder, ou seja, no caso de líderes políticos que num dado momento histórico foram registrados com seus camaradas e aliados em tribunas, batalhas, comícios e etc., porém depois de reviravoltas nos quadros político-ideológicos tais “camaradas” teriam suas existências fotográficas “apagadas” de momentos significativos da história. A exemplo dos “desaparecimentos” de Joseph Goebbels, ministro de propaganda de Adolf Hitler na casa da cineasta Leni Riefenstahl em 1937 (fig. 4) e de Leon Trotsky em 1920 (fig. 5).

Quando Leon Trotsky caiu em descrédito com Stalin, a história soviética foi reavaliada e modificada. A exemplo disso, Trotsky foi removido de todas as fotos dos anos durante e após a Revolução Russa. Em 5 de maio de 1920, Lenin foi fotografado

incitando os soldados do Exército Vermelho que marchavam para a frente polonesa. À sua direita, em degraus de madeira, encontram-se Trotsky e Kamenev e logo atrás deles o imponente Teatro Bolshoi. A foto tirada por GP Goldstein, expressava um Lenin vívido e um Trotsky que ainda mantinha o lugar que a revolução lhe dera. Na instantânea manipulada inseriram uma peça de madeira no lugar outrora ocupado por Trotsky e Kamenev para induzir a ideia que a peça onde Lenin se apoiava era maior.

*Figura 4 - Acima fotografia sem Goebbles e abaixo com o mesmo na casa de Leni Riefenstahl.*



*Fonte: Diário de Cuba. Disponível em:  
<[http://www.diariodecuba.com/cuba/1407140153\\_9789.html](http://www.diariodecuba.com/cuba/1407140153_9789.html)>, acesso em: 25/03/2018.*



Figura 5 - Trotsky e Kamenev ao lado de Lenin em Petrogrado 5 de maio de 1920 e depois removidos em 1929.



Fotografia: G.P. Goldstein

Fonte: Getty Images. Disponível:

<<https://www.gettyimages.com/photos/lenin?mediatype=photography&phrase=lenin&sort=mostpopular>>, acesso em: 25/03/2018.

Em síntese, o êxito da Revolução Cubana, em 1959, patenteou possibilidades de transformações na ilha, que ocorreram em todas as esferas da sociedade, inclusive na cultura. De acordo com a historiadora Aviva Chomsky, a Revolução democratizou e contribuiu para todas as áreas da cultura de uma maneira sem precedentes na história da América Latina (CHOMSKY, 2015, p. 137). Por outro lado, essa mesma Revolução controlou, censurou e restringiu a produção cultural a ponto de muitos autores e artistas, a exemplo de Carlos Franqui e Guillermo Cabrera, e tantos outros, terem decidido se exilar.

No próximo tópico trataremos de alguns aspectos inerentes ao jornal *Revolución* e a seguir de características do suplemento *Campo de Revolución*. Em outras palavras, apresentaremos os elementos que estão por “dentro” dos periódicos<sup>44</sup>.

## 2.3. Por dentro do *Revolución*

### 2.3.1. Gênese e vida na clandestinidade

No decorrer dos anos de ilegalidade, *Revolución* circulou mensalmente e não possuiu um quadro informativo sobre seu corpo editorial, o local onde eram

<sup>44</sup> Segundo a estudiosa Renée B. Zicman (1985, p.92) trata-se das características formais da publicação, o estilo de apresentação das matérias e notícias, o quadro redacional (distribuição dos artigos pelas várias colunas e seções do jornal), a publicidade, a parte redacional (principais colunas e seções) e as principais tendências da publicação.

impressas suas edições ou sequer data específica. Nota-se, por exemplo, na capa da edição mais antiga que temos em mãos armazenadas na Biblioteca Nacional José Martí em Havana (fig. 6), aparecem as seguintes informações logo abaixo do título em caixa alta: “*Organo Oficial del Movimiento Revolucionario ‘26 de Julio’* e “*Impreso en algún lugar de Cuba, Segunda quincena de Junio del 57*”.

Obviamente como todos os envolvidos com a oposição estavam na mira dos serviços de inteligências de Batista, publicar abertamente tais informações seria completo suicídio. No corpo das matérias dessa edição constam apenas, nomes de líderes como Fidel Castro, o capitão Guillermo García e o tenente Emiliano Díaz.

Nessa edição de *Revolución* há ao todo oito páginas com três colunas, nas quais dividem espaço com fotografias de baixa qualidade onde mostram parte do cotidiano dos combatentes ora amontoados entre a vegetação local portando armas de fogo ora deitados após terem sido feridos ou abatidos pelo exército de Batista. Aliás, noutra fotografia Fidel Castro aparece usando um rifle enquanto é cercado por seus companheiros. Nesses registros fotográficos também não há menção ao responsável por elas. Ademais, não temos informações a respeito do tipo de papel em que o jornal era impresso e seu tamanho.

*Figura 6 - Capa do jornal Revolución de julho de 1957.*

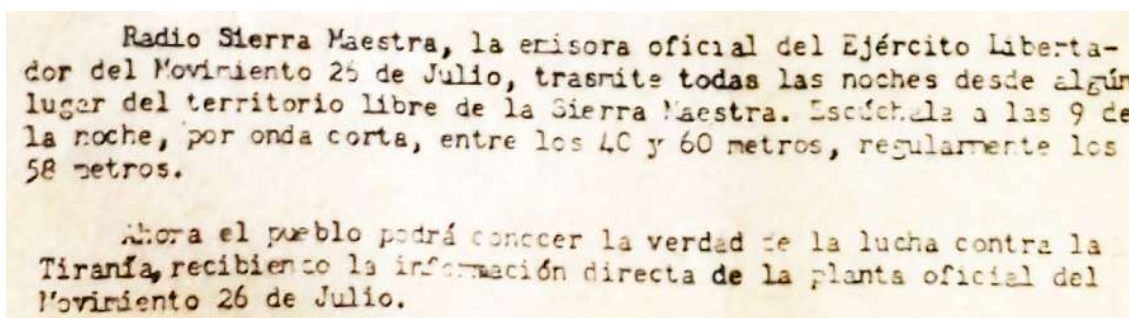


*Fotografias: Sem autoria  
Fonte: Revolución, s.n., ano 1, 07/1957.*

A cor preta foi a única utilizada nessa edição que, aliás, traz no seu bojo sua versão da batalha de Uvero – o primeiro desafio que Fidel Castro e seu grupo guerrilheiro travaram, alguns meses depois de haver instalado seu quartel-general em *Sierra Maestra* -; um poema dedicado aos mártires Fructuoso Rodríguez, Juan Pedro Carbó, José Westbrook e José Machado os “*primeiros combatientes de vanguardia*” (REVOLUCIÓN, 1957, p. 4); uma matéria criticando a política econômica de Batista e por fim; uma propaganda da *Radio Sierra Maestra*, talvez a antecessora da *Radio Rebelde*, convidando os cidadãos cubanos a escutarem “*todas las noches desde algún lugar del territorio libre de la Sierra Maestra*” e “*conocer la verdad de la lucha contra la Tiranía*” (fig. 7).

Para se manter todo um aparato de comunicação na clandestinidade e o próprio movimento com roupas, armas, alimentos, remédios e etc. eram necessários recursos financeiros. Naqueles tempos, a principal fonte de renda dos guerrilheiros eram doações espontâneas ou a venda de cupons produzidos por eles. Os *bonos*, como eram conhecidos, funcionavam na seguinte maneira segundo explicou Vila (2011 apud PASQUALINO, 2016, p. 60).

Figura 7 - Propaganda da Radio Sierra Maestra.



Fonte: *Revolución*, s.n., ano 1, 07/1957, p. 6.

*El bono del 26 de Julio era con lo que se mantenía nuestra organización. [...] Con esto se le vendía a la gente, a los colaboradores del movimiento, y con eso se compraban armas y se mantenía el frente, se compraban armas y suministros para el frente y para la propaganda y para la vida insurreccional. Era el dinero del movimiento, o sea, lo daba la gente ahí ante la compra de eso y bueno, ¿entiendes? Porque tú estarás preguntando de dónde salía el dinero... la gente lo daba.*

Logo abaixo (fig. 8) temos o exemplo de um *bono*. Na região inferior deste consta uma instrução aos doadores para que concentrassem suas arrecadações financeiras somente nos “bonos” já que outros métodos estavam proibidos. Tal canalização deveu-se talvez pela dificuldade de controle do dinheiro que chegava às

mãos dos rebeldes por meio das “rifas, peticiones personales, etc.” e partir disso, planejarem seus gastos. Observa-se que no bono está impresso o valor pelo qual era vendido (\$ 1,00) e há também uma numeração (165056), o que indica um controle do M-26/7 quanto às arrecadações advindas desses cupons.

Figura 8 - Bonos do M-26/7 para arrecadação de recursos para a luta revolucionária.



Fonte: *Revolución*, s.n., ano 1, 07/1957, p. 7.

Nada obstante, ele traz no verso uma estrela do lado direito com a frase “*Libertad o muerte*” e no centro da imagem encontra-se um grupo de guerrilheiros armados a seguir por uma trilha. Sob a orientação de uma deusa que sustenta a bandeira cubana com sua mão direita enquanto com a esquerda indica o caminho a ser seguido por eles. Em suma, é como se no conjunto dessa cena a deusa dissesse: “a libertação e a independência de Cuba será por ali, através da *Sierra Maestra*”, e os rebeldes marcham. No rodapé lê-se a seguinte frase “*Este certificado garantiza su contribución a la causa revolucionária*”, seguida pela assinatura de Fidel Castro.

Segundo revela o subdiretor da *Radio Rebelde*, Ángel F. Vila (2013, p. 29), essas campanhas arrecadatórias do M-26/7 chegavam ao conhecimento da população por meio da distribuição de folhetos, “*de las emisiones diarias de Radio Rebelde y de nuestras publicaciones periódicas*”.

Dos vários destinos desse dinheiro adquirido, o ex-combatente Vila (2011 apud PASQUALINO, 2016, p. 61, grifo nosso), esclarece que parte dele voltava-se para afiançar três eixos de propaganda dos rebeldes: a radial, a mural e a escrita:

*Primero la propaganda radial, para nosotros lo más importante, Radio Rebelde, porque era la que llegaba a todo el mundo. [...] Entonces, esa era*

*la propaganda radial, después estaba la **propaganda mural**: teníamos grupos de jóvenes, sobre todo, estudiantes que escribían en las paredes 'Abajo Batista', 'Viva el 26', 'Viva Fidel', 'Huelga general'. [...] Y después estaba la **propaganda escrita**, la propaganda escrita eran los periódicos. [...] Ah, además de esas tres, teníamos la propaganda dirigida, propaganda por sectores. Nosotros teníamos un capítulo de propaganda para los militares de la tiranía. Tirábamos folletos, convocatorias, proclamas, llamándoles la atención de que estaban sirviendo al tirano, que a ellos los mandaban a matar y los jefes estaban enriqueciéndose. Todo eso lo publicábamos nosotros como un boletín especial que era para los militares. [...] Teníamos propaganda a los burgueses, a los comerciantes, a los industriales. Les metíamos propaganda para ellos, de resistencia cívica, llamando la atención de que ellos estaban ayudando a la tiranía, que después no podrían reclamar porque estaban ayudando a que hubiera crimen en Cuba, que la revolución en definitiva les quitaría todo. Religiosa, les mandábamos a los centros religiosos también. Estudiantil. Nosotros inundábamos los centros estudiantiles con propaganda. (VILA, 2011 apud PASQUALINO, 2016, p. 61).*

Avistamos assim com esses três eixos de propaganda que o objetivo dos rebeldes era conclamar uma ampla gama de setores da sociedade a fazerem parte do processo revolucionário, fossem eles burgueses, comerciantes, civis, militares, religiosos ou estudantes.

No quesito propaganda escrita o periódico *Revolución* foi sua ponta de lança. Editaram-se um total de 22 números em dois anos sendo, pois, a primeira sem data definida e a última publicada no dia 22 de dezembro de 1958.

Os anos de clandestinidade de *Revolución* não impediram que internamente ele passasse por mutações. Podemos observar que mesmo em meio à sinuosidade e intempéries da *Sierra Maestra* somado às incursões por terra ou pelo ar de tropas batistianas, a inventividade de seus editores estava a pleno vapor.

Quer por acúmulo ou aumento das arrecadações dos donativos, para aquisição de melhores equipamentos que empregavam mais qualidade às publicações; quer pela admissão de profissionais do ramo do jornalismo, como Franqui em 1958, foram incorporados ao *Revolución*: charges, preço (10 centavos), título com fotografia de fundo (fig. 9) e uma seção específica onde se narrava os embates quotidianos dos rebeldes, chamado “*Noticiero revolucionario*”. Na edição especial de comemoração de “*5 años de lucha*”, em julho de 1958, foi introduzida a bandeira do M-26/7 nas respectivas cores do movimento, vermelho e preto (fig. 10).

Figura 9 - Novo logotipo de Revolución.



Fonte: *Revolución*, ano 2, n. 20, 20/10/1958, p.1

Figura 10 -Noticiero revolucionario e bandeira do M-26/7 edição especial



Fonte: *Revolución*, ano 2, n. 12, 26/07/1958, p. 12.

A respeito da caricatura logo abaixo (fig. 11), ela faz alusão ao controle exercido pela ditadura de Batista sobre os principais órgãos de imprensa da época. Como títeres de um gorila<sup>45</sup>, dançam alegres e sorridentes os principais jornais conservadores do país: *Diario de la Marina*, *El País*, *Crisol*, *Prensa Libre*, *Excélsior*, *Diario Nacional*, *El Mundo*, *Avance*, e *Información*. Escondido atrás de um tipo de tapume a charge sugere que esse gorila de mãos enormes era dotado de astúcia e que suas manipulações na imprensa seriam sutis, ou melhor, desenvolviam-se por trás das cortinas. À ardisidade desse gorila soma-se o fato dele carregar com sua mão esquerda um grande saco de dinheiro, indicando que a lealdade desses jornais

<sup>45</sup> De acordo com o estudo de Rodrigo Patto Sá Motta (2007, p. 199). a caricatura de gorila nasceu na Argentina, a princípio sem sentido pejorativo, em meados da década de 1950. No entanto, logo tornou-se referência para os países da América Latina e Caribe para “atacar os militares golpistas de direita”. Dentro do espectro de características metafóricas do símio usadas pela esquerda estão associadas à imagem de atraso, reação, brutalidade, estupidez e repressão. Apesar dos eventos que ocorreram em 1961 no Brasil, - confrontos entre grupos de esquerda e militares de direita, - no estudo de Motta não foi encontrado uso do gorila pelos cartunistas brasileiros antes de 1962.

a Batista, seguiam o ritmo do tilintar entoado pelo dinheiro na sacola. Aliás, chamamos a atenção do leitor para a inclusão dos periódicos *Carteles*<sup>46</sup> e *Bohemia* nessa ciranda.

Figura 11 - *El tirano y su prensa*.



Fonte: *Revolución*, ano 2, n. 20, 20/10/1958, p. 2.

Ideologicamente de visão mais progressista, muitas vezes ambos tiveram que “ficar em cima do muro” para driblar a censura de Batista. No caso de *Bohemia*, se de um lado parte de seus editoriais tentavam expor seu desagrado à censura e ao golpe de estado de Batista do outro, de modo não tão explícito, também não reverenciavam os insurretos. Sua oposição à violência, aos atos de sabotagem e o uso de armas por parte dos rebeldes como saída para a retomada da democracia também ocuparam algumas de suas páginas. Provavelmente, devido a essa atitude os rebeldes incluíram-nos entre os periódicos pró-Batista.

<sup>46</sup> A revista *Carteles* foi fundada por Oscar H. Massaguer e seu primeiro número apareceu em junho de 1919. De caráter basicamente publicitário, chegou a ser a publicação de seu tipo mais lida no país e uma das preferidas da classe média cubana. O baixo preço que manteve durante toda sua existência, assim como o enfoque outorgado às temáticas abordadas, possibilitara aproximar-se de um público diverso, de nível médio, tanto desde o ponto de vista econômico como cultural. *Carteles* se inseriu no rol das chamadas revistas de variedades, em primeira instância, devido à diversidade de temáticas e seções que apresentava. Em meados de 1956 começaram a desaparecer de suas páginas os temas da atualidade política nacional, que não reapareceram até o triunfo da Revolução. Por fim, *Carteles* deixou de circular em julho de 1960 (LAGUNA ENRIQUE, 2013, p. 403).

### 2.3.2. Na etapa revolucionária: *Revolução no Revolución*

Do dia 2 de janeiro de 1959, desde Santiago de Cuba, quando pela primeira vez o *Revolución* estava na legalidade e lançou a edição de n.23 até a última edição de n.943 de 30 de dezembro de 1961, do qual tivemos acesso, o jornal manteve-se identificado como “*Órgano Oficial del Movimiento Revolucionario 26 de Julio*”. E isso é interessante de destacar, pois o *Revolución* foi o último resquício do M-26/7. Segundo Franqui, logo após a vitória contra Batista, houve a última reunião do *Movimiento* no Tribunal de Cuentas. Nessa ocasião Raúl estava aborrecido com as manifestações anticomunistas de Fidel, mas nada foi capaz de impedir a última reunião do M-26/7:

*Esa reunión en el Tribunal de Cuentas la presidía Julio Duarte, que había regresado del exilio. Y yo, un poco por ironía, porque era un adversario de Raúl, hice un discurso para apaciguar los ánimos. Esa fue la única y la última reunión del 26 de Julio, que se quedó solamente como un símbolo del diario Revolución, con el rojo y el negro que duró hasta el año 1961. Cuando yo estaba fuera del país, incluso suprimieron el rojo y el negro (FRANQUI, 2006b).*

Com esse melancólico desfecho, tudo indica que o governo revolucionário que foi constituído posteriormente não teria mais quaisquer vínculos diretos com o *Revolución*. Em outras palavras, o governo e o M-26/7 tornaram-se coisas distintas em razão da separação e dissolução deste, o jornal *Revolución* e seus suplementos não eram porta-vozes oficiais ou propriedades do novo governo embora recebessem visitas dos “*guerrilleros, incluido el Comandante [Fidel Castro], quien dicen, podia aparecerse previo a concluir el proceso de impresión para charlar un rato con el equipo o para sugerir alguna idea*” (ESTUPIÑÁN, 2015, p.155). Em virtude disso, podemos pensar que o periódico contava com uma dose de autonomia. No tocante a ideologia de *Revolución*, Franqui explicou que:

*el periódico tenía una línea que a veces coincidía y otras se diferenciaba del pensamiento oficial, que a sua vez tenía diferentes matices: una cosa pensaban Guevara y Raúl Castro y la Seguridad, otra el presidente Dorticós y los ministros, otra Fidel Castro, o los dirigentes obreros, estudiantes, o los mismo periodistas (FRANQUI, 2006a, p.233).*

Nas páginas do *Revolución* diversas notícias de grande comoção popular foram comunicadas por meio delas. Ao longo dos anos de publicação o jornal se caracterizou por volumosas edições, incitadas pelo aspecto chamativo das



manchetes, excelentes para atrair leitores. O jornalismo de *Revolución* e seus membros mantiveram vívido o experimentalismo dos tempos da *Sierra Maestra* e com isso propiciaram um espaço atrativo e dinâmico, aberto a polêmica e as novas correntes estéticas.

O primeiro número na legalidade (n. 23) circulou com apenas cinco páginas no dia 2 de janeiro de 1959 ao custo de 5 centavos, metade do que fora vendido na clandestinidade. Na capa, a manchete que convocava a sociedade para a “*Huelga General*” dividia espaço com a declaração da posse do jurista Manuel Urrutia como “*Presidente Provisional*”. Internamente, ainda não havia indicação do corpo editorial, porém depois de o esquadriharmos com cuidado percebemos tênues mudanças na quantidade de colunas por páginas que eram de no máximo cinco e passaram para oito; e no aperfeiçoamento da qualidade da tiragem.

Por outro lado, bem como na clandestinidade (fig.6), o periódico que já vinha utilizando fotografias para ilustrar parte de suas matérias manteve seu espaço assegurado após o triunfo. Quanto ao conteúdo dessa edição ele basicamente versava sobre os últimos eventos que levaram os rebeldes a sobrepujarem as tropas inimigas.

Esse caráter mutante do jornal mesclado à maturidade e a personalidade forjadas no período clandestino, foram essenciais na gestação de uma criatura que chegava “*al mundo con los ojos abiertos y el galillo firme...Títulos y autores permiten intuir lo que sería su esencia*” (ESTUPIÑÁN, 2015, p. 20)

As agruras do passado logo seriam superadas por *Revolución* que ao respirar ares de liberdade deixara para trás as intempéries da *Sierra Maestra* para se alojar num novo lar na Avenida Carlos III em Havana.

O imóvel que fora ocupado por esse jornal em 1959, (atualmente que hoje aloja uma imprensa do *Instituto Cubano del Libro*), foi construído e habitado originalmente por *Alerta*, rotativo de Ramón Vasconcelos Maragliano, Ministro de Comunicações de Batista. Com o triunfo, o passado recente deveria ser rapidamente superado. A imprensa que apoiou o regime anterior cederia, voluntariamente ou não, espaço ao novo. Na fotografia abaixo (fig. 12) assinala-se o momento em que um grupo de civis puxa com uma corda o letreiro de *Alerta*. Na legenda lê-se o seguinte:

*Desaparece una época. Una época pasada y bochornosa de la casa que es ahora la casa del pueblo, porque es la casa de REVOLUCIÓN. Con ese letrero arrancado de cuajo por un grupo de obreros y de espontáneos*

*peantones, se va el pasado y el borrón que significaba en el periodismo, en la vida cubana. Aquí antes habitaban ciertas sabandijas de la prensa - Vasconcelos, por ejemplo, para no citar mas que a una rata de ratas - y ahora las hemos hecho huir. Mejor dicho: las ha hecho huir el pueblo. Porque ahora, tras esta fachada, está el pueblo (REVOLUCIÓN, ano 2, n. 28, 07/01/1959, p. 2.)*

Nesta legenda a negação ao passado é evidente. Um passado ditatorial, retrógrado gerido pelas mãos de gorilas, deveria desaparecer para dar lugar ao novo. A frente desse empreendimento, a Revolução que ainda balbuciava, teria o “*pueblo*” cubano como protagonista de todo esse processo. Nessa legenda *Revolución* tomou para si o papel de representante do povo e, portanto, justificava a tomada de *Alerta* como algo que lhe era de direito, pois, “*la casa del pueblo... es la casa de REVOLUCIÓN*”.

Logo abaixo dessa fotografia coexiste uma carta da redação do jornal para “*Nuestros Lectores*” (anexo 1) na qual primeiramente pede perdão ao público por conta do processo de readequação à nova realidade e também declara que se empenhará para que o “*periódico esté en la calle dia a dia*”. Em vista disso, para que essa empresa fosse viável, a incorporação de mais profissionais da área do jornalismo era necessária. Sendo assim, antigos membros da redação, provavelmente de *Alerta*, pois não fica explícito a quem estaria se referindo, matizado por “*dibujantes, periodistas [y] fotógrafos*”, considerados “valiosos”, com esse “*empeño de la libertad triunfante*” teriam certamente seus esforços reconhecidos desde uma causa maior. Aliás, *Revolución* ambicionava alcançar outros patamares de seu jornalismo, mais do que simplesmente distribuir diariamente seus conteúdos ele deveria estar “*a la altura de los mejores de Cuba y de América*”.

Figura 12 – Civis derrubando a fachada do jornal Alerta.



Fotografía: Sem autoria

Fonte: *Revolución*, ano 2, n. 28, 07/01/1959, p. 2.

Aberto às críticas e “dispuestos a brindar nuestros mejores esfuerzos para que nuestro pueblo pueda contar con un periodismo justo y libre”, o escopo do jornal se alicerçaria não apenas como “el medio de expresión de las tareas revolucionarias”, mas também pretendia ser “el vocero de las legítimas aspiraciones de nuestro pueblo”. A despeito desse povo, evocado recorrentemente por *Revolución* para justificar seu trabalho e ações, este seria composto por “los obreros, campesinos [y] todas las clases trabajadoras de Cuba” onde “presentarán sus demandas”.

No primeiro domingo de 1959, dia 4 de janeiro, *Revolución* veiculou uma lista de “interventores” que agiriam na imprensa cubana (fig. 13).

Figura 13 - Interventores de prensa.



<b>INTERVENTORES DE PRENSA</b>		
El Coordinador de Prensa del Movimiento 26 de Julio envía para su publicación y general conocimiento el movimiento interventor realizado en los periódicos de esta capital. Esa situación de intervención revolucionaria es la siguiente:		
PUBLICACION	CARGO	PERSONA
«Diario de la Marina»	Interventor	Eduardo H. Alonso
«El País» y «Excelsior»	"	Alfredo Viñas
«El Mundo»	"	Angel Guíñas
«La Tarde»	"	Norberto Martínez
«Información»	"	Victor Corrons
«Diario Nacional»	"	Maria C. Villar
«Avance»	"	Tirso Martínez
«El Crisol»	"	Ana Rodríguez
«Bohemia»	"	Guillermo Guíllermes
«Carteles»	"	Oscar Boffill
«Mañana»	Director	Luis Martínez Paula.
"	Administrador	Doctor Arista.
«Réplica»	Director	Ricardo Rodríguez
"	Administrador	Emilio Martínez
«Prensa Libre»	Interventor	Carlos Reyes
«Havana Post»	"	" "
«Gaceta Oficial»	"	Guido Brigante
«Pueblo»	Director	Carlos M. Valera
"	Administrador	Gustavo Fernández Pereda
Se designa Director de ALERTA a Ricardo Cardet y Administradora Thelvia Marin.		
Dado en La Habana a las dos de la mañana del día 4 de enero de 1959.		
El coordinador de Prensa del M-26-7.		

Fonte: *Revolución*, ano 2, n. 25, 04/01/1959, p. 4.

*Diario de la Marina*, *El País* y *Excelsior*, *El Mundo*, *La Tarde*, *Información*, *Diario Nacional*, *Avance*, *El Crisol*, *Bohemia*, *Carteles*, *Prensa Libre*, *Havana Post* e *Gaceta Oficial* receberiam “interventores”, representantes do governo que fariam a vigilância ou patrulha dos mesmos. Por outro lado, *Mañana*, *Republica* e *Pueblo* contariam com diretores e administradores em suas oficinas.

*Alerta* que receberia a equipe de *Revolución* foi designada aos cuidados de Ricardo Cardet e Thelvia Marin como administradora. Carlos Franqui, por sua vez, nem sequer fora mencionado. Esse fato nos conduziu a duas hipóteses: a) Franqui não chegou a tempo da reunião em que foram repartidos os locais de trabalho nas oficinas de imprensa e, b) as pessoas que dela participaram talvez tenham pensado que havia desertado. Efetivamente, se por equívoco ou não, no dia 6 de janeiro do mesmo ano, a direção de *Revolución* retornou aos braços de Franqui ao lado do administrador César Gómez. E, daí em diante, pelo menos na direção, não foram cometidos mais tais deslizes.

Entre os anos de 1959 a 1961, *Revolución* imprimiu cerca de 15.991 páginas, o que dá em média 15 folhas por edição. Porém, conforme as comemorações, datas especiais e eventos excepcionais os números poderiam conter cerca de meia centena de páginas. Por exemplo, o lançamento do número 197 em comemoração aos seis anos de início da luta contra a ditadura no dia 27 de julho, utilizou-se de 37 páginas.

Com o passar do tempo o corpo editorial consolidou-se. Em decorrência disso, surgiram as seções: *Deportes de Revolución*, onde acompanhavam-se as ligas nacionais e internacionais de beisebol, boxe, ciclismo entre outros esportes gerido pelo repórter esportivo Tommy Albear; *Espectáculos* cujo espaço era destinado para críticas e sugestões de filmes, peças teatrais e programas de rádio e tevê dirigida por G. Caín – pseudônimo utilizado por Guillermo Cabrera Infante desde que sofreu represálias pela publicação de um conto em *Bohemia* em 1952; *Revolución Agraria* coordenado por Ricardo Cardet com intuito de discutir os caminhos e desafios da primeira Reforma Agrária sancionada em 17 de maio de 1959, o analfabetismo no campo, a criação de cooperativas, campanhas de reflorestamento e etc.; *Económica*, acompanhava de perto os reflexos da gestão dos produtos exportados e importados na sociedade e por fim, *Revolución Internacional*, onde era produzido uma síntese dos principais eventos que atingiam principalmente os países das Américas e, em segundo plano países da Europa e Ásia.

Em julho de 1960, *Revolución* deslocou-se da rua Carlos III para assentar-se em um novo endereço: no moderno edifício construído para o vespertino *Prensa Libre* que ficava na rua General Suárez, nas proximidades da *Plaza Cívica*, hoje conhecida como *Plaza de la Revolución*. Segundo consta no próprio jornal, a justificativa para essa mudança ocorreu por conta da “*enorme circulación con que el pueblo responde a nuestra posición de absoluto respaldo a la Revolución y decidida defensa de sus principios y logros*”. Além do mais, nessa mesma nota explicativa, alegou-se que houve um acordo entre os dois veículos e não um confisco de *Prensa Libre*, que teria por sua vez acolhido de muito bom grado essa substituição para alívio de suas economias já que os antigos gestores, “*fugitivos contrarrevolucionários*”, lhes deixaram uma herança maldita no caixa.

Sempre mantendo a determinação de responder “*al pueblo de Cuba y a sus más legítimos intereses*”, o deslocamento de *Revolución* para esse novo local permitiu-lhe manejar equipamentos modernos o que acarretou numa vistosa

melhoraria em “*técnica y velocidad [de] sus ediciones*” (REVOLUCIÓN, ano 3, n. 485, 04/07/1960, p. 21).

Durante a pesquisa não obtivemos acesso a outras fontes de informação que nos dessem uma visão mais precisa em números da afirmação de que havia uma “*enorme circulación*” do periódico em Cuba. No entanto, presumimos que essa asserção não esteja deslocada da realidade em virtude do alcance do jornal em outros territórios no estrangeiro como: Nova Iorque, Miami, Florida, Porto Rico, Panamá e Caracas. Chegamos a essas localidades, onde *Revolución* fora redistribuído, graças à análise do seu corpo editorial (anexo 2).

Além disso, pudemos mapear e observar certa solidez na relação estabelecida entre seus membros e os cargos ocupados ao longo do primeiro triênio da Revolução. Por exemplo, como os casos de Carlos Franqui que permaneceu na direção do jornal, Vicente Báez que na administração gerenciava a parte financeira do jornal e Ithiel Leon na direção artística que fora responsável pela renovação do *design* gráfico do mesmo, tornando-o visualmente moderno.

Por outro lado, o subdiretor Euclides Vazquez Candela e Guillermo Cabrera Infante tiveram seus nomes cortados, o primeiro em dezembro de 1960 e o segundo em dezembro do ano seguinte. O jornal apresentou também entre dezembro de 1959 a março de 1961, segundo o anexo 2, agentes espalhados nos Estados Unidos, Porto Rico e Venezuela lugares onde possivelmente serviriam como intercambistas de informação, ou seja, onde podia se operar uma via de mão dupla para divulgar *Revolución* para os cubanos e demais interessados dessas regiões e também reter as mais variadas notícias dessas localidades.

Outro fato a se atentar é a quantidade de páginas que acompanhavam essas edições. Elas mantiveram-se em franco crescimento até se estabilizar com 20 páginas em junho de 1959 e assim continuaram intocadas, salvo números especiais, até o mês de março de 1961 que decai paulatinamente chegando a 11 em dezembro de 1961. Crê-se que as desavenças do governo com membros de *Revolución e Lunes*, em razão do caso *P.M.*, acarretou em cortes de repasse de verbas para a publicação do periódico.

### 2.3.2.1. Revolução em quadrinhos: apresentação de *Julito 26*

Presente pelo menos desde o século XVII, a caricatura foi incorporada à imprensa somente no século XIX. De acordo com Motta (2013, p.66), as caricaturas — expressão que engloba tanto as caricaturas propriamente ditas como também as charges e os cartuns — exercem um papel importante no e por meio dos periódicos, justamente porque agem “no comentário dos acontecimentos e atos dos líderes políticos, quase como crônicas visuais, auxiliando os jornais em seu papel de produzir notícias e influenciar a opinião política”. O estudo das caricaturas carrega consigo problemas teóricos e metodológicos específicos que demandam cuidados<sup>47</sup>. No entanto, em certos casos a leitura das caricaturas dispensa grandes “acrobacias interpretativas, já que se trata de linguagem visual com vocação para atingir o grande público” (MOTTA, 2013, p.66). O caricaturista almeja ser compreendido pela maioria, principalmente pelo público analfabeto, por isso, “raramente os desenhos são herméticos”. Dito isso passemos para alguns exemplos de cartunistas e charges veiculadas no *Revolución*.

Com o fim da ditadura, era tempo de colocar a casa em ordem, mas por onde começar? A charge de Arsenio Bidopia ilustra a Revolução como uma senhora confusa com tanta sujeira deixada à sua volta. Os lixos que a rodeiam remontam o caos deixado pelo antigo gestor da casa. Resquícios do passado deixado deveriam ser eliminados tal como quatro oficiais do corpo repressivo de Batista que foram presos, julgados e condenados a pena de morte por terem atuado nos calabouços e câmaras de tortura do quartel Moncada.

Outro cartunista de *Revolución* foi Santiago Rafael Armada Suárez mais conhecido como Chago Armas (1937-1995), um dos mais prolíficos cartunistas pós-1959. Durante a insurreição de Cuba na década de 1950, Chago Armas lutou contra as forças de Batista na *Sierra Maestra* ora envolvido com o lançamento de uma estação de rádio ora publicando cartuns no jornal *El Cubano Libre*. Lá fez diversas caricaturas de seus companheiros de luta e ilustrações. A serviço do *Revolución*,

---

<sup>47</sup> A historiadora mexicana Fausta Gantús (2009, p.19), apresenta uma elaborada apreensão do que significa trabalhar a caricatura como documentação no ofício do historiador. De acordo com a autora, [...] *la caricatura es aquí un documento fundamental, cuya lectura y desciframiento permite entender la época en estudio observando las dinámicas de los enfrentamientos facciosos por el usufructo del poder y el papel que desempeña el documento como parte de la estrategia de esas luchas entre grupos rivales; igualmente, es un recurso que permite descubrir la forma en que se generaban determinados imaginarios en torno de ciertas personalidades del momento.*

Armas ficou conhecido por criar o personagem “Julito 26”, uma pequena figura barbuda que representava os rebeldes e Fidel Castro. Há um “Julito 26” em quase todas as edições do jornal representando as manchetes e outras importantes mudanças que aconteciam no período.

Figura 14- LIMPIEZA



Autor: Bidopia

Fonte: *Revolución*, ano 2, n.33, 13/01/1959, p. 3.

A primeira aparição de “Julito 26” no *Revolución* ocorreu na edição de nº 43 no dia 24 de fevereiro de 1959. O personagem de Chago Armas encarnou elementos semelhantes aos rebeldes. Fora o “26” cravado na boina, arma em punho e barba *Julito* foi apresentado ao leitor da seguinte maneira:

*Pequeño y barbudo, pero grande en alma y espíritu, ese es JULITO 26, sus aventuras trabajos e inquietudes son y han sido las de todos los que lucharon por esta patria nueva de hoy y que continuarán sacrificándolo todo por ella. Creado en la Sierra Maestra, cobra vida hoy, para este pueblo que ama y que todos amamos*



Figura 15 - "El Manengue Arribista"



Autor: Chago Arias

Fonte: *Revolución*, ano 2, n. 43, 24/01/1959, p. 8.

Nota-se no simpático barbudo a materialização dos próprios desejos e ações da Revolução. Encantado com a liberdade alcançada com a vitória sobre Batista, a grandeza de sua alma abnegada exulta de alegria ao saber que todo tipo de sacrifício valeu a pena por esse “*pueblo adorable*”. Ademais, as aventuras de *Julito 26* guardam histórias de suspense e humor – tal como o susto que leva ao encarar a própria sombra na quarta quadrícula (fig. 15).

Figura 16 – LAS COSAS CAMBIAN



Autor: Chago Armas

Fonte: *Revolución*, ano 2, n. 55, 07/02/1959, p. 16.

*Julito 26* também teve contato com os camponeses cubanos, o primeiro registrado no *Revolución* é este que vemos acima (fig.16). Como o foco desta pesquisa não é esmiuçar o tratamento dessa fonte, optamos por selecionar apenas esta, todavia a sondagem desse tipo de fonte no jornal é um empreendimento sem dúvidas válido e riquíssimo. No título da tirinha lê-se: “*LAS COSAS CAMBIAN*” e vemos aviões sobrevoando a *Sierra Maestra* e o drama de uma família camponesa

que vivia naquela região. Durante a luta insurrecional na década de 1950, os aviões de Batista, equipados com armas estadunidenses, bombardeavam a *Sierra* e causavam um impacto mortífero para as forças rebeldes, mas, sobretudo para a população rural que perdiam seus filhos, animais, colheitas e suas humildes casas.

Armas representou um trecho desse drama cubano, o qual pode ter presenciado *in loco*, com uma mãe que corre com seus dois filhos no braço. Então entra em cena *Julito 26*, e desfaz o mal-entendido e esclarece o problema “*¡Un momento amigos! Vean, ¡que ahora son!*”; com ele não são rachadas de metralhadoras que descem dos céus, mas sim presentes para os dois filhos dessa família, um menino e uma menina. Feliz com os presentes que divertem seus dois filhos o camponês anuncia: “*Si Julito, ya veo como las cosas cambian*”. De maneira condensada, essa tirinha transmite uma mensagem de esperança e confiança que os camponeses deveriam depositar no governo revolucionário, pois este operaria mudanças radicais na vida do campo.

Por fim, Chago também colaborou em revistas como *El Pitirre*, *Bohemia* e *Palante*. O crescimento artístico de Chago pode ser notado em sua série existencial *Salomón*, *El Outro Humor* e *El Humor Ninguno*. Além disso, em 1961 ajudou na fundação da *Unión de Escritores y Artistas de Cuba* (UNEAC), no ano seguinte tornou-se membro da *Unión de Periodistas de Cuba* (UPEC) e contribuiu na fundação do periódico *Granma*, em 1965.

### **2.3.2.2. Compre já sua Kodak Brownie Starflex e vista nossas peças Ariguanabo para “*hacer nuestra gran zafra cubana*”.**

Dividiam dentro do *Revolución*, entre um discurso e outro de Fidel, das propostas de dinamização da economia e demais medidas e acontecimentos no cenário cubano, propagandas de cigarros, roupas, calçados, relógios, chapéus etc. Na sequência nos deparamos com a venda de uma câmera bastante comum na época que provavelmente fora utilizada na época por alguns fotógrafos do *Revolución* (fig. 17).

Trata-se de uma Kodak Brownie Starflex um dos produtos mais característicos da Kodak. Uma câmera facilmente manuseável, sua comercialização visava principalmente fotógrafos amadores ocasionais. Era uma pequena e simples câmera reflex de lente gêmea baseada no design de Arthur H. Crapsey. Ademais se

introduzia no mundo da fotografia o registro a cores, no caso dessa Kodak o usuário podia optar por fotos preto e branco ou colorida. O estilo é de uma câmera reflex de lente dupla, mas o foco da câmera era fixo, já sua tela de visualização era apenas para fins de enquadramento. Sem foco ou seleção de abertura regulável, esta câmera seguiu fielmente o slogan de seu fundador George Eastman “você aperta o botão, nós fazemos o resto”. Essas câmeras da Kodak Brownie Star foram muito populares, cerca de 10 milhões da série Star foram feitas a partir de 1957, com versões variadas que continuaram até o final da década de 1960 (NAKAMURA, 2011).

Figura 17 – LA ALEGRIA FAMILIAR PERDURA EM FOTOS TOMADAS CON FLASH



**LA ALEGRIA FAMILIAR PERDURA EN FOTOS TOMADAS CON FLASH**  
Tome sus fotos hoy... para disfrutarlas siempre.

**Cámara Brownie Starflex**  
con visor grande tipo reflex.

Vea la escena tal y como va a salir, en el visor tipo reflex de la cámara Brownie Starflex. Tome instantáneas en blanco y negro, a colores o transparencias en colores. Es sencillísimo tomar fotos dentro de la casa, basta con colocar el portalámparas y apretar el botón. Es una cámara extraordinaria... cuesta poco adquirirla y es muy económica usarla.

Cámara: \$14.00  
Portalámparas: \$ 4.85

Cómprala a su Distribuidor Kodak más cercano  
KODAK CUBANA LTD. Calle 23 No. 156, Vedado

1557

**¡GRATIS!** Se regala a COLORES con la compra de cualquier cámara de cualquier cámara. Le enseñamos a tomar fotos en COLORES con cualquier cámara.

**KODAK**  
DEPARTAMENTO FOTOGRAFICO  
Gobierno 104 - Tel. A 4086

*ElArte*

Fonte: Revolución, ano 2, n.55, 07/02/1959, p. 9.

No alto da propaganda lê-se: “LA ALEGRIA FAMILIAR PERDURA EN FOTOS TOMADAS CON FLASH, Tome sus fotos hoy...para disfrutarlas siempre”, associado esse anúncio vê-se o registro de uma criança sentada brincando com seu carrinho na mesa de jantar. A junção da imagem e do texto sugeria que o público alvo fosse sensibilizado para que momentos felizes e únicos não fossem perdidos. Logo abaixo está a solução: a “Cámara Brownie Starflex con visor grande tipo reflex”. Como ela:

*Vea la escena tal y como va a salir, en el visor tipo reflex de la cámara Brownie Starflex. Tome instantáneas en blanco y negro, a colores o transparencias en colores. Es sencillísimo tomar fotos dentro de la casa, basta con colocar portalámparas y apretar el botón. Es una camarita extraordinária...cuesta poco adquirirla y es muy económica usarla (REVOLUCIÓN, ano 2, n. 55, 07/02/1959, p. 9).*

Nessa propaganda a câmera custava \$14.00 e \$4.85 para o porta lâmpadas, o comprador deveria ir até a distribuidora da Kodak localizada na Rua Calle 23 n. 156, Vedado. Caso o usuário não soubesse manusear o filme colorido muito bem, o departamento fotográfico *El Arte* daria gratuitamente na compra de qualquer câmera, um rolo de filme colorido e um pequeno curso de como “*tomar fotos en COLORES... cualquier cámara*”.

Em algumas propagandas o público ao qual visava atingir mesclava sua tentativa de angariar compradores com os objetivos da Revolução, como vemos no anúncio de venda de roupas da Companhia Textilera Ariguanabo, S.A. (fig. 14).

Em caixa alta lê-se: “*¡ZAFRA GRANDE!*”, logo abaixo vemos um camponês com roupas convencionais e o inseparável chapéu de palha amolando seu *machete* acompanhado da frase “*llegó el momento de afilar la mocha*”, na sequência ele sustenta com admiração a camisa de mangas longas “*CEFIRO ARIGUANABO*” na qual vem com uma marca interna para distingui-la de uma camisa comum. O anúncio orienta para que o comprador “*Busque esta marca impresa en el tejito*” como garantia de suas qualidades: “*una tela fresca, resistente y duradera*”. Depois de amolado seu facão e comprado a camisa, restava-lhe “*sus pantalones de ARIGUANABO 3220*”, cuja marca também deveria estar impresa no tecido assegurando assim virtudes de “*El más fuerte, encubridor, cómodo y económico*”. Devidamente paramentado o camponês sai contente com seu facão, camisa e calça Ariguanabo para “*hacer nuestra gran zafra cubana*”.

Figura 18 - “¡ZAFRA GRANDE!”



Fonte: *Revolución*, ano 2, n.60, 13/02/ 1959, p. 7.

### 3. O breve protagonismo do *Campo de Revolución*

Voltado principalmente para o público camponês, o suplemento *Campo de Revolución* contempla, temas relacionados à política de redistribuição de terras, à orientação revolucionária, à higiene pessoal e a difusão cultural própria à população camponesa. Publicado pela primeira vez no dia 3 de outubro de 1959, ou seja, cinco meses depois de implantada a Lei de Reforma Agrária (17 de maio), sob a direção do Movimento 26 de Julho, pode-se reparar em suas publicações semanais a presença de charges, retratos, fotografias e ilustrações relacionadas com um ou mais textos publicados.

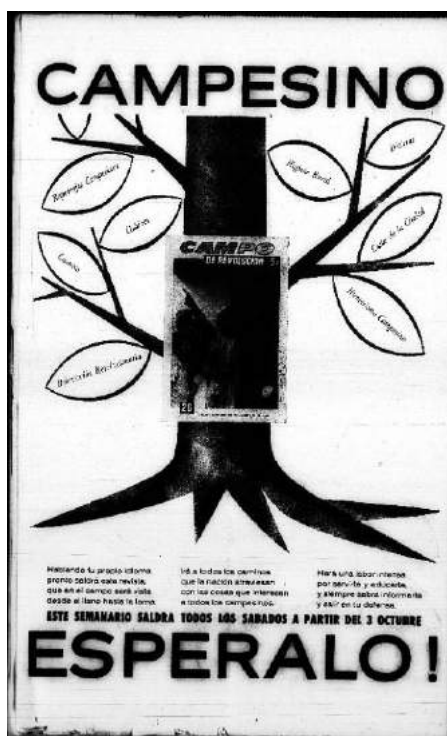
Colaboraram com o suplemento, por exemplo, o fotógrafo Alberto Korda e o poeta cubano Samuel Feijó (1914-1992). O suplemento encerrou suas publicações em novembro do mesmo ano sem qualquer justificativa para seu fechamento. Nesse caso, supomos que o núcleo das ideias que nortearam o suplemento tenha se diluído no *Revolución*. Cabe destacar que esse suplemento receberá atenção especial nessa pesquisa já que houve uma tentativa de criar um espaço exclusivo de interação com o público camponês.

Desvendarmos as causas que ocasionaram no fechamento do suplemento infelizmente estão fora de nossa alçada. Nenhuma nota de esclarecimento no *Revolución* ou pesquisa fizeram qualquer menção a isto. Sendo assim, gravitamos somente na superficialidade de prováveis causas do seu fim como, por exemplo: desavenças internas entre os colaboradores do jornal e do suplemento; excesso de papel usado pelo periódico uma vez que já estava em circulação o *Lunes de Revolución* dirigido por Cabrera Infante e publicava-se com regularidade e uma última hipótese me leva a pensar que outras instâncias de poder tenham interferido diretamente, uma vez que segundo Carlos Franqui, volta e meia Fidel frequentava as dependências do jornal e dava suas sugestões. Contudo, sabendo que pouco ou quase nada avançaríamos nessa discussão, o terreno mais firme no qual podemos pisar refere-se ao seu nascimento propriamente dito.

### 3.1. **CAMPESINO ESPERALO! O Campo alcançará suas mãos.**

*Campo de Revolución* veio oficialmente a público no dia 3 de outubro de 1959, mas a sua propaganda no *Revolución* data desde o dia 29 de setembro como atesta a figura (19) a seguir:

Figura 19 – *CAMPESINO ESPERALO!*



Fonte: *Revolución*, ano 2, n. 252, 29/09/1959, p. 20.

Pregada à árvore no centro da imagem nos deparamos com o que seria a primeira edição de *Campo* e nela consta uma fotografia com um grupo de pessoas. A mensagem é clara: “*CAMPESINO ESPERALO!*”. As folhas comportam os temas que o suplemento pretendia abordar como: “*Reportajes Campesinos*”, “*Cuentos*”, “*Cultivos*”, “*Orientación Revolucionaria*”, “*Higiene Rural*”, “*Décimas*”, “*Carta de la Ciudad*”, “*Humorismo Campesino*”. Além dos conteúdos culturais, de cuidados com a higiene e a orientação revolucionária aqui voltada exclusivamente para a população camponesa, o suplemento não pretendia restringir-se somente a ele, nota-se também uma tentativa de integração entre campo e cidade. Sob as raízes dessa árvore todos esses pontos foram reforçados, vejamos:

*Hablado tu propio idioma pronto saldrá esta revista, que en el campo será vista desde el llano hasta la loma. Irá a todos los caminos que la nación atraviesan con las cosas que interesan a todos los campesinos. Habrá una labor intensa por servirte y educarte, y siempre sabrá informarte y salir en tu defensa* (REVOLUCIÓN, ano 2, n. 252, 29/09/1959, p. 20).

Portanto o suplemento alçava-se como educador e defensor dos interesses dos camponeses. Falando seu próprio idioma ele chegaria a todos os pontos cardeais da Ilha, cujos frutos (ausentes na árvore) seriam colhidos com o passar do tempo. Passemos agora para algumas de suas características internas.

No total foram editados sete números de *Campo* entre os dias 3 de outubro e 14 de novembro dos quais não obtivemos acesso da primeira edição.

Os leitores adquiriam *Campo* aos sábados ao preço de cinco centavos. Ao abri-lo, esse mesmo leitor, deparava-se com um periódico em formato de tabloide com cinco colunas e vinte páginas. Entre as colunas, fotografias, desenhos e charges recebiam maior destaque se comparado ao texto escrito. Vale recordar que segundo estatísticas a taxa de analfabetismo naquele período era alta para a população rural, sendo assim, crê-se que tenham considerado esses dados no momento de criação do suplemento, explorando ao máximo as ilustrações.

*Campo* era produzido no mesmo local que *Revolución*, ou seja, na Rua Carlos III n. 615 em Havana, mas designado à autoria do “*ORGANO CAMPESINO DEL MOVIMIENTO 26 de JULIO*”. Sem demais informações sobre os responsáveis pelo suplemento, temos somente os nomes dos colaboradores tais como apresentados na tabela 1.

Tabela 1 - Colaboradores do Campo de Revolución

	2ª edição 10/10	3ª edição 17/10	4ª edição 24/10	5ª edição 31/10	6ª edição 07/11	7ª edição 14/11
Colunistas	Dr. José Sera Ricardo Cardet Salvador López Santiago Cardosa Arias	Dr. José Sera Cira Sánchez de González Sacaari S. Cardosa Arias Vicente Cubillas	José Bodes R. Cardet S. Cardosa Arias V. Cubillas	C. de González Dr. José Sera R. Cardet Jose G. Villareal S. Cardosa Arias	Fausto Masó José Bodes S. Cardosa Arias Guillermo Cabrera Infante	Dr. José Sera José Lorenzo Fuentes Pedro Meluzá S. Cardosa Arias
Fotógrafos	Ernesto Fernández Raúl Corrales Samuel Feijóo	E. Fernández	E. Fernández R. Corrales	E. Fernández Tirso Martínez	E. Fernández Jesse Fernández R. Corrales	César Fonseca E. Fernández R. Corrales
Cartunistas	Antonio Valdes Diaz	Valdes Diaz	Antonio Valdes Diaz	Antonio Valdes Diaz	Antonio Valdes Diaz	Antonio Lazo Valdes Diaz

Elaborado pelo autor

Fonte: Campo de Revolución, ano 1, n. 2-7.

Os conteúdos das matérias cumpriam rigorosamente com os objetivos da propaganda de seu lançamento, ou seja, eram voltados para a educação dos camponeses. Colaboradores como o jornalista Santiago Cardosa Arias (1933-2016)<sup>48</sup> além de narrar as conquistas que até então a Revolução lhes havia concedido, aproximava-os dela lembrando o momento que grande parte dos camponeses “acogieron al llamado que desde la Sierra Maestra les hacia el doctor Fidel Castro por Radio Rebelde”. Em seus textos, como da matéria do dia 10 de outubro intitulado “LA NOCHE QUEMARON EL HORNO”, pré-concebiam-se que o espírito revolucionário ardia em cada “campesino, cada niño, cada mujer, cada anciano, era rebelde en potencia” (CAMPO DE REVOLUCIÓN, ano 1, n. 2, 10/10/1959, p. 2-3).

<sup>48</sup> Nasceu em oito de maio de 1933 em Baracoa, região oriental de Cuba, cidade onde na adolescência vendeu jornais, tornou-se aprendiz de tipógrafo e, posteriormente, em 1951, começou a publicar no periódico *La Semana* seus primeiros textos jornalísticos. Na década de 1950, Cardosa Arias realizou atividades de propaganda revolucionária junto ao Partido Socialista Popular, ao *Directorio Revolucionario 13 de Marzo* e posteriormente cooperou com uma célula do M-26/7 espalhando números clandestinos do periódico *Revolución* ao qual, posteriormente, se incorporou como jornalista. Cardosa Arias, dedicou quase meio século ao jornalismo no qual marcou passagem nos periódicos *Carteles*, *Revolución* e *Granma*. Em 1959 integrou-se ao *Revolución*, assim como também Presidente da delegação da *Unión de Periodistas de Cuba* (UPEC), Secretario do *Comité del Partido Comunista de Cuba* e dirigente sindical. De sua autoria há vários livros dedicados ao jornalismo, como *El reportaje y el reportero* (2008), *Ahora se acabó el chincheró* (1963), *Pablo de la Torriente Brau* (1978) e coautor de *Reportajes de la nueva vida* (1980), *Playa Girón, derrota del imperialismo* (1962) e *Testimonios sobre el Che* (1990), entre outros. Ao longo de sua carreira profissional, Santiago Cardosa Arias recebeu inúmeras condecorações, sendo a última delas em 2014 quando foi contemplado com o *Premio Nacional de Periodismo José Martí* (FRANCISCO, 2014).



Ricardo Cardet, que já atuava dentro do *Revolución* com temas relacionados à reforma agrária, atualizava o leitor a respeito dos debates que envolviam os graduais progressos desta. Por exemplo, em “*Apogeo del INRA*”, apresentou-se brevemente algumas decisões da segunda plenária de discussão dos rumos da reforma agrária. Nesse ínterim o suplemento se encarregaria de trabalhar junto com o INRA para divulgar ao público leitor, “*la opinión pública, nacional y continental, lo que en tan pocos meses se ha realizado en Cuba. Alguns cuyos logros son tan substanciales que parecerían increíbles si no estuvieran patentes como obras de ingeniería*”.

Aos cuidados do médico José Sera, havia uma coluna no *Campo* reservada a saúde rural. O primeiro artigo de Sera foi: “*LA LETRINA SANITARIA, garantia para evitar serias enfermedades*” (CAMPO DE REVOLUCIÓN, ano 1, n. 2, 10/10/1959, p. 14). Nesse texto o médico orienta o leitor acerca da construção de uma latrina sanitária para evitar-se doenças parasitárias. De acordo com José Sera, de nada adiantaria o governo revolucionário medicamentar “*al hombre del campo*” dando-lhe “*remedios que curaran las lombrices y los parasitos de sus hijos*” se no dia seguinte “*ya empiezan a infectarse de nuevo*”. Para José Sera, a “*LETRINA SANITARIA*”, se devidamente construída, diminuiria drasticamente uma série de doenças que afetavam as famílias do campo como “*tifo, paratífica<sup>49</sup>, disenterias, diarreas infecciosas*” cuja época provocavam “*miles de muertres en el campo*”, já os que não morriam, consumiam “*todo el producto del trabajo campesino*”. Àqueles que não dispusessem dos materiais para a construção da latrina, o *Instituto Técnico de Salubridad Rural* se encarregaria de distribuí-los gratuitamente junto com medicamentos antiparasitários nos principais municípios cubanos e zonas rurais.

Depois de apresentadas as orientações, objetivos e benesses da latrina sanitária, José Sera expõe um estudo realizado que demonstra que de cada dez camponeses cubanos, sete padeciam de parasitismo. “*Noventa de cada cien la padecen entre uno y veinte años de edad, siendo mayor el número de los parasitos*

---

<sup>49</sup> A febre paratifoide (ou paratifo) é uma infecção intestinal bacteriana muito parecida com a febre tifoide, mas de menor gravidade. A febre paratifoide é causada pela ingestão de alimentos contaminados com a bactéria *Salmonella paratyphi* (tipos “A”, “B” ou “C”), especialmente ovos, carnes e ostras. Os principais sintomas são: febre alta, diarreia intensa, mal-estar, tosse seca, dor de cabeça e dor de barriga. As medidas preventivas da febre paratifoide, bem como o tratamento específico, são as mesmas da febre tifoide: a) melhoria das condições sanitárias; b) tratamento de água e o esgoto e o lixo adequadamente descartado; c) lavar bem as mãos e cozinhar bem os alimentos e, c) beber somente água fervida ou filtrada.

*entre los niños*". Conforme este mesmo estudo "71,61 por ciento de los cubanos padecen de paratismo". O mapeamento desta doença apontava os seguintes índices: *Pinar del Rio* (84,89%); *La Habana* (82,55%); *Las Villas* (66,2%); *Camagüey* (64,2%) e *Oriente* (68,3%). A esperança de ver esses males dizimados, seria graças a reforma agrária, pois "*los campesinos tendrán viviendas con piso de cemento, asistencia médica y mejor alimentación*", conclui <sup>50</sup>.

A única mulher que figurou no quadro desses colaboradores de *Campo* foi Cira Sánchez de González. Em "*CORTE Y COSTURA: SISTEMA DIDÁCTICO*", ela propôs um curso para que as camponesas cubanas aprendessem a costurar em poucos meses, graças a esta revista: "*CAMPO llegarán mis consejos mi enseñanza mediante Sistema Didáctico*". Esse sistema segundo relata, foi inventado por ela no intuito de que mães e filhas do campo partissem para uma costura mais "profissional", pois a Revolução necessitava de seus esforços "*como una contribución de nuestro país*". Se tal intento vingasse, Cira acreditava que outras conquistas seriam desencadeadas na geração de emprego e no desenvolvimento da economia no setor têxtil.

*Tú vas a ver que si nos empeñamos, llegará el día en que haremos grandes conquistas y nos beneficiaremos todos por igual, tendremos más vestidos, se fabricarán más telas en los telares cubanos, habrán más industrias, miles de cubanos que están ahora sin trabajo laborarán en las fábricas de encajes, de cintas, de botones, de hilos, de alfileres, etc. y lograremos a fuerza de constancia y sacrificio, que Cuba, nuestra patria, en pocos años se convierta en la tierra que soñó Martí. (CAMPO DE REVOLUCIÓN, ano 1, n. 3, 17/10/1959, p.15).*

Além da atenção com a saúde no campo, com o trabalho para homens e mulheres e com as conquistas do governo revolucionário, o suplemento também

---

<sup>50</sup> As demais matérias do médico José Sera foram: a) do dia 17/10/1959 sobre os cuidados com a higiene da mulher durante a gravidez e as coisas que ela poderia ou não fazer durante a gestação como pegar peso em excesso e se alimentar com regularidade; b) do dia 31/10/1959 a respeito dos cuidados com as crianças com menos de um ano. Nessa fase o médico orientou as mães a terem maior zelo com a alimentação. Crianças recém-nascidas deveriam prioritariamente ser alimentadas com leite materno a cada três horas. A partir do segundo mês poder-se-ia adicionar papinhas no seu regime e do terceiro mês em diante adicionar sopa de vegetais com carne e etc. Já do quinto mês as crianças poderiam comer praticamente de tudo. Conforme José Sera esses detalhes com a alimentação são importantes porque "*veo con frecuencia niños de un año o más edad que los traen anémicos, desnutridos, faltos de apetito y de vitalidad, y al investigar su alimentación encontramos que lo único que toman es leche u otros líquidos, y después resulta difícil encaminarlos bien*"; e c) sua última participação no dia 14/11/1959, o médico voltou-se aos cuidados com crianças entre 4 e 6 anos de idade. Nessa faixa etária, os problemas com parasitas começam a surgir e para evitá-los aconselhou que os pais fizessem um cercadinho forrado com palha para que as crianças evitassem o contato direto com o solo.

abarcou em suas páginas espaço para a cultura camponesa com as chamadas *décimas*.

Culta e popular, aprendida e improvisada, escrita ou cantada, os pequenos poemas octossilábicos, de origem espanhola, fincaram suas raízes na tradição camponesa de Cuba, assim como, em Porto Rico, México, Santo Domingo, Panamá, Colômbia, Venezuela, Chile, Argentina, Peru e Brasil<sup>51</sup>. Segundo alguns pesquisadores cubanos, os lugares e as províncias onde vivem com maior intensidade a *décima* de tipo popular, especialmente em sua modalidade de poesia improvisada, coincidem com os locais onde houve maior imigração canária. Segundo Maximiano Trapero (2003, p.392),

*la geografía cubana del tabaco y de los frutos menores coincide exactamente con la geografía de la décima y las tonadas campesinas: las provincias de Pinar del Río, de La Habana, de Matanzas, de Las Villas, de Sancti Spíritus, de Ciego de Ávila... De tal forma que en regiones como Sancti Spíritus y Morón, en que el tabaco, con sus canarios, y la caña, con sus negros, se han compartido históricamente las tierras, vemos producirse el mestizaje instrumental de la música campesina.*

Com o triunfo da Revolução os decimistas ocuparam novos espaços nas rádios e nos programas de televisão que resultou na promoção dos poetas e seus versos. Promoveram-se concursos literários especialmente para esse estilo e iniciou-se a celebração da *Jornada Cucalambéana*<sup>52</sup>, principal festa da cultura camponesa

---

<sup>51</sup> Em solo brasileiro, as *décimas* são encontradas na região nordeste do país. Originário do ibérico, mas com fisionomia própria, inclusive pela riqueza e variedade das formas de estrofes usadas. Há três estilos mais utilizados principais são: os dez de queixo caído, martelo alagoano e galope à beira-mar. Estes estilos são idênticos em estrutura de versos – com improviso de nove linhas (versos), sendo completos por um verso fixo, o tema –, diferenciando-se apenas na quantidade de sílabas por verso. Os três são usados para desafios, com níveis de dificuldade distintos. Um estilo muito antigo, já quase em desuso, os dez de queixo caído é feito em sete sílabas. O martelo alagoano, cuja estrutura é a mesma usada no século de ouro na Península Ibérica, é feito em dez sílabas e ainda é muito usado em cantorias. Já o galope à beira mar, que se faz com onze sílabas, é o estilo mais difícil para os cantadores, por conter versos mais extensos e a toada mais rápida. Entretanto, apesar de se tornarem cada vez mais raros, ainda encontramos no sertão alguns romances ibéricos ou iberizantes compostos na forma monorrímica (SUASSUNA, 1997, p. 219; PAIVA, GONDIM, 2016, p. 101)

<sup>52</sup> Criada em 17 de maio de 1961 a *Asociación Nacional de Agricultores Pequeños* (ANAP) é a uma organização de cooperativistas, camponeses e seus familiares cujas projeções estão embasadas e orientadas para o cumprimento da política agrária da Revolução. Ademais, a ANAP também se empenhava em organizar festivais de aficionados da música camponesa e em 1962 celebrou sua primeira edição nacional. No ano seguinte, declarou-se no Primeiro Congresso da organização camponesa, a criação de grupos amadores de todas as regiões com o objetivo de salvaguardar as tradições camponesas. Nesse contexto de disponibilização de um espaço para que os camponeses expressassem suas representações artísticas, originaram-se as Jornadas Cucalambéanas. Essas jornadas se realizam no dia de nascimento de Juan Cristóbal Nápoles Fajardo, El Cucalambé, em 1º de julho, com o objetivo de render-lhe homenagem e revitalizar o conhecimento da obra de quem foi o maior decimista no século XIX. O que começou como uma reunião de admiradores de Nápoles Fajardo

onde decimistas e repentistas se encontravam todo ano para esgrimir seus melhores versos. Recentemente, os pontos de encontro dos decimistas são o “*Encuentro Festival Iberoamericano de la Décima* e o *Centro Iberoamericano de la Décima y el Verso Improvisado*”.

Quanto ao conteúdo das décimas cubanas notam-se diversos temas como: “*el amor, a la Patria, a la naturaleza, a las costumbres, a la gran multiplicidad de sentimientos humanos, a hechos y sucesos famosos o interesantes, para elogiar a personalidades...*” (CUÉ, s.d., p. 68). Conforme Carmen María Sáenz (1994, p.137), os poetas e repentistas cubanos mantêm similares linhas temáticas:

*Los referidos a las relaciones de pareja (celos, fidelidad, infidelidad, amor eterno, etc.) sentimientos patrióticos, temas económicos, temas sociales sobre el mejoramiento del nivel de vida y los medios de producción en el campo cubano, descripciones de la naturaleza. Otros aspectos tratados generalmente por poetas populares virtuosos son los de la muerte, la décima y su historia, la rivalidad de puntos de vista entre los hombres.*

No suplemento *Campo*, há a presença de décimas cujos temas não se enquadram especificamente nos referidos pelas autoras. A estas décimas denominamos de revolucionárias, pois seu conteúdo além de versar sobre alguns aspectos próprios do trabalho no campo como: colher, plantar e cuidar do gado, visam exaltar os feitos e desdobramentos da Revolução e motivar os camponeses a trabalharem e construírem. A seguir apresentamos alguns exemplos desse tipo escritas pelo autor identificado por Dorsaval.

Figura 20 - REVOLUCIÓN ES CONSTRUIR.

**1**

*Siembra fragantes rosales  
en tu batey, campesino,  
y a la orilla del camino  
siembra árboles frutales.  
Para acabar con los males  
que a tí te hicieron sufrir,  
tú vas a contribuir  
a engrandecer tu nación...  
y eso es Revolución:  
¡trabajar y construir!*

**6**

*Del uno al otro confín  
de mi Cuba, que ahora es  
[tuya,  
que tu brazo contribuya  
a convertirla en jardín.  
Como ya tienes ¡al fin!  
tierra tuya en que sembrar,  
ahora te vas a dar  
todo entero a la nación...  
y eso es Revolución:  
¡construir y trabajar!*

---

tornou-se a partir de 1964 um encontro com a tradição folclórica camponesa (ALONSO RODRÍGUEZ, 2011).

Quanto às fotografias do jornal e suplemento, que trataremos logo nos capítulos subsequentes, observam-se previamente contribuições de inúmeras personalidades das mais distintas procedências (políticas, intelectuais, filosóficas e profissionais) cujo empenho para difundir os feitos da Revolução, no âmbito nacional e internacional, influíram no campo da cultura e educação de seus leitores. Além disso, nessa fase *Autor: Dorsaval.* revolucionária que nascia *Fonte: Campo de Revolución, ano 1, n.3, 17/10/1959, p.9.* imbuída pelo novo e pela sede de mudanças, ambos os meios citados se tornaram potentes núcleos de informação, congregando uma substancial parcela de profissionais das artes, do jornalismo.

## CAPÍTULO 2: ITINERÁRIO VISUAL REVOLUCIONÁRIO:

*Me paro frente a él [Che Guevara] y me pregunta: "¿Y tu fusil?" Yo "bueno, no traigo fusil". "En la guerra no se puede combatir sin arma, aquí hombre se nos sobra, pero se no tienes fusil no se puede incorporar". Pero en ese momento él mira y dice "¿Y esa cosa ahí?" Y le dije "eso es una cámara fotográfica y yo soy fotógrafo"... Yo le dije: "Mira, vine a combatir y me dijo: "aquí hay cocinero, hay gente que arregla los uniformes, así que eso también es una forma de combatir y de cumplir con su trabajo"... "Entonces se es así me quedo de fotógrafo".*

Perfecto Romero

### 4. Proto-fotojornalismo cubano: todas as lentes voltas para a guerra.

O pesquisador português Jorge Pedro Sousa em sua obra *Uma história crítica do fotojornalismo Ocidental* (2000) cunhou o termo proto-fotojornalismo com o propósito de singularizar de um lado a prática fotográfica de meados do século XIX e do outro, o estilo fotográfico exercido nos 1920-30 a qual denominou de fotojornalismo moderno. No primeiro caso, a guerra foi tema privilegiado<sup>53</sup>, por um lado, devido a atração das pessoas pelo assunto, e por outro, pelos diversos conflitos entre os países industrializados na segunda metade do século XIX, todavia as fotografias “eram publicadas sem ter em conta o resultado global, tinham todas o mesmo tamanho (provocando a ausência de ritmo de leitura e não dando pistas para uma leitura mais hierarquizada da informação visual)” e eram, na maioria dos casos, planos gerais (SOUSA, 2000, p. 70). Por sua vez, o fotojornalismo moderno despontava pela forma

---

<sup>53</sup> A fotografia na sociedade do século XIX, de acordo com Annateresa Fabris (2008, p. 24), também foi utilizada como instrumento de propaganda em reportagens militares, exemplificada pelo registro de Roger Fenton da Guerra da Criméia em 1855 e de Mathew Brady e seus colaboradores, Alexander Gardner e Timothy O’Sullivan na Guerra Civil norte-americana uma década após o registro de Fenton. No caso deste fotógrafo embora suas cartas retratem os horrores do conflito, suas imagens estáticas e tranquilas – planos gerais posados, mesmo quando parecem instantâneos de uma ação – dão conta de uma “guerra limpa”, isso devido as limitações técnicas – pelas placas de colódio úmido e pelo tripé – e, segundo afirma-se, pela própria firma que encomendou o serviço – Agnews & Sons – que não fossem imagens que chocassem as famílias dos soldados.

como tecia articuladamente texto e imagem (ns) como por exemplo nas revistas ilustradas alemãs da “nova vaga”. Para o autor nessa nova fase:

Já não é apenas a imagem isolada que interessa, mas sim o texto e todo o “mosaico” fotográfico com que se tenta contar a “estória”, não raras vezes interpretando-se o acontecimento, assumindo-se um ponto de vista, esclarecendo-se ou clarificando-se, explorando-se a conotação, mesmo que não se desse conta disso (*Ibidem*, p. 72).

Historicamente, as primeiras fotografias realizadas em Cuba sob esse aspecto proto-fotojornalístico foram obtidas na Guerra dos Dez Anos entre 1868 e 1878. E, a não existência de um grande número delas deve-se sobretudo às dificuldades técnicas que se apresentavam aos fotógrafos, que no caso tinham que preparar as placas (colódio úmido) no instante da captura dos registros. Além disso, os meios de transporte do pesado e sensível equipamento fotográfico para o palco da guerra, era outro fator determinante para tão poucas fotografias, pois muitas placas de vidro quebravam nos trajetos<sup>54</sup>.

No decorrer desses dez longos anos de conflito, um punhado de fotógrafos espanhóis, autorizados pelas autoridades coloniais deixaram algum testemunho gráfico daquela guerra, que foi recolhida em dois álbuns: 1) o *Álbum Histórico Fotográfico de la Guerra de Cuba desde su principio hasta el Reinado de Amadeo I, dedicado a los beneméritos cuerpos del Ejército, Marina, y Voluntarios de la Isla, que tiene 24 grandes imágenes del fotógrafo gallego Leopoldo Varela y Solís, con textos de Gil Gelppe Ferro (1872)*; e 2) *La paz de Cuba. Ocurrencias de la Campaña de Cuba durante el tratado de paz, compuesto por diecisiete vistas tomadas en diferentes puntos del Departamento Oriental por Elías Ibáñez de 1878*.

Na Guerra de Independência Cubana (1895-1898), a fotografia, que até então chegava às mãos de um público restrito por meio dos álbuns, ao poucos conquistava um público maior e menos seletivo a partir do momento em que tornava a ilustração fundamental das publicações gráficas da imprensa cubana como: *La*

---

<sup>54</sup> O inglês Frederick Scott Archer (1813-1857), em 1848 descobriu que o colódio, uma solução viscosa de piroxilina, quando misturada a outros reagentes e que em contato com nitrato de prata, se torna um material sensível à luz. A técnica consiste na aplicação deste colódio ainda líquido em uma placa de metal ou vidro que deve estar bem limpa, criando-se então uma película muito fina. Esta placa é submersa por alguns minutos em uma solução de nitrato de prata tornando-se assim fotossensível. Em seguida quando retirada do banho de nitrato de prata, agora fotossensível, esta placa é colocada ainda úmida em um *dark slide* para que seja exposta através da câmera. O tempo de exposição destas placas para que seja possível gravar uma imagem é bastante longo e depende de condições climáticas, mesmo estas sendo expostas à luz do dia. No geral, todo este processo a partir da retirada da placa do banho de prata até o ato de fotografar e revelar, leva-se em torno de 10 à 15 minutos acima deste tempo corre-se o risco do colódio secar limitando as chances de um bom resultado.

*Habana Elegante, El Hogar, El Fígaro, La Ilustración de Cuba, La Lucha y La Caricatura.*

O apetite da sociedade cubana por informações da guerra contribuiu para que a fotografia de imprensa adquirisse o status de registro fidedigno dos eventos. Periódicos como *El Hogar* e *El Fígaro* (1885-1929)<sup>55</sup> souberam apreciar esse apelo visual. De modo geral, as fotografias tomadas desta guerra não mostravam cenas típicas de um conflito bélico, pelo contrário preponderavam fotografias de cenários pacíficos, paisagens e retratos pessoais ou de grupos militares. Segundo alegou Ismael S. Ramirez (2010, p.126), estas revistas ilustradas publicaram mais imagens do exército espanhol do que de seus compatriotas<sup>56</sup>.

Os conflitos pela independência de Cuba voltaram à tona no dia 21 de abril de 1898, data em que os Estados Unidos formalmente declararam guerra aos espanhóis. No dia seguinte navios norte americanos deram início ao bloqueio dos portos cubanos e à Guerra hispano–cubano–norteamericana, cuja ação decisiva foi a derrota da esquadra espanhola comandada pelo almirante Pascual Cervera y Topete (1839-1909) no porto de Santiago de Cuba, em 3 de julho de 1898. Já em 1902 com a instauração da República de Cuba outra etapa da história da fotografia cubana também dava seus primeiros passos.

#### **4.1. Enquadramento do Épico: Cultura fotográfica cubana da década de 1960.**

Dos primeiros anos do século XX até meados da década de 1950 a fotografia cubana demonstrou um convívio harmonioso com os cânones vigentes de cada período. Aliás, com forte de fotógrafos residentes nos EUA. A título de exemplo vigoraram estilos fotográficos como retratos comerciais de estúdios, casamentos, graduações, vida social, o mundo do entretenimento, publicitária; e desde o ponto de vista experimental, por fotos dos membros do *Club Fotográfico de Cuba*<sup>57</sup>.

---

<sup>55</sup> José Gómez de la Carrera – até 1902–, e mais tarde, Rafael Blanco Santa Coloma. Ao primeiro se devem importantes reportagens gráficas da Guerra de Independência Cubana (1895-1898), na qual Gómez de la Carrera visitou tanto os acampamentos mambises (cubanos) como espanhóis. Outros fotógrafos que cobriram esse conflito para *El Fígaro* foram: Desquirón, Gregorio Casañas, Mestre, Elías Ibáñez, Ramón Carreras, Juan Pérez Argení, Miguel Reyna, Luis V. López, Trelles e o estúdio de Otero y Colominas.

<sup>56</sup> Outras fotografias significativas da Guerra de 1895 apareceram nas seções fixas de *La Ilustración Nacional* y de *La Ilustración Española y Americana* de Madrid, em *Cuba y América* (Nueva York 1897-La Habana 1899), e na revista norte americana *The Illustrated American*.

<sup>57</sup> Fundado em 1939 na cidade de Havana, o *Club Fotográfico de Cuba* era um grupo seletivo de aficionados e profissionais do meio fotográfico que surgiu com a intenção de intercambiar conhecimentos e discutir os últimos avanços técnicos e a evolução da fotografia. Foi também a primeira



Por outro lado, a prática fotográfica gestada desde os inícios do levantamento armado na *Sierra Maestra*, apresentava certa inclinação subversiva nas formas e usos adotados. Nesse caso, a fotografia serviu às necessidades de acompanhar e publicizar grande parte dos movimentos da guerrilha. Tempos mais tarde, com a vitória dos rebeldes, houve um renovado ato fotográfico onde os combatentes, passaram de maneira repentina, a ser o centro de interesse internacional e se converteram em objetivo prioritário de fotógrafos nacionais e estrangeiros.

As imagens tomadas a partir do triunfo revolucionário em 1959 foram denominadas pela primeira vez por María Eugenia Haya Jiménez (1944-1991) de "*Fotografía Épica*", pois captavam os processos de mudança sócio-políticos do país e içavam uma nova estética da fotografia latino-americana. A repercussão desse tipo de fotografia motivou a ida de fotógrafos de diversos países para documentarem as transformações em Cuba, como foi o caso do suíço Luc Chessex (1936 -) e de exposições internacionais como: *Fotografie Lateinamerika von 1860 bis heute* em Zurich (1981)<sup>58</sup> e "Um olhar sobre Cuba" uma exposição organizada no Brasil em 2014 pelo Museu da Imagem e do Som (SP).

De acordo com Eugenio V. Figueroa (2007, p.864), a "épica" era uma estratégia adotada para dizer em termos visuais aquilo que já era dito através do discurso verbal dos líderes do governo. Havia uma espécie de simbiose entre imagem e palavra que "*no hacían más que aumentar la redundancia y reducir al mínimo la polisemia y la ambigüedad*". Aliás, não deve-se perder de vista que grande parcela dessas fotografias estava dirigida aos meios de imprensa, e servia de apoiadora dos slogans ou aos discursos pronunciados pelos líderes, ou as notícias sobre os eventos que se sucederiam na década de 1960 (a explosão do *La Coubre*, a invasão da Baía dos Porcos, a crise dos mísseis, etc.). Tampouco há de ignorar, segundo Figueroa (2007, p. 864), "*que documentaban la popularidad que gozaban muchas de las medidas, decisiones y promesas del entonces joven gobierno y, por qué no, la catarsis general*".

---

instituição reconhecida a nível internacional como um grupo fotográfico cubano ao conseguir integrar-se a *Fédération Internationale d'Art Photographique* (VELOSO, 2009, p. 136).

<sup>58</sup> Esse trabalho circulou por grande parte da Europa com um catálogo em alemão e depois traduzido para o espanhol. Essa foi a primeira exibição compreensiva de fotógrafos latino americanos, resultado de um extenso trabalho da curadoria regida por pesquisadores de nenhum país latino (WARREN, 2006, p. 256).

No campo estético, a *Fotografia Épica* angariou profissionais que antes haviam se dedicado a realizar fotografias de arte e por isso, projetavam um desenho fotográfico com linhas verticais e diagonais que dava suporte a uma projeção dinâmica e matizada. Quanto aos sujeitos, retratavam uma imagem romantizada de líderes másculos, bonitos, misteriosos e inteligentes. Além desses atributos, esses mesmos líderes eram esculpidos de tal modo que refletissem uma relação harmônica destes com as camadas trabalhadoras, apagando assim as divisões entre a classe política e as pessoas comuns - Che Guevara e Fidel Castro, por exemplo, quase sempre foram fotografados vestidos em seus trajes militares tomando parte de trabalhos braçais como no corte de cana de açúcar e na construção civil.

Porém, essa lógica da *Épica* também se estendeu para os demais setores da sociedade como: operários, políticos e camponeses, cujas imagens eram captadas, principalmente, em momentos de regozijo popular, marchas e concentrações que lotavam as ruas das cidades de várias regiões do país. Foi graças às habilidades e experiências de alguns fotógrafos que trabalharam com fotografia de moda antes de se associarem à Revolução, que se nota a transferência de uma parcela da aura de glamour da fotografia comercial a um novo tipo de imagem construída para dar suporte a um imaginário renovado da Revolução.

Sobressaíram-se praticantes dessa tendência, fotógrafos como: Raúl Corrales, Alberto Korda, Osvaldo e Roberto Salas, Ernesto Fernández, Perfecto Romero, Mario García Joya e muitos outros que se tornaram ícones da história da fotografia cubana dos anos 1960. Depois do auge da *Épica* no primeiro decênio da Revolução, nas décadas seguintes, 1970 e 1980, parte desses fotógrafos exploraram outras expressões fotográficas distintas do fotojornalismo<sup>59</sup>. Entre uma e outra exposição é possível localizar uma importante tendência da prática fotográfica em Cuba que deslocava-se da tradição jornalística para as artes plásticas, a qual lhes

---

<sup>59</sup> A partir de 1980 surge uma nova geração que adotou um documentalismo mais conceitual como foi o caso de Raúl Cañibano, Abascal e Gonzo González. Também aparece uma nova tendência, fotográfica mais voltada para a estética e a formalidade. Retoma-se o estudo do corpo humano, da paisagem expressionista, do universo do artista e do auto-retrato. São alguns exemplos: René Peña, Marta María Pérez, Abigail González e Cirenaica Moreira, entre outros. Nos anos 1990 surgem artistas que mesclam técnicas fotográficas com outras manifestações artísticas para criar performances e instalações, basta citar Nadal Antelmo, Eduardo Hernández Santos e Tito Álvarez (1916-2002) que nos anos 1950 fez parte do Club Fotográfico de Cuba, onde foi premiado e continuou seu trabalho evolutivo nos anos 1990. Entre 1963 e 1978 trabalhou para o *Ministerio de Cultura de Cuba*, entrando na redação da revista *Revolución y Cultura* até 1997. Álvarez realizou uma fotografia humanista centrada na forma de viver das pessoas, assim seu trabalho mais conhecido se chama *Gente de mi barrio* que lhe valeu o Premio Nacional de fotografia Cubana de 1982.

permitiria “*una relativa autonomía con respecto al ejercicio periodístico, que subordina la fotografía a los rigores del monitoreo estatal del documento y de la noticia*” (FIGUEROA, 2007, p. 865). A esta tendência pertence os artistas participantes na exposição *Utopía/Post- Utopía* (2003).

Na concepção de Juan A. Molina (1999, p. 62), a fotografia cubana dos anos 1960 se assemelha ao modo como empregada na Rússia, isto é, como um meio privilegiado a serviço da propaganda estatal<sup>60</sup>. A União Soviética construiu um

---

<sup>60</sup> Nos primeiros anos da União Soviética, o Partido Comunista ainda aceitava a pluralidade de estilos. Um dos mais importantes grupos foi a Associação dos Artistas da Rússia Revolucionária (AkhRR), formado em 1922. Seis anos depois do início das atividades, passou a se chamar Associação de Artistas da Revolução (AKhR), concentrando os artistas considerados “conservadores”, que produziam trabalhos ultrarrealistas, baseados no gênero tradicional da pintura do século XIX para representar eventos revolucionários e pré-revolucionários. A relação da arte com a Revolução Russa fazia parte dos debates do governo de Lenin desde a década de 1920. Segundo Annateresa Fabris (2005, p. 107), se esse líder russo nutria especial gosto pelos clássicos russos e pelo “realismo na literatura, na pintura etc”., muito mais o era pela “função propagandista em termos sociais e partidários que o líder revolucionário atribuía à arte”. Com a morte de Lenin em 1924, a ascensão de Stalin ao poder deu início à “arte do partido”. No entanto, não havia ainda uma direção formal, um guia ou qualquer orientação que indicasse o que deveria ser aceito. Dentro desse contexto, muitos foram chamados de burgueses, reacionários ou formalistas. O crime do formalismo não era apenas a associação com o “burguês”, mas por ser de origem não-proletária, portanto incapaz de representar a nova sociedade que havia começado a ser construída (ELLIOT, 1995, p. 186-188). Assim, o Realismo Socialista foi oficialmente anunciado no I Congresso dos Escritores Soviéticos, em 1934. Conforme o estudo de Vittorio Strada (1987, p.191), o estatuto da União dos Escritores Soviéticos da URSS (parte III, par. 1), por ser um “método fundamental da literatura soviética, exige do artista uma figuração verídica e historicamente concreta da realidade em seu desenvolvimento revolucionário. Ao mesmo tempo, a veracidade e concreticidade histórica da figuração artística da realidade devem se unir à tarefa de remodelação ideológica e da educação dos trabalhadores no espírito do socialismo”. Esta definição, segundo Strada, deixava em aberto as várias possibilidades para o artista se manifestar através das formas, estilos e gêneros que achasse melhor; mas, se a iniciativa passasse dos limites, o Partido interviria como o supremo regulador. Elaborado por Andrej Zdanov e institucionalizado por Joseph Stalin, o Realismo Socialista passou assim a ser a arte oficial da URSS. Ela deveria ser acessível ao povo, ou ainda figurativa e descritiva em suas mensagens de propaganda do regime. Os desenhos, telas e cartazes, portanto, retratariam proletários, camponeses e soldados como líderes e heróis idealizados, em geral jovens com corpos vigorosos (indicação de força e saúde), em atividades de trabalho, ou em cenas populares como as celebrações de movimentos sociais ou feitos políticos. As paisagens industriais e agrícolas, via de regra, exibiam os “bons” resultados da economia soviética na forma de cartazes, elaborados com poucas palavras e cores (basicamente em preto, branco e vermelho), com elementos geométricos simples e linguagem icônica para atingir a maioria da população formada por analfabetos ou pessoas com baixo nível de escolaridade. Seus postulados incluíam a preocupação com o realismo, o didatismo, a clareza da mensagem, a utilidade social e a figuração do herói, apresentando características positivas, dentre outros aspectos (ANNATERESA, 2005, p. 129) E se desejava passar uma ideia de onipresença do “grande líder”. Segundo Wolfgang Holz (1993, p. 73-85), a arte do realismo socialista adotou o princípio da alegoria e pode ser determinado pelas seguintes características: a) ilusão de progresso instantâneo, através da representação de pessoas caminhando para a frente em um ponto fora do quadro; b) o uso de muito vermelho, com trabalhadores e camponeses estereotipados; c) a imagem do “homem novo” soviético como o tipo ideal para a produção; c) o uso de símbolos religiosos como a tela iluminada por uma misteriosa luz do sol e; d) o uso de funções que integram o espectador com a obra, indicando não uma experiência única, mas uma experiência possível, real. Para Ridenti (2008), o realismo socialista de Zdanov envolvia uma arte inteiramente comprometida com a propaganda ideológica do Partido Comunista e da URSS, pedagógica, com a construção de heróis positivos e a exaltação de feitos revolucionários, em contraste com a cultura burguesa decadente e pessimista. Os escritores Máximo Gorki, Aleksandr Rodchenko, Klutsis, El Lissitzki e Alexander Fadeïev

verdadeiro arsenal visual com cartazes, filmes, folhetos, fotografias, fotomontagens, esculturas, entre outros, que foram criados para transformar em imagens os textos propagandísticos, doutrinários e pedagógicos, cujo conteúdo defendia um mundo novo e horizontalizado, que seria alicerçado pela afirmação, em nível mundial, da realidade comunista. Aliás, outro elemento comum para ambos é que nunca propiciaram “*un cuestionamiento de la veracidad del documento fotográfico ni de la relatividad de su contenido ideológico*”.

Quando uma mudança brusca nos rumos históricos de uma sociedade ocorre por exemplo, no caso de uma Revolução, a história torna-se um dos elementos mais visados pelos vencedores, pois os conteúdos e o modo como a história será construída a partir de então englobam densas e complexas discussões. O que deverá ser lembrado e esquecido para nova sociedade nascente? Eis as dúvidas. Na perspectiva de Figueroa (2007, p.863), as ideologias oficiais experimentam um

---

entre outros, aliados com o intelectual Andrei Jdanov, foram os representantes oficiais dessa nova linha política e cultural da União Soviética. A partir de 1932, as discussões sobre as experiências culturais da União Soviética definiram o conceito de “realismo socialista”, que foi alçado ao status de política de Estado sob o controle de Andrei Jdanov. Ao supervisionar as produções artísticas com mão-de-ferro, o “realismo socialista” também ficou conhecido como “jdanovismo”, neologismo referente ao sobrenome do seu principal regulador, citado acima. Para Marcos Napolitano (2011, p. 47), Realismo Socialista e jdanovismo não foram sinônimos, e sim elementos complementares: “Frequentemente, os dois conceitos – “realismo socialista” e “jdanovismo” são utilizados como sinônimos, mas na verdade são polos complementares de um mesmo processo histórico, de oficialização da produção estética e cultural que, dada a influência do PCUS sobre os partidos comunistas de outros países, acabará servindo de base doutrinária para a arte engajada de esquerda do pós-guerra. “Além dessas características internas, a estatização da propaganda política pela União Soviética esteve em sintonia com as transformações das produções culturais e dos meios de comunicação a partir da década de 1930. Segundo Maria Helena Rolim Capelato (2009, p. 39), nesse decênio a “propaganda política entendida como fenômeno de massas adquiriu enorme importância” e sua estratégia básica foi o uso da sedução como um “elemento de ordem emocional de grande eficácia na atração das massas”. A União Soviética Stalinista, a Alemanha Nazista, a Itália Fascista, o Brasil Vargasista, a Argentina Peronista e o México Cardenista são alguns exemplos de como os governantes utilizaram as imagens e outras linguagens artísticas para conquistar o apoio de suas respectivas massas. Em janeiro de 1936, o Partido criou o Comitê de Relações Artísticas para supervisionar as artes visuais (além da música, do teatro e do cinema). Esse foi um ano crítico, por causa da eliminação de supostos opositores, e com a detenção de grande número de “agentes estrangeiros” e “inimigos do povo”. Enquanto isso, fora da URSS, Pablo Picasso, Piet Mondrian e outros artistas das vanguardas europeias criticavam o Realismo Socialista, alegando ser doutrinário, artificial e limitado em termos de processo de criação. No entanto, seus princípios foram adotados nos demais países de inspiração stalinista como China, Coreia do Norte, Vietnã, Laos, Camboja, Alemanha Oriental, além do Leste Europeu. Em um artigo de 17 de junho de 1938, o fundador da Oposição de Esquerda Internacional e crítico mordaz desse tipo de arte empregada na URSS, Leon Trotsky (1879-1940), então exilado no México, taxava aquela do decênio de 1930 como “a expressão mais crua da profunda decadência da revolução proletária” (TROTSKY, 1985, p.95). Trotsky referia-se, com tal frase, à rígida política de censura promovida pelo Partido Comunista às artes e ao caráter acrítico da recente produção estética soviética, marcada pela “docilidade” e reprodução do discurso oficial. “Não se pode deixar de sentir uma repugnância física”, escrevia ele, “à leitura dos poemas e novelas, à vista das fotos de quadros ou de esculturas nos quais funcionários armados com penas, pincéis ou buris sob a vigilância de outros funcionários armados com máusers, louvam chefes ‘de prestígio’ e ‘geniais’ que na realidade não têm a menor centelha de gênio ou grandeza” (*Ibidem*, p. 95).

permanente “*desasosiego con respecto a su inmunodeficiencia*” e as cavidades do discurso histórico devem ser previstas de antemão. Desde a óptica dos grupos dominantes, a fotografia tende a ser pensada para “pre-construir” a história, e neste caso para o autor, “pré-construir” significa “*anticipar las suturas de cualquier probable desgarradura en los rígidos y regulares tejidos históricos*”. Concomitante ao processo de fabrico das amarras históricas e nos “buracos” do discurso verbal, a fotografia também pode servir de termômetro de legibilidade do governo:

*Esa parece ser la fórmula más eficaz para monitorear las altas y bajas de la legitimidad y de la credibilidad. Quizás, por esa razón, las imágenes de los héroes, los "recuerdos" de la nación, precisan transitar por una interface funcional que vuelva compatibles lo real y lo ritual. No debe haber contradicción entre lo documental y lo simbólico, sino más bien una dimensión mítica, un sentido de reificación acerca de los orígenes del grupo dominante (Ibidem, p. 863).*

Para cumprir com esse fim, a fotografia se encarregaria de encaixar-se perfeitamente por conta da sua aura de veracidade e seu poder de convencimento. Amparados por estes pressupostos, constatou-se que o governo revolucionário instrumentalizou alguns mecanismos institucionais com o objetivo de ampliar sua “*capacidad dissuasória y propagandista*” (HERNÁNDEZ MORALES, 2007, p. 53). Através de uma produção visual massiva seus objetivos eram claros, disseminar ao máximo seus ideais então em vias de ser dominante. Sendo assim, criaram-se o ICAIC<sup>61</sup>, voltado para o cinema e as revistas INRA (Cuba e Cuba Internacional) e Verde Olivo.

Desses meios de comunicação, o governo almejava um discurso que fosse direto, de efeito imediato e de fácil leitura, que fora “comunicativo” e “educativo”, portanto uma imagem não deveria ser complexa e difícil de decodificar, logo exigia-se uma fotografia que não saísse “*del campo de la representación*” (MOLINA, 1999, p. 63).

---

<sup>61</sup> Para saber mais a respeito dos desdobramentos do ICAIC, ver a obra de Mariana Martins Villaça, O Cinema Cubano. Para Hernandez (2007, p. 54), Antes mesmo da criação do ICAIC, que por si só foi bastante célere, existia desde o mês de janeiro de 1959, a Sección de Cine, dentro da Dirección de Cultura del Ejército Rebelde. Esta seção, integrada pelos mesmos membros que depois fundariam o ICAIC, teve como primeira missão criar documentários: : *Esta tierra es nuestra* de Tomás Gutiérrez Alea e *La vivienda* de Julio García Espinosa, ambos abordavam o problemas da terra, do desalojamento camponês e a vida em geral. Nessas produções do ICAIC houve também participação de autores, críticos e diretores estrangeiros. No primeiro caso o francês Gerar Phillipe que chegou em Cuba em julho de 1959 para atuar no projeto *Sierra Maestra* (não realizado); o crítico francês George Sadoul fez considerações elogiosas aos trabalhos feitos e o diretor italiano, Mario Gallo, realizou duas obras: *Al compás de Cuba* tendo por tema a cultura popular e *Arriba campesino*, sobre a reforma agrária.

Vemos, portanto a importância da fotografia em Cuba não apenas para os meios de comunicação e seus leitores, mas principalmente para o governo revolucionário. O peso desta afirmação torna-se compreensível quando observamos a declaração de Fidel Castro em 1984 no *Terceiro Colóquio Latino-Americano de Fotografia*<sup>62</sup> realizado em Havana: “*Cuánto lamentamos no haber tenido un número de fotografías durante toda nuestra lucha, cuando estábamos en la clandestinidad, antes del Moncada (...) se hubiera podido escribir toda una historia de nuestra Revolución sólo con fotografías*”. Logo percebemos, que uma das tantas funções destinadas à fotografia, aos olhos do poder, seria a formação de uma memória direcionada e uma versão particularizada do processo revolucionário.

Esta estratégia permitiria consolidar os mecanismos de propaganda estatal e, mas ao mesmo tempo legitimaria uma estética fotográfica dependente do valor de veracidade imante à fotografia, de sua imediatez (da relação fluida evento-fotógrafo-imagem-público), de envolvimento emotivo do espectador e do seu carácter narrativo, emanado dos centros de poder e convertido em discurso visual

Dentro do leque retórico visual, observou-se sujeitos retratados como ativos, dinâmicos, sociáveis e as vezes solenes.

Do ponto de vista de Molina (*Ibidem*, p. 66), parcela desses fotógrafos imersos na imprensa cubana desde os anos 1960 se encontram “*poco capacitados para concientizar su importante rol como productores de imágenes y por lo tanto para interactuar de una manera crítica con el medio que están utilizando*”. Esta dificuldade foi advertida por Edmundo Desnoes (1967, p. 92), quem realizou um estudo crítico sobre o meio fotográfico em Cuba e na América Latina na década de 1960.

Para Desnoes, Mayito era um dos poucos fotógrafos cubanos mais audazes a nível de propor estéticas novas: “*Mayito es el fotógrafo cubano que con mayor insistencia busca un lenguaje fotográfico que no ilustre: que exprese; en esta búsqueda ha pasado de la imagen espontánea a la composición geométrica, de las texturas al expresionismo*” (*Ibidem*, p. 92).

Inspirados por esse ensaio de Desnoes intitulado *La Imagen Fotográfica del Subdesarrollo*, os fotógrafos Mayito, Raúl Martínez e Lux Chessecc organizaram em 1965 a polêmica exposição chamada *Foto-Mentira*, na qual as fotografias exibidas declaravam a distinção entre captar o “momento decisivo” e aquele que seria pré-

---

<sup>62</sup> «Tercer Coloquio Latinoamericano de Fotografía», en Fototécnica, 1985, Nº 1, s. p.

fabricado, ou seja, tendo a matéria fotográfica domesticada – a qual também é uma forma de domar o passado, a história, a memória coletiva.

Desnoes reconhecia que “*no fue hasta la Revolución Cubana que una nueva imagen de América Latina recorrió el mundo en fotografías: la barba de Fidel Castro y de sus hombres; los barbudos revolucionarios*”. Mas, por outro lado, também analisava a essência ideológica do meio fotográfico e assegurou: “*La fotografía (...) ha engañado a todo el mundo. No hay fraude más persuasivo*”. No catálogo da exposição, Desnoes afirmou categoricamente: “*Han creado el falso mito de la fotografía como espejo, como reflejo mecánico de la realidad. Todo eso es filfa, una mixtificación: la fotografía es una mentira*” (*Ibidem*, p. 93).

Como podemos perceber, a fotografia cubana da década de 1960 é definida pelo espírito de exaltação e idealismo que foi alimentado pelos revolucionários após a vitória em 1959. O sentimento de euforia que era característico do triunfo da Revolução Cubana foi respaldado através de uma narrativa fotojornalística que, ao nosso ver, cooperou ativamente na tentativa de construção de uma nova identidade nacional e cultural.

Em linhas gerais, o *corpus* fotográfico dos anos 1960 concorreu para a gestação de um imaginário onde o épico sobrevalorasse desde homens armados em uniforme e botas de combate de guerrilha até mulheres e homens “comuns” mobilizados, marchando em massa nas praças centrais de Havana, tendo suas individualidades aplainadas pela maior causa social que levou ao triunfo da Revolução.

Tais fotografias foram acolhidas e divulgadas em periódicos, como *Verde Olivo*, *INRA*, *Revolución*, dentre outros, cuja função fora a propagação da sucessão de eventos e os ideais revolucionários. A maneira na qual a fotografia serviu para ilustrar as realidades políticas da sociedade cubana também criou uma linguagem visual associada com um estilo fotojornalístico que evoluiu durante as décadas subsequentes.

A seguir adentraremos o universo fotográfico dos periódicos *Revolución* e *Campo de Revolución* com o propósito de analisar como os camponeses cubanos foram construídos dentro de suas páginas. Como elas foram organizadas? Quantas vieram a público? Quais fotógrafos participaram dessa empreitada? Quais regiões do país receberam maior destaque de suas lentes? Essas e demais questões nos nortearão nas linhas vindouras.

## 5. Os lugares da fotografia no *Revolución* e no *Campo de Revolución*

Quando se vê uma imagem não se percebe somente sua estrutura visual, mas também se busca fazer sua leitura. Quando um sujeito descreve ou comunica ao outro o que vê, realiza-se uma leitura e um ato de comunicação. Segundo Lorenzo Vilches (1997, p.39), “*a imagem se presenta como un conjunto de proposiciones implícitas*”. Essas proposições (por exemplo, se vemos uma fotografia de Che Guevara, à proposição será “esse homem foi um revolucionário) se atualizam quando o leitor recorre a sua própria enciclopédia cognoscitiva (reconhecimento do personagem, do seu nome, saber que se envolveu com a Revolução Cubana, que era argentino, etc.), isto é, atualização do conhecimento e experiência que tem do mundo através da informação recebida e acumulada em sua memória.

Na relação espacial entre fotografia e a página do periódico está em jogo a construção e a leitura da informação. O periódico forma um texto indissolúvel e cada uma dessas partes relacionam-se com as demais. Logo, o comportamento textual do periódico possibilita ao leitor não o seguir do início ao fim, como um filme. Isto é, o leitor de periódico pode começar pelo título, seguir com o primeiro parágrafo do texto, mas também olhar a foto, ler o título, e em vez de ler o texto e seguir na página seguinte com outra foto, observar a legenda da foto, um subtítulo, etc. Essa liberdade de escolhas poderá ser adotada com a outra página e voltar à anterior ou saltar quatro páginas para ver a seção de esportes, os quadrinhos, etc. Em geral, o leitor não busca uma leitura exaustiva do periódico, mas sim se deixa guiar pela forma sensível do mesmo que organiza o campo perceptivo e textual em função de uma consciência intencional, de uma intencionalidade comunicativa global, mas não exaustiva.

Uma página de periódico não se lê, em primeiro lugar, por seu conteúdo, mas pela sua expressão gráfica. No caso das fotografias, a distribuição delas na página é semelhante a um mapa com diferentes armadilhas que o leitor encontra em seu “passeio” perceptivo. Cabe ao pesquisador amparado com seus métodos, localizar e analisar essas armadilhas, ou melhor dizendo, essas rotinas produtivas do periódico, pois estão intimamente entrelaçadas com o aspecto icônico.

Outros dois aspectos relevantes a serem considerados na investigação, fora a distribuição espacial das imagens, é a quantidade de fotos que o periódico dedica às suas publicações e o comportamento delas em vista dos desdobramentos históricos ao seu redor. Na sequência observaremos o desempenho quantitativo das



fotografias de camponeses presentes no *Revolución* sob a óptica dos fatos e necessidades próprias presentes no primeiro triênio da Revolução.

### 5.1. Relação quantitativa das fotografias nos periódicos sob a ótica dos desdobramentos da Revolução.

*Tabela 1 - Média aproximada da quantidade de fotografias por página no Revolución*

	Fotografias	Páginas	Média de Fotos/Página	Quantidade aproximada de Fotos/Edição	Média da quantidade de páginas por edição
1959	9.499	6.107	1,55	26	16,7
1960	10.244	5.652	1,81	28	15,4
1961	6.510	4.232	1,53	18	11,5
<b>Total</b>	26.253	15.991	1,63	24	14,5

*Elaborado pelo autor  
Fonte: Revolución (1959-1961)*

No ano “um” da Revolução, o periódico contabilizou ao longo desse ano uma cifra significativa de fotografias por edição; aproximadamente 26 foram estampadas em uma média de 16,7 páginas. Em números totais, cerca de 9.499 fotografias foram distribuídas em mais de 6.107 páginas somente em 1959.

No ano seguinte, a quantidade de fotografias eleva-se enquanto a média de páginas por edição diminui. Em decorrência disso, a média de fotos por página amplia-se para 1,81, ou seja, 10.244 fotografias para um total de 5.652 páginas.

No último ano analisado, 1961, nota-se um decréscimo acentuado tanto de páginas quanto de fotografias se comparado aos outros anos. Houve uma redução de 3.734 fotografias e 1.420 páginas. A média de páginas por edição caiu para 11,5 ao passo que a quantidade de fotos por edição também decresce.

Vale destacar que no decorrer desse triênio a quantidade de páginas e fotografias variou ora segundo a magnitude dos eventos do dia a dia ora de acordo com datas especiais. Se por exemplo num dia “comum” as edições apresentam cerca de 18 a 20 laudas, em dias comemorativos como do assalto ao quartel Moncada no 26 de julho, há um salto para 25 ou 30 páginas. Por sua vez, a quantidade de fotografias poderia variar de 20 a 65 por edição.

Diante dessa vastidão de fotografias e das inúmeras possibilidades de pesquisa científica que o *Revolución* comporta, encontra-se a categoria que

selecionamos e denominamos: camponeses. Em virtude do meticoloso e exaustivo trabalho catalográfico<sup>63</sup> atingimos os seguintes dados da referida categoria:

*Tabela 2 - Fotografias de camponeses no Revolución*

<b>Ano</b>	<b>Fotografias</b>	<b>Porcentagem de fotos de camponeses dentro do Revolución</b>
1959	500	5,26%
1960	342	3,33%
1961	456	7,00%
<b>Total</b>	1.298	4,94%

*Elaborado pelo autor  
Fonte: Revolución (1959-1961)*

Na tabela acima, contemplamos uma cifra considerável de fotografias com essa temática, se considerarmos o leque de assuntos/temas no seio do jornal, como: fotografias de esporte, publicitárias, de líderes da Revolução e assim por diante. Para que tivéssemos uma noção mais exata do quanto esses números são ou não relevantes dentro do próprio jornal, teríamos que partir para um trabalho comparativo com esses outros segmentos. Por ora nos ocuparemos de trabalhar somente com os dados coletados.

Na sequência, o leitor poderá acompanhar as informações coletadas acima de maneira mais refinada, ou seja, a relação de anos e quantidade de fotografias mais seus respectivos meses.

*Tabela 3 - Fotografias de camponeses no Revolución dividido por meses*

<b>Meses</b>	<b>1959</b>		<b>1960</b>		<b>1961</b>		<b>Total</b>	
	<b>Fotos</b>	<b>%</b>	<b>Fotos</b>	<b>%</b>	<b>Fotos</b>	<b>%</b>	<b>Fotos</b>	<b>%</b>
Janeiro	5	1	37	10,8	61	13,3	<b>103</b>	7,93
Fevereiro	17	3,4	16	4,67	69	15,1	<b>102</b>	7,85
Março	50	10	32	9,35	38	8,33	<b>120</b>	9,24
Abril	41	8,2	35	10,2	39	8,55	<b>115</b>	8,85
Maio	45	9	41	11,9	53	11,6	<b>139</b>	10,7
Junho	62	12,4	27	7,89	69	15,1	<b>158</b>	12,1
Julho	105	21	50	14,6	61	13,3	<b>216</b>	16,6
Agosto	39	7,8	11	3,21	15	3,28	<b>65</b>	5

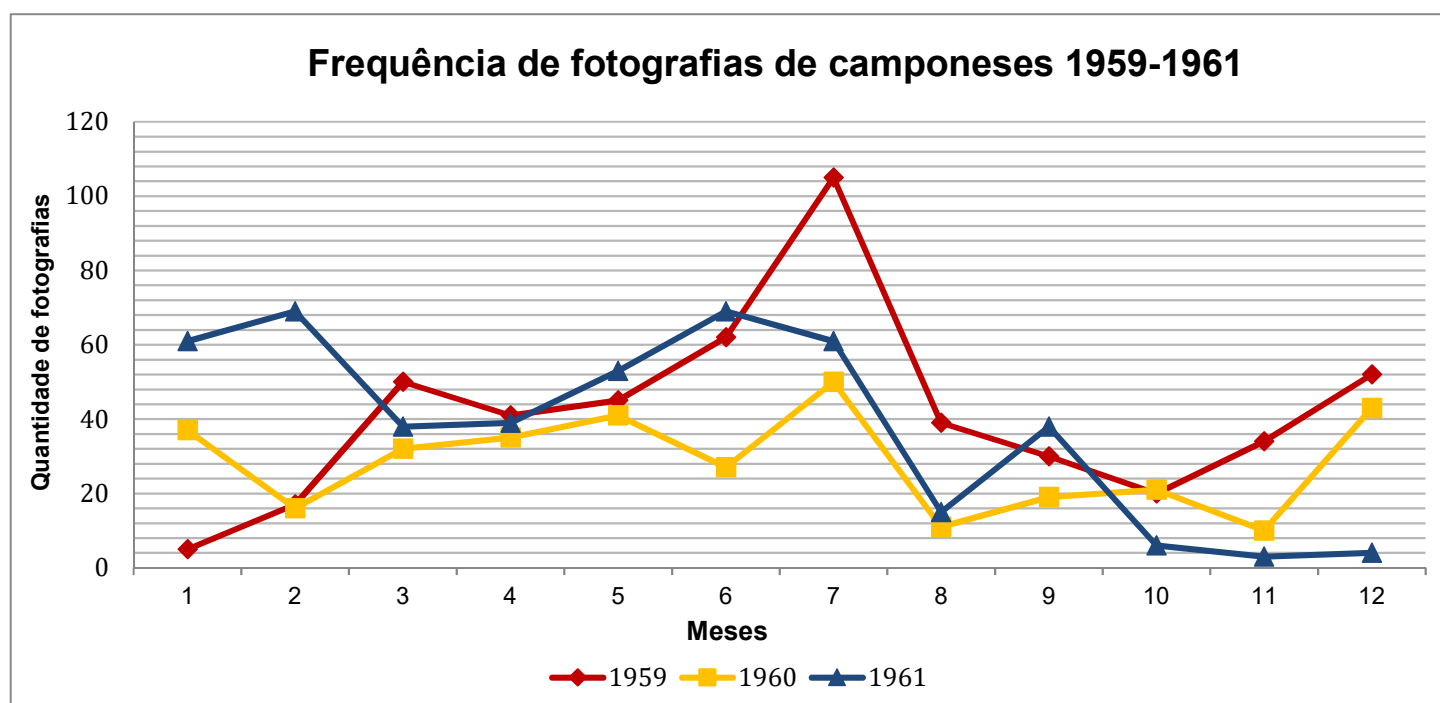
<sup>63</sup> O anexo 3 demonstra o modelo elaborado pelo autor que fora utilizado para a catalogação das fotografias em *Revolución* e *Campo de Revolución*.

Setembro	30	6	19	5,55	38	8,33	<b>87</b>	6,7
Outubro	20	4	21	6,14	6	1,31	<b>47</b>	3,62
Novembro	34	6,8	10	2,92	3	0,65	<b>47</b>	3,63
Dezembro	52	10,4	43	12,5	4	0,87	<b>99</b>	7,62
<b>Total:</b>	<b>500</b>		<b>342</b>		<b>456</b>		<b>1298</b>	

Elaborado pelo autor  
Fonte: *Revolución (1959-1961)*

Fundamentados com as informações da tabela 3, elaborou-se o gráfico 1 no intuito de tornar mais didático o exercício de compreensão destas, vejamos a seguir.

Gráfico 1 - *Frequência de fotografias de camponeses por meses no Revolución*



Elaborado pelo autor  
Fonte: *Revolución (1959-1961)*

Em janeiro de 1959, *Revolución* acabara de conquistar a legalidade e estava se acomodando na rua Carlos III, sendo assim, pode-se considerar esse mês como marco zero dos registros fotográficos. Por outro lado, os meses subsequentes são de vertiginoso aumento como podemos observar; de apenas 5 fotos em janeiro houve um salto para 50 fotografias em março para em seguida sofrer um pequeno decréscimo (8,2%). Já em maio, a frequência de fotos volta a ascender tendo como ápice o mês de julho com 105 (21%).

Consideramos que esse aumento paulatino de fotografias de camponeses no *Revolución*, tivera um estreito vínculo com as ações perpetradas pelo governo

cubano, principalmente a respeito do processo de aprovação da reforma agrária decretada em maio de 1959.

No intuito de obter maciço respaldo popular e assim garantir a aprovação dessa lei, pois a oposição desta era formada por poderosos grupos nacionais e estrangeiros contrários à sua implantação. Se estabelecida, os camponeses seriam protagonistas das transformações em Cuba. Ao trabalharem em terras de propriedade genuinamente cubana, a diversificação da produção de outras culturas, além do próprio açúcar, seria a chave para o alvorecer de uma Cuba independente, soberana, dona do seu destino. Tratando-se de um tema fundamental para compreendermos a dimensão dessa lei, adiante tentaremos elucidar alguns dos seus pontos principais.

A crista máxima do gráfico localizada no mês de julho culminou com três fenômenos simultâneos no dia 26: a) o VI aniversário do assalto ao quartel Moncada; b) o apoio popular à reforma agrária e c) a reintegração de Fidel Castro como primeiro ministro. Apesar desse último caso, as tensões entre Urrutia e Fidel se agravavam ora a cada discurso público do presidente cubano que acusava de “comunista” o primeiro ministro, ora por utilizar do seu poder para adiar a assinatura de algumas leis. O acirramento das querelas entre moderados e revolucionários se agravou em junho, quando o Comandante Pedro Díaz Lanz, Chefe das Forças Aéreas Revolucionárias, desertou e em solo norte-americano denunciava o “comunismo” cubano. Já no dia 17 de julho de 1959, Fidel renunciou ao cargo de Primeiro Ministro e durante quase duas horas explicou seus motivos na televisão acusando Urrutia de impedir as mudanças revolucionárias. Nesse mesmo dia a população indignada tomou as ruas e exigiu a renúncia do presidente que prontamente assinou sua demissão. No seu lugar, foi designado pelo Conselho de Ministros o simpatizante dos rebeldes o advogado Osvaldo Dórticos Torrado.

Depois de alcançar o topo de registros fotográficos em julho, entre agosto e outubro a representação visual dos camponeses esmorece talvez em razão do trabalho que precisava ser feito em zonas canavieiras e demais regiões agricultáveis, pois nem só de mobilização nacional viveria uma Revolução, era primordial que a economia continuasse a todo vapor para levar seus projetos adiante.

Em novembro recobra-se o aumento de número de fotos em virtude do encadeamento de eventos marcantes no mês anterior. Agressões internas e externas em Cuba se intensificavam como o caso dos aviões que metralharam a capital Havana e deixaram 2 mortos e 50 feridos. Em razão dessa situação, Fidel proclamou no dia

26 de outubro de 1959, num ato em frente ao palácio nacional, a criação das *Milicias Nacionales Revolucionarias* (MNR). As MNR's eram compostas por uma força militar voluntária do povo, subordinada ao *Ministerio de las Fuerzas Armadas Revolucionarias* (MINFAR), cujo objetivo era atuar na defesa da Revolução. De início organizaram-se por setores sociais: milícias camponesas, operárias e estudantis, cujos uniformes se diferenciavam pela cor da camisa; por exemplo, as milícias camponesas usavam camisas verdes; as estudantis, vinho e as operárias, azuis. Esses destacamentos recebiam aulas de infantaria e faziam guardas nos centros de trabalho. Estima-se que em março do ano seguinte, cinco meses depois de criadas as MNR's, "*aproximadamente medio millón de hombres y mujeres estaban organizados en sus filas*" (ECURED, 2017).

Uma possível causa que dê conta de explicar essa baixa fração de fotografias entre janeiro e março de 1960 esteja atrelada à fase de treinamento militar dos MNR's. De março a maio, a Revolução era atingida por ataques nos centros urbanos e principalmente nas zonas rurais onde havia produção de açúcar, que a essa altura era a principal moeda de troca entre cubanos e soviéticos. Em fevereiro, os laços comerciais e diplomáticos entre Cuba e a União Soviética se estreitaram após a visita do vice-ministro soviético Anasta Mikoyan que na ocasião assegurou a compra de cinco milhões de toneladas de açúcar cubano durante cinco anos, a preço de mercado internacional. No dia 4 de março, sob causas ainda pouca esclarecidas, o buque francês *La Coubre* que conduzia armas da Bélgica para o Exército Rebelde explodiu no porto de Havana - a cifra exata de mortos e feridos se desconhece, estima-se que morreram em torno de 100 pessoas e ficaram feridas outras duzentas. No dia seguinte, no enterro das vítimas Fidel Castro declarou "*Patria o Muerte*".

De abril a junho, propriedades de empresas estrangeiras foram expropriadas pelo INRA e aproximadamente 80.000 *caballerías* foram entregues a 200.000 camponeses para a criação de cooperativas canavieiras. Em julho, o pico de fotografias coincide com dois acontecimentos, sendo o primeiro o VII aniversário do assalto ao quartel Moncada, desta vez celebrado em *Caney de las Mercedes*, na província de *Oriente*, onde edificou-se a cidade escolar "*Camilo Cienfuegos*". Já o segundo, corresponde à intervenção do governo nas refinarias *Texaco*, *Esso* e *Shell*, obrigando-as a refinar petróleo soviético. Tal medida acarretou na drástica redução de importação do açúcar cubano pelo governo estadunidense.

No mês de agosto, o regime de Castro desapropriou empresas norte-americanas de telefonia, eletricidade, usinas de açúcar e tantas outras. Posteriormente criaram-se os *Comités de Defensa de la Revolución* (CDR), que estabeleciam um potente sistema de vigilância voltado para denunciar atividades contrarrevolucionárias e auxiliar na defesa da Revolução. Já entre outubro e dezembro de 1960 as oscilações deram lugar a outro pico ascendente de fotografias conservado até janeiro de 1961.

O mês de janeiro de 1961 vivenciou uma afluência de acontecimentos, desde comemorações como o II aniversário do triunfo da Revolução, com direito a desfile militar e concentração na praça cívica; a captura de grupos contrarrevolucionários em Havana e até o rompimento diplomático com os EUA. Ainda nesse mês, o governo anunciou que jovens voluntários seriam capacitados para a Campanha de Alfabetização e por meio da resolução 247 o INRA sancionou no dia 26 a criação da *Asociación Nacional de Agricultores Pequeños* (ANAP).

Em fevereiro de 1961 a quantidade de fotografias eleva-se mais um pouco, justamente num período em que a Campanha de Alfabetização estava a pleno vapor enquanto os camponeses engrossavam as fileiras das milícias para combater grupos contrarrevolucionários. Março e abril possuem praticamente a mesma quantidade (38) e (39) respectivamente. No dia 15 de abril de 1961, aviões dos Estados Unidos bombardearam quartéis, os aeroportos de Santiago de Cuba e *San Antonio de los Baños* e o campo da Força Aérea Revolucionária em Havana. A proclamação da natureza socialista da Revolução por Fidel Castro veio logo após a concentração popular para velar as vítimas do bombardeio.

*Compañeros obreros y campesinos, esta es la Revolución socialista y democrática de los humildes, con los humildes y para los humildes (Aplausos). Y por esta Revolución de los humildes, por los humildes y para los humildes, estamos dispuestos a dar la vida (Exclamaciones). Obreros y campesinos, hombres y mujeres humildes de la patria ¿juran defender hasta la última gota de sangre esta Revolución de los humildes, por los humildes y para los humildes? (Exclamaciones de: “¡Sí!”)* (CUBADEBATE, 2015).

Com John Kennedy na presidência dos EUA, as políticas ofensivas contra Cuba se agudizaram mais do que no governo Eisenhower. Na era Kennedy, grupos de exilados cubanos foram armados e treinados por meio da Agência Central de Inteligência (CIA), que invadiram o país vizinho um dia após este declarar o caráter socialista da Revolução. Esses grupos desembarcaram pela *Bahía de Cochinos*,

*Playa Larga* e *Playa Girón*, com o objetivo de derrubar o governo, mas foram derrotados pela ação conjunta do Exército Rebelde e das milícias populares.

O primeiro semestre de 1961 se comparado ao ano anterior manteve-se a temática quantitativamente superior, mas essa perspectiva altera-se no semestre seguinte com uma queda acentuada nos meses de outubro com (6), novembro (3) e dezembro (4). Essa guinda negativa não significa que os problemas enfrentados por Cuba tenham sido solucionados ou que os camponeses tenham “desaparecido”, nesse caso a justificativa encontra-se em causas internas, para ser mais preciso na política cultural oficial adotada pela Revolução.

Como citado no capítulo anterior, o discurso de Fidel Castro “Palavras aos intelectuais”, proferido no teatro da Biblioteca Nacional José Martí em junho de 1961 fixara a fronteira na qual escritores e artistas jamais poderiam ultrapassar, isto é: “*Dentro de la revolución, todo; fuera de la revolución, nada*” (CASTRO, 1961, p.11). Naquela Biblioteca projetos culturais diametralmente opostos reclamavam para si a representação do ideal revolucionário: de um lado a ala encarnada no semanário *Lunes de Revolución*, com Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante a frente; e do outro, centrada em torno do *Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos* (ICAIC), presidido por Alfredo Guevara, em que se achavam intelectuais do PSP.

Paralelamente ao processo de fechamento de *Lunes* que possuía um “perfil eclético e polêmico...tanto em termos estéticos quanto em termo políticos” (MISKULIN, 2016, p. 223), o jornal *Revolución* também recebia restrições na quantidade de páginas por edição e conseqüentemente no total de fotografias estampadas. Portanto, nesses últimos meses de 1961 notamos que a representatividade fotográfica dos camponeses cubanos é deveras escassa.

Como explicitado em páginas anteriores, o suplemento *Campo de Revolución* teve como público o alvo os camponeses cubanos, portanto, todas as fotos contidas em suas edições gravitam nessa temática. Abaixo observamos a relação de fotografias por edição.

*Tabela 4 - Fotografias no Campo de Revolución*

<b>Edições</b>	<b>Fotografias</b>	<b>Páginas</b>	<b>Média de Fotos/Página</b>
II	17	24	0,70
III	19	20	0,95
IV	22	20	1,1
V	20	20	1
VI	35	24	1,45

VII	24	24	1
<b>Total</b>	137	132	1,03

*Elaborado pelo autor*

Confrontanc *Fonte: Campo de Revolución (1959)* os do *Campo*, assinala-se

diferenças facilmente perceptíveis, como por exemplo, na média de fotos por página. No *Campo*, ela supera a marca de uma foto somente na sexta edição, neste caso, um número especial dedicado à memória do combatente Camilo Cienfuegos (1932-1959) que desapareceu sob circunstâncias misteriosas ainda pouco esclarecidas, quando retornava de Camagüey a Havana, em 28 de outubro de 1959, em um avião Cessna 310, nº 53, que supostamente desapareceu no mar.

Entretanto, essa discrepância quantitativa ancora-se nas propostas divergentes de cada meio, ao passo que *Revolución* seguia com padrões básicos de um jornal diário, com seções voltadas para o esporte, notícias internacionais e etc. o *Campo* aproximava-se mais de uma revista, até mesmo seu layout era distinto, predominando-se imagens de grande formato (fotografias, propagandas, charges, etc.). O principal ponto em que jornal e suplemento dialogam são as fotografias de camponeses, escopo desse estudo.

Ressaltamos que durante os meses em que o suplemento foi publicado, isto é, outubro e novembro de 1959, o contexto revolucionário estava marcado pelos ataques contra a população cubana cuja consequência fora a criação das MNR's.

## **6. Sobre a organização da análise quantitativa: categoria espacial e temática**

Para a análise de registros fotográficos como textos visuais utiliza-se a noção de espaço como elemento dotado de estruturas semânticas. Sob essa óptica, a fotografia antes de representar qualquer coisa ela apresenta, indica, aponta uma situação, um lugar, uma pessoa, um objeto e etc. Ao seguirmos com esse pensamento, estruturou-se uma primeira etapa analítica com ênfase no espaço a partir de três subcategorias com o objetivo de explicitar a intertextualidade inerente à narrativa visual, são eles: zonas de preferência nas páginas pares e ímpares, formato da expressão fotográfica e localização geográfica dos registros na ilha. Já numa segunda etapa de viés temático englobam-se outras três subcategorias: fotógrafos, temas e assuntos e descrição dos sujeitos.

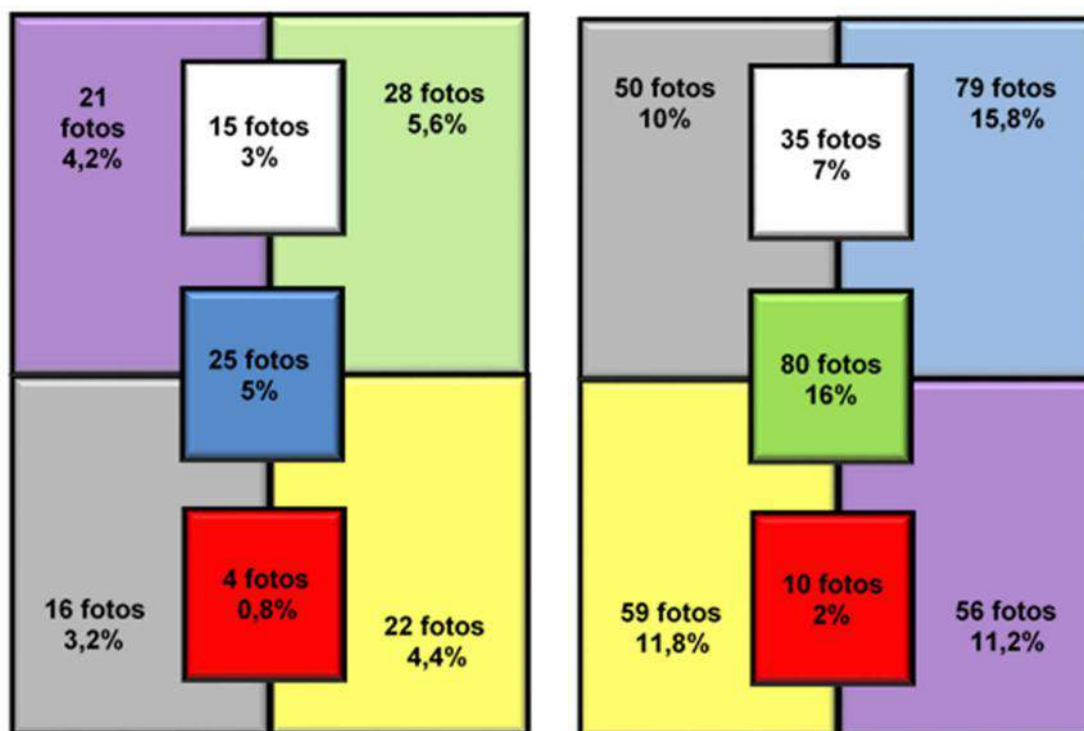


### 6.1. Zonas de preferência das fotos nas páginas pares e ímpares

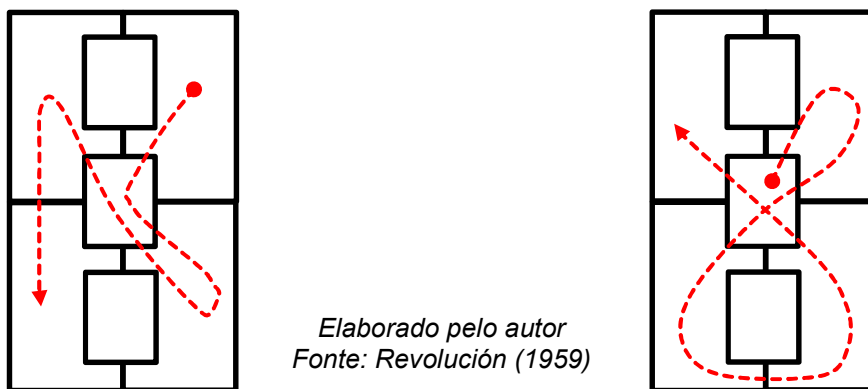
Ao estudar as estruturas da imagem de imprensa, nota-se que a zona privilegiada do campo de indagação visual do leitor em geral correspondente ao movimento da esquerda para a direita, por causa do sentido da trajetória dos olhos que seguem a conduta de leitura no nosso sistema ocidental de impressão, isto é, também da esquerda para a direita – aparentemente determinante na rotina de grande parte dos periódicos<sup>64</sup>.

A análise da distribuição espacial das fotografias em *Revolución e Campo*, nos permitirão conhecer a existência de zonas de preferência nos mesmos, e, para atingirmos esse objetivo, recorreu-se a divisão da página ideal em sete zonas de preferência que correspondem aos eixos superior/inferior, esquerda/direita, centro superior/inferior/meio.

Figura 21 - Zonas de preferência em páginas ímpares e pares em 1959 no *Revolución*.  
1959: Página ímpar - lado esquerdo      1959: Página par - lado direito



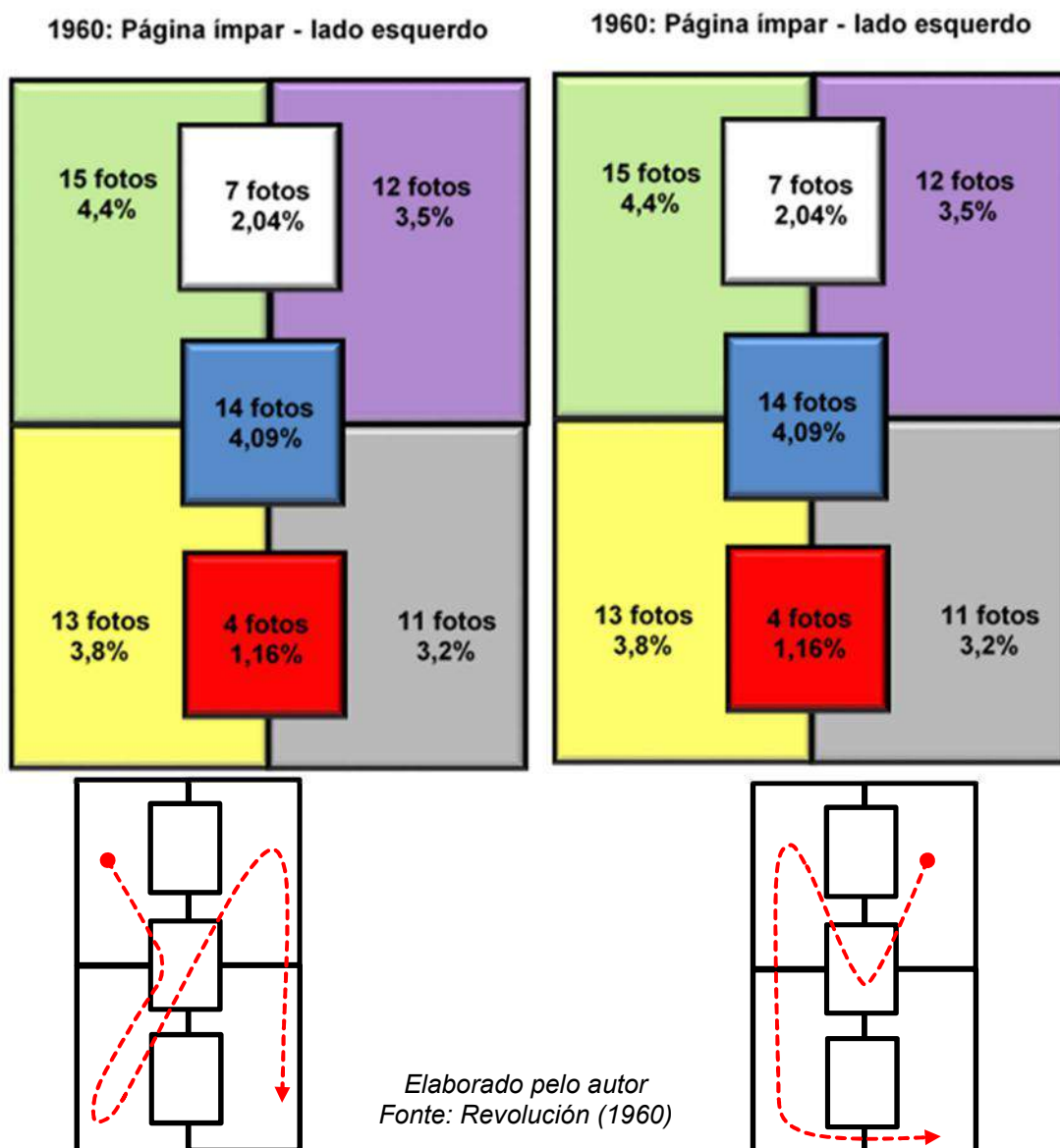
<sup>64</sup> Nesta pesquisa a capa dos periódicos consultados foram considerados dentro do espectro geral de contagem, isto é, não foram tratadas de modo privilegiado nesse momento. Além disso, lhes enquadrámos como pertencentes às páginas pares do lado direito. No processo de catalogação, apesar dos problemas com a qualidade dos microfílmes ter dificultado o tratamento adequado com as imagens, a parte textual não foi tão prejudicada, portanto, pude me orientar sem maiores empecilhos pela numeração dos próprio materiais consultados.



Em 1959 observa-se que as páginas pares receberam maior quantidade de fotografias com relação às ímpares, isto é, 369 e 131 respectivamente. Além do mais, o eixo central das páginas pares obteve maior destaque com 16% do total de fotografias, seguido pelo eixo superior-direito com 15,8%. O circuito tracejado logo acima nas zonas com maior incidência fotográfica nos permite visualizar uma estrutura em “oito” que denota dinamicidade e rigor na escolha de tais locais. Começa-se pelo centro para terminar na região superior do canto esquerdo. Já nas páginas do lado esquerdo, o início do trajeto parte do canto superior-direito 5,6%, na sequência cruza o eixo central com prefigurando 5% para terminar na zona inferior-esquerda com 3,2%, formando assim um “N”. Em ambos os lados coincide as regiões centrais inferiores deterem os menores índices, do lado ímpar 0,8% e do lado par 2%.

Quantitativamente no ano de 1960, as páginas ímpares do lado esquerdo somaram 76 fotografias enquanto do lado oposto 266. Nas zonas de preferência em destaque nas páginas ímpares do lado esquerdo, verificamos um circuito visual bastante semelhante ao observado no ano anterior, vemos, pois, um “N” invertido. O ponto de partida é o eixo superior esquerdo com 4,4% que transpassa o centro com 4,09% para findar na zona inferior do lado direito. A menor ocorrência observada foi o eixo centro inferior com apenas 1,16% do total. Por sua vez, as páginas pares do lado direito, apesar do amplo destaque para a região superior direito com 19,2%, de onde enceta o caminho visual na página, tendo como passagem quase obrigatória o centro (12,8%), nos revelam uma distribuição na página do *Revolución* mais equitativa presente nas demais extremidades, cujo término está assinalado no eixo inferior-direito com 11,4% dos registros e novamente a região centro inferior acolheu menos fotografias, apenas 4,09%.

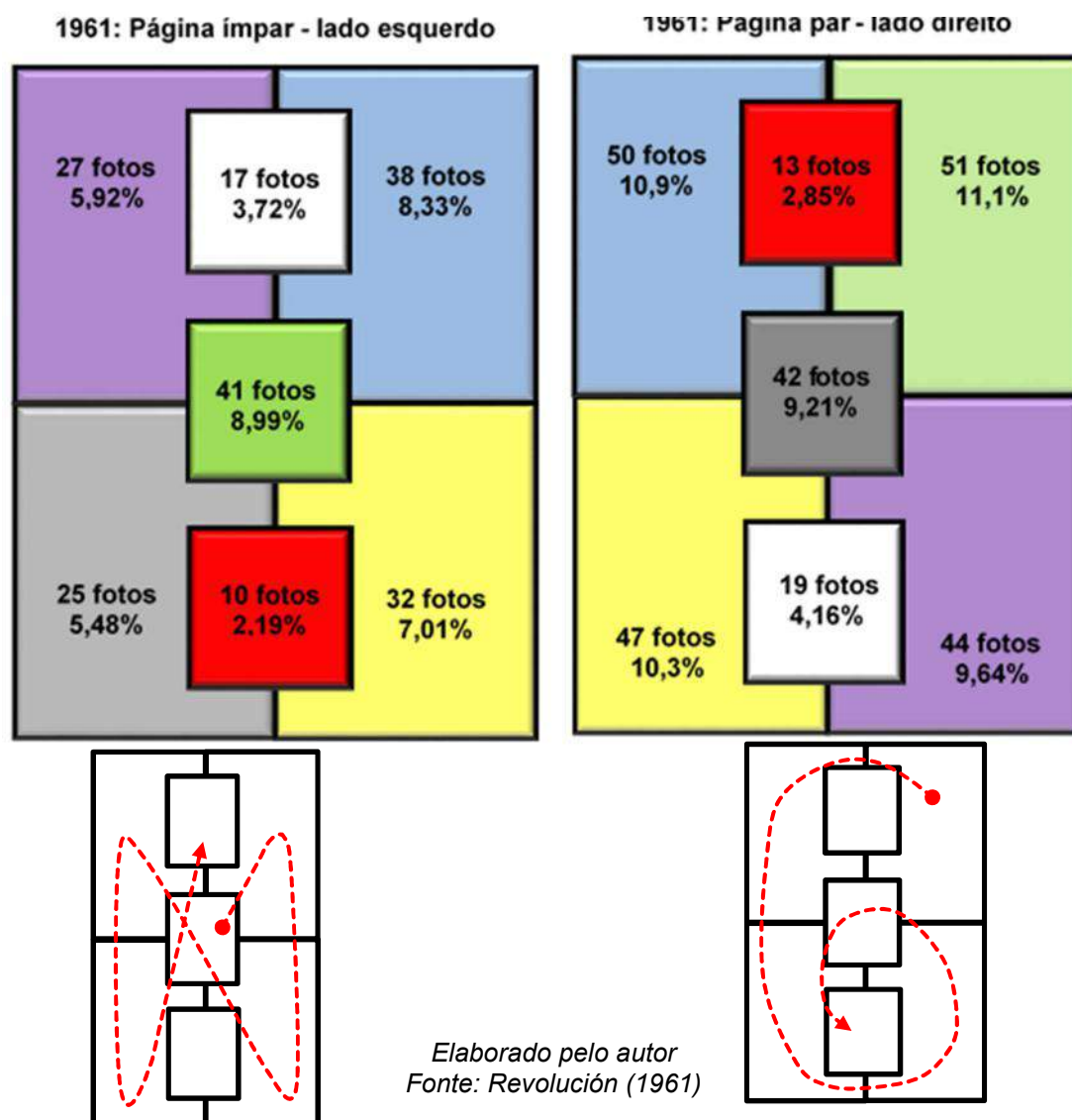
Figura 22 - Zonas de preferência em páginas ímpares e pares em 1960 no *Revolución*.



Em 1961 o computo geral de fotografias nas páginas ímpares foi de 190 ao passo que nas páginas pares foi de 266. Quanto à distribuição no *Revolución*, as zonas de preferência do lado esquerdo demonstram certo equilíbrio entre os eixos centro meio (8,99%), superior direito (8,33%) e inferior direito (7,01%), a região centro inferior fora a menos prestigiada. Enquanto isso, o traço visual desta distribuição praticamente transita por toda a página do periódico, ou seja, vemos aqui um aproveitamento maior da página do *Revolución* o que torna também mais elevadas as chances dos leitores se depararem com fotografias de camponeses. Do lado direito evidencia-se certa harmonia na distribuição das fotografias nas extremidades. Em sentido anti-horário a sequência prioritária foi superior direita (11,1%), superior

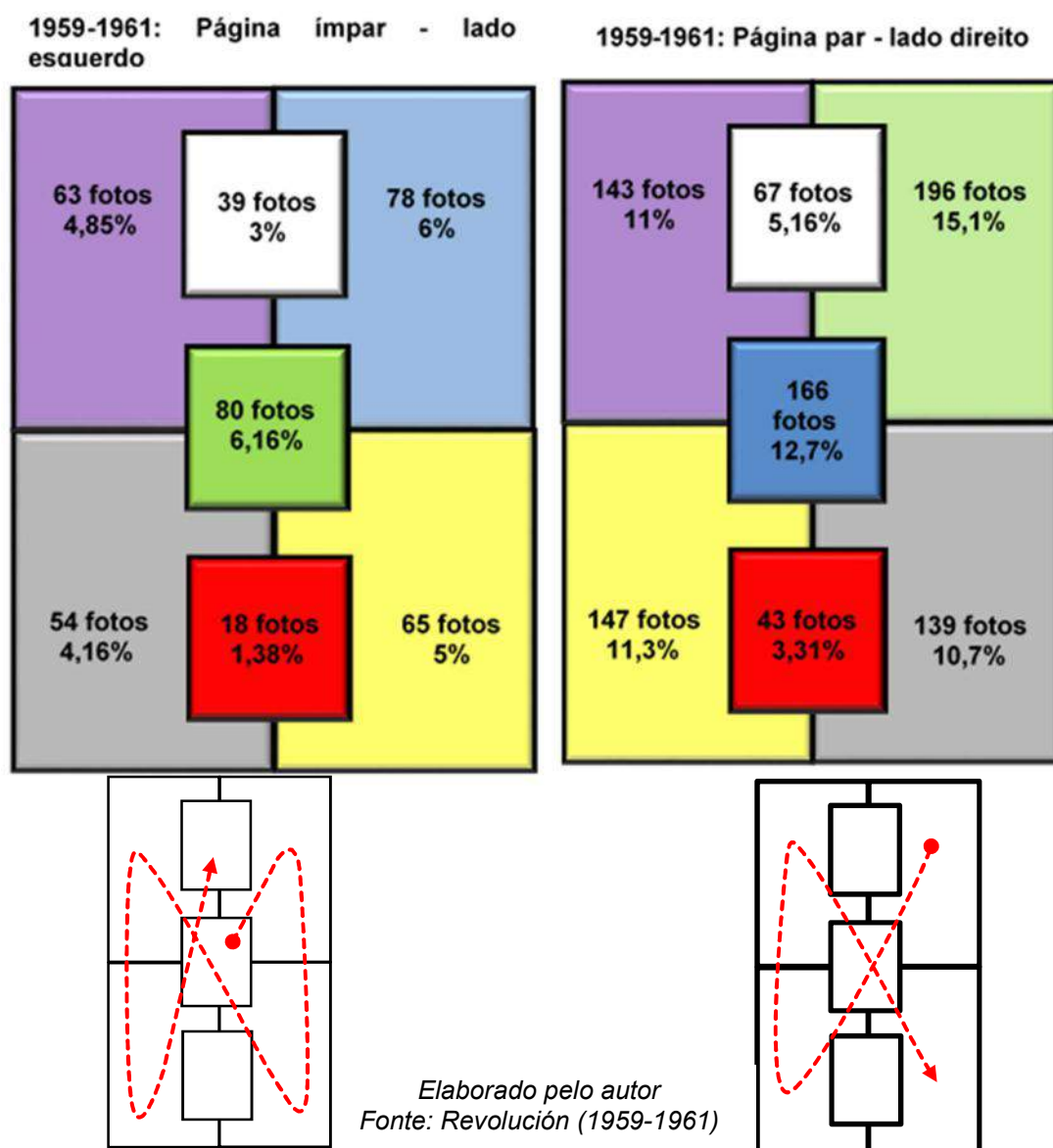
esquerda (10,9%), inferior esquerda enquanto a centro superior recebera menos atenção com 2,85%. Por sua vez, notamos um circuito visual em espiral no qual minimiza quaisquer chances dos leitores não toparem, ao folhar o jornal, com alguma fotografia que fizesse alusão à causa camponesa.

Figura 23 - Zonas de preferência em páginas ímpares e pares em 1961 no *Revolución*.



Na soma do triênio 1959-1961, as páginas ímpares somaram 397 fotografias à medida que o lado o contrário tivera uma presença esmagadora somando 901 registros. Quanto às zonas preferenciais a face esquerda do jornal demonstrou favoritismo pelos eixos centro meio (6,16%) e superior direito (6%), em contrapartida o setor centro inferior denotou baixa apreciação. Do lado direito, as zonas em destaque foram os vértices superior direito (15,1%) e centro meio (12,7%), por outro lado a centro inferior fora menos utilizado pelo jornal.

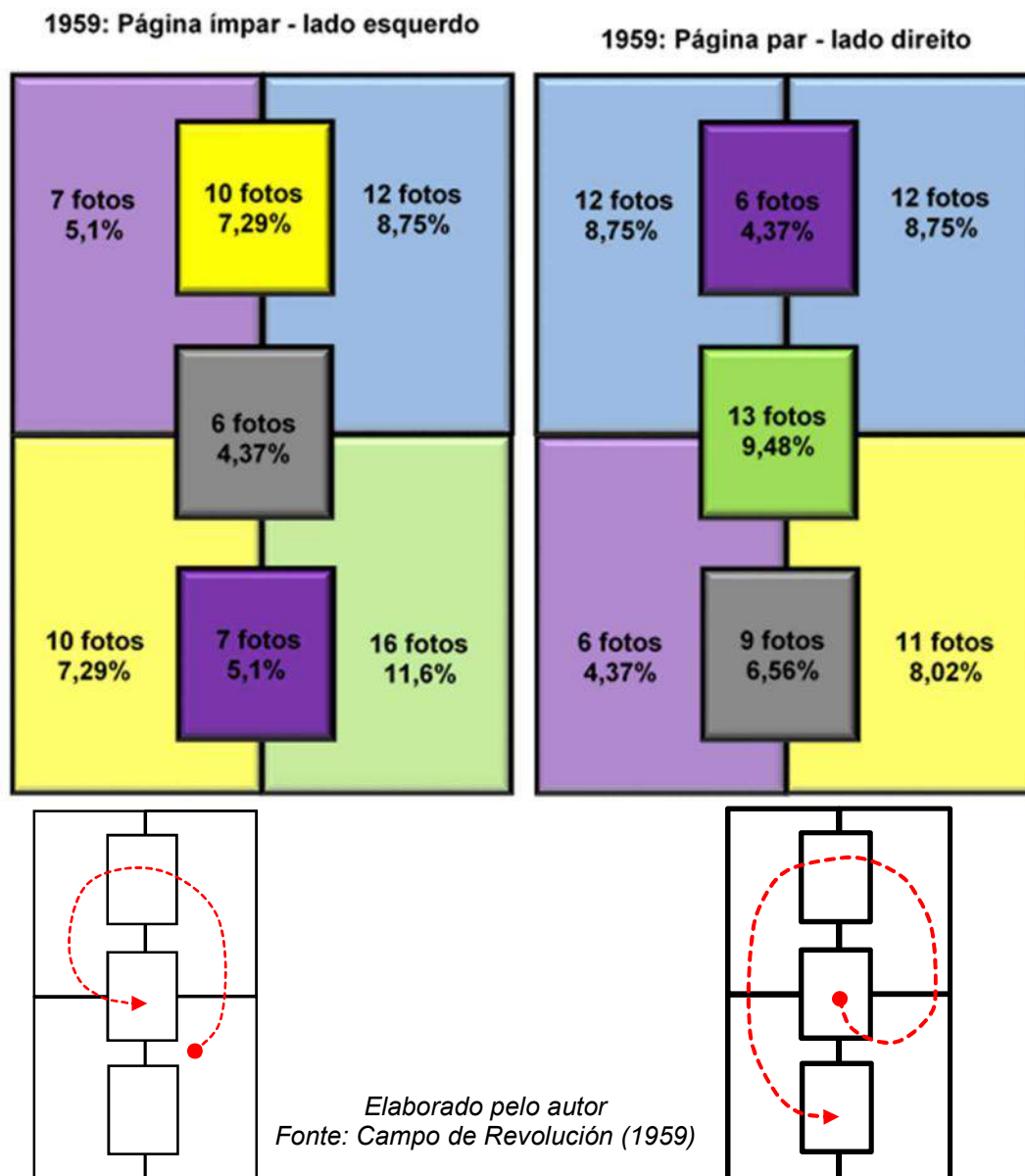
Figura 24 - Zonas de preferência em páginas ímpares e pares no *Revolución* (1959-1961).



A partir desses dados, notamos que o(s) responsável(is) pela organização visual do jornal selecionava(m) regiões destacadas de suas páginas para que o leitor de imediato se deparasse com as fotografias dos camponeses. Em questão numérica, as páginas pares tiveram maciço favoritismo, tendo o centro do jornal como foco principal. A respeito dos caminhos que mobilizam o olhar dos leitores, constatamos, num primeiro contato, contornos bastante análogos entre si, contudo um exame mais atento, revela-nos sutis diferenças. Nesse caso, o ponto de partida e o encerramento são dissemelhantes, quer dizer, enquanto nas páginas do lado esquerdo o roteiro inicia e termina na zona central; do lado oposto, o curso parte do eixo superior direito,

cruxa o centro e finaliza no canto inferior-direito, último ponto manuseado para virar a página e reiniciar a exploração do periódico.

Figura 25 - Zonas de preferência em páginas ímpares e pares no Campo de Revolución.



Por sua vez, *Campo de Revolución* contabilizou do lado ímpar o total de 68 fotografias enquanto as páginas pares do lado direito somaram 69. As zonas de preferência das páginas ímpares apresentam o eixo inferior direito (11,6%) a frente do vértice superior direito (8,75%), o segundo mais cotado. A região menos explorada foi o centro meio com 4,37%. Já nas páginas pares, o centro meio (9,48%) desponta na triangulação formada na região superior do suplemento, seguindo dos vértices superior esquerdo e superior direito. No tocante ao circuito visual, nota-se desenhos espiralados anti-horários divergentes. Na página à esquerda partindo do eixo inferior

direito com fim no centro da página essa espiral de curto alcance se quer tangencia as regiões inferior esquerdo e centro inferior; ao passo que do lado direito parte-se do centro para empreender uma espiral de dimensões amplas explorando, assim, todas as localidades do suplemento. Aliás, outro fato a se atentar são dois pares de zonas com quantidades idênticas. Amarelo e roxo do lado esquerdo e, azul e roxo do lado direito.

Comparativamente, a organização das fotografias tanto no *Revolución* e quanto no *Campo de Revolución*, retira o leitor de uma posição de leitura que podemos considerá-la monótona ou “viciada”. Os sujeitos que detinham um exemplar de qualquer um deles, deparava-se com uma interação visual ágil e dinâmica, circulando o olhar da direita para a esquerda de cima para baixo, em sentido anti-horário ou espiralmente.

## 6.2. Formato da expressão fotográfica

Congregam-se os seguintes elementos nesta subcategoria: formato, tamanho, tipo de registro, iluminação e foco distribuídos na tabela 5, logo abaixo. Com esses dados em mãos conseguimos extrair informações das escolhas do jornal pelo formato das fotografias e seu tamanho. Conquistamos também a possibilidade de pensar a respeito de algumas escolhas dos fotógrafos que atuaram diretamente na captura de tais imagens como, por exemplo, se o (s) sujeito (s) posaram para a foto, ou se o registro foi espontâneo.

Tabela 5 – Descritores das formas da expressão fotográfica no *Revolución*.

Descritores	1959		1960		1961		Total	
	Fotos	%	Fotos	%	Fotos	%	Fotos	%
<b>Formato</b>								
Quadrada	7	1,4	0	0	0	0	<b>7</b>	0,53
Recortada	6	1,2	3	0,87	0	0	<b>9</b>	0,69
Retangular Horizontal	229	45,8	144	42,1	213	46,7	<b>586</b>	45,1
Retangular Vertical	258	51,6	195	57	243	53,2	<b>696</b>	53,6
<b>Tamanho</b>								
Grande	13	2,6	0	0	7	1,53	<b>20</b>	1,54
Média	79	15,8	40	11,6	13	2,85	<b>132</b>	10,1
Pequena	408	81,6	302	88,3	436	95,6	<b>1146</b>	88,2
<b>Tipo de registro</b>								
Instantânea	200	40	196	57,3	252	55,2	<b>648</b>	49,9
Posada	296	59,2	145	42,3	200	43,8	<b>641</b>	49,3

Nenhuma <sup>65</sup>	4	0,8	1	0,29	4	0,87	<b>9</b>	0,69
<b>Iluminação</b>								
Claro	401	80,2	309	90,3	387	84,8	<b>1097</b>	84,5
Escuro	82	16,4	32	9,35	63	13,8	<b>177</b>	13,6
Nenhuma	17	3,4	1	0,29	6	1,31	<b>24</b>	1,84
<b>Foco</b>								
Objeto Central no foco	112	22,4	92	26,9	93	20,3	<b>297</b>	22,8
Tudo focalizado	385	77	249	72,8	358	78,5	<b>992</b>	76,4
Nenhum	3	0,6	1	0,29	5	1,09	<b>9</b>	0,69

*Elaborado pelo autor  
Fonte: Revolución (1959-1961)*

Em conformidade com os dados expostos na tabela, ao longo do triênio *Revolución* deu preferência para fotografias com o formato retangular vertical (53,6%), como fotografias de retrato. Se considerarmos as dimensões do periódico, a possibilidade de criar-se uma narrativa visual coesa na diagramação é maior ou mais palatável para o leitor principalmente iletrado se houver o máximo de imagens possível. E esta parece ter sido a escolha do jornal que recorreu em grande escala à fotografias de tamanho pequeno (88,2%)<sup>66</sup>. Da parte dos fotógrafos, repara-se que havia ponderação no tipo de registro que eles pensavam em tomar dos camponeses, se instantânea ou posada, esses fotógrafos não tenderam somente para um dos lados.

A iluminação é algo caro para a fotografia. A luz é a fonte de energia para o universo, é a imagem central de muitas religiões e o principal recurso do fotógrafo. Do poder da luz do sol sobre a água à chama de uma única vela, é com a luz que os fotógrafos trabalham. O meio com o qual o fotógrafo utiliza para escrever com a luz, isto é a câmera, proporcionou, sempre a depender do seu grau de sofisticação físico-química, distintas interações e resultados entre fotógrafos e fotografados. De maneira bastante sintética, uma câmera fotográfica é um objeto com um mecanismo regulador da entrada de luz (obturador), uma parte óptica (as lentes) e um material para que a imagem reproduzida seja gravada (pode ser o filme químico ou o sensor digital), e as

<sup>65</sup> Os descritores indicados com nenhum (a) são ora registros ilegíveis devido à qualidade das imagens microfilmadas ora deve-se ao fato de não responderem aos padrões previamente estabelecidos.

<sup>66</sup> Para diferenciar os tamanhos das fotografias já que não tivemos acesso físico às fontes, convencionou-se repartir uma página em quatro. Portanto, consideramos imagens de tamanho grande aquelas que ocupassem toda a folha do periódico; a foto média aquele que fosse metade de uma folha e, por último as fotos pequenas, aquelas que ocupassem um quarto de página ou menos. Localizamos as fotografias de grande porte, em sua maioria, como fotos de capa ou contracapa.



incalculáveis variáveis e cada um desses elementos da câmera, resulta em imagens únicas.

A título de exemplo tomo o caso do inventor do daguerreotipo, Louis-Jacques-Mandé Daguerre (1787-1851). A ele atribui-se não somente o feito de ter apresentado ao mundo o primeiro objeto disponível para fotografar, mas também teria sido o autor de uma das primeiras fotografias envolvendo pessoas em 1839, no *Boulevard du Temple*, em Paris. Nessa paradigmática fotografia, os edifícios ou a espaçosa avenida parisiense não são os protagonistas dessa imagem, mas sim o engraxate e seu cliente na esquina daquela. Antes desse registro de Daguerre, as pessoas só haviam sido representadas em obras de arte. E isso mudou quando este inventor francês ajeitou seu aparelho no alto de um edifício próximo, fixou sua lente para aquele ponto da avenida e depois expôs a folha de cobre banhado a prata por vários minutos. Embora outras pessoas estivessem andando naquela rua, elas não ficaram tempo suficiente para serem imortalizadas pelo invento de Daguerre. Ao contrário dos esforços anteriores, as fotografias com daguerreótipos eram nítidas e permanentes, mas cada registro era único, isto é, não eram reproduzíveis e nem podiam ser impressos em papel.

Para Jorge Pedro Sousa (2000, p.39), os avanços tecnológicos, que permitiram ganhos para o conteúdo das fotografias, brotavam nos períodos de guerra. Neles havia exigências de um público ansioso por interagir com as guerras sem sair de suas casas e dos profissionais que se aventuravam no front para capturar esses instantes. Segundo o autor,

[...] a evolução da temática fotográfica no século XIX é acompanhada por conquistas técnicas. Entre elas, avulta a diminuição dos tempos de exposição, ligada à melhoria da qualidade das lentes e à adoção de novos processos, como o do colódio húmido (cerca de 1851). A técnica do colódio húmido contribuirá para destronar o daguerreótipo. Com o fim do reinado deste e com a disseminação dos processos negativo-positivo, vão produzir-se mudanças na cultura, nas rotinas e convenções profissionais. Na fotografia, vai abandonar-se a ideia da obra de arte única, chegando-se à noção de arte-obra múltipla.

Esse avanço tecnológico revelou-se para o fotojornalismo uma verdadeira revolução. Posto que com o tempo de exposição menor para fixar-se a imagem num elemento fotossensível isso permitia o efeito de “congelamento” da ação, de “capturar o imprevisto, chegar ao instantâneo e, com ele, acenar com a ideia de verdade”. O mesmo se passa com a melhoria das lentes — uma maior luminosidade possibilitará

até a obtenção de fotografias em interiores com recurso à iluminação artificial, o que facilita, por exemplo, fotografar pessoas sem que elas se apercebam da presença do fotógrafo, com ganhos para a naturalidade e, assim também, para a verossimilhança.

Portanto, ao considerarmos esses fatores técnico-fotográficos e a importância da luz, vemos que os fotógrafos do *Revolución* escolheram registrar a participação dos camponeses nos desdobramentos da Revolução durante o dia (84,5%) e relegaram uma pequena margem de 13,6% para fotografias noturnas.

O fotógrafo Liborio Noval, recorda em entrevista cedida a Leandro Estupiñán (2015, p. 71) como os retratos se realizavam com luz ambiente em rolos de 35 milímetros:

*Empezamos a romper uma coisa que estava implantada em Cuba: las fotos de 4x5. Con 35 milímetros tenía portunidad de hacer más fotos: había más películas y no se usaban electrónicos, todo se hacía con luz ambiente. Salas decía que nosotros habíamos usado 35 milímetros, con luz ambiente, primero que los periódicos en EE.UU. Se sentó un precedente por todo el grupo de estaba en Revolución.*

Mantendo a luz do sol sob seu controle, o fotógrafo tem a seu favor a possibilidade de capturar fotos instantâneas (congeladas) e também de selecionar um ponto que deseja dar maior, esse espaço que muitas vezes é o mais nítido é o que pode ser chamado de foco. Por exemplo, se o objetivo do fotógrafo é evidenciar para o futuro apreciador de sua obra os olhos de uma pessoa, seu perfil, suas mãos, etc. com nitidez, a luz será essencial, mas isso não o impossibilita de obter o mesmo efeito à noite, no entanto, terá que utilizar-se de outros recursos técnicos como o flash.

Tabela 6 - Descritores das formas da expressão fotográfica no Campo de Revolución

Descritores	Edição II		Edição III		Edição IV		Edição V		Edição VI		Edição VII		Total		
	Fotos	%	Fotos	%	Fotos	%	Fotos	%	Fotos	%	Fotos	%	Fotos	%	
<b>Formato</b>															
Quadrada	1	5,88	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,72
Recortada	0	0	0	0	2	9,09	0	0	0	0	0	0	0	2	1,45
Retangular Horizontal	6	35,4	7	36,8	11	50	7	35	16	45,7	17	70,8	64	46,7	
Retangular Vertical	10	58,8	12	63,2	9	41	13	65	18	51,4	6	25	68	49,6	
Nenhum	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2,85	1	4,2	2	1,45	
<b>Tamanho</b>															
Grande	2	11,7	1	5,26	4	18	3	15	4	11,4	1	4,2	15	10,9	
Média	5	29,5	6	31,6	9	41	3	15	19	54,2	14	58,3	56	40,8	
Pequena	10	58,8	12	63,2	9	41	14	70	12	34,2	9	37,5	66	48,3	
<b>Tipo de registro</b>															
Instantânea	9	53	14	73,7	12	54,54	10	50	15	42,8	17	79,2	77	56,2	
Posada	8	47	5	26,3	10	45,46	10	50	19	54,2	6	16,6	58	42,3	
Nenhuma	0	0	0	0	0	0	0	0	1	3	1	4,2	2	1,45	
<b>Iluminação</b>															
Claro	15	88,3	18	94,74	22	100	16	80	27	77,23	20	83,3	118	86,1	

Escuro	2	11,7	1	5,26	0	0	4	20	3	8,57	3	12,5	<b>13</b>	9,48
Nenhuma	0	0	0	0	0	0	0	0	5	14,2	1	4,2	<b>6</b>	4,42
<b>Foco</b>														
Objeto Central no foco	0	0	16	84,3	1	4,54	8	40	6	17,1	1	4,2	<b>32</b>	23,3
Tudo focalizado	17	100	3	15,7	21	95,46	12	60	27	77,1	22	91,6	<b>102</b>	74,4
Nenhum	0	0	0	0	0	0	0	0	2	5,8	1	4,2	<b>3</b>	2,3

*Elaborado pelo autor*  
*Fonte: Campo de Revolución (1959)*

Em contrapartida, o fotógrafo também pode renunciar a um recorte específico e então focalizar todo o assunto fotografado. Tal atitude do profissional nos faz pensar que todos os elementos por ele registrados e focalizados integralmente devem ser observados pelo seu apreciador. Como é o caso do *Revolución* que priorizou fotografias onde todos, ou sua maioria, estivessem focalizados 76,4% contra 22,8% de objetos destacados.

No suplemento *Campo de Revolución*, os resultados obtidos com a catalogação e sua organização na tabela 6 acima são bastante similares aos do jornal. Vemos no caso do formato das imagens o mesmo predomínio de fotos retangulares verticais 49,6%. Já no que diz respeito ao tamanho percebe-se que as fotografias médias (40,8%) em comparação com as pequenas (48,3%) tiveram uma relação de quase paridade – algo bem distinto se comparado ao *Revolución* onde as fotografias pequenas demonstraram absoluta vantagem sobre as médias. No tipo de registro vemos que as fotografias instantâneas (56,2%) foram mais requisitadas pelo suplemento, assim como, a opção por fotos durante o dia (86,1%), com todos os elementos desse registro focalizados (74,4%).

Em suma, essas fotografias pequenas, ora instantâneas ora posadas, claras e totalmente focalizadas visam demonstrar os sujeitos retratados em determinado local em plena atividade, quer dizer, tais escolhas reiteram a importância do contexto social a partir do qual a foto é produzida; a escolha pela focalização total e iluminação equilibrada aponta para opções estéticas sintonizadas ao fotojornalismo inteligível e ao mesmo tempo belo. Nesse caso, tais opções assumem o olhar do fotógrafo como marca de sua interpretação, como um homem do seu tempo que cria e critica o que vê. Sendo assim, essa testemunha ocular perde seu *status* objetivista para tornar-se um agente social. Seguindo essa lógica, o fotógrafo, o fotografado, o jornal e o leitor, assumem um papel ativo na narrativa visual que se confunde com a

própria história. Diante das imagens presentes nesses periódicos é difícil adotar qualquer atitude passiva.

### 6.3. Localização geográfica dos fotógrafos

Nesta etapa de análise estão envolvidos não somente as províncias pelas quais os fotógrafos passaram durante sua jornada de trabalho, mas a ênfase dada em termos de localização. Com esses dados saberemos quais regiões foram mais documentadas em detrimento de outras. Para tal levantamento, o território cubano foi distinguido de acordo com a divisão em províncias vigentes da época. Recordamos também que muitas vezes não foi possível identificar o local de registro da fotografia ora pela ausência de informação na legenda ou no texto, ora pela qualidade da fonte.

*Tabela 7 - Localização geográfica de registro das fotografias no Revolución (1959-1961)*

Descritores	1959		1960		1961		Total	
	Fotos	%	Fotos	%	Fotos	%	Fotos	%
1. Pinar del Río	56	11,2	44	12,7	41	8,89	<b>141</b>	10,9
2. La Habana	87	17,4	42	12,2	108	23,6	<b>237</b>	18,2
3. Matanzas	16	3,2	47	13,7	32	7,01	<b>95</b>	7,31
4. Las Villas	37	7,4	36	10,5	64	14	<b>137</b>	10,5
5. Camagüey	52	10,4	4	1,16	44	9,63	<b>100</b>	7,69
6. Oriente <sup>67</sup>	89	17,8	68	19,8	118	25,8	<b>275</b>	21,1
Sierra Maestra <sup>*68</sup>	44	8,8	38	11,1	7	1,53	<b>89</b>	6,85
N/C	119	23,8	63	18,4	42	9,21	<b>224</b>	17,2
<b>Total</b>	<b>500</b>		<b>342</b>		<b>456</b>		<b>1298</b>	

*Elaborado pelo autor  
Fonte: Revolución (1959-1961)*

Em concordância com os dados da tabela 7, a região com maior concentração de imagens é a província de *Oriente* com 21,1% confirmando assim um intenso trabalho dos fotógrafos na região mais afastada da capital e onde também a guerrilha havia se reorganizado logo após o desembarque do *Granma*. A segunda província com mais registros é Havana com 18,2% onde se localizava tanto a capital quanto a redação de *Revolución*. A propósito, dadas as necessidades de ter imagens à disposição do jornal para a edição no dia seguinte, os fotógrafos por opção (ou não) ficaram mais nessa região provavelmente por conta de Havana sediar o governo; além

<sup>67</sup> Com o reajuste administrativo após a aprovação da lei 1304 de julho de 1976, essa província foi desmembrada nas seguintes províncias: *Las Tunas, Granma, Holguín, Santiago de Cuba e Guantánamo*.

<sup>68</sup> A *Sierra Maestra* é uma cadeia montanhosa localizada na região oriental de Cuba principalmente que abrange as províncias de *Granma* e Santiago de Cuba.

de ser ponto de concentração das mobilizações de massa e um dos principais alvos de ataques externos. Na sequência, em terceiro está a província de *Pinar del Río* com 10,9% (geograficamente ao lado de Havana); enquanto *Las Villas* em quarto conta com 10,5%; *Camagüey* em quinto com 7,69%, Matanzas com 7,31%; e a *Sierra Maestra* (na província de *Oriente*) soma 89 fotografias (6,85%). A ênfase dos fotógrafos para esses locais estaria correlacionada preferencialmente no processo de documentação do desenvolvimento do trabalho dos camponeses depois de implantada a reforma agrária, visto que logo de início se tentou diversificar as culturas e desenvolver a pecuária.

A partir desses dados, percebemos que todas as províncias tiveram, em maior ou menor medida, algum registro fotográfico. Nota-se também que uma parcela importante das fotografias não teve seus locais identificados 17,2% o que nos leva a pensar que não se dava atenção suficiente a esses detalhes tanto na legenda quanto no corpo do texto.

*Tabela 8 - Localização geográfica de registro das fotografias no Campo de Revolución*

Descritores	Total de Edições (II-VII)	
	Fotos	%
1. Pinar del Río	13	9,48
2. La Habana	19	13,8
3. Matanzas	3	2,18
4. Las Villas	15	10,9
5. Camagüey	7	5,09
Oriente	20	14,6
Sierra Maestra*	0	0
N/C	60	43,7
<b>Total</b>	<b>137</b>	

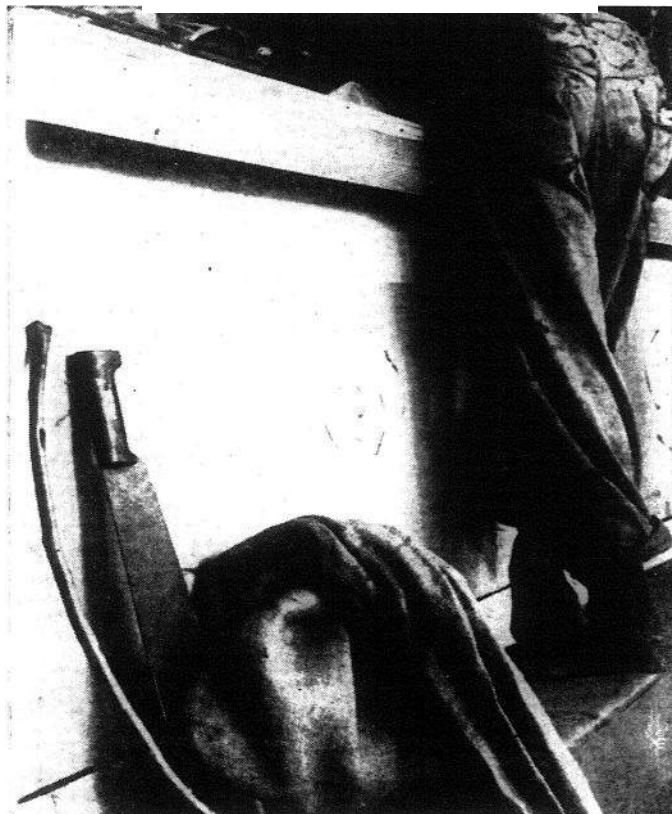
*Elaborado pelo autor*

*Fonte: Campo de Revolución (1959-1961)*

No caso de *Campo de Revolución* tal como no jornal, a província de *Oriente* 14,6% foi a região mais explorada pelos fotógrafos, seguida por La Habana 13,8% e *Las Villas* com 10,9%, respectivamente. Locais onde houve uma intensa documentação dos camponeses no trabalho com a terra. Por outro lado, há uma grande porcentagem de fotografias sem identificação do local do registro 43,7%. Esse é um dado bastante curioso, pois no *Campo* todas as fotografias possuem legenda e estão vinculadas a algum texto. No entanto, dados básicos não foram disponibilizados, como neste caso, o local em que o registro foi tomado. O que despontam de fato são

pequenos textos que visam sensibilizar o observador. Como podemos ver na fotografia a seguir:

*Figura 26 - Ya sale el Sol para todos!*



La jornada ha terminado. Sobre el piso, apoyados como si descansaran ellos también tras la intensa faena, reposan los instrumentos de trabajo del guajiro. Sus mejores armas para combatir al hambre. Acodado sobre el mostrador está el hombre que cada día libra el sustento bajo el sol inclemente en un subir y bajar fatigoso de machetero. Es la hora de regresar al hogar y de acordarse de que los suyos también están cansados. En la Tienda del Pueblo encuentra cómo reponer esas energías que mañana nuevamente derramará generosamente sobre el surco que ha sido cuna y será tumba de sus sueños guajiros.

*Autor: Raúl Corrales*

*Fonte: Campo de Revolución, n. 4, ano 1, 25/10/1959, p. 03.*

Geralmente a legenda numa fotografia nos fornece informações mínimas que produzem em nós uma ilusão interpretativa. A imagem fotográfica é extraordinariamente flexível e polissêmica, portanto, é suscetível a identificações muito diferentes. Roland Barthes (2016, p. 94), enfatiza a importância da legenda e a define como:

*un mensaje parásito, destinado a connotar la imagen, es decir, a "insuflarle" uno o varios significados secundarios. En otras palabras, y esto representa un vuelco histórico importante, la imagen ya no ilustra la palabra; es la palabra que, estructuralmente, es parásita de la imagen.*

Fotografia e legenda formam um todo indissociável, parte de um mesmo corpo. Tal qual referido por Walter Benjamin (1987, p. 37) em *Pequeña historia de la fotografía*: "Debe intervenir la leyenda, que incorpora a la fotografía en la literaturalización de todas las relaciones de la vida, y sin la cual toda construcción

*fotográfica se queda en aproximaciones*". Cartier-Bresson (2003, p. 28) pensava de modo bastante similar dizendo que as legendas devem ser o contexto verbal das imagens, ou então podem agir como complemento daquilo que não se pode obter através da câmera fotográfica. Ademais, a legenda contribui para restringir a polissemia e a subjetividade das imagens que não se dão apenas pelo olhar do fotógrafo, mas também porque como toda criação humana, a fotografia por si só pode conter um sem fim de interpretações.

Se realizarmos um simples exercício no qual consiste em abrir qualquer periódico e observarmos cuidadosamente as fotografias ali inseridas sem ler suas legendas e, claro, dispensando as manchetes e as notícias; vemos que, sem a contribuição desse texto diminuto – usualmente abrangendo no máximo duas linhas – dificilmente compreenderemos integralmente o sentido proposto pelo fotógrafo e pelo jornal. Sem a intenção de ignorar toda a potencialidade do fotojornalista em condensar o máximo de informações de um dado evento numa única fotografia, ainda que esta seja digna de um grande prêmio, nela coexistirão dúvidas a respeito do local do registro, das pessoas envolvidas, o porquê do fotógrafo e do jornal terem considerado isso importante ao ponto de ser publicado e etc.

Na fotografia acima (fig. 26), algumas dessas perguntas básicas não são sanadas. Se analisarmos somente a fotografia sem a legenda, testemunhamos o dorso de um homem e ao seu lado uma sacola e um facão. Mas a inclusão da legenda, essa mesma fotografia recebe outros significados. Com a inclusão desta, esse sujeito torna-se um *guajiro* que estaria numa espécie de mercearia acompanhado de seus instrumentos de trabalho. Além disso, o que se vê é uma condução interpretativa na qual o leitor fosse comovido pelo árduo dia-a-dia deste sujeito que descansa seus instrumentos de trabalho depois de uma longa jornada: "*Sus mejores armas para combatir al hambre...encostado está el hombre que cada día libra el sustento bajo el sol inclemente en un sube y baja fatigoso de machetero*" (*Campo de Revolución*, n. 4, ano 1, 25/10/1959, p. 03). Depois da pausa na mercearia, esse sujeito voltaria para sua casa e descansaria o corpo sabendo que no dia seguinte retornaria ao campo onde "*derramará generosamente sobre el surco que ha sido cuna y será tumba de sus sueños guajiros*".

Nessa primeira etapa analítica reparamos que o jornal *Revolución* reservava às fotografias de camponeses os locais de maior destaque na página do periódico, como vimos, principalmente ao centro, para que o leitor logo se deparasse

com essas imagens. Se numericamente a correlação entre páginas ímpares e pares no jornal demonstraram amplo favoritismo pelo lado par, no suplemento *Campo* prevaleceu uma distribuição balanceada. Quanto às zonas de preferência no suplemento, a harmonia demonstrada na distribuição das imagens revela uma busca de interação visual ágil e dinâmica dos editores para com o leitor.

No quesito formato da expressividade fotográfica, vimos que no *Revolución* predominaram fotografias do tipo retrato, retangular vertical, pequenas – o que possibilita mais fotos por página e destaque ao texto escrito –, pousadas ou instantâneas, com predileção pelo registro durante o dia e, por último, ênfase no máximo de elementos capturados, isto é, tendo todos os sujeitos e objetos da cena bem focalizados. Do lado do *Campo*, os resultados obtidos revelam alguns pontos comuns ao jornal, como a superioridade de fotos no formato retangular vertical, a opção pela captura de fotos durante o dia e todos os elementos focalizados. Já no que tange o tamanho e o tipo de registro, notamos divergências com relação ao jornal. No primeiro caso, repara-se que fotos de porte médio quase se equiparam a quantidade de fotos pequenas, algo bastante distinto do *Revolución* onde reinam imagens de pequeno formato. Quanto ao tipo de registro, fotos de tipo instantânea tiveram maior destaque.

Geograficamente, as fotografias no *Revolución* se concentraram em demasia na província de *Oriente*, não obstante, todo o território cubano tivera algum registro fotográfico de camponeses. Situação essa, um pouco dessemelhante ao suplemento que tivera outras *Oriente*, *Las Villas* e *Pinar del Río*. Além do mais, uma porcentagem considerável de fotografias não teve seus locais de origem identificados. Em geral, as legendas abaixo das fotografias auxiliam nesse trabalho de contextualizar e ceder ao leitor algumas informações básicas para que lhe auxilie no processo de compreensão da imagem. No entanto, o que se apresenta no *Campo*, são legendas que saturam a imagem de sentido, com vistas a promover a sensibilização do observador.

Na sequência, daremos continuidade à análise seguindo por divisões temáticas. Com elas descobriremos quais e quantos fotógrafos registraram por meio de suas lentes os camponeses cubanos; que tipo de camponeses foram fotografados, sua etnia, idade e sexo; os temas mais recorrentes aos quais estão vinculados, se trabalhando, cotidiano, militar etc.



## 7. Realocamento da arquitetura visual

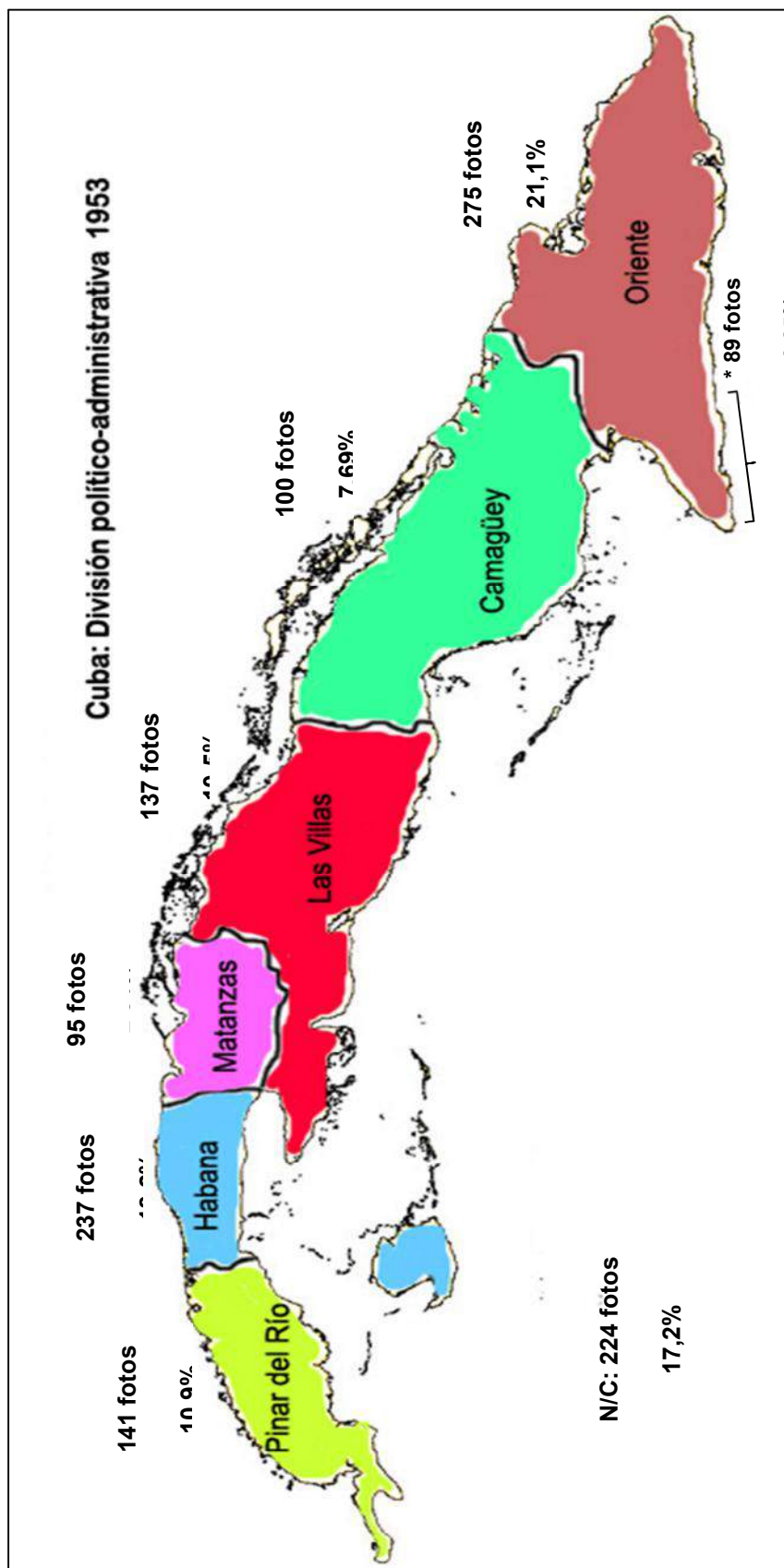
### 7.1. Mestres no domínio das imagens.

Responsáveis pela captura de fotografias no *Revolución* não faltaram, no entanto, um percentual considerável de pesquisas sobre o tema confiam essa participação a um pequeno grupo. Nesta pesquisa, e como demonstrado na tabela 9, contestamos essa premissa apresentando uma quantidade superior de fotógrafos contribuintes. Ressaltamos que chegamos a esses nomes somente focalizando a investigação sobre a temática camponesa, logo cremos que esse inventário de fotógrafos seja ainda maior.

Ao todo verificamos a participação de 42 fotógrafos identificados, e nenhuma participação feminina. Dentro desse espectro notamos que a relação destes com o jornal não era homogênea. Isto posto, percebe-se que certos contribuintes tinham seus registros publicados com regularidade no decorrer do triênio (Ernesto, Korda, Liborio Noval, Llanos, Osvaldo Salas, Roberto Salas e Raúl Corrales), ao passo que os demais detinham participações esporádicas ou únicas (Cano, Francisco Sariol, Genius, Heller, Tolosa, entre outros).

Presumimos que isso ocorresse devido ao regime de contratação dos fotógrafos, sendo, pois, os primeiros com contratos oficiais e os demais *freelancers*. Presumimos que o jornal acionava esses fotógrafos *freelancers*, que nem sempre eram fotógrafos de ofício, para cobrirem locais distantes da sede do jornal em Havana e com isso, teria seu staff oficial próximo dos líderes do governo e de regiões que demandariam economia nos deslocamentos.

Outro fato evidenciado é a substancial parcela de fotógrafos não identificados 42,7% do total, pouco menos da metade. A esses dados, atribuímos duas hipóteses que carecem de comprovação: a) as fotos enviadas para a redação do jornal não eram identificadas pelos próprios autores ou se perdiam no caminho ou b) os editores do jornal suprimiriam conscientemente esse dado no intuito de dar maior credibilidade aos seus contratados.

Figura 27 - Localização de registro das fotografias no *Revolución* (1959-1961)

Elaborado pelo autor  
Fonte: *Revolución* (1959-1961)

Diante dessa abrangência de fotógrafos, aqueles que mais capturaram imagens de camponeses foram, respectivamente: Ernesto Fernandez (7,39%), Raúl Corrales (6,47%), Korda (5,77%), Llanos (4,93%), Libório Noval (4,16%), Osvaldo Salas (3,15%), Roberto Salas (2,46%). Além de fotógrafos, houve também a contribuição de agências como a *Oficina de Publicidad de Palacio* (3 fotos) e do periódico *Prensa Latina*<sup>69</sup> (1 foto).

O fotojornalista norte-americano Charles Henry Harbutt (1935-2015) também relegou alguns dos seus registros para o *Revolución*. Porém ele não se limitou a publicar em jornais locais ou estrangeiros, Harbutt fizera um extenso trabalho documental dos eventos em Cuba, posteriormente publicado no livro: *Cuba Libre 1959* lançado em 2005. Harbutt chegou em Cuba através da recomendação de uma revista americana de fotografia para registrar a luta contra Batista. No dia 2 de janeiro, ele já estava em Havana. *Cuba Libre* é um conjunto de experiências do fotógrafo na primeira semana sob uma nova era para os cubanos.

Tabela 9 - Responsáveis pelos registros fotográficos de camponeses no *Revolución*

Descritores	1959		1960		1961		Total	
	Fotos	%	Fotos	%	Fotos	%	Fotos	%
Arias	2	0,4	5	1,46	0	0	7	0,53
Arístides Reyes	18	3,6	4	1,16	0	0	22	1,69
Cano	0	0	0	0	1	0,21	1	0,07
Casals	2	0,4	0	0	0	0	2	0,15
César Fonseca	4	0,8	7	2,04	9	1,97	20	1,54
Charles Harbutt	5	1	0	0	0	0	5	0,38
Charles Rubio	6	1,2	0	0	0	0	6	0,46
Chaviano	0	0	0	0	4	0,87	4	0,3
Ernesto (Fernandes)	60	12	25	7,3	11	2,41	96	7,39
Evelio Arteaga	0	0	4	1,16	0	0	4	0,3
Ferrer <sup>70</sup>	0	0	19	5,55	15	3,28	34	2,61
Francisco Sariol <sup>71</sup>	10	2	0	0	0	0	10	0,77
Genius	6	1,2	0	0	0	0	6	0,46
Grant	1	0,2	0	0	0	0	1	0,07
Guillermo Miró <sup>72</sup>	0	0	4	1,16	12	2,63	16	1,23

<sup>69</sup> Fundado por Sergio Carbó y Morera (1892- 1971) em 1941, Prensa Libre era um periódico vespertino cujo lema era “*ni con unos ni con otros: con la República*”. Na década de 1950 conquistou novos patamares econômicos e no ano de 1957 mandaria construir um edifício com seis andares próximo da Plaza Cívica com os mais modernos recursos da indústria tipográfica. A irrenunciável linha anticomunista que ostentava o diário colidia com os ideais que revolucionários acarretando assim em seu fechamento em 1961 e o exílio de Carbó nos Estados Unidos (CUENCA, 2017).

<sup>70</sup> Mario Ferrer Moltimor (1926-2011) foi fotógrafo, cinegrafista e correspondente do *Revolución* e do *Noticiero Nacional de Televisión*.

<sup>71</sup> Juan Francisco Sariol (1888-1968) foi poeta, narrador, ensaísta, jornalista e editor.

<sup>72</sup> O fotojornalista e cinegrafista, Guillermo Miró Perdomo (1926-2007) dedicou quase seis décadas ao trabalho jornalístico à província de Matanzas. Entre seus grandes feitos, destacam-se sua participação

Heller	0	0	0	0	1	0,21	<b>1</b>	0,07
José A. Trutié	14	2,8	7	2,04	0	0	<b>21</b>	1,61
Korda <sup>73</sup>	21	4,2	18	5,26	36	7,89	<b>75</b>	5,77
La Verde	7	1,4	0	0	0	0	<b>7</b>	0,53
Liborio Noval	7	1,4	11	3,21	36	7,89	<b>54</b>	4,16
Llanos	32	6,4	7	2,04	25	5,48	<b>64</b>	4,93
Luis Arias	5	1	3	0,87	16	3,5	<b>24</b>	1,84
Luis Morales	0	0	0	0	1	0,21	<b>1</b>	0,07
Marino Bueno	9	1,8	1	0,29	0	0	<b>10</b>	0,77
Mario Collado	0	0	21	6,14	2	0,43	<b>23</b>	1,77
Mayito	0	0	2	0,58	13	2,85	<b>15</b>	1,15
Miguel Planas	0	0	0	0	9	1,97	<b>9</b>	0,69
Ocaña	0	0	0	0	8	1,75	<b>8</b>	0,61
Oficina de Publicidad de Palacio	0	0	0	0	3	0,65	<b>3</b>	0,23
Oscar Mederos	6	1,2	0	0	0	0	<b>6</b>	0,46
Osvaldo Salas	0	0	13	3,8	28	6,14	<b>41</b>	3,15
Prensa Latina	0	0	1	0,29	0	0	<b>1</b>	0,07
Ramiro	0	0	0	0	1	0,21	<b>1</b>	0,07
Raúl Corrales	40	8	25	7,3	19	4,16	<b>84</b>	6,47
Roberto Salas	0	0	0	0	32	7,01	<b>32</b>	2,46
Rogélio Arias	5	1	0	0	0	0	<b>5</b>	0,38
Rubén González	0	0	5	1,46	0	0	<b>5</b>	0,38
Rubio	0	0	0	0	4	0,87	<b>4</b>	0,3
Sariol	2	0,4	1	0,29	0	0	<b>3</b>	0,23
Soroa	0	0	0	0	6	1,31	<b>6</b>	0,46
Tirso Martínez	4	0,8	0	0	1	0,21	<b>5</b>	0,38
Tolosa	0	0	0	0	1	0,21	<b>1</b>	0,07
S/N	234	46,8	159	46,4	162	35,5	<b>555</b>	42,7
<b>Total</b>	<b>500</b>		<b>342</b>		<b>456</b>		<b>1298</b>	

*Elaborado pelo autor  
Fonte: Revolución (1959-1961)*

No suplemento, o contingente de fotógrafos fora bem menor se comparado ao *Revolución*, ao todo seis fotógrafos participaram de suas edições, sendo três deles também contribuintes para o jornal: Ernesto Fernandes (29,1%) e Raúl Corrales

como correspondente no assalto ao Cuartel Goiucurá, ação armada em abril de 1956 encabeçada cujo fracasso comoveu a nação e presença na invasão da Playa Girón em abril de 1961. Suas fotos circularam pelo mundo através da revista Life, além disso, registrou imagens das visitas de Ernest Hemingway e de de Fidel em Matanzas. Em sua homenagem, inaugurou-se numa área da sede do *Consejo Provincial de las Artes Plásticas* (CPAP) o primeiro espaço dedicado unicamente à fotografia artística em Matanzas. A sala Guillermo Miró forma parte de um projeto que inclui ademais, a promoção trabalhos relacionados com a investigação fotográfica e o ensino desta manifestação artística através de conferências e oficinas, desde um enfoque teórico e artístico.

<sup>73</sup> Em 1953 Alberto Díaz Gutierrez e seu amigo Luis Antonio Peirce Byers (1912 – 1985), fundaram o estúdio Korda, onde produziram fotografias das mais variadas temáticas, sendo o ramo da publicidade a mais conhecida. Ambos assinavam suas fotos como Korda, portanto não soubemos distinguir a quais fotos pertenciam os registros analisados.

(18,2%) e o polivalente artista, Jesse Fernández (4,42%)<sup>74</sup>. Quanto aos outros três, a lógica de *freelancers* ao que nos parece também foi aplicada. Integrado a esse grupo destaca-se a participação do escritor e artista cubano Samuel Feijóo (3,64%)<sup>75</sup>.

Tabela 10 - Responsáveis pelos registros fotográficos de camponeses no Campo de Revolución

Descritores	Edição II		Edição III		Edição IV		Edição V		Edição VI		Edição VII		Total	
	Fotos	%	Fotos	%	Fotos	%	Fotos	%	Fotos	%	Fotos	%	Fotos	%
Ernesto (Fernandes)	4	23,5	11	57,8	4	18	5	25	11	31,4	5	20,8	40	29,1
César Fonseca	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	7	29,1	7	5,1
Jesse Fernández	0	0	0	0	0	0	0	0	6	17,1	0	0	6	4,42

<sup>74</sup> Jesse Antonio Fernández nasceu em Havana no ano de 1925, mas aos sete anos sua família abandonou a ilha para escapar da ditadura de Gerardo Machado. Com a eclosão da guerra civil espanhola, em 1936, sua família que naquele momento residia nas Astúrias, optou por regressar a Cuba. Aos quinze anos de idade, Jesse A. Fernández ingressou na Academia de Bellas Artes de San Alejandro em Havana. Alguns anos mais tarde tentou estudar engenharia eletrônica nos Estados Unidos, mas logo declinou para dedicar-se a arte. Em Nova Iorque, estudou pintura com dadaísta alemão George Grosz (1893-1959) e o modernista norte americano Preston Dickinson. Em 1948 obteve o primeiro contato com o artista cubano Wilfredo Lam (1902-1982) que facilita o encontro com artista europeus residentes na época em Nova Iorque: Marcel Duchamp, Jackson Pollock, Estéban Francés e Friedrich Kiesler, entre outros. Entre 1952 e 1954 ao trabalhar para uma agência de publicidade colombiana iniciava sua carreira como fotógrafo, segundo o próprio Fernández ao tomar conhecimento do mundo da fotografia foi onde finalmente havia se encontrado: *“la fotografía es para mí una forma de contacto con la realidad. Es allí donde encontré mi propia técnica. No tenía ni idea de lo que era la fotografía, no sabía ni lo que era un diafragma. Me encerraba con toneladas de libros y así conseguí aprender. Soy un purista y en mi trabajo se nota la influencia de Henri Cartier-Bresson y de Walker Evans”*. Em 1959 a pedido de Guillermo Cabrera Infante, Jesse A. Fernández direcionou suas lentes para Fidel Castro e os princípios da Revolução Cubana para *Revolución, Lunes de Revolución* e para o *Campo de Revolución*. No decorrer nas décadas experimentou outras técnicas fotográficas e também participou de numerosas exposições pessoais e coletivas. Em 13 de março de 1986, Jesse A. Fernández falece em Neuilly-sur-Seine. Importantes retrospectivas celebradas no museu arte madrileno de Reina Sofía, em 2003, na Maison de l'Amérique latine (Paris) em 2012 e no Nelson Atkins Museum, em 2016, permitem redescobrir a obra de Jesse A. Fernández. Recentemente a exposição *“Errancia y fotografía”* exibiu no *El Instituto Cervantes y el Otoño Cultural Iberoamericano (OCIB)*, Espanha, a prolífica galeria de retratos que Jesse A. Fernández realizou de destacados protagonistas culturais da segunda metade do século XX. A exposição, que em 2018 e 2019 irá para outros centros do Instituto Cervantes na Europa, foi organizada segundo a estância do fotógrafo nos diversos países das Américas e da Europa. Fotografias já conhecidas pelo público e outras inéditas dividem o espaço da mostra que se completa com documentos e publicações além do curta-metragem *P.M.*, de Sabá Cabrera Infante e Orlando Jiménez Leal (EL DIARIO, 2018).

<sup>75</sup> Samuel Feijóo Rodríguez nasceu em 31 de março de 1914 na província de Las Villas e foi um personagem versátil da cultura cubana no século XX. Escreveu diversos livros de poesia, narrativa e antologias de contos e tradições populares. Sua extensa obra poética tem entre seus temas principais, a beleza e o encanto da paisagem rural assim como uma reflexão permanente sobre o ser humano e suas relações com o mundo. Sua obra narrativa está marcada igualmente pelo cenário rural, as tradições e o folclore camponês, tal como pela mitologia afro-cubana. Nesse afã, devem-se textos como: *El negro en la literatura folklórica cubana* (1980), *Mitología cubana* (1980) e *Mitología americana* (1983). A respeito do tema camponês destaca-se sua novela *Juan Quinquín en Pueblo Mocho* (1964), levada aos cinemas cubanos alguns anos depois, além do volume de relatos *Cuentacuentos*, que lhe rendeu o *Premio de Cuento Luis Felipe Rodríguez*, da UNEAC em 1975. Fundou e dirigiu as revistas *Islas* (1958-1968) e *Signos* (1969-1985), nas quais a plástica ocupou um lugar representativo e desenvolveu-se um trabalho de difusão da cultura popular. Exerceu a prática jornalística nos periódicos *El Mundo*, *Juventud Nacionalista*, *Bohemia*, *Carteles*, *Orígenes*, *Revolución* e *Campo de Revolución*. Faleceu no dia 14 de julho de 1992 em Havana (LA JIRIBILLA, 2018).

Raúl Corrales	1	5,8	1	5,26	9	41	0	0	5	14,2	9	37,5	25	18,2
S/N	7	41,1	7	36,8	9	41	8	50	13	37,1	3	12,5	47	34,2
Samuel Feijóo	5	29,5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	5	3,64
Tirso Martínez	0	0	0	0	0	0	5	25	0	0	0	0	5	3,64
<b>Total fotografias</b>	<b>17</b>		<b>19</b>		<b>22</b>		<b>20</b>		<b>35</b>		<b>24</b>		<b>137</b>	
<b>Total de páginas</b>	<b>24</b>		<b>20</b>		<b>20</b>		<b>20</b>		<b>24</b>		<b>24</b>		<b>132</b>	

*Elaborado pelo autor*  
*Fonte: Campo de Revolución (1959)*

A partir desse levantamento serial dos fotógrafos, percebemos a heterogeneidade que perfazia as fileiras de contribuintes de *Revolución e Campo*. Aliás, essa gama de olhares nacionais, estrangeiros, de fotojornalista ou simplesmente amantes de fotografia certamente propiciaram “leituras ópticas” da situação camponesa de modo diferenciado. Na sequência trataremos os temas mais recorrentes desse universo fotográfico.

## 7.2. Padrões temático-visuais

Para sondagem dos temas abordados nos periódicos, formulou-se um levantamento dos principais “Assuntos e Temas” organizados nas tabelas 11 e 12. Nesse sentido, recorreremos a uma linguagem técnica controlada por descritores comumente utilizados em indexação de textos ou imagens para representar certos conceitos, temas e/ou assuntos. Adotando-se essa postura metodológica, dispomos da possibilidade de averiguar, de um lado, os temas inerentes aos registros fotográficos e do outro, aquilo que de certo modo “escapou” do controle da visualidade de fotógrafos e editores dos periódicos, isto é, das instantâneas que chegaram até as mãos dos leitores sem que a filtragem desses agentes pudesse tê-las freado de maneira consciente.

O vocabulário controlado instituído, a partir da recorrência dos assuntos, procedera de algumas definições para cada um dos termos. Por “Alimentação”, compreende-se registros nos quais os camponeses encontravam-se, em algum dado momento do dia consumindo alimentos. “Campo/Paisagem/Natureza”, são fotografias onde os sujeitos de zonas rurais não eram os principais focos dos fotógrafos, nesse caso predominavam a paisagem local, as plantações etc. “Comemorativo”, são fotos

onde a população camponesa reunia-se para celebrar datas especiais do calendário revolucionário: 1º de Maio (Dia Internacional dos Trabalhadores), 17 de Maio (sanção da lei de reforma agrária), 26 de julho (fundação do M-26/7), 28 de outubro (morte de Camilo Cienfuegos), entre outras.

“Contrarrevolução”, são registros onde os camponeses aparecem implicados na luta contra os atentados à Revolução e, ao lograrem com sua missão eram fotografados com os sujeitos capturados. “Cotidiano”, são fotografias do cotidiano de pessoas atarefadas com atividades não necessariamente vinculadas ao tratamento com a terra, ou seja, pessoas preparando suas refeições, dando de banhar a algumas crianças ou varrendo os arredores da casa; em resumo, os desafios de ser viver em zonas rurais.

Em “Cultura”, identificamos eventos nos quais os camponeses foram registrados enquanto participavam de peças teatrais, visitavam museus, exposições, cinemas, concertos musicais e outras atividades ligadas ao entretenimento e às artes. O descritor “Educação”, refere-se ao contato dos sujeitos com o letramento. Nesse caso, a Campanha de Alfabetização foi uma importante aliada para o fim do analfabetismo na Ilha, cujo intento não passou despercebido pelas lentes dos fotógrafos.

Na categoria “Esportivo”, enquadra-se fotos dos camponeses em alguma prática esportiva, desde beisebol, esporte popular no país, até artes marciais como o judô. Designamos “Festivo” as práticas “não-oficiais”, isto é, comemorações populares sem vínculo explícito com a política, carnaval, passagem de ano etc. Já o descritor “Manifestação”, concerne às grandes mobilizações populares, principalmente na capital do país, onde nota-se a presença de cartazes e faixas estampando palavras de ordem contra os ataques sofridos pelos Estados Unidos e favoráveis às ações do governo, tudo isso diante de ilustres figuras do governo.

Por “Militar”, agrupamos fotografias em que os camponeses praticavam algum exercício ou treinamento militar, devidamente paramentados e armados, ora com fuzis, ora com seus “*machetes*”, desfiles, paradas e condecorações. No campo “Política”, abordamos imagens de trabalhadores do campo na presença de ícones políticos como Fidel, Che Guevara, Camilo Cienfuegos e etc., numa visita domiciliar ou para entrega de títulos de propriedade.

Fotos nas quais divisamos camponeses associados com algum tipo de propaganda comercial agrupamos no descritor “Propaganda”. Neste domínio, os

sujeitos são representados trajando roupas da *Shell*, dirigindo tratores de um revendedor ou fumando um tipo de cigarro de marca específica.

No descritor “Reforma Agrária”, deparamo-nos com uma quantidade substancial de imagens que tratavam de abarcar todo o processo de sanção desta lei, isto é, em três fases: a) pré-sanção, b) na sanção em si e c) o pós implantação. Na primeira situação, notou-se massivo apoio popular com ruas lotadas, cartazes sobre as cabeças da multidão, entrevistas com moradores de zonas rurais os quais seriam beneficiados e, especialistas do governo dando seu respaldo positivo à essa medida. Com a assinatura da lei e a entrega dos títulos de propriedade, seguiram-se fotografias das vitórias conquistadas e o colhimento desses frutos.

A propósito esperava-se que o descritor “Religião” conjugasse certa quantidade considerável de fotos, pois em geral pessoas do meio rural sustentam com ardor suas tradições religiosas (cristãs ou não). Entretanto, não foi o que verificamos como expresso na tabela 11. Ao que parece, àquelas alturas a própria Revolução seria uma espécie de religião para os cubanos – ou assim se fazia crer.

No descritor “Saúde”, entende-se fotografias de tratamento do bem-estar da população do campo, fossem as consultas médicas nas casas dos sujeitos, nos hospitais e clínicas nas cidades. Por fim, o descritor “Trabalho”, englobamos as instantâneas que capturaram os trabalhadores do campo laborando a terra com ou sem tratores, para uma nova cultura a ser plantada, cuidando de seus animais, colhendo seus alimentos e fazendo uso de seus facões nas grandes safras de açúcar.

Tabela 11 - Assuntos e temas fotografados no *Revolución*

Tabela de assuntos e temas fotografados								
Descritores	1959		1960		1961		Total	
	Fotos	%	Fotos	%	Fotos	%	Fotos	%
Alimentação	2	0,4	5	1,46	4	0,87	<b>11</b>	0,84
Campo/Paisagem/ Natureza	14	2,8	3	0,87	9	1,97	<b>26</b>	2
Comemorativo	11	2,2	2	0,4	1	0,21	<b>14</b>	1,07
Contrarrevolução	0	0	19	5,55	3	0,65	<b>22</b>	1,69
Cotidiano	53	10,6	30	8,77	35	7,67	<b>118</b>	9,09
Cultura	1	0,2	8	2,33	10	2,19	<b>19</b>	1,46
Educação	19	3,8	20	5,84	91	19,9	<b>130</b>	10
Esportivo	1	0,2	0	0	1	0,21	<b>2</b>	0,15
Festivo	3	0,6	0	0	8	1,75	<b>11</b>	0,84
Manifestação	68	13,6	33	9,64	20	4,38	<b>121</b>	9,32
Militar	21	4,2	50	14,6	17	3,72	<b>88</b>	6,77
Política	64	12,8	24	7,01	21	4,6	<b>109</b>	8,39
Propaganda	20	4	4	1,16	1	0,21	<b>25</b>	1,92



Reforma Agrária	127	25,4	12	3,5	19	4,16	<b>158</b>	12,1
Religião	1	0,2	0	0	0	0	<b>1</b>	0,07
Saúde	12	2,4	17	4,97	1	0,21	<b>30</b>	2,31
Trabalho	83	16,6	113	33	211	46,2	<b>407</b>	31,3
Nenhum	0	0	2	0,4	4	0,87	<b>6</b>	0,46
<b>Total</b>	<b>500</b>		<b>342</b>		<b>456</b>		<b>1298</b>	

Elaborado pelo  
autor

Tabela 12 - Assuntos e temas fotografados no Campo de Revolución

Descritores	Edição II		Edição III		Edição IV		Edição V		Edição VI		Edição VII		Total	
	Fotos	%	Fotos	%	Fotos	%	Fotos	%	Fotos	%	Fotos	%	Fotos	%
Alimentação	1	5,8	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,72
Campo/Paisagem/Natureza	0	0	0	0	2	9,09	1	5	5	14,2	0	0	8	5,83
Comemorativo	0	0	0	0	0	0	6	30	1	3	0	0	7	5,1
Cotidiano	8	47	1	5,26	3	13,6	0	0	8	22,8	5	20,8	25	18,2
Educação	0	0	1	5,26	0	0	0	0	0	0	1	4,2	2	1,45
Esportivo	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	12,5	3	2,3
Festivo	0	0	0	0	7	31,8	0	0	0	0	1	4,2	1	0,72
Infância	0	0	0	0	0	0	5	25	0	0	0	0	5	3,64
Militar	0	0	0	0	4	18	0	0	10	28,5	2	8,33	16	11,6
Nenhum	1	5,8	2	10,5	1	4,54	0	0	1	3	1	4,2	6	4,42
Política	2	11,7	1	5,26	1	4,54	7	35	1	3	0	0	12	8,75
Saúde	0	0	1	5,26	0	0	0	0	3	8,57	0	0	4	2,9
Trabalho	5	29,5	6	31,6	11	50	1	5	6	17,1	11	45,8	40	29,1
<b>Total fotografias</b>	<b>17</b>		<b>19</b>		<b>22</b>		<b>20</b>		<b>35</b>		<b>24</b>		<b>137</b>	
<b>Total de páginas</b>	<b>24</b>		<b>20</b>		<b>20</b>		<b>20</b>		<b>24</b>		<b>24</b>		<b>132</b>	

Elaborado pelo autor  
Fonte: Campo de Revolución (1959)

Como a distribuição numérica é bastante clara, há temas que se destacaram como Trabalho (31,3%), Reforma Agrária (12,1%), Educação (10%), Manifestação (9,32%), Cotidiano (9,09%), Política (8,39%) e Militar (6,77%). Nesse caso, torna-se imprescindível apresentarmos e analisarmos algumas das fotografias que compõe esses temas e que, grosso modo, condensam tais temas, sem, contudo, ressaltar, esgotar com todas suas potencialidades, digo isso pois, cada assunto por si só comporta um matiz analítico bastante rico. Portanto, o que veremos a seguir considero apenas a ponta de um iceberg que futuramente poderá se desdobrar em demais trabalhos científicos.

### 7.2.1. O escolhido pelo povo de “deus”

Camilo Cienfuegos Gorriarán (Havana, 6 de fevereiro de 1932 — Localização incerta, Cuba, 28 de outubro de 1959) foi um revolucionário cubano e uma das personalidades mais carismáticas da Revolução Cubana (1953-1959). Camilo foi um dos comandantes que liderou a Guerra de Libertação Nacional contra Batista. Junto a Che Guevara, recebeu de Fidel Castro a missão de levar a Revolução para o ocidente da ilha, o que possibilitou a sua grande popularidade. Conhecido como "*El Comandante del Pueblo*", "*El Señor de la Vanguardia*", "*Héroe de Yaguajay*" ou "*El Héroe del Sombrero Alón*" conquistou os cubanos com sua personalidade humilde, caráter jovial e natural despreendimento.

Para grande parte dos cubanos, Camilo representava genuinamente um herói autêntico, valente e carismático. Nos tempos de guerrilha, Camilo recebeu de Fidel a importante missão de levar a ofensiva militar para o ocidente da ilha, incumbência empreendida por ele e Che Guevara que nos últimos dias, foi designado para ocupar o Regimento Columbia, um dos maiores símbolos da força militar de Batista. Tão súbita quanto a sua chegada, foi sua partida. Camilo desapareceu dez meses após o triunfo da Revolução no dia 28 de outubro de 1959. Tinha, à época, o segundo maior cargo dentro do exército, era Chefe de todas as Forças Armadas da província de Havana e Chefe do Estado Maior do Exército Rebelde, e um dos mais poderosos e populares comandantes da Revolução.

Sob circunstâncias misteriosas ainda pouco esclarecidas, o avião que seguia para Havana levando Camilo desapareceu em pleno voo. Nenhum resquício do seu corpo, dos tripulantes ou do avião jamais foram encontrados. Sua morte causou grande impacto em toda a população, que durante vários dias procurou algum vestígio de seu paradeiro. Com efeito, rapidamente Cienfuegos se tornou um dos mártires da Revolução e ainda hoje o seu desaparecimento é alvo de diversas teorias e debates que tentam explicar as circunstâncias de sua morte.

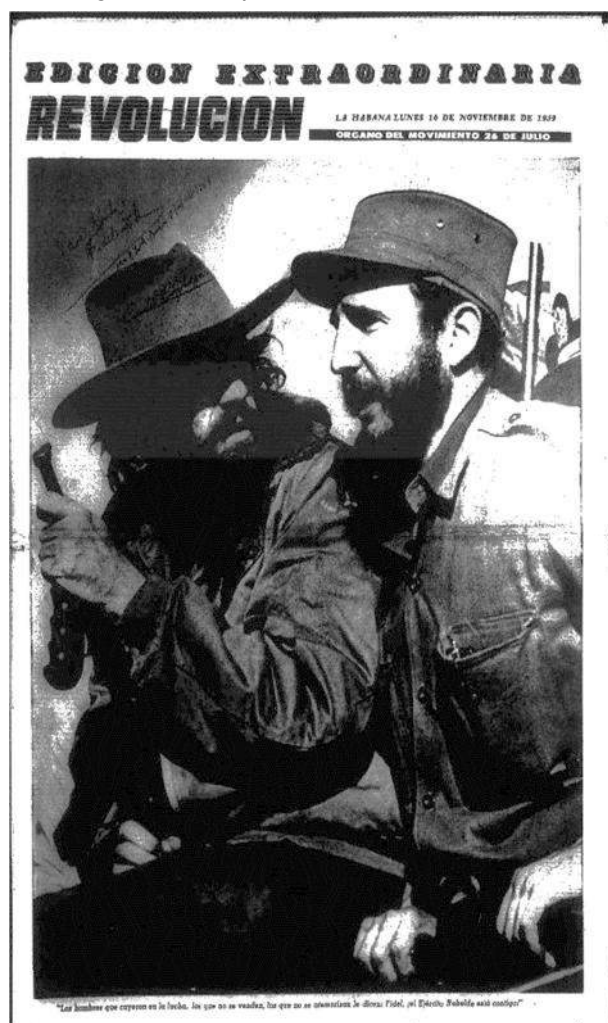
Por sua vez, depois de confirmado a morte de todos os tripulantes do avião Cessna, o *Revolución*, que àquela altura acompanhava passo-a-passo o andamento das operações de busca de Camilo, publicou uma edição especial em homenagem ao ex-comandante no dia 16 de novembro de 1959.

Esquadrinhar essa foto de capa (fig. 28) nos remete de imediato a alguns aspectos singulares. Primeiramente, o recorte feito nela, se pegarmos esta capa e a

compararmos com a fotografia de Korda intitulada *Jipe de la Libertad*, percebemos que tanto a presença de um oficial da marinha quanto do sujeito dentro do automóvel, foram sutilmente suprimidos. Em decorrência disso há uma clara ênfase, nas figuras de Fidel Castro e Camilo Cienfuegos.

A segunda ressalva, refere-se à dedicatória do fotógrafo Alberto Korda com sua assinatura presente logo acima da cabeça de Camilo onde lê-se: “*De Korda para Fidel*” e no chapéu de Camilo: “*Camilo Cienfuegos*”. Outro ponto interessante a se atentar é o fato de que dentre tantas imagens de Camilo, onde fora fotografado sozinho, justamente essa tenha sido a fotografia de capa, onde Fidel está presente. O porquê dessa escolha está longe de respostas definitivas, porém podemos nos acercar de duas hipóteses: a) tentativa de desviar suspeitas do envolvimento de Fidel no desaparecimento do ex-comandante, e b) certa investida oportunista valorando a imagem de Fidel, como atestada na legenda abaixo: “*Los hombres que cayeron en la lucha, los que no se venden, los que no se atemorizan le dicen: Fidel, ¡el Ejército Rebelde está contigo!*”.

Figura 28 - Capa edición extraordinaria



Fotografía: Korda

Fonte: *Revolución*, ano 2, n. 293, 16/10/1959, p. 01.

“*Los pueblos no siguen a los traidores*”, é o título da matéria que percorre a extensão dessa edição especial. Nela foi transcrita as últimas palavras públicas de Camilo concedidas à emissora de televisão Canal 11 da província de Camaguey no dia 22 de outubro de 1959, ou seja, 6 dias antes do seu desaparecimento.

A pedido de Fidel, Camilo fora enviado para essa província com o objetivo de capturar o ex-combatente Huber Matos, cuja renúncia devido a guinada esquerdista que a Revolução estava adquirindo, fora considerado traidor da Revolução, em sua própria defesa Matos revelou:

*Mi permanencia en el gobierno respalda acciones con las cuales no estoy de acuerdo. Quiero ser responsable de mis errores y no cargar con la tremenda culpa que la historia volcará sobre quienes, por ambición, por acomodamiento o por inercia, traicionan la Revolución cubana; esto es, al pueblo y sus esperanzas. Aunque sea yo el único que denuncie lo que está*

*pasando, tengo que dar alerta a los cubanos. No sé si me escucharán o si lo entenderán.*<sup>76</sup>

Diante da incompatibilidade entre suas posições e as do governo revolucionário cubano, Matos finalizou sua carta renúncia em 19 de outubro, um dia após a nomeação de Raúl Castro para o cargo de Ministro das Forças Armadas. Era impossível para Matos seguir trabalhando sob as ordens de Raúl que, juntamente com Guevara, eram as maiores expressões comunistas da Revolução. No dia seguinte Camilo foi enviado com algo em torno de 20 homens à província para prender Huber Matos e seus aliados de onde foram retirados sem quaisquer ferimentos.

A primeira pergunta direcionada a Camilo nesta edição especial partiu do jornalista Manolo de la Torre. A pedido deste, Camilo fora convidado a esclarecer aos ouvintes os fatos que sucederam à prisão de Huber Matos. Nas palavras de Camilo:

*Cuando tuvimos conocimiento de la renuncia del Comandante Huber Matos y las demás renuncias que se estaban haciendo por distintos compañeros del Ejército Rebelde, las renuncias que iban a hacer distintos hombres de la vida civil precipitadamente, después de conversar con Fidel salimos para esta ciudad de Camaguey, ya, que nosotros conocíamos de las intenciones de Huber Matos; sabíamos de sus relaciones íntimas y de gran amistad que lo habían unido a Pedro Luis Díaz Lanz; conocíamos de las innumerables visitas que hiciera a Urrutia y los contactos descarados que había hecho tratando de atraerse a compañeros Oficiales de otras provincias, en la conspiración que tenía inteligentemente planeada Huber Matos, no era solamente en Camaguey, sino que intentpo captarse a compañeros de otras provincias por médio del engano y la mentira... (REVOLUCIÓN, ano 2, n. 293, 16/10/1959, p. 22).*

Paralelo à entrevista, o jornal organizou uma série fotográfica com os eventos que marcaram a vida do Cienfuegos. O intuito desse apanhado fotográfico é justificado da seguinte maneira:

*A fin de que el lector pueda establecer un recorrido cronológico a través de estas páginas de la edición-homenaje hemos agrupado la iconografía de Camilo Cienfuegos con arreglo al siguiente sumario: 1- Los días de la Sierra; 2 – La campaña de Las Villas; 3 – Los primeros días de enero; 4 – El viaje a Nueva York; 5 – Camilo se recorta las barbas; 6 – Camilo y los niños; 7 – Camilo y los campesinos; 8 – Camilo y los deportes; 10 – El Mimado del Pueblo; 11 – Fustigador de calumniadores; 12 – Camilo y la gente de REVOLUCIÓN; 13 – Ultimas fotos de Camilo (Ibidem, p. 23).*

Sendo, pois, nosso intuito trabalhar fotografias de camponeses, nos fiaremos em apresentar como a relação de Camilo Cienfuegos com esse grupo fora estabelecida no jornal. No canto superior esquerdo da página, a fotografia de Camilo

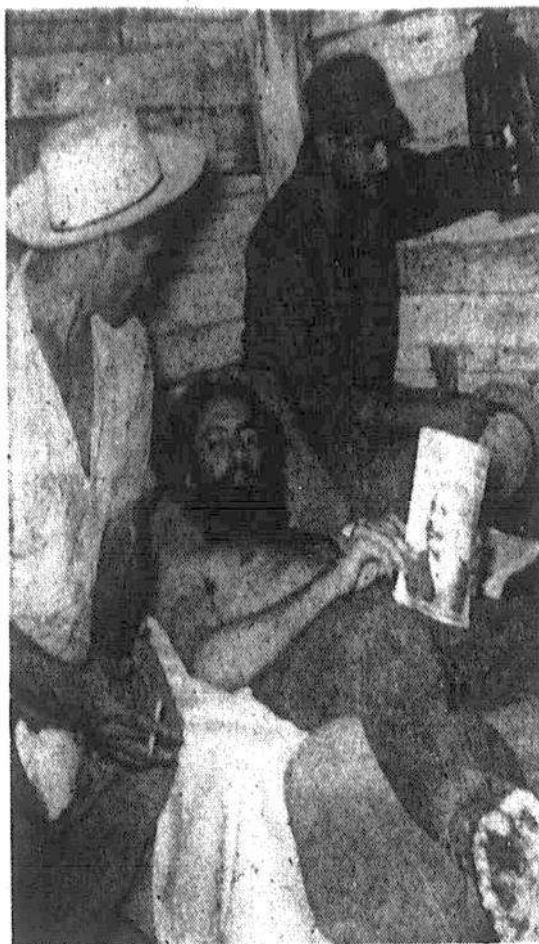
---

<sup>76</sup> MATOS, Huber. *Cómo Llegó la Noche*. Barcelona: Tusquets Editores, 2002, p.336.

com um camponês remete aos tempos da luta pela libertação na *Sierra Maestra* (fig. 29).

Nessa situação, o jovem rebelde aparece deitado segurando um livro de Antonio Maceo, militar que lutou na Guerra dos Dez anos, cercado por um camponês que o mira fixamente sentado do lado direito do leito enquanto do outro lado um sujeito com trajes de guerrilha segura uma lamparina com a mão direita. De acordo com as informações da legenda: “*Camilo, después de haber sido herido en un combate en Sierra Maestra. Lo acompañan un campesino y el Dr. Valle*”.

Figura 29 - Camilos después de haber sido herido.



Camilo, después de haber sido herido en un combate en la Sierra Maestra. Lo acompañan un campesino y el Dr. Valle

Fotografia: Sem autoria

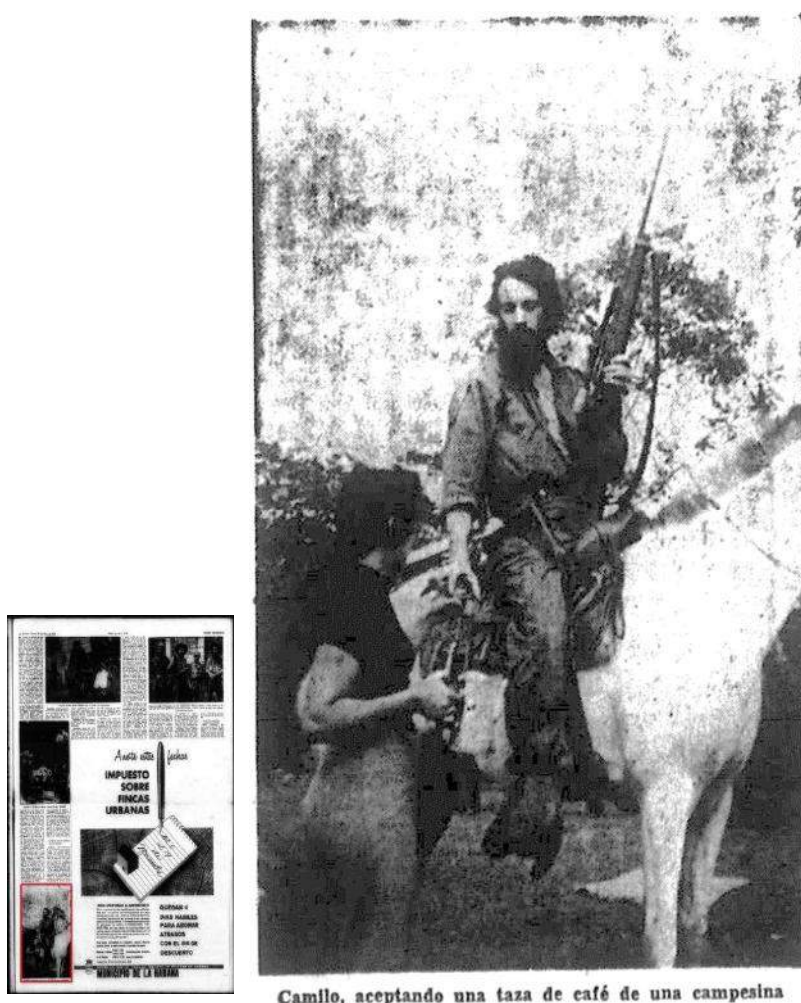
Fonte: *Revolución*, ano 2, n. 293, 16/10/1959, p. 26.

Esse ferimento ao que tudo indica, ocorreu na batalha de *Pino del Agua*, onde a troca de tiros acertou-lhe um projétil que teria atravessado seu abdômen desviado numa costela não atingindo nenhum órgão vital. Retirado de batalha, seus companheiros provavelmente encontraram a casa desse camponês, sem nome, para

que pudesse receber os primeiros socorros. A propósito, mesmo fora de combate, Camilo foi representado como um sujeito incansável e instruído, transmitindo assim a ideia de que sabia o caminho a seguir amparado pelo exemplo dos heróis do passado como o caso de Maceo.

Na imagem a seguir (fig. 30) vemos Camilo sentado num cavalo branco “decapitado”, recebendo auxílio camponês. Nesta fotografia há uma mescla de atenção e descontração registrada na relação da mão esquerda sustentando um fuzil e da direita recebendo um copo de café de uma camponesa anônima.

*Figura 30 - Camilo aceptando una taza de café.*



Camilo, aceptando una taza de café de una campesina

*Fotografía: Sem autoria*

*Fonte: Revolución, ano 2, n. 293, 16/10/1959, p. 26.*

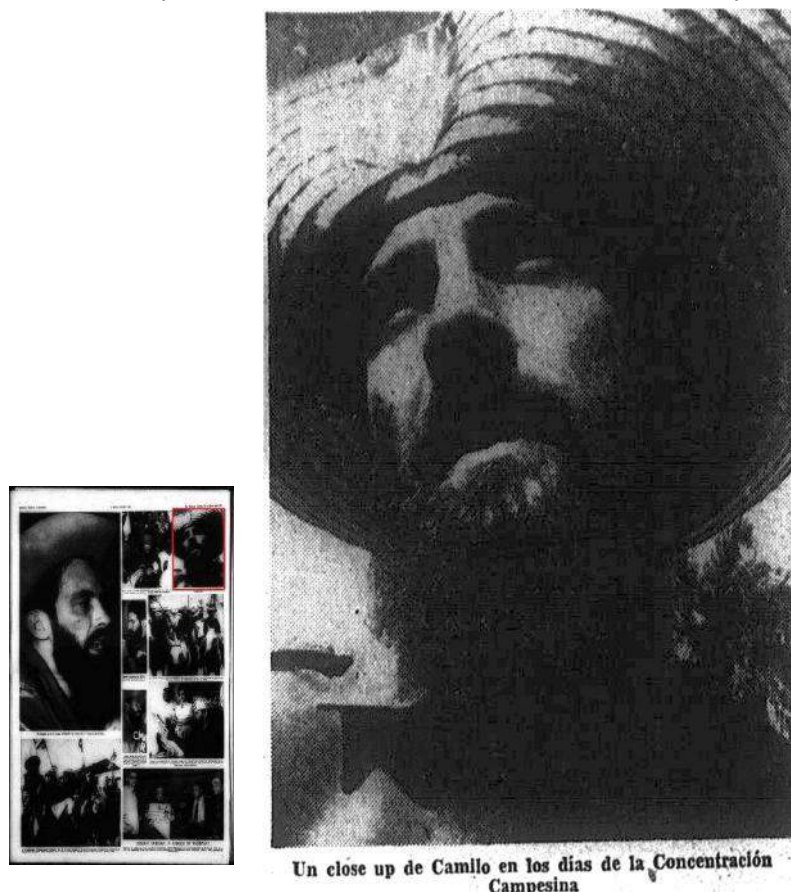
A demonstrada necessidade do apoio dos camponeses contra Batista, também é revelado no “*Diário de campaña*” do próprio Camilo que fora publicado nessa edição de homenagem.

No diário, entrecruzam-se as façanhas dos rebeldes contra os soldados de Batista pegos em emboscadas, as dificuldades de encontrar comida e até mesmo de

localizar-se. Quando a situação tornava-se insustentável, o jeito era recorrer aos habitantes da região:

*El día 23 (miércoles) [outubro de 1958], el teniente Senén Mariño acompañado de un retenido de apellido Fernández, fueron a explorar la zona y tratar de encontrar algún campesino que nos orientara, pues estábamos perdidos (REVOLUCIÓN, ano 2, n. 293, 16/10/1959, p. 28).*

*Figura 31 - Close up de Camilo en los días de la Concentración Campesina.*



*Autoria: Desconhecido*

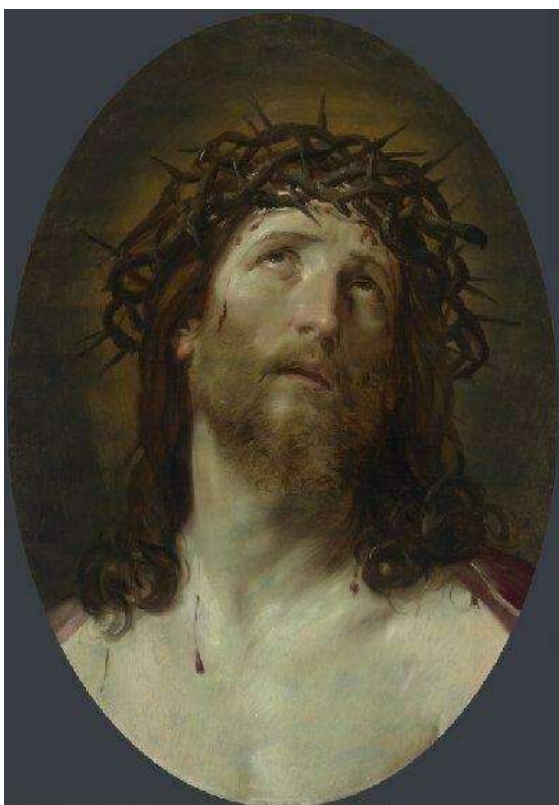
*Fonte: Revolución, ano 2, n. 293, 16/10/1959, p. 34.*

Não há dúvidas que Cienfuegos era um sujeito adorado por muitos cubanos. O misticismo que o envolve é constantemente evocado e realimentado tanto pela narrativa de seus ex-colegas de combate quanto pelas fotografias divulgadas pelos meios de comunicação. Diante da sequência fotográfica da página 34 onde Camilo encontra-se em vários cenários cercado por diversas pessoas dando-lhes autógrafos, acendendo um charuto, cavalgando a frente de uma coluna formada por camponeses durante a celebração de fundação do Movimento 26 de Julho e lendo a edição extra *Revolución* que “anunciaba la renúncia de Fidel como Primer Ministro”. Na região superior direita dessa página, divisamos o seguinte registro (fig. 31).



Camilo fora capturado num plano fechado e o ângulo de captação da imagem, nesse caso um plano contrapicado (*contre-plongée*) - quando a imagem é tomada de baixo para cima, tendendo na valorização do motivo fotografado que resulta numa hierarquização positiva do sujeito e a construção de um sentido de superioridade do motivo fotografado em relação ao observador – sobrevaloriza seu rosto e sua expressão facial. Olhos esperançosos voltados para os céus, Cienfuegos traz na cabeça um chapéu de *guajiro* simbolizando a união rebelde-camponesa. Curiosamente essa imagem nos remete a pintura do artista barroco Guido Reni (1640-1749), intitulada *Head of Christ Crowned with Thorns* (fig. 32).

Figura 32 - *Head of Christ Crowned with Thorns*.



Un close up de Camilo en los días de la Concentración Campesina

Autoria: Guido Reni

Fonte: National Gallery. Disponível em: <

<https://www.nationalgallery.org.uk/paintings/after-guido-reni-head-of-christ-crowned-with->

Esta pintura foi inspirada em uma das numerosas versões deste tema pintado por Guido Reni. A imagem, que pode ter sido pintada no início do século XVIII, tem origem na coleção do cardeal Valenti Gonzaga em Roma. Nela expressa-se o momento posterior em que Jesus depois de traído por um de seus discípulos e julgado por Pilatos, fora coroado pelos soldados romanos com uma coroa de espinhos e

envolvido com um manto púrpura. O olhar desse Jesus de Guido Reni aparenta clamar por compreensão e perdão aos céus por àqueles que não sabiam o que faziam.

A proximidade nos aspectos visuais desses dois personagens impressiona tais como: as barbas e os olhares expressivos. Aliás, notamos certa contiguidade nessas imagens sobre o vínculo com o público e o sacrifício, ou seja, no fato de serem representados cercados por multidões em frenesi; de um lado um Jesus que se doou pelo bem da humanidade pecadora, enquanto do outro um Camilo que ofertou a própria vida em benefício da causa revolucionária, mais especificamente dos camponeses.

Enxergando por esse ângulo, constatamos que as fotografias de *Revolución* também flertaram na construção imagética de entidades revolucionárias quase divinas, como o caso de Camilo Cienfuegos recorrendo-se ao imaginário cristão arraigado na sociedade cubana. Aliás, percebe-se que gradativamente a Revolução eliminava a condição cultural e ideológica que vigorava até então através de recursos simbólicos/teatralizados cujo fito era penetrar no íntimo do imaginário de cada cidadão cubano e com isso cada vez mais firmar-se como poder legítimo.

### **7.2.2. – La Gran Concentración Campesina: corpos em unísono.**

*A Brief History of the Masses. Three Revolutions* (2008), do sueco Stefan Jonsson, analisa três revoluções ocidentais a partir do campo da arte. O cerne do seu trabalho é investigar como artistas representaram e capturaram, por meio de suas pinturas, a passagem das massas revolucionárias como sujeito para outro estágio das massas como objeto da política.

Jonsson atem-se ao exato momento em que a política começa ou reinicia, a interrupção que Trotski havia identificado como parte do evento revolucionário:

*El rasgo característico más indiscutible de las revoluciones es la intervención directa de las masas en los acontecimientos históricos. En tiempos normales, el Estado, sea monárquico o democrático, está por encima de la nación; la historia corre a cargo de los especialistas de este oficio: los monarcas, los ministros, los burócratas, los parlamentarios, los periodistas. Pero en los momentos decisivos, cuando el orden establecido se hace insoportable para las masas, éstas rompen las barreras que las separan de la palestra política, derriban a sus representantes tradicionales y, con su intervención, crean un punto de partida para el nuevo régimen. Dejemos a los moralistas juzgar si esto está bien o mal. A nosotros nos basta con tomar los hechos tal como nos los brinda su desarrollo objetivo. La historia de las revoluciones es para*

*nosotros, por encima de todo, la historia de la irrupción violenta de las masas en el gobierno de sus propios destinos.*

Em termos mais simples, Jonsson preocupa-se em captar o instante em que a soberania popular ainda não foi delegada ou cooptada, o que o autor chama “*society degree zero*”. Em uma leitura pormenorizada do quadro *Serment du Jeu de Paume* (1791) de Jacques-Louis David (1748 - 1825) - representação pictórica de um dos eventos fundantes da Revolução Francesa<sup>77</sup> – Jonsson observa como ao apreender o preciso momento em que todos os presentes na Assembleia Nacional olham para o astrônomo Bailly, presidente da Assembleia, de pé sobre uma mesa, lendo o texto do juramento:

O artista além disso transforma a multidão de cabeças e figuras em um só corpo, inventando assim um equivalente visual do conceito de soberania democrática, que estipula que muitos são transformados em um único poder constituinte (JONSSON, 2008, p.21, tradução nossa).<sup>78</sup>

Jonsson também recorre a uma reflexão do historiador francês Pierre Rosanvallon para entender conceitualmente a palavra povo. Em primeiro lugar, Rosanvallon sustenta a ideia de que a história democrática esteve marcada pela tensão de dois corpos entre o que denomina um povo-princípio e um povo-sociedade, quer dizer, entre o princípio político democrático da soberania do povo de um lado e do outro um povo das ciências sociais, onde o conceito se refere a uma população heterogênea submetida aos dados estatísticos, a demografia, entre outros. Jonsson sugere que o “grau zero da sociedade” ocorre quando esses dois corpos se fundem em um único. Tal instante onde o povo torna-se idêntico a si mesmo seria o que David captou em seu quadro, ainda que de modo fugaz, pois “de fato, os dois corpos do povo inevitavelmente se separarão assim que o momento revolucionário passar” (JONSSON, 2008, p. 25)<sup>79</sup>.

<sup>77</sup> O quadro de David refere-se ao dia 20 de junho de 1789, onde firmou-se um compromisso entre os 577 deputados do “terceiro estado” de não se separar até que a França adota-se uma constituição. O texto do juramento foi lido por Jena Sylvain Bailly e aprovado quase por unanimidade, com uma abstenção. Este episódio fundador marcou um passo decisivo, e foi amplamente ecoado pela imagem. Dentro dessa vasta iconografia, nenhum trabalho tinha a força do projeto de David.

<sup>78</sup> No original: *The artist furthermore transforms the multitude of heads and figures into one body, thereby inventing a visual equivalent of the concept of democratic sovereignty, which stipulates that que many be made into one single constituting power* (JONSSON, 2008, p. 21).

<sup>79</sup> No original: *in fact the two bodies of the people will inevitably separate as soon as the revolutionary moment has passed* (*Ibidem*, p. 25).

Conforme o pensamento de Jonsson, os melhores intentos para representar a soberania popular se produzem nestes momentos históricos em que a sociedade, reinicia a si mesma, regressa a zero. Pois bem, foi justamente em momentos como esses que ele qualifica de "sublime", quando a massa possuída pelo ideal se transforma em povo soberano, que se concentrou a fascinação da Revolução Cubana, o evento que muitos presenciaram na Ilha e milhões admiraram graças ao cinema, a televisão e a fotografia.

Segundo a historiadora Lillian Guerra (2012, p. 37), os primeiros meses da Revolução circunscreveram manifestações de massa espontâneas investidas de um desejo coletivo de mudança. No entanto, com o tempo essas manifestações de massa adquiriram um significado duradouro e um propósito político claro, elas "se tornaram a âncora fundadora da grandiosa narrativa da Revolução como redenção" tendo Fidel como seu principal arauto.

Uma das manifestações significativas da soberania popular foi a "*Gran Concentración Campesina*" em 26 de julho de 1959. Para a celebração do sexto aniversário do ataque ao quartel Moncada, cerca de um milhão de *guajiros* se concentraram em Havana e uma multidão reunida na Plaza Cívica pedia aos gritos o regresso de "Fidel", depois de ter renunciado ao cargo de primeiro ministro devido a discrepâncias com o então presidente Manuel Urrutia<sup>80</sup>. Na tribuna, o irmão de Raúl Castro dizia ao público "*Frente a las ratas taimadas que se disfrazan de*

---

<sup>80</sup> No dia 3 de janeiro, o jurista Manuel Urrutia Lleó, representante dos setores moderados, foi proclamado presidente provisório de Cuba, investido em nome do poder revolucionário. Além deste, a alta cúpula desse Governo Provisório era formada pelo advogado José Miró Cardona com o cargo de Primeiro Ministro, Fidel relegou a si a posição de Comandante em Chefe do Exército Rebelde, enquanto Raul Castro foi nomeado Comandante Militar de Santiago de Cuba e Ernesto Guevara se tornou Comandante Militar de Havana. Apesar dos cargos militares terem sido atribuídos a peças-chave do Exército Rebelde, o entorno do gabinete do presidente Urrutia era composto por profissionais liberais de outras áreas como "*abogados, jueces, economistas, militantes ortodoxos, veteranos de los años treinta, activistas sociales... todos ellos cubanos de buena fe que definían su nacionalismo en tonos razonables y moderados*" (PÉREZ-STABLE, 1998, p.111) O programa desse governo se pautou nas proposições do M-26/7 que basicamente apresentava duas novas finalidades para a utilização do excedente gerado na sociedade cubana. A primeira era o igualitarismo, que por meio dele haveria o compromisso de redistribuição equitativa da riqueza, investimento em causas sociais e ampliação da capacidade de criação de emprego, isto é, "reorientar o uso das forças produtivas para as reais necessidades da coletividade nacional" (VASCONCELOS, 2017, p.93). A segunda finalidade seria a soberania nacional, cujo foco era voltado a defesa e desenvolvimento dos interesses nacionais, e isso implicava necessariamente, romper com a dependência externa dos Estados Unidos, que exercia forte influência na economia cubana. Para a socióloga Marifeli Pérez-Stable (1998, p. 113), a tese econômica do M-26/7 se assemelhava a um programa reformista, mas era um reformismo diferente do que havia encontrado consenso entre as classes econômicas em outros anos. Na época, especialistas vinculados ao movimento rebateram as críticas que descredibilizavam a legislação trabalhista, pois se presumia que com isso o desenvolvimento do país seria limitado, e de que os salários elevados fossem incompatíveis com o crescimento econômico.

*revolucionários, estas concentraciones. Frente a los traidores, un Pueblo como este basta*”, extasiada a multidão alcançou o ápice do delírio após a seguinte frase “*Cubanos, Fidel ha decidido retirar su renuncia*”.

Era evidente que Fidel Castro, que nunca abandonaria seu traje de verde-oliva, se legitimava a partir de um apelo popular que superava as mediações da política tradicional, representada pela figura de terno e gravata do jurista Manuel Urrutia<sup>81</sup>.

Aquela campanha envolveu um apoio midiático descomunal, da qual saíram algumas instantâneas emblemáticas da iconografia revolucionária.

Carlos Franqui e sua equipe acompanharam cada movimento dessa grande concentração no centro havanês e ao contrário do que às vezes possa parecer, de que aquela imensa aglomeração tenham surgido instantaneamente como num passe de mágica, foram necessários dias e dias de preparação, planejamento logístico do governo para acomodar tamanho contingente de pessoas e incentivo midiático. Para tanto, criou-se antecipadamente a campanha “*Abrele tu puerta al campesino*”, que consistia basicamente em incentivar famílias da capital a acolherem seus compatriotas do campo.

---

<sup>81</sup> Como presidente, as primeiras medidas de Urrutia tiveram forte conotação moral e marcaram certo esforço na ruptura com o passado imediato de Cuba: “bordeis, antros de jogo e a loteria nacional deveriam ser fechados” (GOTT, 2006, p. 196). Contudo, essa ação encontrou oposição de Fidel que cria na geração de alternativas de emprego como primeiro passo antes do fechamento abrupto desses estabelecimentos. A celeuma entre Fidel e Urrutia tivera outros episódios, como por exemplo, quando aquele acolheu de malgrado a proposta do Comandante em Chefe para que houvesse redução salarial dos ministros e do próprio presidente que na época era de 100 mil pesos cubanos por ano, o mesmo de Batista. Entretanto, esses atritos tiveram vida curta, pois logo foi superada em 16 de fevereiro de 1959, quando Fidel Castro foi nomeado Primeiro Ministro. A frente do Conselho de Ministros, Fidel restaurou a essência da Constituição de 1940, e reduziu a função de Urrutia à assinatura de leis. “O governo manteve a pressão em prol de mudanças rápidas”, afirmou Gott (2006, p.196). Em março os preços da telefonia e do fornecimento de energia estariam sob controle, mesmo que tivessem que intervir na empresa norte-americana *International Telegraph and Telegraph Company*. No mês seguinte o valor dos medicamentos despencou. Vários ministérios foram criados como o Ministério da Recuperação dos Bens Malversados, instituição liderada por Faustino Pérez, incumbida de reaver propriedades de Batista e seus aliados; o ministério do Bem-Estar Social e o Ministério da Habitação. Algumas providências incluíam a redução de aluguéis de casas e apartamentos e um corte nas taxas hipotecárias. Por trás das cortinas, os ministros nomeados por Urrutia arquitetavam uma política de arrefecimento das reformas, buscando evitar que as leis do Programa de Moncada fossem levadas adiante. Em entrevista cedida à historiadora Joana Salém Vasconcelos (2017, p.107), Rolando Ávila disse que “Fidel estava a contratempo. Tempo de manter neutralizadas as expectativas das classes sociais reacionárias, incluindo o imperialismo. E, por outra parte, a execução do Programa que ele promete no Moncada”. Setores comerciais que também celebraram o triunfo da Revolução e que impactados pela causa rebelde até mesmo cogitavam patentear produtos que levassem as insígnias revolucionárias, por considerá-los excelentes meios para a publicidade comercial, passaram a não ver com bons olhos a profundidade dessa Revolução, a exemplo da sanção da lei de reforma agrária em 17 de maio de 1959.

Nesta imagem publicada no dia 10 de julho (fig. 33), há um jogo entre palavras, fotografias e montagens. O leitor da época que folheou essa edição *Revolución* provavelmente se deparou com essa imagem e reparou não apenas na criança abrindo a porta para um camponês desconhecido na entrada de sua casa, mas também na segunda porta desenhada pelo jornal. Essa segunda porta seria um convite ao leitor para acompanhar o exemplo do pequenino que abre sua porta para um simpático desconhecido. A legenda abaixo reforça o apelo visual:

*Habanero, celebra este 26 de Julio junto a tus Hermanos del campo. Bríndales alojamiento, comida, transporte, ropas, camas, o lo que puedas. Ofrece tu casa o tu ayuda en la Sociedad Colombista, Leonor Pérez (Paula) No. 251 esq. a Compostela o por los teléfonos 5-1952 1953 195 (REVOLUCIÓN, ano 2, n. 183, 10/07/1959, p. 05).*

Essa era uma estratégia de integração nacional, uma tentativa de unir dois segmentos sociais historicamente e socialmente cindidos. Fazer com que a população urbana tivesse um contato direto com os camponeses daria também uma dose de conscientização que os guerrilheiros tiveram na *Sierra Maestra*, ou seja, o imaginário que por anos fora alimentado do campo para a cidade e vice-versa cairia por terra e se fundiriam numa única comunidade real, ao menos era isso que o governo esperava. Em resumo, se a cidade não iria até o campo, então o campo tratou de ir até a cidade, mas era necessário acolhê-lo.

Figura 33 - Abrele tu puerta al campesino.



Fotografía: Sem autoria

Fonte: *Revolución*, ano 2, n. 183, 10/07/1959, p. 05.

Passados dez dias dessa reportagem e de todo estímulo político e midiático possível, já se via os primeiros camponeses transitarem pelas ruas de *Havana*. De uma única vez, cerca de cinco mil vindos da região de *Oriente* foram recebidos no terminal de trem com “*himno de la Sierra Maestra y sirenas de locomotoras*”. Segundo a matéria, essas pessoas seriam alojadas “*en la Universidad de La Habana y la Ciudad Libertad*”. A finalidade desse encontro na capital era “*hacer patente ante el mundo entero que están firmemente al lado del Gobierno Revolucionario, apoyando a Ley de Reforma Agraria, que emancipará al campesino cubano del estado semi-feudal*”.

Figura 34 - Contingentes de Campesinos recorren las calles de La Habana.



Contingentes de Campesinos recorren las calles de La Habana... ¡Bienvenida a nuestros hermanos del campo!



Fotografía: Sem autoria:

Fonte: *Revolución*, ano 2, n. 191, 20/07/1959, p. 01.

Sombreiros sobre as cabeças e “*machetes*” ao cinto, a recepção desses camponeses também contou com alguns discursos proferidos pelo “*comité de recepción, por la Dirección Provincial de la La Habana del M-26-7*” (fig. 34). Uma vez dadas as boas vindas, começaram o traslado dos cinco mil camponeses em “*camiones, ómnibus y otros vehículos, rumbo a la Universidad de la Habana e la Ciudad Libertad*”. Em contrapartida, os anfitriões havanenses “*los acogía con visibles muestras de simpatía*” ainda que aquilo “*no era un espectáculo frecuente*”. Ao que tudo indicava isso era apenas o começo de algo que prometia atingir grandes dimensões, sobretudo históricas.

*La Habana, pues, tenía ya en su seno varios miles de hombres del campo. Muchos más llegarían en próximos días. El habanero, acostumbrado a recibir personajes de todos los rincones del mundo, ahora con más justas razones, vivía la hermosa experiencia de recibir <<en casa>> a los Hermanos de las sitierías (REVOLUCIÓN, ano 2, n. 191, 20/07/1959, p. 16).*

Entre visitas a “*cervecería Polar*”, e aos passeios pelas ruas de Havana, o jornal veiculou uma programação “*en honor de los campesinos*” nos dias que antecediam ao evento principal. Na terça-feira dia 21 e quarta-feira 22, haveria “*juego de beisbol en el Stadium del Cerro. Cubanos contra Buffalo*”, na quinta-feira, “*concierto de la Banda de la Marina de Guerra Revolucionária en el Parque Central*”, sexta-feira



*“función especial en todos los cines de La Habana” e sábado “Concierto de Canciones Cubanas en el Palacio de Bellas Artes, Fuegos artificiales”.*

A vinda de tantas pessoas de uma única vez também se mostrou útil para o controle e inspeção de doenças que provavelmente os acompanhavam devido à dificuldade e ou inexistência de serviços básicos de saúde em suas regiões de origem. Nesse mutirão médico incluíam *“dermatólogos en las Unidades Móviles del Consejo Nacional de Tuberculosis, para que procedan al chequeo de sífilis, lepra y demás enfermedades cutâneas o venéreas”* (*Ibidem*, p.16).

No entanto, o início da concentração revelou seus inconvenientes. Segundo o jornal, membros de *“una prensa internacional”* aproveitando-se *“de la buena fe, ingenuidad y desconocimiento de nuestros hombres del campo”* induziram-lhes a posarem *“ante las cámaras levantando el brazo izquierdo con el puño cerrado, gesto que es saludo típico del comunismo”* (REVOLUCIÓN, ano 2, n. 191, 20/07/1959, p. 01). Tal receio nitidamente expresso, revela a preocupação de que essa manobra viesse a confundir *“internacionalmente el sentido de la concentración campesina del 26 de julio”*, além disso, essas fotografias tratariam de *“desvirtuar el sentido de la Revolución”*.

Seis homens e duas mulheres de trajes simples, de olhares tristes e pouco confortáveis diante das lentes de Aristides Reyes, compareceram à redação de *Revolución* para tornarem públicas duas de suas queixas (fig. 35). A primeira *“contra los reporteros norteamericanos”* que lhes fizeram *“posar con el puño cerrado em alto – gesto tipicamente rojo”*. Quanto a segunda, seria contra comerciantes de Santa Clara que *“cerraron sus puertas, incluso negándose a venderles alimentos, a los campesinos que pasaron por aquella ciudad en viaje hacia La Habana”*, segundo os visitantes *“les negaron hasta el agua”* (REVOLUCIÓN, ano 2, n. 192, 21/07/1959, p. 19).

Figura 35 - Campesinos de Guantanamo formam uma manifestação



Fotografia: Sem autoria:

Fonte: *Revolución*, ano 2, n. 193, 22/07/1959, p. 16.

Devidamente acomodados, aqueles camponeses que durante sua viagem foram abordados e ludibriados por jornalistas estrangeiros, desta vez foram fotografados participando da “*santa misa*” tal como tantos outros “*en las Iglesias capitalinas*”. A veiculação desta fotografia claramente visava demonstrar o “*respaldo unánime a todos los proyectos y leyes de Gobierno Revolucionario*”, por parte da Igreja Católica, uma vez que o dinheiro arrecadado em todas as igrejas de Havana seria entregue aos “*campesinos que nos visitan*”.

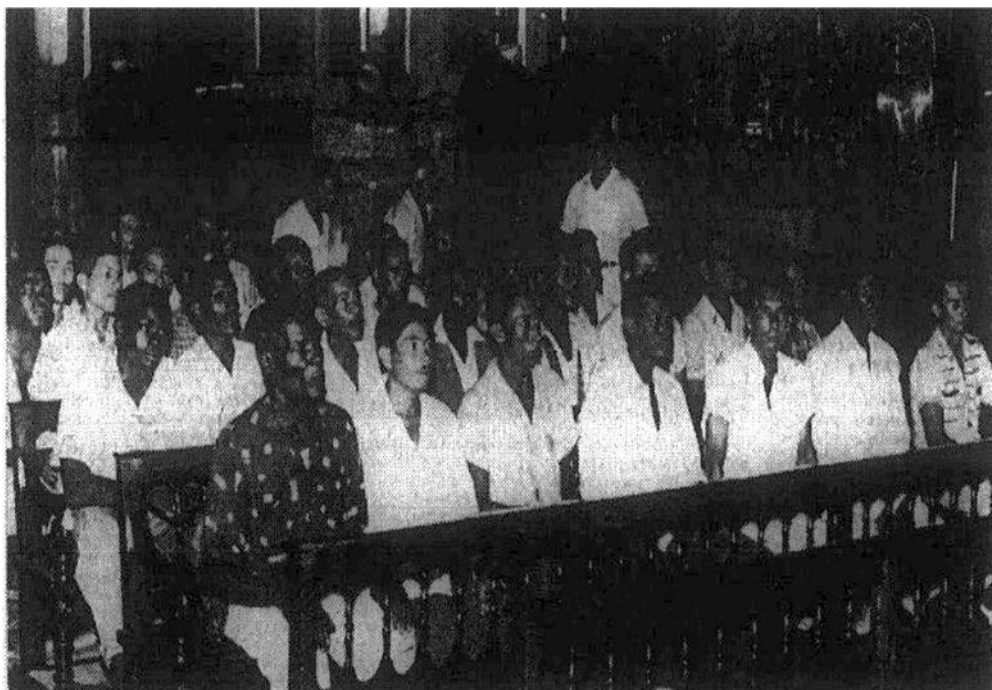
O triunfo da Revolução Cubana marcou um claro ponto de inflexão nas relações, não isentas de conflitos, entre o governo revolucionário e a hierarquia da Igreja Católica, pois esta última perdeu privilégios e influência.

De acordo com Carmen S. Álvarez (2018, p.30), a Igreja sempre esteve do lado vencedor na história cubana, isto é,

*siempre estuvo del lado del fuerte, tejiendo estrechos vínculos con todos los sistemas sociales, económicos y políticos de opresión que habían existido en Cuba hasta el triunfo de la Revolución en 1959. La connivencia católica con los saqueadores del país desde los tiempos coloniales, su enfrentamiento con los que luchaban a favor de la independencia, la complicidad con el gobierno interventor estadounidense y el alineamiento con las sanguinarias dictaduras de la primera mitad del siglo XX constituyen elementos que sirvieron para*

*fomentar una escasa aceptación por parte del pueblo cubano hacia la jerarquía eclesiástica.*

Figura 36 – Oyen missa em La Habana los campesinos cubanos



Fotografía: Aristides Reyes

Fonte: *Revolución*, ano 2, n. 192, 21/07/1959, p. 19.

Ainda do ponto de vista da autora, para o sentimento geral da população a Igreja estaria mais preocupada com seu “*bienestar económico y el control de una enseñanza privada orientada a las clases altas y medias*” do que com um trabalho pastoral cristão a serviço “*de los más desfavorecidos, es decir, los habitantes rurales, los marginados sociales y los negros o mulatos*”. Tal fotografia, ao que nos parece fora uma tentativa de remissão dos pecados da instituição religiosa ou no mínimo uma amostra de resignação.

No cenário montado para a “*Gran Concentración*”, havia espaço para retribuição àqueles que de alguma forma contribuíram para a vitória dos rebeldes. Nesse caso, vemos na fotografia de Tirso Martínez abaixo um grupo de camponeses da Sierra Maestra segurando a bandeira vermelha e preta do M-26/7, simbolizando a luta por libertação com dois braços estendidos rompendo uma corrente (fig. 37).

Figura 37 - Camponeses da Sierra Maestra



Fotografía: Tirso Martínez

Fonte: *Revolución*, ano 2, n. 193, 22/07/1959, p. 16.

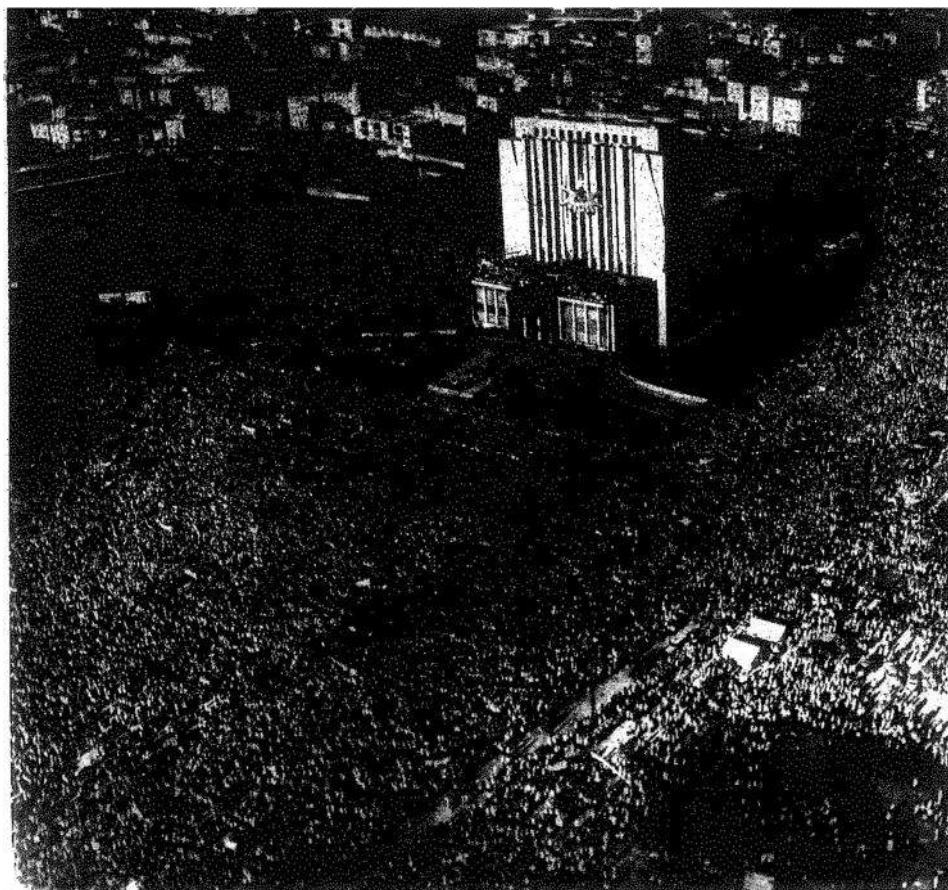
Conforme a legenda associada ao registro, os rebeldes compartilharam com esses homens “*privaciones y peligros para hacer verdaderamente independiente a la patria de todos*”. Aliás, cumpriram com “*su deber ciudadano brindando albergue y comida a los hombres que se habían lanzado a luchar por la libertad de Cuba*”. Nos soa estranho, pensar que ao oferecerem tais auxílios, os camponeses de “*tierra adentro*” cumpriram com seu “*deber ciudadano*”, visto que ideais democráticos não se lançariam em meio às isoladas matas e canaviais.

Contraída a dívida, era momento de quitá-la e isso seria pago por todos “*debemos ofrecerles nuestra fraterna ayuda, para que su estancia en La Habana les sea lo más grata posible. Que en cada hogar habanero se destaque el patriótico letreiro de ‘Campesino, esta es tu casa’*” (*REVOLUCIÓN, Cuba, ano 2, nº 193, 22/07/1959, p. 16*).

Se por um lado, a concentração camponesa do dia 26 servisse para que a população urbana visse de perto seus compatriotas do campo, de acordo com a entrevista do sociólogo e secretário do *Comité Conjunto de Instituciones Cubanas* Arnaldo Seherert, o mesmo ocorreria do outro lado: “*Nuestra misión consiste de modo fundamental en demostrar al campesinado que en cada hombre de la ciudad hay un cubano igual que él, sin privilegios ni derechos exclusivos y hermanado al campesino criollo por el ideal de una Cuba mejor...*” (*Ibidem, p. 16*). Em sua opinião, a “*concentración campesina es necesaria como símbolo dinámico, de ebullición*

*massiva*” e salientou que “*los hombres de la ciudad y los del campo están firmemente identificados para defender a esta Revolución ‘tan cubana como nuestras palmas’, cuyo lema ya profetizó Martí em su frase: ‘Con todos y para el bien de todos’.*”

Figura 38 - El Machete: Símbolo de la Revolución Cubana.



Fotografía: Sem autoria

Fonte: *Revolución*, ano 2, n. 197, 27/07/1959, p. 01.

Espalhafatosamente estampada na capa do dia 27 de julho de 1959, a manchete de *Revolución* traz a seguinte mensagem retirada do discurso de Fidel: “*Ha sido cumplida la voluntad del pueblo*”. Logo abaixo, vemos um mar de gente reunida na Plaza Cívica com alguns cartazes (fig. 38). A instantânea retirada acima do nível de qualquer edifício das redondezas, provavelmente, de dentro de uma aeronave, cumpre com o intuito de demonstrar ao leitor a grandiosidade do evento com uma ampla adesão popular.

O cenário arquitetado fotograficamente por *Revolución* era de algo espantoso onde “*pocas veces en la vida es posible contemplar um acto de masas como el de ayer*”. Milhares de cubanos com seus típicos sombreiros *mambises* enchiam as ruas adjacentes da Plaza Cívica. Segundo o jornal “*semejaba un mar humano aquella gigantesca concetración*”.

Fidel ressaltou em seu discurso que em Cuba haveria uma “*democracia verdadera*” e afirmou que apesar de interesses internacionais atentarem contra Cuba e suas ações “*la Reforma Agraria Va*”. Antecedente ao encontro de “*miles de personas*” para “*escuchar la voz de la Revolución, a través de su máximo líder, doctor Fidel Castro*”, a atmosfera nas ruas da capital era de uma grande festa “*las casas con banderas cubanas y cartelones alusivos al 26 de Julio y a la Reforma Agraria*”. Algo visto apenas na “*entrada triunfal en La Habana el líder máximo de la Revolución, doctor Fidel Castro*”.

Na vez do novo presidente Osvaldo Dorticós Torrado discursar, houve menção às façanhas dos rebeldes, seus objetivos e conquistas a frente do governo cubano e direcionou aos trabalhadores rurais as seguintes palavras:

*Ustedes, campesinos cubanos, son tan cubanos como todos y merecen todo nuestro respeto y todo nuestro afecto. La Patria y la Revolución tiene comprometida con ustedes su gratitud, porque gracias a su intervención, gracias a la ayuda prestada a las fuerzas rebeldes, gracias a su participación en lucha, fue posible la victoria sobre las fuerzas de la tiranía* (REVOLUCIÓN, ano 2, n. 197, 27/07/1959, p. 11).

Quanto à participação de camponesas no contexto da luta revolucionária, Dórticos comparou-as à heroína cubana independentista e mãe de Antonio Maceo, “*Mariana Grajales*”. E a todos as pessoas presentes, o presidente resolveu consultá-los diretamente perguntando ao público se desejavam ou não que Fidel continuasse a frente do governo e a resposta dada foi:

*Un estruendoso clamor estala entre la inmensa muchedumbre durante varios minutos se oyen ovaciones clamorosas y sobre las cabezas del inmenso gentío se agitan los sombreros de yarey y brillan los machetes campesinos reclamando la presencia de Fidel Castro al frente del Gobierno* (REVOLUCIÓN, ano 2, n. 197, 27/07/1959, p. 12).

Outros líderes tiveram espaço para seus discursos após a abertura feita pelo presidente Dórticos. Seguiram-se as falas de David Salvador, responsável pela *Confederación de Trabajadores*; o Ministro de Recuperación de Bienes Malversados, Faustino Pérez; o ex-combatente Crescencio Pérez e em seguida sucedeu na tribuna o *Ministro de Recuperación*, o comandante Raúl Castro, chefe das *Fuerzas Armadas Rebeldes*.

Raúl Castro iniciou seu discurso recordando o sacrifício de seus companheiros de armas caídos em batalha e à situação de vida dos camponeses que “*hasta ayer humillados y maltratados, llegan hoy aqui manifestando la decisión*

*inquebrantable de apoyar la Reforma Agraria y la Revolución” (Revolución, ano 2, nº 197, 27/07/1959, p. 13).* Logo depois, Raúl se referiu à relevância daquele ato para o respaldo de ações do governo, aos “traidores Díaz Lanz y Urrutia” e por fim, antes de passar a palavra para o ex-presidente mexicano Lázaro Cárdenas, concluiu:

*Esta Revolución no es sólo de nuestro pueblo. Creemos que la hora de la independencia para todo el continente está llegando. Creemos que todos los males de nuestras repúblicas hermanas proceden del mismo origen, tienen una misma procedencia. Y que de la desgracia o el porvenir de toda la América Latina (Ibidem, p. 13).*

Com a palavra, Cárdenas congratulou as autoridades pelo ato e o público cubano pela massiva adesão. A princípio denunciou os ataques contra Cuba e salientou seu pedido de respeito à soberania nacional, sobretudo latino-americana. Para o general e ex-presidente mexicano “*Las Revoluciones ni se exportan ni se importan, por eso pedimos y guardamos el mayor respeto para las decisiones de cada pueblo*” (REVOLUCIÓN, ano 2, n. 197, 27/07/1959, p. 14).

No seu momento de fala, Fidel Castro dizia-se emocionado pela comoção nacional em prol da pátria. “*Esas muestras de afecto*”, disse “*han marcado en nuestro ánimo una huella profunda*”. Declarou depois que os cargos políticos não lhe interessavam, “*porque el pueblo sabe que el cargo para nosotros es simplemente un lugar de sacrificio y trabajo es esse júbilo*”.

Já àqueles que no estrangeiro falavam “*falsamente de democracia*”, Fidel replicou dizendo que nenhum argumento superaria a presença de um milhão e meio de cubanos reunidos em torno da Plaza Cívica:

*A los que en nombre o invocando hipocritamente la palabra democracia nos calumnian, podemos decirles: democracia es esto, democracia es el cumplimiento de la voluntad de los pueblos, democracia es, como dijera Lincoln, el gobierno del pueblo, por el pueblo y para el pueblo (REVOLUCIÓN, ano 2, n.197, 27/07/1959, p. 14).*

No alto da página de *Revolución* essa fotografia reitera o principal argumento de Fidel no qual a massa concentrada naquele local era segundo o líder um ato democrático. Declarou ainda que ali haveria uma democracia “*tan pura y tan limpia que recuerda la Democracia Griega donde el pueblo en plaza pública discutía y decidía sobre su destino*” (Ibidem, p. 14). Com relação ao público camponês, dirigiu as seguintes palavras:

Figura 39 - ... a los que nos calumnian podemos decirles: ¡democracia es esto!...



Fotografía: Sem autoria

Fonte: *Revolución*, ano 2, n. 197, 27/07/1959, p. 17.

*Si aqui hay médio millón de campesinos con sus machetes lo que significa medio millón de soldados de la Revolución, allá, en el interior de la República hay outro millón y médio de soldados de la Revolución y em la capital medio millón de hombres, que también están dispuestos a comprar sus machetes para defender la Revolución* (*REVOLUCIÓN*, ano 2, n. 197, 27/07/1959, p. 14).

Além do mais, Fidel ainda qualificou o “*machete*” como símbolo da Revolução; recordou a colaboração dos camponeses no Exército Rebelde contra tropas com equipamentos mais sofisticados, ou seja, venceram as melhores tropas da “*tiranía con armas inferiores, y que supieron arrebatarnos en el combate las más modernas*”; e proclamou que qualquer ameaça às conquistas da Revolução seria defendida por todos os cubanos principalmente pelo camponês que “*tiene en su brazo y en su machete el temple del acero*”. Com esse apoio militar, o econômico também seria de suma importância para estarem “*preparados para afrontar cualquier crisis*” (*Ibidem*, p. 17).

Depois de realizada a concentração em Havana era o momento de as famílias camponesas retornarem para seus respectivos lares. Na reportagem de Oscar Mederos, os camponeses voltam para seus lares “*conocedores que Cuba ya ha dejado de ser algo intangible*”. Aiás, salienta que saem da capital sabendo que “*nuestra bandera es una sola, iluminada ahora por la libertad, engrandecida por la justicia, borradas ya las manchas de tiranos, de sumisos, de traidores*” (*REVOLUCIÓN*, ano 2, n. 199, 29/07/1959, p. 20).

Neste artigo intitulado “*La Habana disse: Hasta pronto, hermanos campesinos!*” predominam seis fotografias tiradas numa posição a contra-plongée e justaposto às imagens acompanham pequenos textos com opiniões dos camponeses sobre a Concentração, a Revolução e o contato com as pessoas da cidade.



Figura 40 - Antonio Hernández



Fotografia: Mederos  
 Fonte: Revolución, ano 2, n. 199,

O primeiro caso observado é do trabalhador agrícola Antonio Hernández (fig. 40) da imagem acima, nascido em Ranchuelo, casado e pai de um filho. Para Hernández era a primeira vez que conhecia Havana e o que mais lhe impressionou foi “*el discurso de Fidel*” e de Raúl Castro “*otra gran personalidad revolucionaria, y habló muy bien*”. Durante sua estadia ficou alojado no Hotel Hilton, onde viveu “*como un millionario*” e visitou o que mais gostaria de ter visto em Havana: “*la Universidad*”. Sobre o acolhimento disse o seguinte: “*Me han ganado los habaneros y su gentileza. Ahora sí podemos decir que Cuba es libre*” (Ibidem, p.20).

Por outro lado, na fotografia seguinte (fig. 41), os personagens do fraterno abraço de despedida: o “*hombre de tierra adentro*” que viu pela primeira vez os “*fulgores capitalinos*” e a havanesa que o acolheu “*sin reservas*”, não possuem falas próprias na legenda. Nesse caso, o autor deixa que a imagem primeiramente fale por si para em seguida preencher seu sentido com uma mensagem emotiva e de esperança:

*El primer abrazo entre dos núcleos de población que, si no se habían compenetrado antes, era porque no habían tenido ocasión de conocerse. Hay una visible emoción en el gesto del campesino, pero la despedida no será definitiva: ahora más que nunca se abren caminos por los que hemos de transitar unidos, los hombres del campo y los de la capital* (Ibidem, p.20).

Figura 41 - Despedida



Fotografía: Mederos

Fonte: *Revolución*, ano 2, n. 199, 29/07/1959, p. 01.

Figura 42 - Al campo, de regreso.



Fotografía: Mederos

Fonte: *Revolución*, ano 2, n. 199, 29/07/1959, p. 01.



Logo que a missão se dera por encerrada com êxito, as sacolas nas mãos ou nos ombros, demonstram o momento da partida. Depois de cruzarem com os prédios da cidade, na estação de trem, os camponeses dão adeus à Havana e dirigem-se aos seus respectivos lares para laborar a terra atentos ao chamado da Revolução. Conforme a legenda, os *“hermanos campesinos”*, levam em *“sus corazones recuerdos gratos”* do acolhimento que receberam. Porém, o que vemos nas imagens acima, não revela tamanha gratidão.

As instantâneas estabelecem uma correlação de grandezas entre homens/campo e edifício/cidade. A opção de Mederos pelo contra-plongée, ao engrandecer primeiramente os camponeses e acima deles o edifício, símbolo de modernidade e comodidades dos habitantes urbanos, sugere sobretudo os diferentes recursos que os cidadãos urbanos disponibilizam frente a condição rural. De acordo com a legenda, *“ellos se maravillaron con nuestros edificios, con nuestra luz eléctrica, con nuestras comodidades”*. Isso serviria de motor para compreensão da parte dos cidadãos de suas necessidades e como consequência, apoio às suas causas. Aliás, nota-se essa sensibilização do leitor por meio do tom melancólico que a fotografia carrega ao ter optado por registrar os sujeitos pelas costas no momento da partida, pelo retorno do camponês à sua condição de vida precarizada.

Como se tentou demonstrar até aqui, os temas concernentes às fotografias de camponeses possuem certo dinamismo no periódico. Por vezes, constatamos que na relação texto-imagem, esta nem sempre se encontra dependente daquela. Os eventos ocorridos na Revolução desse período aliada às fotografias publicadas, revelam tanto imagens do poder, de figuras políticas como o *“mártir”* Camilo quanto o poder das fotografias de transformarem camponeses e os eventos a este associado, em elementos que atravessam a comoção, a mobilização e o fascínio de pertencimento a uma grande comunidade integrada.

### 7.3. Frente a frente com os camponeses

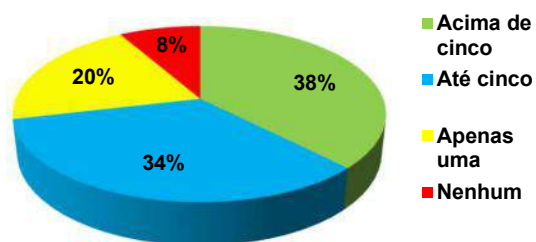
Depois de sondarmos os padrões temáticos, adentraremos numa etapa onde o contorno desses camponeses que estamos tratando torna-se mais nítido. Nesse caso, direcionaremos nossa lupa para a forma como as pessoas do campo se

apresentam nas fotografias e as relações que estabelecem entre si, em termos de quantidade de pessoas por registro, exposição da face, grupo etário, etnia e gênero.

Recapitulando de modo breve, a jornada empreendida nesse capítulo, passamos pelos estágios de análise das zonas de preferência das imagens nos periódicos, suas características estéticas, os fotógrafos que produziram esse material e os principais temas abordados. Por fim, daremos início a nossa última etapa analítica, a qual se enveredará por algumas questões relativas aos sujeitos em si.

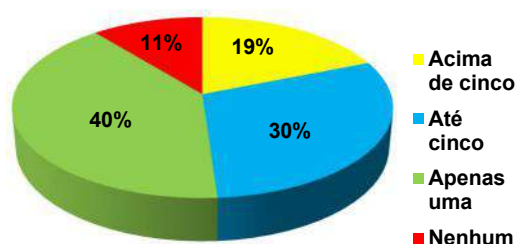
O primeiro ponto que consideramos relevante observar é a quantidade de pessoas por fotografia, conforme as informações dos gráficos 2 e 3, referentes ao *Revolución* e ao *Campo*, respectivamente.

Gráfico 2 - Quantidade de camponeses por registro fotográfico no *Revolución*



Elaborado pelo autor  
Fonte: *Revolución* (1959-1961)

Gráfico 3 - Quantidade de camponeses por registro fotográfico no *Campo de Revolución*

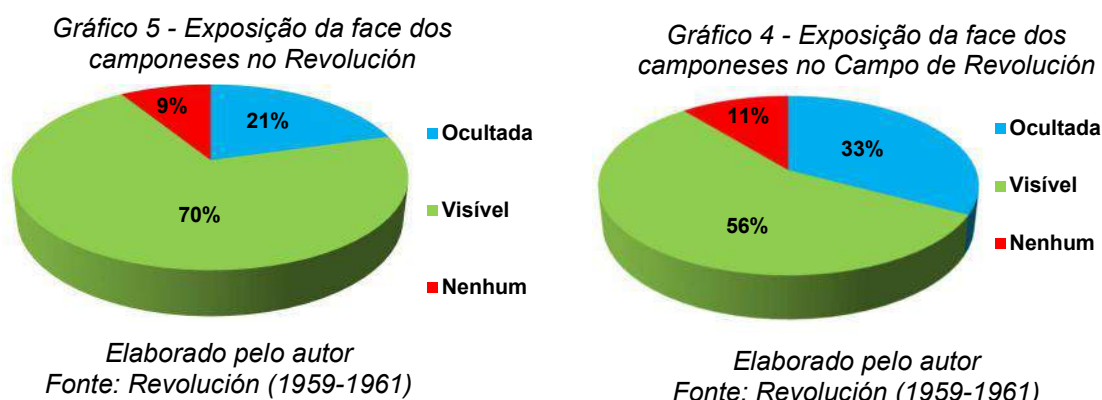


Elaborado pelo autor  
Fonte: *Campo de Revolución* (1959)

Percebemos que na primeira ilustração, os fotógrafos optaram por registros que tivessem o maior número de pessoas possível e, isso nos parece estar diretamente atrelado aos descritores: “Trabalho” (31,3%), “Reforma Agrária” (12,1%), “Manifestação” (9,32%) e “Política” (8,39%), pois expressam grandes conglomerados de camponeses. Embora esse viés numérico fosse a pauta dominante no discurso fotográfico do jornal, não faltou destaque para o indivíduo, contabilizado em 20% das imagens. Por sua vez, ao visualizarmos o gráfico 3 relacionado ao *Campo*, toparemos com uma inversão de papéis, onde um único sujeito por foto sobrepunha (40%) fotografias com mais de cinco pessoas (19%). Com isso, enxergamos que esses projetos fotográficos, num primeiro momento antagônicos - de um lado o jornal, que atendia a vários leitores de segmentos sociais variados, que enfatizava o coletivo e do outro o suplemento, com público-alvo direcionado, realçou os indivíduos -, agiram em conjunto, ou melhor, como complemento. Se considerarmos as críticas a respeito da fotografia cubana dos anos 1960 sobre: a) o dissolvimento do indivíduo de acordo

com seu pertencimento a um estrato social ou seu inverso e, b) a sobrevalorização de personalidades, ao menos nesses dois periódicos, visualizamos a existência de um balanceamento entre esses aspectos.

Durante a catalogação das fotos, também foi considerada a observação da natureza expositiva de suas faces, pois entende-se que naquele contexto, a fotografia serviria como um suporte de ligação entre o urbano e o rural e a tomada de conhecimento daqueles a respeito das condições de sobrevivência da população do campo, tal como foi experimentada pelos guerrilheiros na *Sierra Maestra*.



Nos gráficos 4 e 5 é notória a predileção por fotografias que deixassem os rostos dos camponeses amostra. Acreditamos que esta porcentagem de rostos visíveis fora uma tentativa de conscientização dos leitores urbanos ou um tipo de convite para conhecer a realidade do campo a partir da leitura desses periódicos no conforto de suas casas.

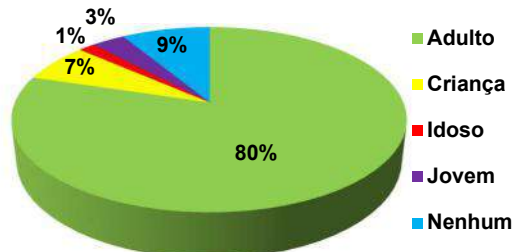
Seguindo por essa linha de raciocínio, esse modo de fotografar se equipararia ao trabalho dos fotógrafos norte-americanos que participaram do projeto da FSA (*Farm Security Administration*)<sup>82</sup>, conduzido nos Estados Unidos dos anos 1930. Concebido pelo professor da Universidade de Columbia, Roy E. Stryker, a Seção Histórica contratou uma equipe de fotógrafos (John Vachon, Ben Shahn, Russell Lee, Dorothea Lange, Jack Delano, Arthur Rothstein, Carl Mydans, Marion Post Wolcott, John Collier Jr., Gordon Parks, Theodor Jung, Walker Evans), a quem caberia a função de documentar a realidade da pobreza causada pela recessão ocasionada pela quebra da bolsa de Nova Iorque (1929), por meio de imagens de

<sup>82</sup> Para saber mais a respeito da FSA, consulte o trabalho de Gilles Mora e Beverly W. Brannan. *FSA: The American Vision*, New York: Abrams, 2006.

sensibilização da crise. Tais fotografias de famílias americanas e a ênfase em seus rostos pesaram na definição da abordagem documental de uma geração de fotógrafos.

Vemos, por exemplo, no *Revolución* aproximações de fotos como a “*Migrant Mother*” (1936)<sup>83</sup> de Dorothea Lange tomadas nos primeiros meses de 1959, onde o caos e a pobreza no campo reinavam absolutos. Contudo, com o início das reformas, as faces dos camponeses iluminam-se e passam a vigorar de maio de 1959 em diante, apresentando outras expressões, de alegria, dor e esperança.

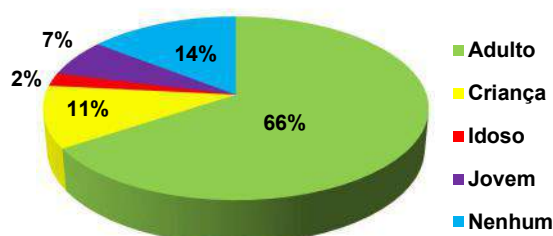
Gráfico 6 – Grupos etários dos camponeses fotografados no *Revolución*



Elaborado pelo autor

Fonte: *Revolución* (1959-1961)

Gráfico 7 - Grupos etários dos camponeses fotografados no *Campo de Revolución*



Elaborado pelo autor

Fonte: *Campo de Revolución* (1959)

No que tange aos grupos etários: idosos, crianças e jovens, gráficos 6 e 7 (*Revolución* e *Campo*), vê-se uma representação bastante tímida desses grupos se comparado àquele identificado por adultos que contabilizou 80% e 66% dos registros nos respectivos periódicos. No caso dos idosos, é sabido que a expectativa de vida do trabalhador do campo não era alta, ainda se tratando da precariedade que viviam, supõe-se que a carência de fotografias de camponeses idosos no campo fosse factível com a realidade. No entanto, compreendemos que essa “carência” tenha sido fruto de uma ação consciente para o enquadramento do imaginário revolucionário em voga, cujo mote era o “novo”. Por exemplo, uma Revolução que almejava obliterar seu

<sup>83</sup> Esta é uma fotografia de uma jovem mãe migrante em Nipomo, Califórnia. Ela está sentada com seu filho mais jovem próximo de si mesma, e dois de seus outros sete filhos, tem suas cabeças descansando sobre seu ombro, mas de costas para a câmera. Essa mãe tem a mão direita no queixo em um gesto de inquietação sobre o futuro, provavelmente da família, e olha para o horizonte com linhas acentuadas de preocupação em sua testa. Está identificada como indigente em algumas das primeiras legendas da imagem. E mais tarde veio a lume que essa mãe se chamava Florence Thompson, alcunhada de “*Migrant Mother*”. Dorothy Lange tomou a fotografia em 1936 no auge da depressão dos anos 1930. Não havia nenhuma parte do país incólume aos efeitos da depressão e isso significava que pessoas de todo tipo de ambiente travavam uma luta pela sobrevivência. Caravanas de trabalhadores migrantes viajavam através da Califórnia tratando de encontrar trabalho. Dorothea Lange fez pelo menos seis exposições desta Mãe Migrante e várias combinações de seus filhos antes de chegar ao produto que se converteu num símbolo das dificuldades enfrentadas pelos mais pobres daquele país.

passado recente, símbolo de atraso, submissão e desigualdades, ou seja, o “velho”, deveria ceder lugar, mesmo que com um pequeno empurrão, para uma nova nação com um governo novo que conduziria uma sociedade nova envolta de homens dotados de ideais renovados. Para tal empreitada o primeiro passo viria de sujeitos fortes e vigorosos, ou seja, do camponês adulto que naqueles anos era considerado a força motriz das mudanças socioeconômicas da sociedade cubana. Em razão disso, compreendemos também que tal atenção desmesurada para os adultos, caberia dentro de uma lógica de estímulo do leitor à entrega ao trabalho, seu apoio à reforma agrária, sua mobilização massiva nas manifestações, comemorações e etc. que fariam parte do processo de mudança.

No decorrer do processo investigativo tratamos de lançar luz a outros aspectos que ao nosso ver abarcam o (re) conhecimento da construção fotográfica dos camponeses cubanos em especial atrelados aos aspectos raciais e de gênero.

Desde que a fotografia se instalou em Cuba, em meados do século XIX até os primeiros anos do século XX, os pesquisadores buscam, em meio aos cartões de visita e retratos fotográficos, alguma representação dos negros desse período, todavia, o fracasso tem sido o único resultado até o presente momento. De acordo com Juan Antonio Molina (1998, s.p.), não seria de espantar essa “ausência”, pois em uma sociedade escravocrata, como a de Cuba, que aboliu a escravidão em 1886, “*los negros no tendrían acceso a los estudios fotográficos por razones económicas*”, sociais e estéticas. No campo do social, segundo Molina, “*el retrato se mantenía como una forma de representación de poder, de jerarquía y de estado social*” enquanto, por razões estéticas entende que “*en el retrato se resumían patrones de belleza, de comportamiento y de vestuario*”.

A fotografia cubana no século XIX era também outra ferramenta de dominação e síntese dos lugares sociais ocupados pelos sujeitos. O retrato fotográfico era o meio mais atrativo para resumir uma ordem social, no qual ter acesso a esse tipo de representação era por sua vez um exercício de poder. As fotos tomadas durante as guerras de independência em Cuba expressam tal fato. Registros de acampamentos *mambises* (rebeldes cubanos independentistas) mostram nitidamente as distinções raciais. Primeiramente, pelo fato de que eram os altos oficiais preferencialmente fotografados e, em segundo lugar, entre esses oficiais, quando algum negro aparecia era numa posição subalterna. Essa natureza acessória do negro nessas fotografias se faz notar em outros indícios, como:

*El primero, de orden logístico: los negros aparecen descalzos, mal vestidos (casi em harapos), mientras los blancos suelen usar uniformes, o en todo caso, ropas de más calidad y más dignidad; el segundo es de orden formal: en las composiciones de las fotografías los negros aparecen desplazados hacia los laterales; tal vez ese fuera un requerimiento impuesto por el mismo fotógrafo, pero lo cierto es que revela un orden real, una situación de segregación real (Ibidem, s.p.).*

Com o advento da fotografia de imprensa no século XX a representação do negro cubano transmutava-se para uma imagem de marginalizado. Presos ou mortos, na maioria dos casos, as fotografias que circularam na imprensa sobre negros atuavam com as mesmas conotações de “*control y represión de la fotografía policíaca, y eso les da cierto aire de bestialidade y fiereza reprimida a los sujetos retratados*” (Ibidem, p. 3).

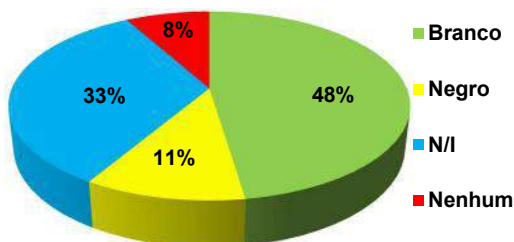
Com a vitória da Revolução, ocorre uma democratização da imagem, não somente do negro, mas de acesso das camadas pobres à representação e à divulgação de uma imagem da nação, “*soportada por una imagen del pueblo y de las masas*” (Ibidem, p. 3). Na fotografia cubana da década de 1960 o negro não aparece marcado em sua condição racial, mas dissolvido em meio ao popular. Por outro lado, na década seguinte deu-se início a uma divulgação cuja ênfase recaísse na valorização das raízes culturais africanas em detrimento das influências espanholas.

Se na primeira metade do século XX a fotografia de negros cubanos na imprensa foi marcada por sua singularização como marginal, isto deveu-se ao que nos parece preferencialmente no espaço urbano. Não obstante, considerando essa mesma faixa temporal, nada se sabe de registros fotográficos de negros residentes em áreas rurais, sendo assim, há aí uma vertente de investigação de suma importância para os estudos históricos e demais ciências humanas.

No caso desta investigação, reparamos na hegemonia de pessoas brancas no *Revolución* 48% e 43% no *Campo de Revolución*, em contrapartida temos a presença de 11% negros no *Revolución* e 21% no suplemento. Cabe destacarmos que essa relação poderia ser diferente por conta da qualidade do material consultado, que prejudicou numa distinção mais precisa e, por isso, em ambos os casos a margem de pessoas não identificadas fora alta.

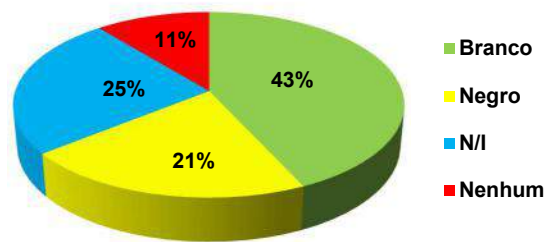


Gráfico 9 - Etnia dos camponeses fotografados no Revoluçión



Elaborado pelo autor  
Fonte: Revoluçión (1959-1961)

Gráfico 8 - Etnia dos camponeses fotografados no Campo de Revoluçión



Elaborado pelo autor  
Fonte: Campo de Revoluçión (1959)

Outro aspecto relevante estudado foi a respeito do gênero dos sujeitos retratados. O perfil socioeconômico das cubanas na década de 1950 era claramente desproporcional ao do homem. Cerca de 13% das mulheres eram consideradas economicamente ativas. Se a economia não gerava suficiente emprego para os homens, menos ainda chegava para as mulheres. O cultivo de cana, ademais, não estava embasado nas formas de agricultura tradicionais, aponta Marifeli Pérez-Stable (1993, p.69). Para a autora “*en otros países latino-americanos necesitaban de la participación laboral de la mujer*”. Por outro lado, as trabalhadoras pareciam ter mais acesso a postos fixos que os homens – 75,9%, em contraste com 66,8% (*Ibidem*, p. 69). Cerca de metade da mão de obra masculina trabalhava na agricultura, enquanto isso, trabalhos no comércio e serviços domésticos eram em sua maioria ocupados por mulheres. O perfil de trabalho de homens e mulheres diferia também em outros aspectos:

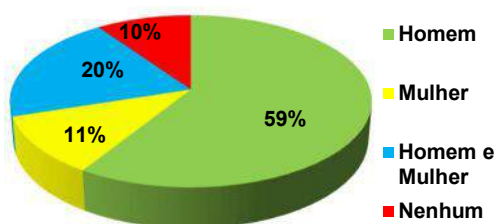
*Las trabajadoras generalmente vivían en zonas urbanas (78%), especialmente en La Habana (40%), mientras que sólo alrededor del 55% de la mano de obra masculina trabajaba en zonas urbanas y un 28% en La Habana. Los empleos públicos representaban una mayor parte de la PEA [População Economicamente Ativa] femenina (25%) que de la masculina (6%). Como la mujer en general, las trabajadoras gozaban de un nivel más alto de educación que los hombres: el 20% de las mujeres eran obreras cualificadas y el 16% eran profesionales; el 18 y el 3% de los hombres trabajadores gozaban de niveles similares. No obstante, las mujeres ganaban menos: el 29%, a diferencia del 40% de los hombres, tenía salarios mensuales de 75 pesos o más. Más del 75% de todas las obreras cualificadas y menos de la mitad de los hombres ganaban menos de 75 pesos al mes. Más del 20% de las mujeres profesionales percibían sueldos mensuales por debajo de los 75 pesos, lo que en el caso de los hombres sólo representaba alrededor del 15% (*Ibidem*, 70-71).*

Ainda que 96% das mulheres do setor de serviços não chegassem a obter salários de 75 pesos ou mais, nenhuma mulher do setor agrícola sequer chegava a metade desse valor e tão pouco 84% dos homens.

Na luta insurrecional, as mulheres integraram as fileiras de rebeldes na *Sierra Maestra*, que em geral eram compostas por sua maioria de homens e, também incorporaram-se na luta clandestina nas cidades. Nesse último caso de maneira decisiva, “*ya que no sólo participo como mensajeras entre las diversas fuerzas participantes en la contienda, o como costureras clandestinas de los uniformes de los rebeldes, sino que en ocasiones jugó un papel vital como líderes en las zonas urbanas*” (ARCE-RODRÍGUEZ, 2012, p. 130).

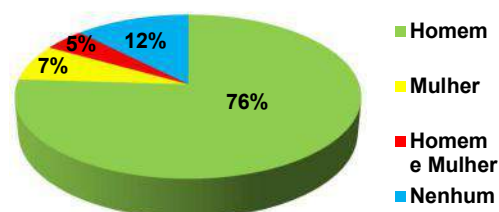
Reformas estruturais como: criação de oportunidades econômicas para as mulheres e socialização de tarefas que antes eram delegadas exclusivamente para o público feminino, foram alguns dos esforços da Revolução em tentar vencer a desigualdade entre os gêneros. Não obstante, a liderança revolucionária encaminhou medidas que combatessem diretamente as visões e ideologias sexistas. As mulheres foram incentivadas a formar sua própria organização, a Federação de Mulheres Cubanas (FMC), e identificar e enfrentar os problemas que sofriam<sup>84</sup>.

Gráfico 11 - Sexo dos camponeses fotografados no Revolución



Elaborado pelo autor  
Fonte: Revolución (1959-1961)

Gráfico 10 - Sexo dos camponeses fotografados no Campo de Revolución



Elaborado pelo autor  
Fonte: Campo de Revolución (1959)

Com base na observação dos gráficos<sup>85</sup>, podemos reparar que a igualdade entre os gêneros estava longe de ser estabelecida. A discrepância na representação

<sup>84</sup> Antes da fundação da FMC, existiam diversas organizações femininas como *Unidad Femenina Revolucionaria* que agregava camponesas, a *Columna Agraria*, as *Brigadas Femeninas Revolucionarias*, os *Grupos de Mujeres Humanistas*, *Hermanidad de Madres* e outras que se fundiram e para dar origem em agosto de 1960 a *Federación de Mujeres Cubanas*. Desde seu advento, a FMC Cubanas teve como presidenta a ex- guerrilheira Vilma Espín Guillois. À morte de Vilma Espín em 2007, a liderança da organização recaiu na secretária geral da organização Yolanda Ferrer. Já em 2012 foi eleita Secretaria General Teresa Amarelle Boué. A FMC representou um papel duplo de organização, atuando tanto numa via de mão dupla com o poder. Por um lado, era um instrumento de articulação e pressão pelos interesses femininos. De outro, servia como canal de mobilização das mulheres em apoio aos objetivos do Estado (CHOMSKY, 2015, p.179). Alguns críticos, porém, asseveram que a participação feminina estaria muito aquém do esperado e quanto ao poder “as ideias, perspectivas e experiências de mulheres cubanas simplesmente não contavam” (*Ibidem*, p. 180).

<sup>85</sup> A identificação do gênero dos sujeitos das fotografias foi pautada na compreensão do sexo biológico binário, homem e mulher.

feminina no setor rural é irrefutável, apenas 11% no *Revolución* e 7% no *Campo*, contra 59% e 76%, respectivamente, de homens.

A integração de mulheres em projetos sociais foi uma das medidas que o Estado aplicou para reduzir as disparidades entre homens e mulheres. A organização de escolas de corte e costura para camponesas foi um passo importante para a incorporação das mulheres ao trabalho remunerado, mas o cerne desse projeto conservava o ideal de dividir papéis sociais, em gênero binário, masculino e feminino. Também foram organizadas campanhas nas áreas rurais para incentivá-las a trabalhar a terra, porém: “*la mayoría continuó desempeñando sus roles tradicionales dentro de la familia rural*” (ARCE-RODRÍGUEZ, 2012, p. 130).

Com a elevação do acesso à educação e a profissionalização das mulheres, Aviva Chomsky (2015, p.181) aponta que paralelamente a isso também aumentaram os conflitos entre seus papéis domésticos tradicionais e suas vidas profissionais. A nível estatal compreende-se que havia uma vontade política para garantir a igualdade de gênero, com incentivo à educação, profissionalização e a participação de organizações como a FMC, entre outros. Contudo, a nível fotográfico, esse aspecto não fora a princípio contemplado pelos fotógrafos e pelos periódicos, que no caso reforçavam os papéis que se esperava serem desempenhados pelo núcleo familiar rural: para as mulheres o cuidado com os afazeres domésticos e a educação dos filhos, enquanto para os homens caberia o trabalho com a terra e o fuzil, quando necessário.

### CAPÍTULO 3: AS FACES DOS CAMPONESES

*La foto dice mucho siempre. Aunque no lo crean, la foto dice historia. Y cuando se tira una foto con amor, para la historia es bastante.*

Zobeida Rodríguez Ferreiro (Mimí) - Combatente em Las Villas

#### 8. A Reforma Agrária em foco

O processo agrário cubano tem sido parte inseparável da história da Revolução Cubana e um de seus eixos principais. Na zona rural nota-se uma variedade de relações de trabalho e más condições de existência, basicamente de origem comum. A heterogeneidade de camponeses despossuídos de terra conserva uma história marcada por desapropriações. Nesse caso, responsabilizado pelo avanço “do capitalismo no campo”, cuja consequência imediata foi o deslocamento de famílias camponesas para regiões com as piores terras da fronteira agrícola e, a sujeição a estes regimes de concessão rentista. Não por acaso, parte dos camponeses que habitavam a *Sierra Maestra* apoiaram a guerrilha: “tanto eles, quanto seus antepassados chegaram àquelas terras coagidos pela Guarda Rural, corpo armado criado durante a ocupação estadunidense de 1902 a serviço da concentração fundiária” (VASCONCELOS, 2017, p. 50).

Em 1957, 41,2% dos 6.356.000 dos cubanos viviam no campo e a situação de acesso à alimentação de qualidade, ao sistema de saúde, à educação e a habitação eram realmente alarmantes<sup>86</sup>. Nesse último caso, a precariedade habitacional dos camponeses em seus *bohíos*<sup>87</sup> expressava-se da seguinte maneira:

[...] 63,96% não possuíam nem vaso sanitário, nem pia em suas casas e 88,5% acessavam apenas água de poço. Apenas 3,24% deles possuíam água encanada dentro de casa. A construção das habitações também era preocupante: 60,53% das casas eram feitas com paredes de madeira, teto de guano e chão de terra. Apenas 7,26% dos trabalhadores rurais possuíam acesso à eletricidade, e 89,84% deles viviam à luz de velas. Além disso, 41,64% das casas possuíam apenas um quarto, que deveria ser compartilhado por toda a família (VASCONCELOS, 2017, p. 71).

Os rebeldes que participaram da insurreição contra a ditadura de Batista, identificaram essa situação como prioridade de um programa de justiça e

<sup>86</sup> Para maiores detalhes consultar o livro de Joana Salém Vasconcelos: História Agrária da Revolução Cubana (2017 p. 70 - 71).

<sup>87</sup> *Bohíos* eram choupanas de origem indígena, nas quais morava grande parte das famílias de camponeses.

transformações sociais. Pouco tempo depois tais aspirações foram expressas na defesa de Fidel Castro conhecida como “A história me absolverá”, e na Lei n. 3 da Sierra Maestra<sup>88</sup>, promotora de uma reforma agrária nos territórios resgatados.

Com a Revolução em curso, o governo pautou suas ações nos programas que haviam divulgado. Sendo assim, cabe ressaltar como arguido pelo político e economista cubano, Carlos Rafael Rodríguez em seu livro *Cuba en el tránsito al socialismo* (1978, p.143), que a primeira *Reforma Agraria Cubana*, implantada pelo governo em maio de 1959, “no era todavía, por carácter, una reforma socialista” e salienta que setores abastados da sociedade e as empresas estrangeiras que controlavam a seu bel-prazer a economia da ilha realizaram manobras na tentativa de suavizá-la. Como podemos perceber, os debates sobre a reforma agrária em Cuba colocavam diversos interesses em evidência. A seguir veremos a construção fotográfica desse tema.

Logo nos primeiros meses da Revolução, algumas das fotografias observadas possuem uma tônica propagandística com intuito de conscientizar a

---

<sup>88</sup> Decretada em 10 outubro de 1958, em “*La Plata*”, sede do Comando Geral do Exército Rebelde na *Sierra Maestra*, essa lei, conhecida popularmente como “*Ley Agraria de la Sierra*”, composta por Fidel Castro, Ernesto Guevara e Humberto Sori Marín. A aprovação dessa lei na data referida não foi um fato casual. Segundo, Pablo González Casanova ( 1985, p.81), nesta data se comemoravam 90 anos do “*Grito de Yara*”, que deu início à luta independentista de 1868 contra a dominação espanhola, e precisamente a lei se promulgava, como expressa seu parágrafo final: “*Como homenaje a los patriotas que, en aquella ocasión gloriosa, se despojaron de sus tierras, de sus esclavos y de todos sus bienes, para conquistar la libertad de Cuba*”. Aliás, essa lei determinava a aplicação dos artigos da Constituição de 1940 sobre a questão agrária. De imediato, a distribuição de terras estatais em lotes de no máximo 2 *caballerías* (77.2 há) aos camponeses que nela trabalhasse. Na sequência, a eliminação do latifúndio e a nacionalização da terra, junto com a promessa de expandir a política em escala nacional. Por onde o Exército passava a reforma agrária era posta em prática sob a chancela da Constituição de 1940 e através da Lei n. 3. Para obtenção de terras, aqueles que trabalhavam em terras alheias tinham prioridade: os subarrendatários, parceiros e precaristas. Logo a seguir, a terra seria distribuída aos camponeses que contribuíram com o Exército Rebelde e depois aos familiares das vítimas do regime batistiano. Outras ações integraram essa Lei como: a) a proibição da venda ou arrendamento de todas as propriedades distribuídas pelo Exército Rebelde; b) a indivisibilidade das propriedades de 2 *caballerías*; c) a isenção de impostos aos ex-proprietários que investissem a sua indenização em atividades produtivas; d) a estatização de todas as terras que não estivessem inscritas no Registro de Propriedade de 20 de outubro; e) o oferecimento de crédito aos novos proprietários de minifúndios a taxas de juros rebaixasadas pela metade; f) a proibição de que qualquer pessoa adquirisse mais que 5 *caballerías* por meio da nova lei e g) o controle dos preços agrícolas pelo Exército Rebelde para combater a especulação. Além do mais, a Lei n. 3 congregou eventos de organização política e militar dos camponeses (Congresso dos Camponeses em Armas em setembro de 1958 e a Plenária Regional Açucareira em novembro e dezembro de 1958). A organização mais expressiva foi a Conferência Nacional de Trabalhadores Açucareiros, que reuniu, entre 18 e 20 de dezembro de 1958, sindicalistas de cinco províncias e mais de 700 representantes de trabalhadores e camponeses contra o regime Batista (VASCONCELOS, 2017, p. 102).

família camponesa dos malefícios que lhes foram imputados e da terra arrebatada nos anos anteriores.

Figura 43 - Por más de 50 años les robaron la tierra!



Fotografía: Sem autoria

Fonte: *Revolución*, ano 2, n. 58, 11/02/1959, p. 15.

Nitidamente fruto de uma montagem, devido o recorte em torno das pessoas que compõe o cenário fotográfico, há logo abaixo dessa família um texto que se sobrepõe à fotografia tornando-o assim, praticamente impossível para o leitor não o reparar e compreender cada elemento isoladamente, em outras palavras, somente a foto ou somente a quadrícula com o texto. Intitulado: “*Ahora, el Catastro Nacional hará posible la Justicia*”, O *Instituto Cubano de Cartografía y Castastro* pertencente ao Ministério de Obras Públicas, responsabilizava a condição de “*pobreza y su indefensión*” dos camponeses cubanos aos “*políticos y funcionarios corrompidos [que] les arrancaron las tierras que cultivaban, para aumentar sus grandes latifúndios*”. Conforme o texto, o primeiro passo para reverter esse quadro estaria em curso na forma de um censo aplicado em todo o território cubano para cumprir com as seguintes metas:

- 1 – Recuperación de las tierras del Estado cubano.
- 2- Devolución a sus verdaderos dueños de las tierras absorbidas por geófagos.

3- Bases legales y justas para darle al campesino sus tierras propias a través de la Reforma Agraria, que ya há comenzado en el Sur de la provincia de Oriente.

4 – Aumento en las recaudaciones al eliminarse el fraude en los impuestos. Los que, amparados en la complicidad de gobernantes corruptos, burlaron al fisco en el pasado, **tendrán que pagarle al pueblo, ahora, lo que han estado hurtando por años y años.**

5 – Un régimen de propiedad rural limpio, sin abusos ni favoritismos, donde cada propietario lo será legalmente para que nadie pueda atropelado jamás en sus derechos.

Tierras de Libertad para nuestro Pueblo, obras útiles y constructivas que dan trabajo a miles de cubanos. Esa es una de las tareas inmediatas que la Revolución está realizando (REVOLUCIÓN, 1959, año 2, n. 58, 11/02/1959, p.15, *grifo nosso*).

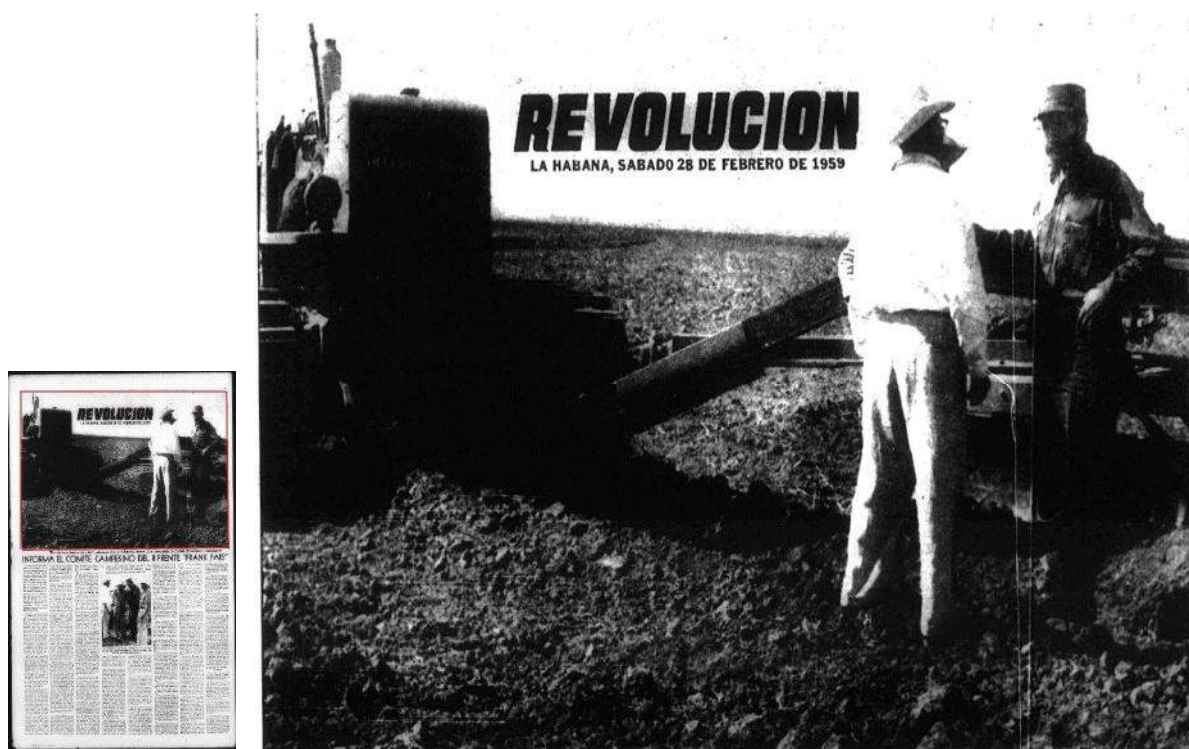
As metas elencadas acima apresentam uma síntese dos objetivos do governo com relação à terra, a palavra de ordem é justiça social: caça aos sonegadores de impostos, distribuição equitativa das propriedades e geração de emprego. Quanto à fotografia observamos que os corpos dos sujeitos estão levemente inclinados na diagonal seguindo proporcionalmente a “escadinha” iniciada com o “pai” dessa “família” e finalizada com o “filho” mais velho. Há também grande ênfase no homem, o primeiro e o maior elemento representado, intercalado pela “filha” mais nova, a “esposa” e o “filho” mais velho com o chapéu de palha.

Esse destaque ao homem, não nos parece ocasional, dado que o trabalho no campo era uma tarefa exclusivamente masculina, ao passo que à figura materna reservaria os cuidados com os afazeres domésticos e dos filhos. Com exceção do menino, os demais rostos estão de perfil e os semblantes dos “pais” expressam apreensão conjugada com um olhar distante. Nesse ponto, o olhar para o horizonte talvez exprima esperanças de que com a reforma agrária, um futuro melhor para si e seus filhos os aguardasse. Se entrecruzarmos as informações do texto e da fotografia, compreendemos que sua coexistência é complementar, porém da forma como foi arquitetada essa montagem, a fotografia tem por função primeira ser um chamariz que reteria a atenção do leitor que em seguida estaria propenso a ater-se ao texto, que mesmo ocupando boa parte de toda a cena é extenso com letras diminutas.

No dia 28 de fevereiro, *Revolución* reproduziu alguns fragmentos do discurso que Fidel Castro realizou no *Congreso Provincial Campesino de Oriente*. Nele reuniram-se mais de mil delegados, que representavam cada uma das

associações camponesas da província de *Oriente*. Nesta ocasião, Castro deu por iniciado os preparativos para a reforma agrária e durante seu discurso reforçou a necessidade do apoio popular, salientou as prioridades que visavam atingir “*el latifundismo*” para assim repartir a terra e satisfazer adequadamente “*la necesidad de tierra de los campesinos, de los obreiros agrícolas y demás individuos que están interesados en adquirir tierra para su cultivo*” (REVOLUCIÓN, ano 2, n. 72, 28/02/1959, p.14).

Figura 44 - Fidel conversa com camponeses.



Fotografia: Sem autoria

Fonte: *Revolución*, ano 2, n. 72, 28/02/1959, p. 14.

Na instantânea acima (fig. 44), atribuída ao fotógrafo Llanos, vemos em primeiro plano o primeiro ministro com seu típico traje rebelde conversando com outros dois sujeitos de roupas alvas, enquanto isso, na extremidade esquerda da imagem encontra-se uma máquina agrícola. Relativamente próximo desses sujeitos, fotografados em campo aberto num dia de sol intenso, Llanos, cuja presença sem dúvida não era surpresa alguma ali, registrou esses homens bastante próximos entre si de modo que todos se veem numa posição de igualdade inclusive o próprio fotógrafo e como consequência o leitor - que lhe é dado a ver a partir do olhar desse último. Entretanto, a região privilegiada do registro que o observador, identifica de imediato é



a terra que se estende em mais de três quartos da fotografia totalmente nua. Logo abaixo lê-se a seguinte legenda: “*En nada tengo tanto interés y tanto entusiasmo como en la Reforma Agraria...Es el único medio de combatir el desempleo*”, uma frase que subitamente concederíamos a Fidel na troca de diálogo com esses camponeses. Com efeito, texto e imagem fortalecem a ideia de um líder que estaria lado a lado com a população camponesa, que escutaria suas demandas, falaria sua própria língua e graças ao apoio à reforma agrária, essa terra nua seria preenchida de trabalhadores.

De volta à matéria, Fidel Castro fez um retrospecto da luta contra Batista e convocara todos os cubanos a lutarem por uma “*Reforma Agraria que lo ponga en posesión de la tierra y les dé los medios para explotarla y hacerla producir en beneficio de la gran familia campesina y de la economía de nuestra nación*” (*Ibidem*, p.14).

O início da pilhagem das terras cubanas se iniciou no dia 5 de março de 1902, quando o governo interventor norte-americano emitiu a *Orden Militar nº 62*, que previa uma vez deposto o poder colonial espanhol, o favorecimento de aquisição de grandes extensões do território nacional por parte de cidadãos e companhias norte-americanas. Paralelo a isso, despojava-se muitos camponeses. Ainda em seu discurso, Fidel listou as principais companhias estadunidenses que eram donas de grandes montantes de terra:

*Más de una vez se ha señalado el caso de una compañía azucarera extranjera que llevo a tener bajo su control um extensión de tierra casi igual a toda el área de la provincia de Matanzas; la Cuban American Sugar Co. es dueña de unas 14.000 caballerías; la United Fruit Co. tiene más de 9.000 caballerías en Oriente; la empresa que administra Mr. Scheferry se ha apropiado de más de 8.000 caballerías em el Municipio de El Cobre; el King Ranch, trust ganadero norteamericano acaba de recibir un centenares de caballerías de la tierra cubana; la Cuban Land monopoliza las mejores tierras de tabaco (REVOLUCIÓN, ano 2, n. 72, 28/02/1959, p.14).*

Tomar de empréstimo o passado para justificar suas lutas e objetivos desde a tenra formação do M-26/7 fez parte da moldagem ideológica no cotidiano dos rebeldes. A leitura de textos de Antonio Maceo, do “apóstolo” José Martí, a menção de tantos outros heróis e heroínas e eventos históricos principalmente da luta de independência são alguns dos exemplos que examinamos terem certa influência no *Revolución*.

No expediente de 20 de março, o repórter J. Hernández Artigas acompanhado pelo fotógrafo Raúl Corrales, entrevistou um dos sobreviventes do

*Realengo 18*, Pepe Prades. De modo bastante sucinto, o *Realengo 18* era um território remanescente de demarcações coloniais localizado a noroeste do município de *El Salvador* em que se assentaram durante séculos camponeses pobres, ex-escravos, negros livres e seus descendentes, que por direito consuetudinário eram donos da terra. Várias disputas ocorreram pelo domínio dessa região, tendo de um lado famílias cubanas que moravam ali e tiravam seu sustento e no outro extremo, grupos de latifundiários nacionais apoiados pelo governo e demais instâncias de poder. A primeira metade do século XX acirrou esse embate, que esteve por um fio de tomar dimensões calamitosas se o exército liderado por Fulgencio Batista não houvesse recuado frente à organização dos camponeses que resistiram e mantiveram suas terras<sup>89</sup>.

---

<sup>89</sup> Esses moradores ocupavam, segundo Cobo (2016, s.p.) próximo de "*500 cabellerías que incluían tupidos montes de árboles de madera preciosa, los últimos del entorno natural de la región*", domínios sobre os quais latifundiários nacionais com estreitos vínculos de companhias norte-americanas colocaram "*sus ojos desde principios del siglo tras el fin de explotar la riqueza forestal y sembrar grandes extensiones de caña que serían molidas en los centrales en manos de los estadounidenses en la región*". (*Ibidem*, s.p.). De acordo com a pesquisadora Joanna Swanger (2015, p.91, tradução nossa), em agosto de 1934, ficou claro que a empresa cubana *Corralillo Company*, com o apoio financeiro do *Royal Bank of Canada*, fazia manobras para comprar terras que faziam parte do *Realengo 18*. Em 16 de setembro de 1934, o governador Pérez André enviou um telegrama ao Presidente Mendieta, pedindo que eu declarasse a trégua de duas semanas para acalmar a situação e estudar o assunto calmamente antes de permitir que a empresa fizesse um levantamento das terras. Essas famílias cubanas trabalharam na terra por mais de vinte anos e a transformaram em um "verdadeiro jardim com muitas fazendas de café", escreveu ele. Para cumprir com esses planos era necessário desalojar centenas de famílias realenguistas e novembro de 1934 estavam dadas as condições para alcançarem tais propósitos com apoio dos tribunais da época; que anularam meses antes o pedido de regularização das terras, do governo e da *Guardia Rural* que havia praticamente cercado a região. No entanto, diante dessa situação os camponeses da zona, liderados por Lino Álvarez e apoiados pelo partido comunista. Conforme Jorge W. Cobo (2016, s.p.), o jornalista Pablo de la Torriente Brau visitou o *Realengo* para reportar os acontecimentos e descreveu o líder popular como: "*un negro de pequeña estatura, pero bien musculazo, fuerte, ojos silenciosos y profundamente oscuros. Habla con lentitud, como el como el hombre que no le gusta rectificar. Y nunca ha estudiado. Una compañía yanqui le ofreció quince mil pesos y 15 caballerías de tierra para que abandonara la lucha. Pero él siguió combatiéndola. Tres tiros le han dado ya y no lo han matado*". Durante os momentos mais tensos o Fulgencio Batista - que em 1933 havia liderado o golpe de estado que retirou do poder o presidente interino Ramón Grau San Martín - havia declarado: "*La trocha se hará, cueste lo que cueste*" e Lino replicara: "*Tierra o Sangre*". Em 11 de novembro de 1934, diante da decisão dos camponeses de *Realengo 18* de não abandonar suas terras, com apoio do "Partido Comunista e a Confederação Nacional dos Trabalhadores Cubanos uniram o proletariado oriental à causa dos camponeses de *Realengo 18*" (SWANGER, 2015, p.91, tradução nossa), Batista e a *Guarda Rural* cederam e concordaram com uma trégua, retiraram as tropas e adiaram os despejos e os planos de apropriação. No entanto, em anos posteriores vários métodos foram aplicados para enganar os realenguistas com uso de violência seletiva, além de aplicar meios de corrompê-los a fim de destruir com a unidade que os tornava fortes.

Figura 45 - LA TIERRA ES DEL QUE LA TRABAJA.



Fotografía: Raúl Corrales

Fonte: *Revolución*, ano 2, n. 80, 10/03/1959, p. 16.

As quatro fotografías de grande porte de Raúl Corrales, das mãos, pés e parte do rosto do entrevistado se analisadas em separado do texto ou legendas, torna sua interpretação um tanto vaga. Sendo assim, tentaremos nos acercar do provável sentido que se quis imputar-lhes (fig. 45).

Pepe Prades contou a Artigas seu passado de luta em defesa da terra como realenguista e as dificuldades enfrentadas:

*Yo fui secretario del máximo dirigente del 'Realengo 18', Lino Alvarez. En el 'Realengo 18 nosotros éramos víctimas de los latifundistas del Central*

*Esperanza, quienes nos acusaban, en las propias tierras del Estado, de perjudicadores de sus propiedades...El ejército mercenario nos perseguía a muerte. La mayor parte del tiempo teníamos que vivir ocultos en los bosques, para poder salvar nuestras vidas (REVOLUCIÓN, ano 2, nº 80, 10/03/1959, p. 16).*

Mesmo quando a situação se agravava Pepe recordou que todos seus companheiros do Realengo mantinham "*la firme resolución de pelear a vida o muerte pero nunca abandonar nuestra tierra*" (*Ibidem*, p. 16).

Por sua vez, também presente no *Congreso Provincial Campesino de Oriente*, Pepe expressou seu contentamento ao ver "*reunidos a los antes desheredados de todo amparo, a los campesinos que eran perseguidos a muerte por defender su derecho a las tierras propiedad del Estado cubano*".

Por fim, declarou seu apoio aos "*heroicos revolucionarios del '26 de Julio*" aos quais relegava a continuidade dos seus 50 anos de "*lucha campesina*". Portanto Pepe poderia "*descansar tranquilo, pues tengo absoluta confianza en los hombres que han hecho esta Revolución*" (*Ibidem*, p.16).

A figura e a história de Pepe Prades, um homem negro de 91 anos que dedicou meio século à causa camponesa fotografado com o semblante carregado de cansaço, eram de certo modo bastante atraentes para os objetivos da Revolução. Primeiramente, como sujeito legitimador da causa rebelde pois, conforme a legenda, o movimento de suas mãos uniria a Guerra de Independência, na qual Pepe também teria lutado, à Revolução de 1959 "*para él se entrelazan en una sola*". Em segundo lugar, enquanto combatente modelar na medida em que essas mesmas mãos "*supieron dejar el arado para empuñar el fusil, cuando vio amenazados sus derechos de ciudadano*". Por último, o dono dessa bota "*con la suela rota y el cuero gastado*", sinônimo de sua condição social, estaria satisfeito "*de ver cumplidos los objetivos de su lucha y plasmadas las ansias del campesinado en Reforma Agraria*".

Percebemos que o conteúdo fotográfico mais recorrente nas edições de *Revolución* entre os meses de janeiro a abril de 1959 teve o intuito de manter viva uma memória das condições de miséria da zona rural cubana. Tal propósito era criar empatia do leitor, principalmente das camadas urbanas, às condições de vida dos camponeses e da urgência de sancionar a reforma agrária.

Nas fotografias do dia 06 de abril (fig 46), prendem a atenção do leitor a instantânea do rosto de um camponês que mira o horizonte, logo abaixo do lado direito um sujeito de camisa rasgada e à esquerda o enfoque recai para um par de calças puídas. À autoria das imagens não foi atribuído nenhum fotógrafo, embora depois viemos a descobrir que a primeira pertencia à Raul Corrales cujo título era *Stetson* originalmente datada de 1950, isto é, quase dez anos antes desta edição de abril, na qual também percebemos contornos que denunciam manipulação da imagem para a inclusão de textos.

Figura 46 - *ESTA VEZ SI ES VERDAD!*



Fotografia: Sem autoria

Fonte: *Revolución*, ano 2, n. 103, 06/04/1959, p. 12.

O estilo fotográfico de Raúl pode ser comprovado, a partir de uma ligeira comparação com a reportagem anterior sobre o *Realengo 18* e Pepe Prades, ao

focalizar determinadas partes do seu objeto. Em ambos os casos, percebe-se a preferência de Corrales por enfatizar determinados membros de um objeto, ou seja, braços, pernas e/ou cabeças.

Com relação ao teor do texto, entrecruzam denúncias das condições de vida das famílias camponesas com expectativas de mudança com a aprovação da reforma agrária.

*Mientras tus manos sin trabajo sólo apretaban la angustia de tu miséria, de tus hijos sin techo y tu mesa sin pan...Cincuenta años de promesas te hicieron dudar de todos...Pero esta vez la tierra ya es tuya, porque eres TU MISMO quien se ha prometido ser libre y recobrar tu tierra (REVOLUCIÓN, ano 2, nº 103, 06/04/1959, p. 12).*

Por sua vez, texto e imagens se fundem nos trechos seguintes, a começar pela imagem do sujeito de costas com a camisa rasgada no ombro esquerdo no qual lhe é colocado um sentido simbólico remetendo às condições de trabalho do homem do campo:

*Alguién contó la historia de un hombre feliz que no usaba camisas...Pero, por mucho tiempo, se calló está cruel historia de tu camisa rota. Ella va ahora contigo. Y mientras escuchas palabras nuevas de justicia agraria, más que cualquier discurso que la Revolución pueda hacer por tí, está presente el grito de tu camisa: girones de miseria, rotos que hablan del trabajo mal pagado, de la tierra arrebatada. Es tu camisa, llena de huecos y remiendos, la que más claro habla en cualquier mitín (REVOLUCIÓN, ano 2, nº 103, 06/04/1959, p. 12).*

Quanto às pernas, com seus calçados rotos e calças gastas lhes foram empregadas outras características de resistência, união na luta pela terra e a esperança, vejamos:

*Estás de pié en la Historia. Tus pantalones viejos, por el roto de la rodilla, se rien del Latifundio. Tus zapatos deshechos de tanto caminar sin destino. Pero están ahí, pisando tu tierra, con el pié firme que ya no retrocede. Te ha crecido la voz y puedes hablar un español claro, para que se entienda por el Norte y se imite por el Sur. Y para que toda esta miseria se borre de nuestros campos, que cada uno de nosotros, en el campo y en la ciudad, comprenda que todos tenemos que apoyar esta Revolución, porque es para todos. De arriba y de abajo, con cualquier color, todos y cada uno de nosotros tenemos que hacer un país nuevo donde nadie camine con esos zapatos...Donde nadie trabaje con esos pantalones...La frontera de ese país nuevo empieza en una frase: "vamos a dar a los campesinos sin tierras, las tierras sin campesino! (Ibidem, p. 12).*

Angariar o máximo de adeptos favoráveis à reforma agrária era crucial para o governo, para tanto as fotografias foram importantes aliadas. Contudo, não podemos descartar a ideia de que outros recursos técnicos tenham sido utilizados como

elementos de convencimento dos cubanos. Nesse caso, nos referimos especificamente ao uso do audiovisual tal qual podemos constatar na fotografia a seguir (fig. 47).

Figura 47 – Fijese como se interesa el pueblo por la reforma



Fotografía: Sem autoria

Fonte: *Revolución*, ano 2, n. 108, 11/04/1959, p. 14.

“*Fijese como se interesa el pueblo por la reforma*”, foi o título que incluíram a esta fotografia, onde vemos homens e mulheres, adultos e crianças reunidas numa determinada noite com olhares atentos a um ponto no canto esquerdo, inacessível ao alcance do leitor.

Se de fato essas pessoas assistiam a algo relacionado à reforma agrária, no instante em que alguém registrou esse momento jamais saberemos de fato, porém podemos afirmar que a tentativa de fazer-se crer que isto ocorria na fotografia remete-nos a ideia do lugar ocupado pela fotografia no jornal e nesse caso, atuaria como espelho da verdade.

Conforme a legenda desta fotografia, todos ali seriam vizinhos assistindo “*una película educacional en una escuela rural de la provincia de La Habana*”.

Quanto ao filme em si, o conteúdo se enveredaria por típicos temas do mundo rural como “*cooperativas rurales, mejoramiento del suelo y cultivo de las*

*tierras*". Em seguida se reconheceria a eficácia do audiovisual por conta de suas características de difusão, educação e propaganda direcionada, nesse caso, relacionado à reforma agrária: "*Las proyecciones cinematográficas que se celebraran tienen mayor fuerza de divulgación*". Ademais, os responsáveis pela exibição do filme dedicavam-se a "*charlas de divulgación por medio de altos funcionarios del Ministerio de Agricultura, sobre enfoques diversos de la Revolución Agraria*", ou seja, era feito uma espécie de tertúlia com vistas a debater, esclarecer e propagandear as propostas da reforma agrária.

Imaginar que a aprovação e execução da reforma agrária era algo consensual para todos os cubanos seria um desacerto, tanto é, que podemos distinguir opiniões divergentes na própria imprensa cubana, por exemplo, o *Diario de la Marina* que demonstrava-se reticente à redistribuição de terras e preconizava que se de fato essa repartição ocorresse que então fosse somente em terrenos pantanosos ou nos montes. Com essa atitude o jornal saía em favor da manutenção do *status quo* dos grandes proprietários nativos e estrangeiros. Do lado oposto, o *Revolución*, cuja posição foi conduzida a favor da promulgação da Lei, dava visibilidade à análise de especialistas de diversas áreas (economistas, médicos, administradores, entre outros) e a opinião de dirigentes do Governo Provisório com o objetivo de esclarecer cada um dos pontos que a reforma agrária propunha transformar. Justaposto a isso, notamos como observado no gráfico 1 uma presença substancial de fotografias cujos conteúdos analisados até o presente momento corroboram com a finalidade de sensibilizar e mobilizar todas as camadas sociais primordialmente aqueles setores que desconheciam o modo de vida no campo.

No decurso dos primeiros quatro meses de publicação de *Revolución* percebe-se que uma importante parcela dos assuntos fotografados gravitou em torno da reforma agrária. Parte disso como reflexo direto dos discursos do governo que insistentemente buscava expor os benefícios que decorreriam a partir da aprovação dessa lei e as estratégias que se adotariam para gerir a distribuição da terra. Nesse ponto, recorreremos ao discurso expresso por Che Guevara durante a comemoração do dia do trabalho em Santiago de Cuba para visualizarmos o tom dos líderes a respeito da reforma.



Depois de sublinhar a importância da unidade popular e, de lembrar os sacrifícios e os mártires que tornaram aquela Revolução possível, Che direcionou sua fala no sentido de explicar no que consistia a reforma agrária:

*Consiste por ejemplo en decir que el latifundio es un mal social que tiene que desaparecer de Cuba, todos los señores que tengan más de tantas caballerías, tengan que entregarlas al gobierno para su redistribución entre los campesinos (aplausos). Consiste también en decir: Todos los hombres que trabajan sobre la tierra y que han dejado su sudor durante años y años y que siempre han tenido que entregar la parte suculenta de su cosecha al dueño supuestamente legal de la tierra, es hoy y para siempre el dueño legal de la tierra que trabaja (aplausos) (REVOLUCIÓN, ano 2, n. 125, 02/05/1959, p. 16).*

Portanto, o dever do governo seria ceder terras para aqueles que sempre a trabalharam, isto é, os camponeses. Porém, a gestão dessas terras seria baseada “preferentemente con el sistema cooperativista”, pois “los trabajos que se realizan individualmente sobre la tierra dan un producto con tal costo de producción que no puede competir en el mercado” (*Ibidem*, p. 16). Com efeito, após a distribuição das terras e a organização das cooperativas, a expectativa era obter “mayor rendimiento por caballería y todo ese producto vendido y distribuído luego a los campesinos” e alcançar tais objetivos na opinião de Che seria necessário “en todo momento el apoyo del Estado”.

Como seria esse apoio? Primeiramente, assegurando às famílias camponesas “créditos baratos para que en el momento necesario empiecen a sembrar y para que puedan recolectar después para que puedan comprar sus aperos de labranza, para que puedan durante el tempo muerto tener derecho a una vida digna”. Além desse sistema de créditos, Che disse que seria instalado em cada cooperativa “centros de asistencia médica que no dejen al guajiro como ha sido hasta hoy por todos los adelantos de la ciencia médica y convertido casi en un animal campestre que tenía que morirse irremediamente cuando se enfermara” (*Ibidem*, p. 16). Outros serviços como eletricidade e comunicação também seriam implantados pelo governo, fora a inserção “en la vida cultural del país”. Nesse caso, suas aspirações eram criar “centros de capacitación técnica agrícola, grandes escuelas técnicas donde miles de niños puedan ir a recibir un enseñanza mucho más metodizada que los capacite, para que en el futuro puedan ingresar en la gran sociedad cubana con un gran caudal de conocimiento”. E finalmente:

*Convertiremos al campo en un lugar donde se pueda escuchar radio, donde se pueda ver la televisión, donde se pueda ir a ver espectáculos teatrales y sobre todo eso traeremos al campesino la asistencia técnica necesaria para que sus cultivos sean los que la tierra necesite y no los que ha venido cultivando desde hace veinte o treinta años...porque fué su abuelo el que inició ese cultivo y porque allí sobre la tierra nadie le enseñó que esa tierra era apta para otro cultivo, porque nunca nadie se ocupó en Cuba de ir a resolver los graves problemas del agro cubano y nosotros iremos a resolver esos problemas (Ibidem, p. 16).*

Finalmente o tão ansiado dia chegou, no dia 17 de maio de 1959, no povoado de *La Plata* em plena *Sierra Maestra*, Fidel Castro assinou a Lei de Reforma Agrária. A data foi escolhida para homenagear o trabalhador rural Niceto Pérez assassinado pela Guarda Rural em 1946.

Evidentemente, considerando-se a importância desse evento, não faltaram jornalistas e fotógrafos do *Revolución* para acompanharem *in loco* cada detalhe desse momento histórico. Houve também um esforço da *Radio Rebelde* em transmitir ao vivo todos os pormenores daquele dia, todavia, algumas interferências causadas pelo mal tempo impediram captar a transmissão completa da lei.

De acordo com a matéria do dia 18 de maio, Fidel chegou em *La Plata* por volta das “*siete de la mañana, a bordo de un helicóptero*” e em sua companhia estava Celia Sánchez, Antonio Núñez Jiménez e Oscar Pino Santos, “*del staff de REVOLUCIÓN*”. Dos enviados do jornal foram: Angel Fernández, Ernesto Vera, Gregorio Ortega, Badito Saker e os fotógrafos Korda e Raúl Corrales.

Logo que o helicóptero aterrissou, Fidel e sua comitiva foram recebidos com “*gritos de júbilo y vivas a la Revolución*”. Naquela região reencontraram “*a muchos campesinos, algunos de los cuales habían combatido a su lado y ayudado a la Revolución en las horas más duras y comprometidas de la lucha*” (REVOLUCIÓN, ano 2, n. 138, 18/05/1959, p. 12). Após a breve acolhida dos habitantes locais, as autoridades presentes se dirigiram até um “*bohío, una vivienda que existe en ese lugar, estampa clásica de la miseria en que, durante siglos, han vivido los campesinos en esas intrincadas regiones de la isla*” (Ibidem, p. 12). Com o chão de terra batido, teto e paredes feitos de palha, aquele simples casebre era o “*escenario de un hecho extraordinario, de consecuencias imprevisibles para la liberación de campesinado*”.

A presença do helicóptero naquela região logo se espalhou para as demais localidades próximas e pouco tempo depois, assomaram-se curiosos “*por todos los*

*abruptos caminos que conducían hasta las faldas de aquellas lomas, comenzaron a llegar grupos de campesinos, mujeres, hombres y niños, jóvenes y viejos, muchos de pie, otros cabalgando en mulos”.*

Com o passar do tempo mais e mais pessoas, algumas inclusive “*procedentes de lugares muy distantes en la Sierra, realizaron dos días de camino, en una jornada extenuante por precipícios y desrriscaderos, para estar presentes en la Plata*”. De acordo com o artigo do jornal, aproximando-se do horário do almoço algumas pessoas encontraram uma vaca pastando, todavia, prevendo as intenções dos que foram em sua busca, o animal fugiu e se refugiou num monte próximo. Desvanecendo a esperança dos presentes de terem um almoço farto, Fidel Castro entrou em cena e requisitara um rifle para dar fim ao animal e “*de un cierto disparo solucionó el almuerzo de todos, lo que valió la congratulación general*”. Ainda sobre esse evento, alguém teria feito o seguinte comentário “*El comandante tiene la punteria igual. No falla un tiro...*” (Ibidem, p. 12).

*Figura 48 - Primeras fotos de "La Plata"*





Fotografia: Raúl Corrales

Fonte: *Revolución*, ano 2, n. 138, 18/05/1959, p. 16.

Tratando-se de um momento importante como aquele, percebemos que o culto à imagem de Fidel não fornecia “trégua”, tal como podemos observar nas fotografias de Corrales (fig. 48). Com seu traje de guerrilha, charuto entre os lábios e fuzil em riste, o primeiro-ministro era construído como um símbolo de masculinidade, que “*charla*” intimamente “*con los campesinos de la zona*”, mas mantém-se numa posição superior a eles vide o ângulo da fotografia da direita que Corrales optou por registrar em *contre-plongée*, como sujeito militarizado, mentor da reforma agrária e principalmente como líder infalível, cujos objetivos e essência seguiriam inalterados desde os tempos de guerrilha: “*Dispara su arma, como en los días de la Sierra Maestra*”.

De modo genérico, a Lei de 17 de maio concebia dois principais objetivos: aniquilar o estado de miséria da população rural e promover o desenvolvimento econômico, isto é, redistribuir o excedente e ampliar as bases de sua geração. Ademais, nessa Lei, o *igualitarismo* e a *soberania nacional*, alicerces do projeto do M-26/7, fundiam-se numa estratégia de desenvolvimento econômico, cujas tarefas prioritárias consistiam em: a) empregar trabalhadores do campo em terras ociosas, de modo a ampliar as exportações e incrementar a capacidade importadora; b) diversificar a agricultura para fornecer matéria-prima à indústria nacional, prover a produção de alimentos e economizar divisas gastas com importação; c) estimular o aumento da produtividade com incentivos públicos ao setor privado (VASCONCELOS,

2017, p.110). Executar tais tarefas eliminaria dois principais obstáculos: a ociosidade da terra que fornecia base material para o comportamento especulativo e a monocultura açucareira que beneficiava a economia estadunidense.

Para Richard Gott (2006, p. 197), essa primeira reforma agrária foi “moderada”, por conta da isenção de um certo número de grandes criadores de gado assim como, de algumas plantações de açúcar e de tabaco “reconhecidas pela sua produtividade excepcional”. Contudo, o autor reconhece que esta lei foi percebida “pela poderosa classe de proprietários de terra de Cuba e em toda a América Latina como a borda fina da cunha”. Era sem dúvida um duro golpe para os proprietários de terra estrangeiros, cuja maioria era norte-americana.

Quase um mês depois de assinada a Lei, no dia 12 de junho de 1959, os Estados Unidos emitiram uma nota oficial demonstrando preocupação em relação às indenizações previstas nos casos de expropriações de terras pela reforma agrária. Entretanto, aos olhos de muitos, tanto dentro quanto fora de Cuba, essa lei confirmava a crença de que ela era fruto de ação comunista. Vale ressaltar que a assinatura da reforma agrária em 17 de maio na *Sierra Maestra*, se baseava no artigo 90 da Constituição de 1940, que proscovia o latifúndio e o aumento da propriedade estrangeira sobre a terra<sup>90</sup>.

Dois dias após a assinatura da lei de reforma agrária, 19 de maio, criou-se o *Instituto Nacional de Reforma Agraria* (INRA). O Conselho de Ministros designara ao comandante Fidel Castro Ruz como presidente e Antonio Núñez Jiménez como secretário executivo. Teoricamente, o INRA foi criado com amplos poderes para administrar e executar todas as questões relacionadas com a terra e a agricultura, porém foi bem mais que isso: ele reuniu o setor revolucionário do Governo Provisório. Do ponto de vista do historiador cubano Rolando Ávila, o INRA foi “o mecanismo para levar o Programa de Moncada em sua primeira etapa e tinha como base o povo organizado e o povo armado” (Ávila, 2012, apud VASCONCELOS, 2017, p. 114). Das atividades atribuídas ao INRA e que afetavam a vida no campo elencam-se as

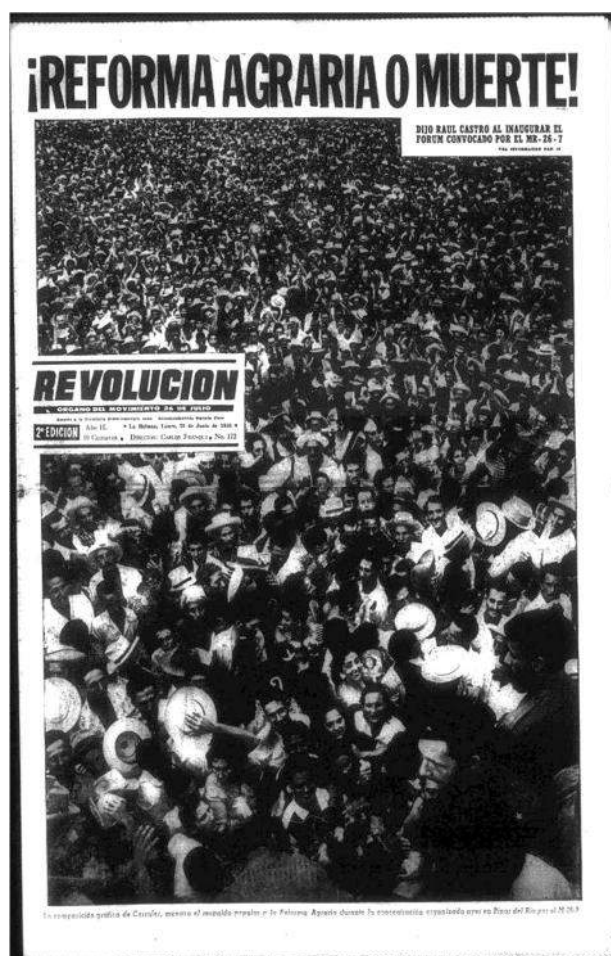
---

<sup>90</sup> Conforme o artigo 90 da Constituição da República de Cuba de 1940: *Se proscribire el latifundio y a los efectos de su desaparición, la Ley señalará el máximo de extensión de la propiedad que cada persona o entidad pueda poseer para casa tipo de explotación a que la tierra se dedique y tomando en cuenta las respectivas peculiaridades. La Ley limitará restrictivamente la adquisición y posesión de la tierra por personas y compañías extranjeras, y adoptará medidas que tiendan a revertir la tierra al cubano.*

seguintes: a) elaborar os planos de produção e incremento tecnológico; b) prover de insumos e crédito público as cooperativas e os pequenos agricultores; c) construir casas que substituíssem os *bohíos*, escolas rurais, hospitais, centros de recreação e cultura; d) propor políticas tarifárias e fiscais com vistas ao aumento da produção; e) dirigir e administrar os fundos da reforma agrária; f) escrever o Regulamento das Cooperativas, bem como designar seus administradores (*Ibidem*, p. 114).

No mês de junho, *Revolución* manifestou por meio de fotografias as mazelas da vida camponesa. Famílias desabrigadas, crianças correndo descalças no chão de terra batido, casebres de palha, etc. Quase terminando junho, ocorreu o Primeiro Fórum Nacional sobre reforma agrária realizado no dia 28 em Havana. O evento contou com uma altíssima participação camponesa e foi presidido pelo chefe das forças armadas Raúl Castro o qual recepcionou delegações estrangeiras dos Estados Unidos, Venezuela, Argentina, Colômbia, Panamá e Guatemala.

Figura 49 - Reforma Agraria o Muerte!



Fotografia: Sem autoria

Fonte: *Revolución*, ano 2, n. 173, 29/06/1959, p. 01

A escolha do enquadramento *plongée* – quando o fotógrafo posiciona a câmera acima do nível dos olhos, voltado-a para baixo - concede a alta concentração camponesa ares de magnitude e uniformidade a este mar de gente que se estende no horizonte tão largo quanto as lentes do fotógrafo podem alcançar (fig. 49). Comparativamente essa fotografia, nos remete ao quadro *Serment du Jeu de Paume* (1791) de Jacques-Louis David (1748 - 1825). Nela, inúmeras pessoas que compõe a cena, foram pintadas pelo artista de tal forma que se transformaram em um único corpo, sinônimo de soberania democrática e poder constituinte. Na foto abaixo, o poder presente não é a diminuta presença de Raúl Castro, quase imperceptível localizado no seu canto direito da imagem, mas sim aquele evocado e presente na mobilização da massa camponesa.

Dali mesmo, rodeado por seus companheiros, Raúl Castro declarou para os cidadãos de *Pinar del Rio* que até aquele momento Cuba tinha sido “*un país de tierras sin hombres y hombres sin tierras*” e reforçou a importância da adesão popular à lei que não era nem “*comunista ni anticomunista, ya que la apoyan sectores de ambas tendencias*”. Em outras palavras Raúl Castro negou que tal lei fosse comunista, mas não descartou a existência destes nos arredores do poder. Em suas últimas declarações, retomou a ideia de defesa e os benefícios que a reforma traria para o país:

*La Reforma Agraria es la necesidad que aconseja la técnica y la experiencia para el auge nacional. Nosotros estamos dispuestos a defenderla sobre todos los obstáculos. El pueblo nos respalda y vigila. El grito hoy de toda la conciencia nacional es sólo uno y es este: Reforma Agraria o Muerte* (REVOLUCIÓN, ano 2, n. 173, 29/06/1959, p. 12, grifo nosso).

### **8.1. As sementes foram lançadas: a Revolução colhe o joio ou o trigo?**

Depois de aprovada a lei agrária, as terras improdutivas foram repartidas, famílias foram assentadas e as primeiras sementes de uma nova sociedade foram lançadas. Porém, nesse caminho havia muitas pedras e não tardou para que ervas daninhas brotassem junto com alguns frutos.

Pouco a pouco os discursos oficiais e fotográficos deixavam de focalizar exclusivamente no apoio tácito à reforma agrária, para abranger os frutos que desta decorriam. Do mês de agosto de 1959 até o final do ano, os temas que corriam paralelos a respeito do camponês gravitavam em torno do trabalho, das primeiras

safras das mais variadas culturas, do início da militarização dos camponeses, da educação e de vínculos com figuras políticas.

Lei sancionada era momento de colocá-la em prática e para isso toda ajuda fora bem-vinda independente do sexo. Nesse sentido, na cooperativa “*Cuba Libre*”, da província de Matanzas, “*para elevar rápidamente el nivel de vida de los campesinos de esa zona...trabajaban incansablemente hasta las mujeres, que se han incorporado voluntariamente a las tareas agrícolas*” (CAMPO DE REVOLUCIÓN, ano 1, n. 2, 10/10/1959, p. 13). A citação anterior retirada do texto que acompanha a fotografia, exprime uma entonação de surpresa na participação feminina em trabalhos “*más fuertes*”. A surpresa era tamanha que a instantânea abaixo (fig. 50) convida o leitor a comprovar esse evento “incomum”. Seis homens miram fixamente a lente do fotógrafo, o da esquerda com as mãos na cintura esbanjando sua altivez, aparentemente seria o guia dessa obra. Enquanto isso, no canto oposto da imagem cinco homens, estariam ali como expectadores da cena pitoresca protagonizado pela “*voluntaria de las brigadas femeninas*” de costas com roupas simples a segurar uma pá cheia de material de construção.

Pavimentação das ruas, construção de 117 casas para camponeses, as quais teriam “*sala, comedor, cuartos, baño intercalado y moderna cocina*”, escolas e estádios para “*los campesinos y obreros*” praticarem seus esportes, biblioteca e etc., realizados aos sábados e domingos teriam a participação de estudantes, trabalhadores e “*profesionales como las mujeres de la Columna Agraria Femenina 'José Martí', que forman un cuerpo disciplinado de 1,280 jóvenes*” (CAMPO DE REVOLUCIÓN, ano 1, n. 2, 10/10/1959, p. 13).

Além dos trabalhos pesados,

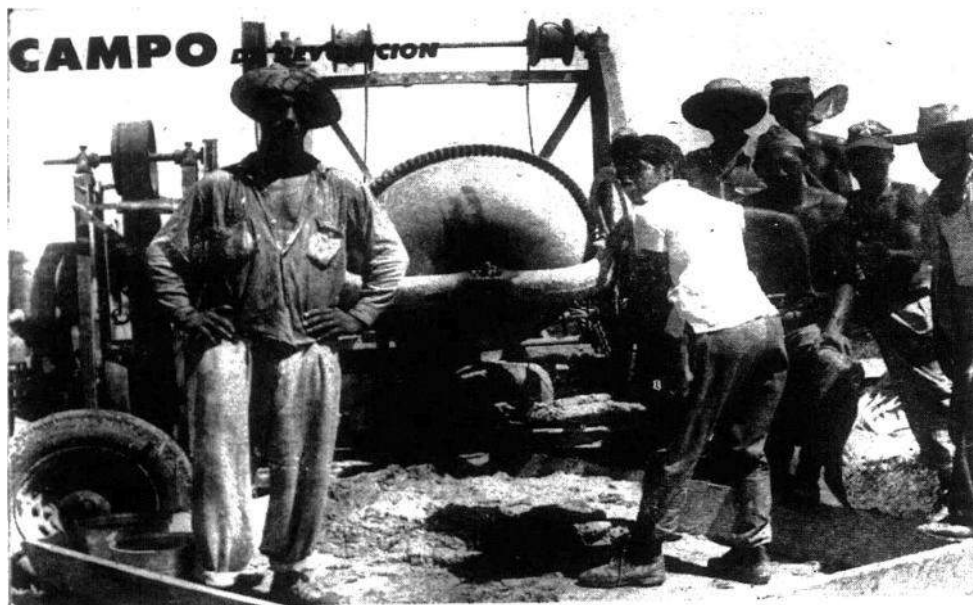
*las muchacas de toda la región ayudan a labor sanitaria y van a los rincones más apartados en los 'yipis' para hacerles radiografías a los campesinos y un censo sobre sus necesidades rurales, que luego el INRA se encarga de llenar a través de las distintas secciones responsables del Instituto (Ibidem, p.13).*

Conforme, a matéria de *Campo de Revolución* a participação feminina nos rumos da Revolução se espalhava e se agigantava para além do trabalho braçal no campo, isto é, compreendia sobretudo no processo de doutrinação dos camponeses: “*Estas muchachas hablan a los montunos y a los obreros del pueblo,*



*creándoles conciencia revolucionária y explicándoles las finalidades de la Revolución y la Reforma Agraria" (Ibidem, p.13).*

*Figura 50 - Mujeres matanceras ayudan a construir 117 casas de campo*



*Fotografía: Sem autoria*

*Fonte: CAMPO DE REVOLUCIÓN, ano 1, n. 2, 10/10/1959, p. 13.*

Sob forte sol, homens trabalham na colheita do milho tão concentrados em sua tarefa que parecem não repararem na presença do fotógrafo ou assim seria mais convincente. Já na fotografia ao lado, vemos outro sujeito sustentando com orgulho os frutos do seu trabalho, grandes espigas de milho (fig. 51). No discurso fotográfico, sua lógica implícita, expressa uma relação de causa e efeito, e, principalmente com a felicidade alcançada como consequência do trabalho, que neste caso, possui uma origem: a reforma agrária. Portanto, as fotografias representam os sucessos fomentados pela Revolução.

Cada grão dessas espigas esconde uma história, no suplemento *Campo de Revolución*, o milho foi "objeto de escandalosos negocios durante la tiranía" (CAMPO DE REVOLUCIÓN, ano 1, n. 2, 10/10/1959, p. 18). Solos férteis e "*naturales facilidades de la isla*", o milho guardava grandes expectativas para o desenvolvimento agrário, pois "*el INRA ha anunciado ya que le prestará preferente atención*".

Figura 51 – Maíz: oro de Cuba.



Fotografía: Samuel Feijóo  
 Fonte: CAMPO DE REVOLUCIÓN, ano 1, nº 2,  
 10/10/1959, p. 18.

Em governos anteriores o gasto com importação de gêneros alimentícios básicos, dentre eles o milho, evacuaram *"al extranjero millones de pesos"* enquanto Cuba tinha *"miles de desocupados y miles de caballerías de tierra ociosa"*. A causa de tamanha preocupação é explicada da seguinte maneira pelo escritor Samuel Feijóo:

*La respuesta está en que nunca hemos tenido un plan verdadero de producción y de protección al maíz cubano y en que los regimenes anteriores hacían una misma cosa de la indiferencia a la riqueza agrícola nacional y el asalto desvergonzado al tesoro público (Ibidem, p.18).*

Por sua vez, o novo governo incentivava uma produção em larga escala, mesmo que *"caiga el precio"*. O debulhamento, o frete, a fumigação e *"todos los demás gastos los pagará el INRA y pagará el quintal a tres pesos"* (Ibidem, p.18).

Cada nova safra era sinônimo de comemoração e de notícia para *Revolución e Campo de Revolución*. Desta vez, o alimento em questão era o tomate que havia superado as expectativas dos trabalhadores: *"¡Nunca había visto una*

*cosecha como ésta!*” disse “Cabaiguán”, um camponês “*que durante muchos años se ha dedicado a la siembra de tomate*”. Para Santiago C. Arias, o resultado dessa superprodução teria dois importantes ingredientes: “*el trabajo realizado en común, y la satisfacción de que el sudor ya no se derrama inútilmente sobre el surco*”. Aliás, nessa safra foram utilizadas terras repartidas pelo INRA “*donde moraban solamente unas 40 cabezas de ganado*”.

A notícia de que essas terras inativas seriam ocupadas “*fue recibida con júbilo, y ese mismo día un ejército de hombres y mujeres campesinos, iniciaron una empresa que ya arroja sus resultados más felices y prósperos*”. Pouco tempo depois, segundo Arias, outros camponeses da região somaram-se aos primeiros totalizando cerca de “*mil hombres y mujeres – en cada una de las cinco cooperativas de Manacas, Peralejo, Corralillo, Cascajal y Yaguarama*”. Na figura 52, novamente nos deparamos com um reflexo de felicidade estampado no rosto dessa camponesa trabalhando com outras companheiras à sua esquerda.

*Figura 52 - Mujeres en cooperativas.*



*Fotografía: Ernesto*

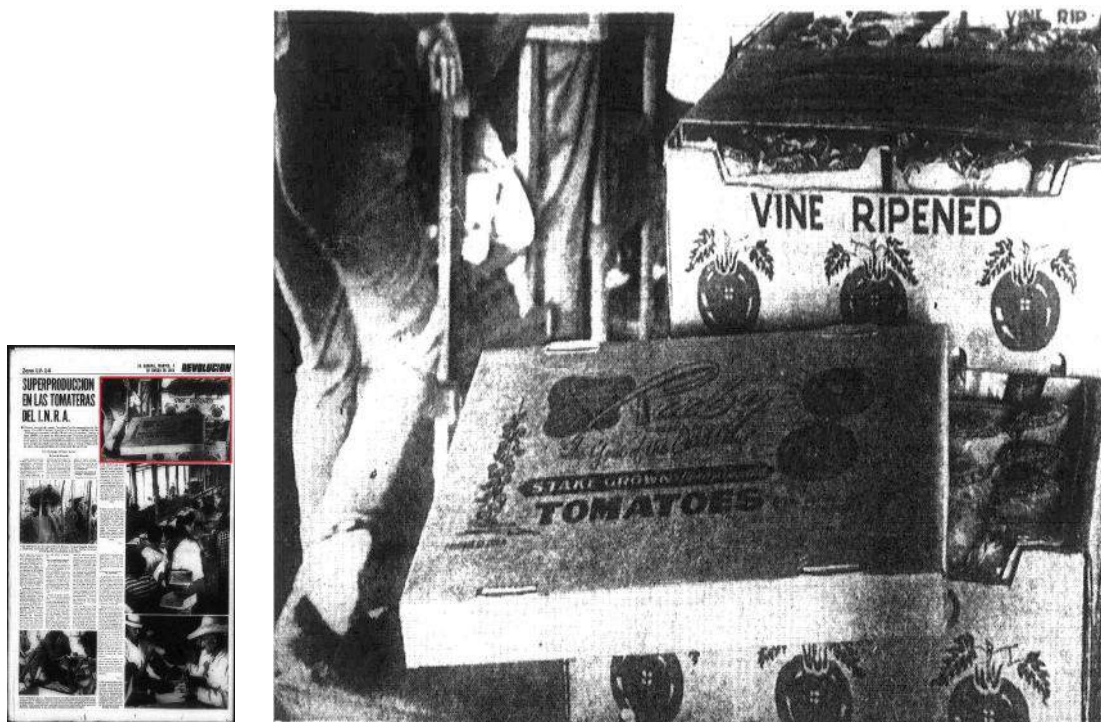
*Fonte: Revolución, ano 3, n. 333, 05/01/1960, p. 18.*

Na opinião do representante do INRA nestes centros produtores de tomate, Reinold González, tamanho sucesso também fora resultante das condições do tempo

favoráveis. Os destinos desses tomates seriam variados, por exemplo, somente na cooperativa de Manacas, “400,000 cajas de 20 libras (9 quilos) para el mercado exterior; unas 60 mil a 70 mil cajas de 50 libras (23 quilos) para el interno, y cerca de 100 mil cajas para las fábricas de puré”.

No rótulo das caixas entreabertas os nomes estrangeiros revelam seus destinos. Entretanto o valor atribuído, conforme a legenda correlacionada ao registro (fig. 53), tornavam-lhe mais que meros tomates, transformavam-se em provas irrefutáveis de que a reforma agrária foi uma decisão acertada: “*Con este triunfo agrario, logrado en tierras donde campeaba libremente el marabú, la palma cana y el peralejo, se comprende la necesidad que había de una Ley Agraria efectiva*”.

Figura 53 - 400,000 mil cajas para exportar



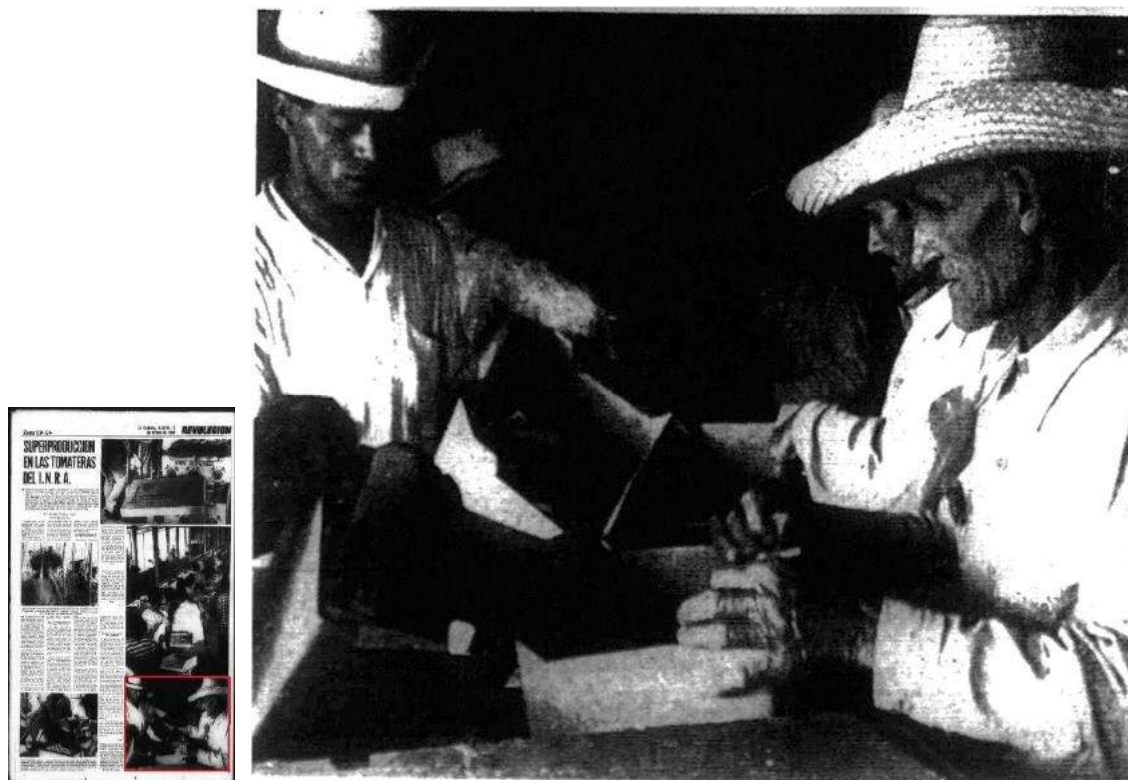
Fotografia: Ernesto

Fonte: *Revolución*, ano 3, n. 333, 05/01/1960, p. 18.

Todos trabalham, mulheres, homens de todas as idades, o discurso dessa fotografia revela que todos possuiriam espaço para o trabalho no campo desde a semeadura até a confecção das caixas onde iriam as frutas. Aliás, o coletivo se sobressai ao individual, não há fotografias com apenas uma pessoa, ou seja, novos valores preconizados pelo governo passavam a vigorar sobre as relações de trabalho que deveriam reger o campo e nas cooperativas arregimentadas com harmonia e organização. Homens “*de manos rudas, se esmeran en la formación del envase de*

cartón donde luego las mujeres irán depositando el tomate. La escena es como un himno de libertad y amor al trabajo del campo” (fig. 54).

Figura 54 - Hombres de manos rudas.



Fotografía: Ernesto

Fonte: *Revolución*, ano 3, n. 333, 05/01/1960, p. 18.

Segundo a matéria de capa de *Revolución* do dia 09 de julho, no dia anterior o senado norte-americano aprovou facultar ao presidente Eisenhower a decisão de suspender qualquer ajuda estrangeira “a todo país que confisque propiedades norte-americanas sin justa compensación” (*REVOLUCIÓN*, ano 2, n. 182, 09/07/1959, p. 01).

Sem demasiada dificuldade percebemos que essa decisão do senado norte-americano convergia para os desdobramentos causados pela reforma agrária. Em resposta, a “*Dirección Provincial De La Habana M-26-7*” publicou um artigo em *Revolución* comparando o posicionamento do senado norte-americano com o senado cubano.

Sobre o senado estadunidense, recaiu a acusação da Direção do M-26/7 de que respondiam “a los grandes intereses”. E, a reforma agrária do ponto de vista desses senadores seria “‘comunista’, atenta contra la propiedad privada’, es ‘demagógica’” (*Ibidem*, p. 19), convenientemente negado pelos cubanos. Por seu

turno, o senado que importava nesse manifesto do M-26/7 era “*el pueblo cubano*”, pois:

*El pueblo cubano...tiene autoridad para hablar sobre la Reforma Agraria. Esa opinión si la oímos día a día...La oíremos de nuevo el próximo 26 cuando medio millón de campesinos se reúnan en La Habana. ¿Qué opinión nos interesa? ¿La de medio millón de campesino o la de um grupo de senadores extranjeros? La elección no es dudosa...Ese Senado, el conjunto de seis millones de cubanos, puede opinar cuando quiera y cuantas veces quiera. Puede opinar mañana mismo...Reforma Agraria o Muerte es el lema de la Revolución...Las otras opiniones, las opiniones sin el respaldo de una moral, tienen un lugar para ser recibidas: el cesto (Ibidem, p. 19).*

Declarada aberta a temporada de hostilidades, o que se sabe, e veremos a seguir, é que as trocas públicas de desafetos entre Cuba e os Estados Unidos, suplantaram o campo discursivo para alcançarem agressões econômicas e físicas.

No primeiro caso, a capa de Revolución estampou de maneira gritante as seguintes palavras: “*¡AGRESIÓN! ECONOMICA CONTRA CUBA PREPARA ESTADOS UNIDOS*”.

A agressão em questão refere-se ao projeto de lei que o presidente Eisenhower apresentaria ao congresso norte-americano no intuito de diminuir a importação da cota de açúcar cubano em 192,000 toneladas e ao mesmo tempo " se *le autoriza reducir la cuota de cualquier país extranjero (léase Cuba), cuando lo considere necesario por motivo de interés nacional*" (REVOLUCIÓN, ano 3, n. 381, 02/03/1960, p. 01).

Essas punições contra Cuba, seriam consequência "*en caso de que el Gobierno cubano no aceptase determinados planteamientos del Gobierno de los Estados Unidos*" (Ibidem, p. 08). Em outras palavras, isso significava manter as rédeas de influência sobre a Ilha, pois suas transformações colidiam com interesses de setores empresariais estado-unidenses. Para isso, os EUA adotariam uma estratégia coercitiva de estrangulamento da base econômica de Cuba, o açúcar. Conforme o jornal, esta medida:

*constituye una violación flagrante del artículo 16 de la Carta de la Organización de Estados Americanos que dice: "Ningún Estado podrá aplicar o estimular medidas coercitivas de carácter económico y político para forzar la voluntad soberana de otro Estado y obtener de este ventajas de cualquier naturaleza. (Ibidem, p. 08).*

Dois dias após a publicação dessa notícia, o navio cargueiro francês *La Coubre*, explodiu no porto de Havana quando transportava armas e munições. As

explosões deixaram vários mortos e feridos. As autoridades cubanas, dado o contexto de ameaças, subitamente denunciaram como um ato terrorista da CIA - ainda que os pesquisadores careçam de fontes confiáveis que possam comprovar ou refutar essa incriminação.

Se responsabilizar os EUA pelo ataque ao *La Coubre* fosse fruto de algum delírio das autoridades cubanas, o lançamento de produtos inflamáveis nas plantações de cana-de-açúcar cubanas torna esse desatino no mínimo questionável.

Conforme a afirmação do secretário geral da *Federación Nacional de Trabajadores de Azúcar* (FNTA), Conrado Béquer Díaz, "*una avioneta lanzo materiales infamables en las colonias del central "San Cristóbal", quemando más de 250 mil arrobas de caña*".

Em socorro à plantação de cana, trabalhadores e "*el pueblo sofocaron las llamas y rápidamente se procederá a moler las cañas afectadas*". O líder dos açucareiros também assegurou que estavam "*siendo víctimas por aviones que, con bases en Estados Unidos, tratan de sembrar la miseria en nuestros campos de caña*". E concluiu: "*nuestra zafra se hará y nuestra Revolución seguirá adelante para bien de la Pátria*" (REVOLUCIÓN, ano 3, n. 386, 08/03/1960, p. 01).

Nas semanas que se seguiram, os ataques às safras de açúcar não pararam por aí. Nas semanas subsequentes, distintas regiões produtoras de cana foram atacadas, acarretando assim estragos em maior escala. Desta vez "*más de un millón de arrobas de caña en la zona del central España, en Las Villas y en colonias del Chaparra*". (REVOLUCIÓN, ano 3, n. 396, 19/03/1960, p. 01).

Os prejuízos que tomaram espaço na capa de Revolución no dia 19 de março de 1960, revelam que além da cana danificada as hostilidades prejudicavam as moradias e as pessoas: "*siete casas y un almacén hecho cenizas un soldado rebelde con quemaduras por el rostro, un obrero con sintomas de asfixia y siete familias sumidas en la mayor miseria al quedar sin hogar*".

Como podemos observar, as fotografias de *Panchito* e *Ferrer* agregam maior dramatização ao ocorrido. No centro do registro da figura 55 notamos as chamas e a fumaça consumirem o canavial.

O incêndio se espalhou para outras regiões próximas e o forte vento reinante fez que as chamas tomassem "*mayor incremento*" (*Ibidem*, p. 16). Desde uma torre de observação da Central España, o trabalho foi paralisado e os trabalhadores conjuntamente com os "*miembros del Ejército Rebelde de esa zona se dirigieron hacia los campos de caña incendiados con el objetivo de combatir las llamas*". O incendio durou mais de "*tres horas y las llamas terminaron su labor destructiva al llegar hasta unos campos donde hacia varios días habían sido cortadas las cañas*". (*Ibidem*, p.16).

Figura 55 – Daños en el central España.



Fotografía: Panchito e Ferrer

Fonte: *Revolución*, ano 3, n. 396, 19/03/1960, p. 18.

Alguns camponeses, como Julián Herrera, disseram às autoridades que viram sobrevoar por volta das nove da manhã "*una avioneta color amarillo y rojo*". Já a filha de Tomasa Matos, mãe de outras duas crianças, também afirmara ter visto um avião rondando o local pela parte da manhã. A casa dessa família foi completamente consumida pelo fogo, restando-lhes apenas as roupas que vestiam (fig. 56).

Outras regiões produtoras de cana também foram atingidas no mesmo dia, por exemplo, na província de *Matanzas* e na central açucareira *America*, onde camponeses responderam ao ataque disparando rajadas de metralhadoras "*contra una avioneta pirata que volaba sobre el lugar*". Nas palavras do correspondente



Orlando Concepción, "*minutos después, pasó un B-26 en persecución del avión pirata, el que tomó rumbo norte*" (*Ibidem*, p.16).

Figura 56 - Família Matos



Fotografía: Panchito e Ferrer

Fonte: *Revolución*, ano 3, n. 396, 19/03/1960, p. 18.

As fotografias de mês de maio persistiram na denúncia à violência que atingia os campos e seus moradores. O artigo do dia 02 de maio evidenciou o rápido ataque de outro avião. Dessa vez quem testemunhou tudo foi o jovem camponês "*Alfonso González, de 17 años, aseguró que 'alguién quemó el cañaveral desde el aire', pues escuchó un violento estallido que hizo saltar las cañas en mil pedazos y seguidamente éstas comenzaron a arder*" (*REVOLUCIÓN*, ano 3, n. 408, 02/04/1960, p. 06).

Para controlar as chamas, foi necessário a colaboração de camponeses, seus filhos, membros do Exército Rebelde até mesmo "*dos camiones repletos de niños de La Beneficencia...arribaban al lugar y se unian a la acción logrando sofocar el fuego*" (*Ibidem*, p.06).

Figura 57 - Otra avioneta de rumbo norte.



Fotografía: Collado

Fonte: *Revolución*, ano 3, n. 408, 02/04/1960, p. 18

O cenário registrado pelas lentes de Collado, demonstram desespero, luta e resignação diante das chamas que devoravam os canaviais e as casas de cidadãos cubanos (fig. 57). No primeiro registro o morador da casa à sua esquerda assiste impotente o fogo espalhar-se enquanto sua neta “*corre con el propósito de sacar todas las pertenencias de la casa...La abuelita, arrinconada, llora la posible perdida de su hogar*”. Ao lado vemos os três personagens juntos tendo o sofrimento da avó evidenciado em seu rosto (*REVOLUCIÓN*, ano 3, n. 408, 02/04/1960, p. 18).

Em momentos como esses de grande dificuldade e perigo algumas pessoas são capazes de se unirem e arriscarem suas vidas para salvar seus lares, tal como foi o caso desses dois cubanos, “*uno blanco y otro negro*” que se aliaram para “*contrarrestar las llamas que amenazan devorar sus hogares*”. No entanto, às vezes

para algumas pessoas, faltam-lhes forças, restando-lhes dor e desespero como na imagem de uma mãe cubana “temerosa de perder su casa y sus pertenencias, fruto de toda una vida de sacrificio”. Seus filhos consolam-na, “*mientras se preparan a combatir las llamas*”. O auge da dramatização daquela situação fora captado e publicada na instantânea que contém uma frágil criança descalça e desamparada, que foge das chamas ao fundo enquanto adultos tentam controlá-las.

Em contrapartida, o texto segue na contramão do tom de desesperança pronunciado nas imagens. Nas suas palavras, cada novo ataque dos “*enemigos de la Patria*” ao povo cubano, este une-se “*más y más en torno a la Revolución y su máximo líder, el doctor Fidel Castro*”. Sendo assim, cada ataque teria um efeito reverso, isto é, se voltaria contra ele mesmo “*como un tremendo boomerang*”. Em outras palavras, se fisicamente cerca de 300.000 arrobas de cana ardiam - sem vítimas -, de acordo com Vicente Rodríguez, ardiam de igual maneira “*los obreros y campesinos en santo fervor patriótico contra esos desalmados; se fortalece la conciencia revolucionaria*” (*Ibidem*, p. 18).

Os constantes ataques às lavouras cubanas tinham como objetivo comprometer a economia do país, uma vez que Cuba havia firmado um acordo comercial em fevereiro de 1960 com o vice primeiro ministro da URSS, Anastas Mikoyan. Com a visita de Mikoyan o convênio estabelecia a compra de 345 mil toneladas de açúcar anuais em troca de fornecimento de petróleo e armas. Já a China comprometeu-se em adquirir mais de 500 mil toneladas por ano. Em 2 de julho, o presidente estadunidense Eisenhower suspendeu a compra de açúcar cubano, coincidentemente, ao passo que os canaviais cubanos eram atacados.

Se por um lado Cuba encontrava alívio com novos compradores do seu açúcar, do outro, teria de lidar com a ausência de cortadores profissionais, impedir a queda da produção e arcar com os pactos comerciais. A solução para esse impasse viria novamente do apoio popular.

A necessidade de manter a produção e ao mesmo tempo defender-se dos ataques externos, levou muitos camponeses, adultos, a abandonarem temporariamente os arados para empunharem armas e engrossar as fileiras das milícias. Com isso, coube às mulheres, organizações sociais, e até mesmo crianças das mais diversas idades, o fardo de cuidar de todo o processo de fabrico do açúcar.

Figura 58 - Mujeres y niños sustituyen a milicianos en el central 'Chile'



Fotografía: Ocaña

Fonte: *Revolución*, ano 3, n. 643, 07/01/1961, p. 10.



Filhos de milicianos, esposas, irmãs e companheiras se apropriavam cada vez mais do lugar dos homens nos canaviais. Na fotografia acima (fig. 58), vemos uma criança negra carregando cana no seu ombro esquerdo ao passo que atrás de si há uma pilha de cana indicando o tamanho da tarefa que a aguardava.

Os adultos seriam capazes de deixar uma criança fazer um serviço que não lhe caberia? Nesse ponto a fotografia furta-se em provocar o leitor, impelindo-o a sair do conforto de sua casa e ocupar o lugar dessa menina.

Dadas as necessidades da Revolução, o ambiente de trabalho do campo configurado fotograficamente até o momento como exclusivamente masculino transforma-se em espaço ocupado por mulheres, que em nada perdem em rendimento para os homens. Segundo, Cesar Marin, autor do artigo: "*En la eficiencia del duro trabajar no se nota diferencia alguna*", pelo contrário "*trabajan incansablemente, rinden, mantiene la producción a tono con el momento histórico que vive la nación amenazada de una inminente agresión del imperialismo yanqui*". Os esforços dessas mulheres presente em outros "*ingenios cubanos*" seria sobretudo dotado de um transcendental "*espíritu revolucionário*".

Em Havana, homens e mulheres de todos os setores da sociedade empunhavam facões para cooperar no corte de cana e manter o ritmo da produção açucareira. Participaram nesse movimento organizações como INRA, Partido Socialista Popular, Movimiento 26 de Julio e Federación de Mujeres Cubanas. De acordo com a matéria, estima-se que *“400 trabajadores voluntarios cortaron alrededor de 20 mil arrobas de caña, primando durante las horas de faena el espíritu revolucionario y la unidad estrecha”*.

Nesse sinuoso trajeto das fotografias referentes ao tema da reforma agrária, notamos a mutabilidade dos assuntos iniciados como exposição da miséria dos camponeses antes da Revolução e finalizando com a convocação da população a cooperar com a primeira safra popular. Além do mais, as mensagens subjacentes transmitidas pelas fotografias estão embutidas de entrega patriótica, dedicação em prol da construção de uma sociedade cubana livre e soberana e de explicitação dos inimigos desse projeto. Todavia essa era apenas uma etapa que necessitava de cuidados para alcançar satisfatoriamente esses objetivos, o outro Golias a ser derrotado era o analfabetismo.

### **9. À luz de uma nova Cuba: A Campanha de Alfabetização em destaque.**

Em pleno século XXI o analfabetismo ainda é uma questão social que afeta milhares de jovens e adultos em todo mundo. De acordo com dados divulgados pela UNESCO em fevereiro de 2017, cerca de 758 milhões de adultos no mundo, dos quais 115 milhões têm entre 15 e 24 anos não sabem ler nem escrever frases simples. No Brasil o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) avaliou a taxa de analfabetismo em 2016 e constatou um decréscimo para 7,2% (em 2015, 8% dos brasileiros com 15 anos ou mais não sabiam ler ou escrever no país).

O total de analfabetos no Brasil foi estimado em 11,8 milhões de pessoas podendo voltar a crescer após a aprovação em dezembro de 2016 da emenda constitucional 95 que prevê o congelamento por vinte anos dos gastos públicos. Nas entrelinhas, isso implica num corte do repasse de verba para a área da educação no país.

Os estudos históricos têm demonstrado que três fatores são fundamentais para superar o analfabetismo ou baixá-lo a níveis residuais. O primeiro fator é a vontade política de governos e lideranças que unida às necessidades dos mais

pobres, buscam constituir programas de educação de jovens e adultos mobilizando a sociedade. O segundo, é a combinação de tais programas com uma intervenção consistente na oferta de uma educação para crianças com qualidade, para que novas gerações não retornem aos quadros anteriores. A última condição é aquela que une ganhos educacionais, com melhoria nas condições de vida da população alfabetizada, com projetos de futuro, com mobilidade social, com expectativas de um futuro melhor. Nessa fase do trabalho, veremos os desdobramentos de uma mobilização popular para erradicar com o analfabetismo em solo cubano.

As raízes da experiência cubana com a Campanha de Alfabetização realizada em 1961 podem ser identificadas nos movimentos de independência no século passado. Por exemplo, no caso da educação de adultos coordenada por um dos líderes da primeira fase da Guerra de Independência, Carlos Manuel Céspedes (1819-1874).

O intelectual cubano José Martí (1990, p. 44) foi outro fervoroso defensor da educação no período das lutas pela independência. Para Martí, a educação estava intimamente ligada às conquistas básicas de uma nação: “*un pueblo instruido será siempre fuerte e libre...Saber leer es saber andar. Saber escribir es saber ascender*”. Aliás o próprio Martí, havia colocado que apenas seria possível realizar projetos educacionais efetivos quando os cubanos estivessem livres não só do colonialismo espanhol, mas também do imperialismo norte-americano.

Nas palavras de Kolésnikov (1983, p.35), além da intervenção dos EUA em Cuba, tanto econômica como politicamente na primeira metade do século XX, outro elemento também esteve presente: a dominação ideológica:

*Parte integrante de la política imperialista dos EE.UU. en relación a Cuba fue la expansión ideológica, que se realizaba através de múltiples canales: convênios de 'colaboración cultural', 'ayuda técnica', el Instituto Cultural Cubano-Norteamericano en La Habana, ediciones especiales en español de periódicos y revistas norteamericanos, programas de radio, exportación de películas, etc. Se intensificó la norteamericanización del sistema educacional en Cuba a las escuelas cubanas les imponían los programas y manuales norteamericanos, se estimulaba la discriminación racial de la población negra en el campo educacional.*

Fora a influência ideológica no campo educacional, a ausência de investimentos no setor pelos governos cubanos, apoiados pelos EUA, no período precedente à Revolução de 1959, sinaliza que elevar culturalmente a maioria da população não era parte de seus planos. Conforme os dados coletados por Kolésnikov

(1983) em 1953, apenas 55,6% da população em idade escolar frequentavam a escola. Já na zona rural os índices caem para 38,7%. Quanto a taxa de analfabetismo, o número relativo de analfabetos crescia com relação à população maior de 10 anos: em 1931, era 20,8%, em 1943 representava 22% e, em 1953, atingia 25,6%. Em 1958 a população analfabeta aumentou para 33%.

Paradoxalmente, segundo Pérez-Cruz (2011, p. 11) *“más de diez mil maestros carecían de empleo. Ante la ruina de la escuela pública, florecía la enseñanza privada, lo que garantizaba la exclusividad y la selección clasista de la instrucción”*.

Como uma espécie de laboratório do que viria a ser a Campanha de Alfabetização, os guerrilheiros que se uniram para derrocar Batista, desenvolviam diversas ações junto aos camponeses da região da *Sierra Maestra*, entre elas o auxílio sanitário com orientação médica e o trabalho com alfabetização. A respeito dessa atividade no período da guerrilha, Donattela Zotta (1976, p.15), destacou:

*En primer lugar, todo guerrillero debía ser en la práctica un maestro en el sentido más amplio del término; un combatiente, pero también, y al mismo tiempo, un organizador social; un difusor y fundador de cultura: por consiguiente, la campaña de alfabetización había comenzado durante la lucha de libertación, en la misma lucha armada. Los guerrilleros abrieron las primeras escuelas en Sierra Maestra y del segundo frente, dirigido por Raúl Castro, surgió - por orden militar - la ley orgánica de departamento para la educación, cuya función consistía en instruir a la población de los territorios liberados, además de elevar el nivel cultural de los propios guerrilleros.*

Avançando um pouco mais na linha de raciocínio de Zotta (1976, p. 16), entendemos que a guerrilha era considerada como um ato pedagógico no sentido de que a *“relación entre ejército y pueblo es una relación...de formación de conciencias”*.

O fato de se estender a alfabetização para a população dos territórios ocupados (camponeses e seus filhos) encerrava em si um sentido político, uma vez que se divulgava as ideias da Revolução ampliando-se a confiança da população em relação aos próprios guerrilheiros que falavam de educação como ação prioritária ao mesmo tempo em que a praticavam.

Depois do triunfo dos rebeldes, as primeiras medidas tomadas pelo governo revolucionário atingiram vários setores da sociedade, desde nacionalização de empresas estrangeiras até a reforma agrária. Quanto à educação, as providências tomadas não aconteceram antes ou depois das reformulações estruturais, elas foram desencadeadas simultaneamente com aquelas e com a mesma ênfase. É o que

podemos verificar nas afirmações do político e professor cubano da época, Gaspar J. G. Galló (1961, p. 21-25), sobre a Campanha de Alfabetização em uma conferência proferida em 1961 na Universidade Popular:

*Para vencer en este frente (revolucionário)... no basta el derrocamiento del poder político, sino el viraje radical que tiene que producirse en la consciencia y que entraña un cambio substancial en el contenido ideológico y en la transformación profunda de las instituciones. Y es que el analfabetismo, como el hambre, sólo se puede erradicar erradicando las causas que lo producen. Y el imperialismo no puede extirpar ni el hambre ni el analfabetismo, porque sería negarse así mismo... Sólo puede hacerlo un pueblo que toma el camino del socialismo, el pueblo cubano vencerá en la lucha contra el hambre y contra el analfabetismo.*

Com esses argumentos compreendemos o caráter dado à proposta do governo naquele momento. Quer dizer, as mudanças dar-se-iam umas paralelas as outras, sem privilegiar uma em detrimento da outra.

Passado um mês da vitória sobre Batista, em 17 de fevereiro de 1959, deu-se por iniciado o *Plan Urgente de Alfabetización de Cuba*. Nele a alfabetização foi conceitualizada como fenômeno de massas. Em 5 março desse mesmo ano, outra ação do novo governo foi a criação da Comissão Nacional de Alfabetização e Educação Fundamental, ligada ao Ministério da Educação, liderada por Raúl Fernández Ceballos. Comissões similares se espalharam em outras províncias e municípios.

Para Fidel Castro o analfabetismo era um inimigo poderoso que deveria ser combatido em conjunto com a sociedade. Portanto, inicialmente jovens de todo território nacional foram convidados a darem sua parcela de contribuição e continuidade ao trabalho educacional iniciado pelos rebeldes na etapa insurrecional. Para muitos desses voluntários, chamados de *maestros* (mestres) por serem sujeitos comprometidos com a educação e a formação do ser humano - oposto a ideia de professor como sujeito que ministra aulas -, responder ao chamado de Fidel significava “dar sua parcela de contribuição para a nova sociedade” (PERONI, 2006, p. 36). Entrevistado em 1993 pela pesquisadora brasileira Vera Peroni (2006), Jaime Canfux Gutiérrez que atuou como mestre voluntário recorda o que sentiu naquele momento:

Motivado fundamentalmente porque quando triunfou a revolução eu tinha 18 anos e estava muito preocupado pois não havia participado da luta insurrecional. A ditadura foi muito feroz aqui, a tirania, com muitos



assassinatos e muita injustiça. Como jovem me sentia complexado por não ter participado da luta clandestina.

Àqueles que sentiam uma espécie de “dívida histórica” pela ausência na luta insurrecional e via que a Campanha era uma via possível de saldá-la, foram submetidos a um período de três meses de treinamento na *Sierra Maestra*. Lá foram instruídos em “Didática, com um programa de leitura e escrita para crianças e adultos; matemática, para as primeiras séries...e um programa de agricultura, pois a grande maioria era da cidade e atuaria no campo. Na área de psicologia tiveram algumas noções para trabalhar com o trabalhador rural e sua família” (*Ibidem*, p. 39). De maneira latente ao treinamento, os voluntários aprendiam a adaptar-se às dificuldades colocadas pelas condições próprias da *Sierra Maestra*, ao trabalho coletivo e a disciplina militar.

Contíguo aos conteúdos do treinamento, só que de maneira menos evidente, o “currículo oculto”, denominado por Peroni (2006, p. 42), era parte integrante da formação diária dos mestres. Logo esses sujeitos aprenderam a conviver com as dificuldades e “conhecer a realidade do campo, já que a maioria tinha uma mentalidade urbana”. Desse modo, inteirar-se da realidade do campo e conviver com ela, naquele momento, era uma espécie de mergulho em si próprio na busca de resgatar valores como solidariedade, responsabilidade e compromisso. Em suma, o ato de conhecer as profundezas dessa “outra” Cuba motivaria seu processo de transformação interna (*Ibidem*, p. 43).

Outro aspecto relevante que estava conjugado ao processo de educação era levar a “população a amar a revolução” (Peroni, 2006, p. 45). Em outras palavras, levar o ideal revolucionário a todos os rincões de Cuba e conseqüentemente ganhar o respaldo da população.

Durante os anos de 1959 e 1960, o treinamento dos mestres voluntários ocorreu sincronicamente com uma diligência na imprensa nacional que fornecia seu suporte midiático com a veiculação de propagandas do *Ministerio de Educación* como na imagem abaixo (fig. 59). Nela, duas “miniaturas” de camponeses, um menino e uma menina, andam de mãos dadas. Seu tamanho avantajado na página do periódico, torna-a altamente atrativa, praticamente impossível de não ser notada pelo leitor. Além disso, nessa montagem, perceptível pelo contorno das figuras grosseiramente recortadas, o menino leva um chapéu de palha e um letreiro com os dizeres:

“*Necesitamos terrenos para escuela*”; enquanto a menina ao seu lado de vestido quadriculado segura uma boneca com sua mão esquerda.

Para que a Revolução cumprisse com suas promessas de melhoria na educação do país, o primeiro passo seria a população unir-se, dar-se as mãos, e contribuir com a construção de escolas. Como? Segundo a mesma propaganda, o governo edificaria “*Centros Escolares en toda la República*”, desde que as comunidades se mobilizassem para que fossem doados terrenos adequados para esse fim.

A tarefa para construção de escolas manteve-se firme ao longo de março. Porém, no mês seguinte, outra propaganda do Ministério da Educação nos revela os primeiros indícios de que levar educação aos camponeses e seus filhos de imediato não seria tarefa fácil. Num primeiro momento, os principais empecilhos nessa situação, seriam o tempo para fundar todas as escolas num curto espaço temporal e a falta de mão-de-obra.

A solução encontrada foi solicitar aos cidadãos que emprestassem provisoriamente “*una sala, un almacén desocupado, un bohío hecho por vecinos*” e acomodar os mestres e seus alunos enquanto as escolas não estivessem prontas.

Nada mais convincente para comover os adultos a (re) pensarem suas atitudes, mover-se para algo, quando há fotografias de crianças envolvidas em determinadas situações ou causas. O apelo fotográfico remete à inocência de um ser em formação que ainda desconhece as leviandades e mesquinhas de homens e mulheres-feitas. Para o historiador Alberto del Castillo Troncoso (2003, p.14), o estereotipo de crianças inocentes na história da fotografia teve um peso importante na virada do século XIX para o XX, ao qual respondia à “*visión romántica creada por artistas ingleses como Reynolds y Gainsborough un siglo atrás, que vinculaba esta etapa con la pureza y representaba a los pequeños como seres assexuados*”. Todavia, foram nos periódicos que a “*fotografía retomó esta tradición plástica, la enriqueció y difundió hasta ámbitos mucho más diversificados*”.

Figura 59 - Necesitamos terrenos para escuelas.



Fotografía: Sem autoria

Fonte: Revolución, ano 2, n. 90, 21/03/1959, p. 11.

Além do que, uma dose de “dever” do adulto em ter que cuidar do indefeso alia-se nesse sentido ao empenho de sensibilizar os mais velhos. A criança da fotografia a seguir com pouco mais de cinco anos de idade, camisa branca e chapéu de palha volta seu olhar para o lado como se estivesse lendo o texto à sua direita. Por sua vez, o texto que acompanha a fotografia encarrega-se de ratificar com a acepção de inocência do pequenino camponês, rogando ao leitor que lhe abra a porta, pois:

*La Revolución quiere enseñarme a leer... Sacarme de la oscuridad de la ignorancia. Me van a construir 5,000 aulas, para que no queden en el campo más niños sin maestro. Pero no hay tiempo para hacer tantas escuelas antes de Septiembre. Yo no quiero quedarme otra vez solo en el campo... abandonado... Cubano abreme tu puerta! Dejame entrar en tu sala, en tu bohío... en tu salon... en tu almacén... Donde quiera que quepa un Maestro con 30 niños se puede encontrar una escuela. Si tienes tú un lugar donde yo pueda entrar a aprender... abreme tu puerta! (REVOLUCIÓN, ano 2, n. 115, 20/04/1959, p. 13).*

Figura 60 - *Ábreme tu puerta...!*



Fotografía: Sem autoria

Fonte: *Revolución*, ano 2, n. 115, 20/04/1959, p. 13.

O constante uso da criança em fotografias como essas, foram dotadas do signo do novo, isto é, de novos sujeitos, cidadãos novos, com educação disponível para todos e a partir disto espreitar um novo horizonte para os rumos do país.

Complementar aos projetos do governo a respeito de uma educação de qualidade estava o projeto de criação de Centro Escolares onde as crianças “*recibirán uniformes, sapatos, desayuno y almuerzo cuando empiece el Curso Escolar*”. Aliás, cada Centro comportaria “*Laboratorio Psicopedagógico, Biblioteca en cada aula, Museo, Dispensario Médico-dental, Cocina, y Patio para Deportes*” (REVOLUCIÓN, ano 2, n. 224, 27/08/1959, p.19).

Apesar dos projetos esbanjarem pretensões de ensino dignas para os alunos, alguns elementos básicos para as atividades escolares, como carteiras, eram esquecidos, postos como algo de menor importância ou algo do qual a participação popular pudesse se responsabilizar. Sendo assim, ocorreu outra investida de propaganda com o objetivo de angariar carteiras para que os alunos se acomodassem adequadamente (fig. 61).

Figura 61 – NECESITAN PUPITRES! **ÑOS CAMPESINOS**

¡Pero no van a quedarse así porque sabemos que usted se pondrá de pie para que ellos puedan sentarse. Sabemos que usted contribuirá a esta Cruzada del Pupitre que el Patronato Pro-Escuela Rural Cubana inicia con

**NECESITAN PUPITRES!**

**CINCUENTA MIL PESOS PARA LOS PRIMEROS 5,000 PUPITRES...**

La obra de la escuela rural cubana será más provechosa, sus clases mejoran con las condiciones en que los niños reciben la enseñanza; y aunque con este fin se trabaja hoy en un estudio extraordinario, es tanto lo que falta por hacer, que más de 100 mil niños campesinos están aún sin pupitres... ¡pero no van a quedarse así!

Ayuda a esta gran Cruzada del Pupitre. En las Oficinas de todos los Barrios de Cuba puede verse y adquirir. Certificados de Cooperación de 1-5-10-50-100 y 500 pesos.

**¡TODOS DE PIE PARA QUE MAS DE 100,000 NIÑOS PUEDAN SENTARSE!**

patronato pro-escuela rural cubana  
FUNDADO POR TRABAJADORES DEL ENSEÑANAMIENTO DE LA ESCUELA RURAL, SIN LANCOS 1947-52, LA HABANA, TEL. 2-8022

Fotografia: Sem autoria

Fonte: *Revolución*, ano 2, n. 305, 30/11/1959, p. 23.

Se intencional ou de improviso, o que compreendemos é que mais uma vez o governo cubano tentou colocar a sociedade como principal agente das mudanças dos próprios quadros sociais. No caso da figura acima, o jovem que toma notas em seu caderno sentado numa maleta seria um dentre os mais de “100,000 niños campesinos necesitan pupitres!” (REVOLUCIÓN, ano 2, n. 305, 30/11/1959, p. 23). À esta denúncia da condição escolar dos estudantes do campo havia certa confiança obstinada de que os adultos lhes ajudariam de alguma maneira: “*Pero no van a quedarse asi porque sabemos que usted se pondrá de pie para que ellos puedan sentarse. Sabemos que usted contribuirá a esta Cruzada del Pupitre*” (Ibidem, p. 23).

Findado o treinamento, os mestres tiveram sua formatura em Havana no dia 29 de agosto de 1960. Mil e quatrocentos jovens receberam seus diplomas, ante Fidel Castro, onde assumiam seu “*compromiso de marchar a los lugares de más difícil acceso para llevar la educación a los campesinos*” (PÉREZ-CRUZ, 2011, p. 13).

Antes das intervenções dos primeiros oradores, como Fidel Castro e o Ministro da Educação Armando Hart, ocorreram apresentações musicais do coro do

Exército Rebelde, canções populares e poemas de Nicolás Guillén, também presente no evento. Após a entrega dos diplomas, Hart tomou a palavra e expôs a importância do envio dos mestres para *Sierra Maestra*. Já na sua fala, Fidel Castro apresentou os princípios educativos que o país deveria seguir tendo uma porcentagem tão elevada de analfabetos no campo. Ademais, admitiu que o projeto das cidades escolares não abrangeria “*la población infantil en las zonas montanhosas*”, pois se deram conta de que a demanda era “*extraordinariamente grande y que era virtualmente imposible recoger a esos niños*” (REVOLUCIÓN, ano 3, n. 533, 30/08/1960, p. 08).

Voltando-se para os mestres, Fidel advertiu-os dizendo que o primeiro passo era estarem nos locais para terem contato com as crianças e seus pais, quanto aos materiais, era outra história: “*Una vez allí el maestro, no vayan a esperar los lápices y los libros. No...El maestro que no da clase porque no tiene material, no sería un buen maestro*” (*Ibidem*, p. 08). Por fim, anunciou que no próximo ano (1961) seria o *Año de la Educación*: “*¿Como? Movilizando al pueblo. Estableciendo ese compromiso con el pueblo...¿Quiénes van a enseñar? EL PUEBLO. Hay que librar la batalla contra el enemigo del pueblo que es el analfabetismo*” (*Ibidem*, p. 08).

Sem demora os mestres formados foram enviados para seus respectivos lugares e prontamente tomaram contato com diversas realidades e obstáculos que enfrentariam. Nesse sentido, encontraram resistência por parte de alguns camponeses que por exemplo: “não se achavam em condições de receber pessoas da cidade; alguns revelavam ciúmes pela convivência de um jovem da cidade com sua esposa; havia falta de espaço nas casas, que eram muito simples” (PERONI, 2006, p.48). Nessa perspectiva, havia relutância para se incorporarem à escola, segundo o relato de Jaime Canfux (apud. PERONI, 2006, p. 48): “O trabalhador rural cubano sempre lutou muito pela escola, isto é uma característica de Cuba. O primeiro que pediam era escola, mestres, mas quando chegaram a escola e o mestre eles falavam que lutaram para seus filhos e não para si”.

Além disso, outras duas dificuldades foram encontradas pelos mestres. A primeira foi terem suas imagens associadas como comunistas e isso gerou grande receio dos camponeses confiarem neles, pois dado o isolamento em que viviam e o seu nível de instrução, muitos acreditavam que “comunistas comiam criancinhas...”. Segundo o relato de Barnet (apud. PERONI, 2006, p. 49), ao chegar numa determinada região, às costas do Pico Turquino, região montanhosa, “os trabalhadores rurais, escondiam as crianças e diziam que os mestres iam levar suas

crianças para a Rússia fazer embutidos, converter em salame”. O outro entrave era a necessidade da mão de obra infantil, pois era mais barata, logo algumas famílias não se interessaram pela escolarização de seus filhos.

Esses relatos explicitam contradições e um universo mais complexo do processo de alfabetização dos cubanos. Logo, a necessidade de escolarização não era uma bandeira comum em todo o território cubano. Se em alguns locais a escola veio como reivindicação popular, em outros casos esta necessidade precisou de um processo de convencimento.

O trabalho dos mestres nas zonas rurais superava seu objetivo primário de erradicar o analfabetismo, isto é, além de propagarem os projetos do governo, nesse ínterim, também contribuíram para a formação das organizações de massa nos locais onde estavam, por exemplo, a ANAP e a FMC. O alfabetizador, em geral, era considerado a pessoa mais “esclarecida” do local que lhe era designado trabalhar e por isso, executava não apenas as atividades pedagógicas, mas também tarefas referentes à saúde preventiva, à higiene e à organização da população no desenvolvimento da Revolução.

Apesar dos esforços empreendidos e da valiosa experiência acumulada durante o trabalho dos voluntários poucos adultos e crianças haviam sido alfabetizados no período inicial. Nas palavras de Pérez-Cruz (2011, p. 14), a “*precampaña*” mostrou de modo amplo, “*una deficiencia operacional*”. Aliás, na época constatou-se que “*inicialmente la alfabetización no estaba al ritmo de las exigencias sociales; adolecía de una concepción política y primaban el tecnicismo y los mecanismos burocráticos*”. Este fato exigiu estudos acerca das condições para se fazer um esforço intensivo de se eliminar o analfabetismo em um ano.

Após o pronunciamento de Fidel Castro em 26 de setembro de 1960 na XV Assembleia Geral da ONU - onde informou que ao final de 1961 Cuba seria o primeiro país latino-americano livre do analfabetismo – a Campanha teve sua estrutura reorganizada. O Ministro Armando Hart remodelou a comissão de alfabetização e criou a *Comisión Nacional de Alfabetización* onde uniram-se representantes de outros ministérios, e sobretudo, incluíam-se os representantes das organizações de massas e sociais<sup>91</sup>. A incorporação dessas organizações foi um passo importante na

---

<sup>91</sup> Segundo a pesquisa desenvolvida por PÉREZ-CRUZ (2011), agregaram-se à Comissão Nacional de Alfabetização os seguintes movimentos de massa e sociais: Movimiento 26 de Julio, Federación Estudiantil Universitaria, Partido Socialista Popular, Confederación de Estudiantes de Segunda

concepção de direção, responsabilidade, participação na educação e instrução da sociedade.

A *Comisión Nacional* contava, para estender seu trabalho em toda Cuba, com as Comissões Municipais e os Conselhos Municipais, as quais possuíam autonomia para estruturar o trabalho de base da Campanha. Ao mesmo tempo em que Comissão Nacional exercia um controle rígido para assegurar a qualidade dos trabalhos, a descentralização se efetivava através da participação da sociedade civil nas Comissões e Conselhos Municipais.

A estrutura da Comissão Nacional contava com quatro seções: técnica (responsável pelo aspecto didático), propaganda (setor de mobilização das massas e persuasão de analfabetos), finanças (arrecadação e administração de recursos e doações) e publicações (confecção de cartilhas e da revista *Arma Nueva*). Todas atuantes a nível nacional quanto a nível municipal. Apesar das dificuldades enfrentadas, do ponto de vista de PÉREZ-CRUZ (2011, p.15):

*La Comisión de Alfabetización constituirá el primer organismo unitario de la sociedad civil –de las instituciones estatales, locales, privadas, de los sujetos colectivos e individuales–, reunidos para resolver, con sus recursos e iniciativas, los diversos problemas prácticos y políticos que generaba el esfuerzo alfabetizador.*

Os objetivos revolucionários com que se orientou e planejou a Campanha, determinaram também um enfoque didático revolucionário. Desde esses objetivos aprimoram-se os conteúdos, os métodos, os meios, as formas de organização pedagógica e sua avaliação. Para tanto, foram criadas cartilhas que atendessem motivações adequadas do ponto de vista histórico, mas também que se expressasse de forma compreensível e ajustada a linguagem e expressões do camponês cubano. Assim, nasceram os principais instrumentos didáticos da campanha: *La Cartilla Venceremos*, o livro *Ahorrar, producir y organizar*, para noções elementares de cálculo, e o *Manual Alfabetizamos* para orientar ao alfabetizador como ensinar a leitura e a escrita.

---

Enseñanza, Directorio Revolucionario 13 de Marzo, Federación de Mujeres Cubanas, Confederación de Trabajadores de Cuba, Federación de Asociaciones Campesinas, Federación Nacional de Trabajadores, Federación Nacional de Colegios Privados, Azucareros, Colegio Nacional de Periodistas, Ministerio de las Fuerzas Armadas, Colegio Nacional de Maestros Revolucionarias, Colegio Nacional de Pedagogos, Instituto Nacional de Reforma Agraria, Frente Independiente de Emisoras Libres, Milicia Nacional Revolucionaria, Asociación Nacional de Publicitarios, Asociación de Jóvenes Rebeldes.



Em 1961, a Campanha de Alfabetização foi colocada em prática basicamente em duas etapas. A primeira de janeiro a abril como uma fase de organização, preparação de voluntários e de coleta de experiências com as brigadas. Já a segunda etapa, de abril a setembro foi o ápice da Campanha, com a incorporação das brigadas de alfabetizadores “Conrado Benitez” formado por estudantes e “Patria o Muerte” de trabalhadores e demais membros da sociedade civil.

Desde o início do ano a Comissão Nacional intensificou os trabalhos de formação de dirigentes, de organização dos Conselhos Municipais e o desenvolvimento de reuniões metodológicas com os mestres voluntários. Antes de começarem seus trabalhos educativos, todos os alfabetizadores – mestres em atividade e voluntários (populares) – receberam cursos e seminários de breve duração, onde eram instruídos em técnicas pedagógicas e, fundamentalmente no manejo das cartilhas.

Em 26 de fevereiro partiram para distintas regiões do país, brigadas experimentais, chamadas brigadas-piloto. Cerca de trezentos jovens foram enviados para zonas bem características e muito diferenciadas, de forma a abranger o campo e a cidade. A experiência bem-sucedida desses jovens, animou a Comissão Nacional para criar a brigada de alfabetizadores “Conrado Benitez”.

A imprensa difundia desde princípios de abril de 1961, o ritmo crescente das tarefas de alfabetização e seus primeiros resultados. Na reportagem do dia 8 de abril do correspondente de *Revolución* em Santiago de Cuba, César Marín, as notícias eram animadoras, pois afirmavam que “*los centros de alfabetización ya sobrepasan la cifra de 500*” (REVOLUCIÓN, ano 4, n.728, 08/04/1961, p. 05). A partir das fotografias do texto de Marín, compreende-se a existência de pelo menos três segmentos da Campanha: equipe dirigente, alfabetizador e alfabetizado (fig. 62).

No primeiro caso, o registro localizado no eixo centro superior da página, procura demonstrar integrantes da comissão de Santiago de Cuba dedicadas e concentradas, que “*trabajan activamente en la campaña que se lleva a cabo*”. No segmento seguinte, jovens educadoras, como na fotografia, mesmo com sua tenra idade, “*alfabatizando a vários adultos*”, reconhecia e propagava qual seria o idealizador dessa campanha em sua lousa. Graças ao desempenho de ambos setores, foi que “*familias enteras que eran analfabetas ya comienzan en la actualidad*

a ler, aunque poco, periódicos y revistas. Otros ciudadanos estampan ya su firma y algunos no tienen que pasar grandes aprietos cuando acuden al cine” (Ibidem, p. 05).

Figura 62 - Progresivo el avance de la alfabetización.



Fotografía: Sem autoria

Fonte: Revolución, ano 4, n.728, 08/04/1961, p. 05.



Por fim, a última situação representando os alfabetizados, tomada de exemplo por Marín, foi do ex-soldado rebelde Gregorio La O, que aos cinquenta anos aprendeu a ler e escrever: “¡Qué feliz me siento!”, exclamou ao correspondente. Com olhar devotado a uma das cartilhas abertas, ao lado da sua mão direita nota-se a presença da cartilha *Venceremos*, cuja capa é a fotografia de uma multidão de cubanos ostentando a bandeira nacional. Do ponto de vista de Gregorio, a alfabetização fora-lhe importante, pois: “*Ahora me doy cuenta de lo terrible que es ser ignorante*” e agradece aos envolvidos “*si no hubiese sido por Fidel Castro y la Revolución jamás hubiera conseguido esto. Que cuenten conmigo para lo que sea. Yo coopero con la Revolución en lo que me llamen*” (Ibidem, p. 05).

Com o andamento da Campanha houve a necessidade de criação das Comissões Provinciais, as quais tiveram um papel mediador entre a Comissão Nacional e as Comissões Municipais. O calendário escolar em todo o país, foi

modificado sem causar prejuízo ao número de dias letivos, assim em abril de 1961 estudantes da brigada “Conrado Benitez” puderam integraram-se à Campanha.

A brigada recebeu esse nome em homenagem a um mestre voluntário de 19 anos assassinado em Escambray no dia 5 de janeiro de 1961, segundo informações oficiais esse foi o primeiro atentado contra o “*Año de la Educación*” e da Campanha Nacional de Alfabetização. No pronunciamento de Fidel, sobre o caso, o líder cubano atribuiu à morte de Conrado um fundo classista e racista dos fatos:

*Era, sencillamente, un hombre humilde del pueblo, limpiabotas, panadero, estudiante de las escuelas nocturnas, porque de día trabajaba; no era el hijo de un terrateniente, no era el hijo de un industrial, no era el hijo de un gran comerciante; este joven no iba a Miami, este joven no iba a París, este joven no tenía Cadillacs; era un hombre joven de 18 años que solo conocía del sudor honrado, que solo conocía de la pobreza, que solo conocía del sacrificio; era un joven humilde, y un joven negro, por lo cual conoció también de la discriminación cruel e injusta; era pobre, era negro y era maestro. He ahí las tres razones por las cuales los agentes del imperialismo lo asesinaron; era joven, era negro, era maestro; era pobre y era obrero. He ahí dos razones más por las cuales los agentes del imperialismo lo asesinaron (CASTRO, 1961, s.p.).*

A brigada contava com “105.664 brigadistas, sendo 54.953 do sexo feminino e 50.711 do sexo masculino” (PERONI, 2006, p. 83) e, adotaram o nome de Conrado visando dar um sentido maior à luta não só contra o analfabetismo, mas também contra àqueles que tentavam inviabilizá-la.

Incentivos à participação da Campanha eram feitos por outras instâncias fora a do governo. Como é o caso de Esterlina Milanés, na época responsável nacional de alfabetização da FMC que ofereceu suas orientações à estudantes de “*Escuelas de Comercio, Institutos Pre-Universitarios y Secundarias Básicas, que irán a los pueblos y ciudades formando parte de las Brigadas de Alfabetización ‘Conrado Benitez’*”. Na sua exposição, Milanés ressaltou o papel que aquelas jovens representariam como alfabetizadoras nos campos. Quanto aos seus pais, provavelmente preocupados, deixou-lhes o seguinte recado: “*No deben los padres cohibir a sus hijas de realizar la labor de alfabetización. Al próprio tempo los invitamos a que acompañen a sus hijas a los montes pero alfabetizando*” (Ibidem, p. 05).

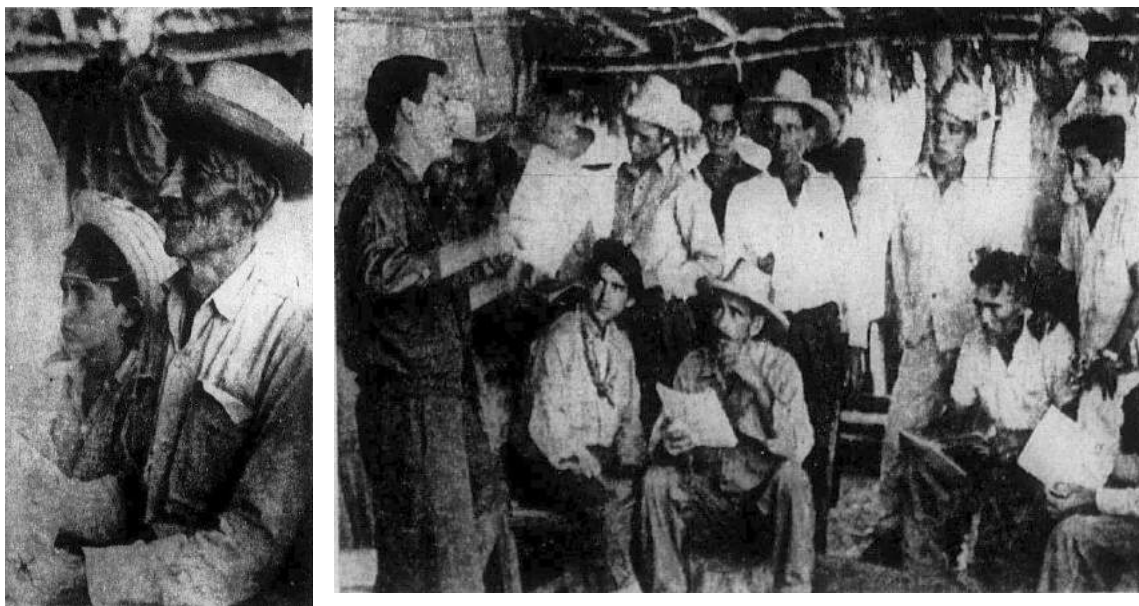
Camponeses de todas as faixas etárias, sexo e etnia recebiam a visita de voluntários cubanos ou estrangeiros, como por exemplo dos costarriquenhos Alfredo Molina Chacón e Nidia Sáez. Sob as mais diversas condições regionais e materiais,

Alfredo e Nidia foram para *Las Villas* levando consigo itens básicos de sobrevivência e as cartilhas.

O ensino que ofereciam ocorria em locais que no mínimo tivesse um teto sobre suas cabeças, isto é, na mesa de jantar, em pé, agachados ou com a filha no colo (fig. 63). As fotografias demonstram concentração, envolvimento dos camponeses e esperança de um futuro diferente expressado na legenda da fotografia da mãe com sua filha: "*La madre aprende...La niña no llegará a la edad adulta sin saber leer ni escribir*" (REVOLUCIÓN, ano 4, n. 733, 13/04/1961, p. 13). Da parte dos voluntários imprimiu-se a noção de que o contato com os camponeses era algo sedutor inclusive para os estrangeiros. Nas palavras de Vicente Cubillas, os costarriquenhos "*Allí se apasionan ante aquellos grupos de campesinos iletrados que están pendientes de sus palabras, narrándoles sus experiencias del contacto con esta Revolución que todos los días sorprende al mundo*" (*Ibidem*, p.13).

*Figura 63 - Maestros costarricenses alfabetizan en los campos de Cuba.*





Fotografía: Sem autoria

Fonte: *Revolución*, ano 4, n.733, 13/04/1961, p. 13.



### 9.1. Playa Girón: o inimigo não é apenas o analfabetismo

Com os primeiros raios de sol que tocaram o solo cubano no dia 15 de abril de 1961, escutava-se detonações de bombas no aeroporto de *Ciudad Libertad*, local densamente povoado, e a resposta dos milicianos ao ataque: estava em curso o plano de invasão de Cuba.

No dia seguinte, durante as cerimônias fúnebres em homenagem às vítimas, Fidel Castro discursou no cemitério *Colón*, denunciando o ataque como o prelúdio de uma agressão de mercenários pagos pelos Estados Unidos e comparando a ação do dia anterior ao bombardeio de *Pearl Harbour*. Ainda nessa cerimônia, pela primeira vez Castro qualificou publicamente como socialista a Revolução Cubana:

*Compañeros obreros y campesinos, esta es la Revolución socialista y democrática de los humildes, con los humildes y para los humildes (Aplausos). Y por esta Revolución de los humildes, por los humildes y para los humildes, estamos dispuestos a dar la vida (Exclamaciones). Obreros y campesinos, hombres y mujeres humildes de la patria ¿juran defender hasta la última gota de sangre esta Revolución de los humildes, por los humildes y*

*para los humildes? (Exclamaciones de "¡Sí!") ... ¡Viva la clase obrera! (Exclamaciones de: "¡Viva!"); ¡Vivan los campesinos! (Exclamaciones de: "¡Viva!"); ¡Vivan los humildes! (Exclamaciones de: "¡Viva!"); ¡Vivan los mártires de la patria! (Exclamaciones de: "¡Viva!"); ¡Vivan eternamente los héroes de la patria! (Exclamaciones de: "¡Viva!"); ¡Viva la Revolución socialista! (Exclamaciones de: "¡Viva!"); ¡Viva Cuba libre! (Exclamaciones de: "¡Viva!"); ¡Patria o Muerte! ¡Venceremos! (CASTRO, 1961, s.p.).*

Embora os ataques tivessem minimamente abalado os cidadãos cubanos, a Campanha de Alfabetização não foi suspensa, segundo a decisão de alfabetizadores e dirigentes. No dia 17 de abril, um grupo de exilados desembarcou nas areias da *Playa Girón*, no lado leste da entrada da *Bahía de los Cochinos*, e um segundo grupo aportou em *Playa Larga*<sup>92</sup>. As milícias locais sufocaram parte dos ataques, enquanto isso, as orientações de Fidel foram cumpridas; nem as fábricas, nem a safra, nem as escolas, deixaram de realizar suas atividades.

Jaime Canfux (apud. PERONI, 2006, p. 87), viveu esse momento histórico e contou que os grupos invasores, além da violência física, também trabalhavam ao nível político contra os alfabetizadores: ameaçavam a população, colocavam os brigadistas como comunistas e, conseqüentemente como uma ameaça para a sociedade:

A escola funcionou e eu estava muito contente ali, dando aula e desgraçadamente antes de começar a Campanha massiva houve ataques contrarrevolucionários. Um tipo dali que chamavam "Águia Negra" andava com 6, 7 homens armados fazendo contrarrevolução e ameaçando os mestres que ali estavam, exigindo que abandonassem as escolas porque eram comunistas. E para nós, durante toda a preparação que tivemos na "Sierra Maestra", nunca nos falaram de comunismo. E comunismo, socialismo fomos conhecendo na luta. Não posso dizer que foi o comunismo que me motivou para fazer este trabalho, pois não conhecia seus fundamentos nem profundamente e nem de nenhum modo porque aqui não deixavam que estas coisas se divulgassem.

Por meio do relato de Nereida Rodriguez, que participou inicialmente como mestra voluntária e depois como assessora técnica da Campanha é possível notarmos seu contato com os conflitos enquanto mestra e mulher. Apesar da sua vontade de defender a Revolução empunhando um fuzil, fora colocada como protetora das mulheres, uma vez que os homens se deslocaram para o *front*:

Na Campanha se sucedeu muita coisa. Eu estava em uma região montanhosa, na costa norte da parte mais ocidental de Cuba e naquele

<sup>92</sup> De acordo com o trabalho de Richard Gott (p.222), a batalha travada em Playa Larga resultou em 160 defensores cubanos mortos. A invasão foi obliterada em dois dias. Dos 1.500 exilados que invadiram Cuba e tentaram derrubar Castro, mais de cem foram mortos e 1.200 capturados. Os sobreviventes foram exibidos no Palácio dos Esportes em Havana e entrevistados na televisão por um grupo de jornalistas.

momento ocorreu a invasão de Girón...Estava em plena Campanha e não se paralisou nada, assumimos, por estar próximos da costa, a grande mobilização do povo de Cuba...Eu de imediato me apresentei no quartel da zona dizendo que estaria disposta a lutar pela Revolução, que era a mestra da zona e queria uma arma. Me disseram que todos os homens da zona se mobilizaram e ficaram apenas as mulheres. (RODRÍGUEZ, apud. PERONI, 2006, p. 89).

Para Rodríguez, o fato de as agressões terem acontecido no mesmo espaço e tempo em que ocorria a Campanha não foi ocasional: “Esses ataques foram durante a Campanha para amedrontar a todos os brigadistas que estavam na zona” (*Ibidem*, p. 89). Com base nesses depoimentos, verificamos os perigos nos quais os brigadistas estavam sujeitos; o engajamento em tentar defender a Revolução pegando em armas se possível e a disseminação de uma propaganda contra os alfabetizadores - lembrando que no momento do anúncio do caráter socialista da Revolução alguns desses mestres estavam cumprindo seus deveres em regiões de difícil acesso à informação. Desse modo, suponho que ainda refutassem qualquer acusação de que a Revolução fosse socialista.

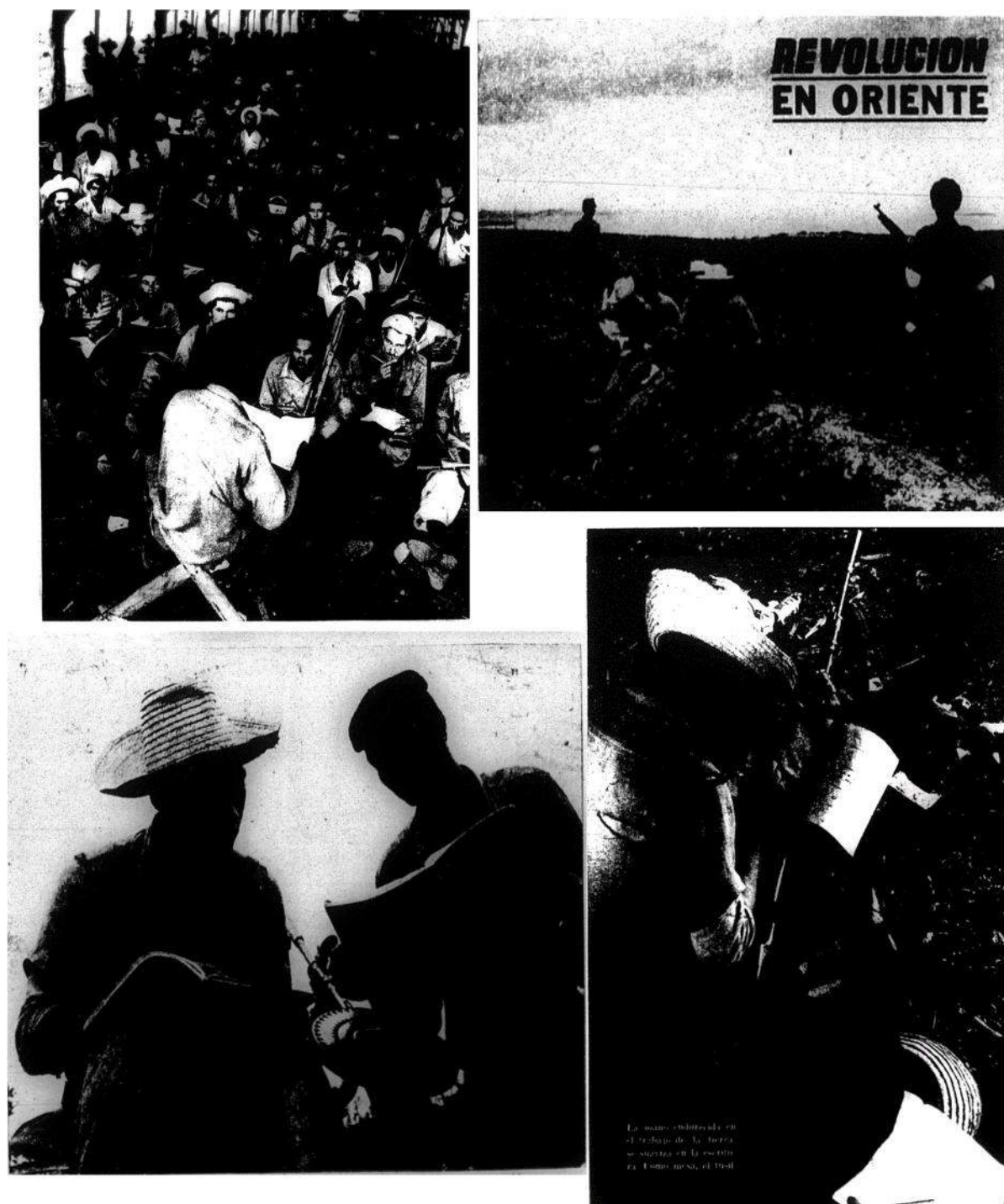
Em linhas gerais, segundo PÉREZ-CRUZ (2011, p. 18), os acontecimentos em Girón, decidiram tanto o destino da Revolução quanto o triunfo da Campanha, pois: “*El movimiento educacional de masas, al vencer el analfabetismo y la incultura capitalista, consolidaría en la mente de los cubanos la batalla que habían ganado a fuego y coraje*”.

Após os ataques de abril, a organização local do trabalho apresentava dificuldades. Existiam elementos de dispersão nas estruturas locais que as Comissões Municipais e Provinciais não conseguiram resolver, tais como: questões geográficas, difícil acesso em regiões montanhosas; e, trabalhadores resistentes ao aprendizado.

No *Revolución*, as fotografias que até então enquadravam famílias camponesas no íntimo dos seus lares diante da presença de um(a) jovem brigadista ensinando-lhes as letras com a cartilha em mãos, adotou no mês de maio um aspecto militarizado da Campanha. Verificamos uma somatória de elementos sintetizados na legenda de uma das imagens: “*Estudio, trabajo y fusil*” (fig. 64).

O significado transmitido nessas fotografias era bastante explícito e claro: a Campanha seguiria, em quaisquer condições, mesmo sob escolta dos companheiros. Por exemplo, como na região de Mayarí: “*una gigantesca región donde pronto no quedará un solo analfabeto*”.

Figura 64 - ALFABETIZACIÓN: Todo el termino es una gigantesca escuela.



Fotografía: Sem autoria

Fonte: *Revolución*, ano 4, n.761, 11/05/1961, p. 16.

Paralelo à reportagem de Salvador Escalona, a respeito de estatísticas da Campanha, as fotografias de Korda, convidam o leitor a acompanhar de perto o empenho e os rostos de alguns camponeses que dividem suas atividades entre o trabalho com a terra, a defesa da Revolução com o fuzil e a batalha contra o analfabetismo com um lápis



e uma cartilha. Ao passo que um miliciano ensina o outro utilizando cada um sua cartilha, há entre eles o fuzil, por outro lado, um grupo mantém a segurança dos companheiros sentados estudando. Este seria o “*espíritu que hoy domina a todo Mayar*”, isto é, “*La mano...en el trabajo de la tierra, se suaviza en la escritura. Con la misma, el fusil*”, ou seja, um espírito de dedicação e solidariedade entre os companheiros e a Revolução. Aliás, a união desses três elementos e do *close-up* em algumas imagens de Korda, “colocando” o leitor lado a lado do camponês, divulgariam uma acepção de que a Campanha e demais atividades da Revolução continuariam sem cessar graças a unidade popular.

No mês de agosto, em meio a uma manifestação dos trabalhadores em Havana, Fidel Castro convocou-os para participarem mais ativamente da Campanha. Cerca de 30.000 trabalhadores apresentaram-se e formaram as brigadas “*Patria o Muerte*”, cuja missão era atuarem nas regiões mais intrincadas do país.

Quase dois meses antes do prazo estipulado, em 5 de novembro Melena del Sur tornou-se o primeiro município declarado território livre de analfabetismo em Cuba. Em seu discurso, Fidel expressou-se da seguinte maneira:

*Liquidar el analfabetismo no es más que un primer paso; después vendrán nuevos pasos, después vendrán nuevas batallas, porque nuestro pueblo tiene que proponerse estudiar, superarse, saber cada día más, para comprender cada vez mejor; estudiar cada vez más para comprender la verdad cada vez mejor (CASTRO, 1961, s.p.).*

Nessas palavras percebe-se a preocupação com a continuidade do trabalho de educação de adultos no pós-Campanha. Ter uma população alfabetizada era importante, porém Cuba necessitava de um nível de cultura compatível com a tarefa de construir uma nova sociedade, portanto os cuidados com a educação não se encerraram naquele ano.

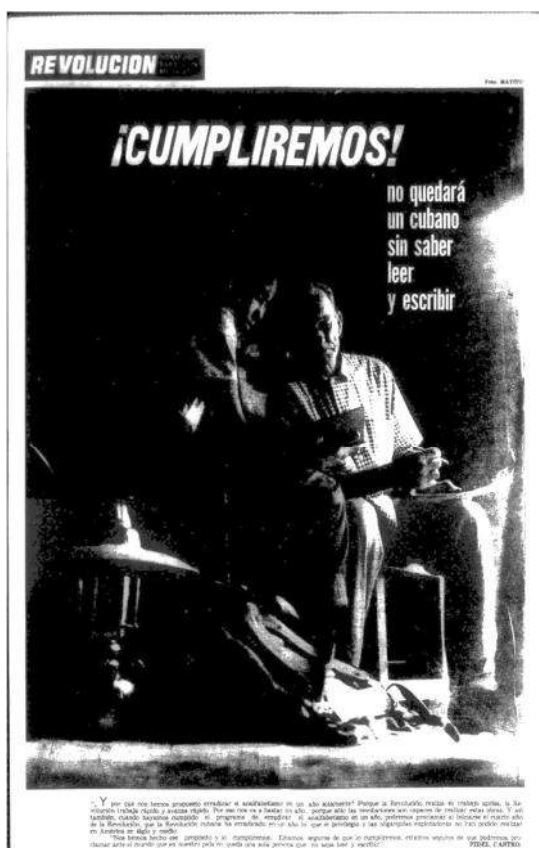
No dia 22 de dezembro de 1961, ao finalizar a Campanha, os brigadistas desfilaram em Havana e foram aclamados pelo público. O ministro da Educação, Armando Hart, diante dos alfabetizadores e trabalhadores, declarou que a cifra de alfabetizados foi de 707.212 adultos. O índice de analfabetismo caiu para 3,9 % do total da população de quase 7 milhões de habitantes.

Como tentou-se demonstrar, a Campanha de Alfabetização fora bastante intensa, logo acreditamos que centenas de fotografias foram tiradas durante todo o trabalho. Entretanto, observamos que uma foto em especial fora adotada como

símbolo de todo esse processo e assim, (re)apropriada por diferentes meios e com objetivos distintos que trataremos na sequência.

No interior de um aposento, a luz que ilumina um jovem brigadista e seu aluno, com idade para ser seu avô, concede nitidez e dramaticidade à fotografia de Mayito (fig. 65). Fora o uniforme, a cartilha, os brigadistas eram equipados com uma manta e uma lâmpada a óleo com a qual podiam viajar pelo campo a noite ou utilizar para lecionar no período noturno. Além disso, a luz que inunda esta imagem, com ou sem a intenção do fotógrafo, seria uma alusão a metáfora em que Platão justificou a necessidade da educação para criação de um novo cidadão e conseqüentemente do processo de construção de um mundo melhor e mais justo.

Figura 65 - ¡CUMPLIREMOS!



Fotografia: Mayito

Fonte: *Revolución*, ano 4, n.767, 17/05/1961, p. 16.

Figura 66 - Alfabetizador



Fotografia: Mario García Joya

Fonte: *RETAMAR, Roberto Fernández. Cuba la fotografía de los años 60, Cuba: Fototeca de Cuba, p. 70, 1988.*

A alegoria da caverna retrata a ideia de que os aspirantes à sabedoria devem descobrir as coisas superando os problemas impostos pela vida. E a educação agiria como canal de desenvolvimento do homem moral, cujo objetivo seria dedicar-se ao aprimoramento intelectual, físico e espiritual. A caverna de Platão, uma das mais fascinantes e assustadoras metáforas do pensamento ocidental, seria também a base de uma tradição hostil à cultura visual, pois vigora, segundo Nicholas Mirzoeff (2003,

p. 28), a ideia de que uma cultura onde domina o “*visual tiene que estar empobrecida o incluso ser esquizofrénica*”. Já para Susan Sontag (2004), todos os indivíduos da sociedade contemporânea visualizam a realidade através de imagens da "verdade" as quais são oferecidas por uma série de recursos, entre eles o fotográfico.

Ao inserirmos essas ideias a este fragmento de realidade interpretado por Mayito, o brigadista seria o condutor que guiaria a saída dos camponeses da caverna da ignorância para se deparar com a luz do conhecimento. Em contrapartida, o camponês que sai do mundo de ilusões. e reconhece a realidade do mundo inteligível revolucionário.

Ao ímpeto da juventude revolucionária em corrigir os erros de um passado abandonado soma-se a ideia de construção de uma sociedade modelar para os demais países, sobretudo, latino-americanos que padeciam de escolaridade básica para seus cidadãos. O exemplo do esforço cubano deveria ser como um farol que iluminava em meio as trevas.

*¡CUMPLIREMOS! ¿Y por qué nos hemos propuesto erradicar el analfabetismo en un año solamente? Porque la Revolución realiza su trabajo aprisa, la Revolución trabaja rápido y avanza rápido. Por eso nos va a bastar un año, porque sólo las revoluciones son capaces de realizar estas obras. Y así también, cuando hayamos cumplido el programa de erradicar el analfabetismo en un año, podremos proclamar al iniciarse el cuarto año de la Revolución, que la Revolución cubana ha erradicado en un año lo que el privilegio y las oligarquias explotadoras no han podido realizar en América en siglo y medio. "Nos hemos hecho ese propósito y lo cumpliremos. Estamos seguros de que lo cumpliremos, estamos seguros de que podremos proclamar ante el mundo que en nuestro país no queda una sola persona que no sepa leer y escribir. (REVOLUCIÓN, ano 4, n.767, 17/05/1961, p. 16).*

Verificamos que essa fotografia devido sua iconicidade e sua carga simbólica foi reapropriada por outros sujeitos e inserida em diferentes suportes sem o devido cuidado no seu manuseio.

Figura 67 - Capa do livro: *A política da educação não-formal na América Latina*.



Fonte: Estante Virtual. Disponível em: < <https://www.estantevirtual.com.br/livros/carlos-alberto-torres/a-politica-da-educacao-nao-formal-na-america-latina/1186194545>>. Acesso em: 28 de maio de 2018.

O primeiro caso que tomamos conhecimento foi na capa do livro do sociólogo da educação argentino Carlos Alberto Torres, “*A política de educação não-formal na América Latina*” publicado em 1992 pela editora Paz e Terra (fig. 67).

Nesse trabalho, Torres apresenta como tema central o debate sobre educação de adultos denominada por ele de educação não-formal. O autor busca relacionar este tipo de educação com o modelo de desenvolvimento dependente da América Latina, bem como com as ideologias educacionais e as reformas existentes nos sistemas educacionais dos países que compõe esta parte do continente. Segundo esse estudo, a América Latina carece de uma teoria consistente para compreensão do fenômeno da educação de adultos, mas cita algumas tipologias teóricas, que vão da teoria do capital humano à teoria da libertação de Paulo Freire.

Do seu ponto de vista, essas teorias são contraditórias e inconsistentes, pois alguns de seus fundamentos normativos não foram completamente elaborados e consolidados. Para o autor, no Estado capitalista a educação de adultos faria parte de uma estratégia mais ampla de legitimação política. Em consequência, os educadores populares envolvidos em programas estatais de educação de adultos, viveriam um

dilema entre o papel que o Estado lhes reserva — o de legitimarem o sistema — e seus objetivos políticos emancipatórios.

De modo bastante amplo, a relação entre a proposta do trabalho de Torres estaria minimamente alinhada à ideia emanada pela fotografia, isto é, remetendo-se ao que em sua opinião teria sido um dos grandes exemplos de educação não-formal de adultos na América Latina. Sem, contudo, mencionar o contexto de produção dessa fotografia, seu autor ou a Campanha em si.

Figura 68 - "Felicidades a todos aquellos que son Maestritos de Pueblo "



Fonte: *Impulsoinformativo.net*. Disponível em: <  
<http://impulsoinformativo.net/2015/05/18/felicidades-a-todos-aquellos-que-son-maestritos-de-pueblo/>>. Acesso em: 28 de maio de 2018.

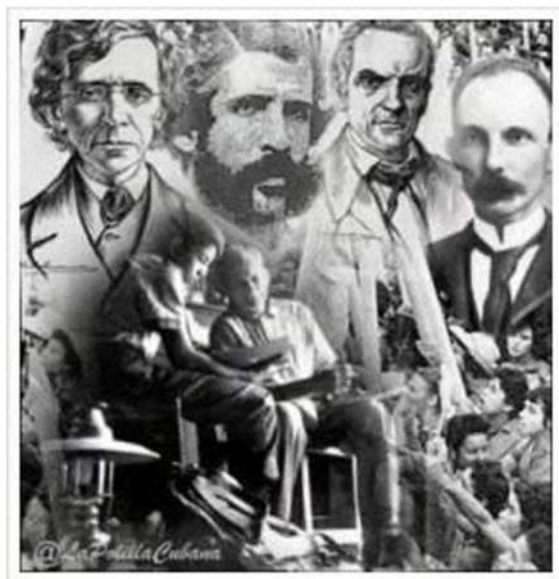
Em uma perspectiva semelhante, nos deparamos com o artigo do professor da BUAP (Benemerita Universidad Autónoma de Puebla), Alejandro García Limón publicado em 18 de maio 2015, sob o título: "*Felicidades a todos aquellos que son Maestritos de Pueblo*" (fig. 68).

Com relação ao artigo em si, Limón sai em defesa dos professores que estavam sob constante ataque de emissoras de televisão mexicanas que estariam responsabilizando-os de todos os males e exigindo demissões em massa. Indignado, Limón, cita que os donos de "Televisa y TV Azteca" criaram diversas fundações para criticar os professores, por exemplo "Mexicanos Primero" fundado em 2005 pelo dono de Televisa Emilio Azcárraga Jean, e presidido por Claudio X González, o qual apontava os professores como: "*unos delincuentes, flojos y defraudadores, chantajistas y secuestradores*". De acordo com Limón, o interesse pela difamação dos professores seria a pretensão de tornarem-se donos da "*educación en México, privatizarla para ganar millones a carretadas, lucrar con la necesidad del pueblo luciendo etiqueta de salvador de la patria*". Quanto à fotografia, nota-se que não há

qualquer referência da Campanha de Alfabetização de Cuba, autor, e etc... a fotografia simplesmente flutua entre os parágrafos em que Limón tenta revalorizar os educadores mexicanos.

Retirada de seu contexto de criação, nesse caso a fotografia não possui o devido valor e atenção que requer. Esse é um problema recorrente em vários ramos da educação, inclusive entre os historiadores que às vezes utilizam-nas como adorno em seus textos.

*Figura 69 - Varela, Varona, Luz e Martí.*



*Fonte: The Cuban History. Disponível em: <<http://www.thecubanhistory.com/2016/07/jose-de-la-luz-y-caballero-philosopher-scholar-jose-de-la-luz-y-caballero-filosofo-e-intelectual/>>. Acesso em: 28 de maio de 2018.*

Publicado no dia 25 de julho de 2016 pelo site *Cuban History*, um site voltado para divulgar alguns aspectos da cultura cubana, observamos que na fotografia de Mayito foram adicionados outros personagens. No registro acima (fig. 69), o brigadista e seu aluno ainda são o centro das atenções. Já da esquerda para direita foram acrescentados os expoentes da intelectualidade cubana que deixaram para seu país seus legados filosóficos e educacionais, são eles: Félix Varela (1788-1853), Enrique José Varona (1849-1933), José de la Luz y Caballero (1800-1862) e José Martí (1853-1895). Com relação ao artigo, não há qualquer comentário que explique de onde a imagem fora retirada e menos ainda sobre a relação desta com o texto em si, em outras palavras a imagem foi “jogada” no site, hipoteticamente pela sua bela composição.

A respeito dos sujeitos, as acepções educacionais em Varela e Luz partem de seus princípios religiosos e éticos cristãos. Enquanto em Martí, a sensibilidade ética e a vocação até a ação revolucionária concreta levou-lhe a conceber a educação

com uma via essencial para melhoria humana e também para alcançar a felicidade junto à busca do que chamou equilíbrio entre nações e, inclusive, entre as faculdades emocionais e as intelectuais de cada homem. Em Varona, a ênfase se põe na formação científica sobre a herança ética.

Resumidamente, nos quatro estão presentes um pensamento humanista radical de valor universal em que se articulam correntes diversas tributárias de uma identidade que serve de sustento às ideias filosóficas cubanas. Além disso, eles foram fontes de inspiração na tarefa pedagógica concreta e as possibilidades de transformação ética do homem a partir do desenvolvimento da educação, da ciência e da cultura.

A proposta interpretativa da pessoa que elaborou esta composição, aproveitando-se da fotografia de Mayito, sugere que esta seria o ponto de convergência em que desaguaria os ideais de cada um dos quatro intelectuais, realizada na Campanha de Alfabetização em 1961, ou seja, pelo governo revolucionário.

Por fim, dentro do espectro de imagens sobre a Campanha de Alfabetização, essa fotografia pode ser compreendida como uma icônica, pois seu caráter emblemático supera a conjuntura de sua criação para *“para converterse no sólo em un símbolo, recibido y utilizado de distintas maneras por los diferentes sectores sociales, sino en una parte importante del horizonte visual de una generación”* (TROCONSO, 2013, p. 25).

A drástica redução do analfabetismo em Cuba não fora o único ganho dessa Campanha. Conforme observado em algumas fotografias e depoimentos de participantes diretos. Os agentes que se envolveram na missão de alfabetizar, aprenderam sobre as dificuldades da vida no campo, souberam conviver com as diferenças e adversidades de seus alunos e principalmente influenciou a mentalidade de toda uma geração. Vale ressaltar que se, por um lado, a Campanha impulsionou a Revolução, ajudando na conquista de hegemonia para o processo revolucionário, por outro lado, uma Campanha com essas dimensões dificilmente teria eficácia semelhante em uma sociedade que não estivesse vivendo uma conjuntura revolucionária à altura.

## 10. A Revolução Cubana escrita a chumbo, tinta e pedra.

Nessa etapa do trabalho, propomos-nos estudar uma das fotografias mais emblemáticas da história da fotografia cubana, *Los Malagones* de Raúl Corrales. Acompanharemos alguns trajetos empreendidos por essa fotografia que notamos ser dotada de uma historicidade própria. Para o esmiuçamento desta fotografia recorreremos a acepção de foto-ícone aventada por Ana M. Mauad (2009). Segundo a pesquisadora esse termo refere-se a “fotografias que ganham expressões públicas, associadas, ao mundo da política e a noção de acontecimento histórico”, tornando assim a presentificado o passado outrora vivido.

Registrada primeiramente em outubro de 1959 pelas lentes de Corrales, o contexto cubano naquele momento era duplamente decisivo: primeiramente, por conta da segurança da Revolução que estava em jogo por efeito dos frequentes ataques contra a população cubana, assim como, de definições importantes para a população rural. Logo em seguida, ela veio a público pela imprensa regional e no decorrer dos anos foi reutilizada em diferentes suportes como livros, selo comemorativo e por fim, esculpida em pedra.

Inicialmente faremos uma breve apresentação da foto em si, em seguida nos deteremos nalguns aspectos pessoais e profissionais do fotógrafo para então entrar na discussão da tomada do registro e demais assuntos interseccionais.

Em pé numa postura altiva, esse sujeito segura com bastante firmeza um rifle com sua mão direita; esta arma, por sua vez, está disposta no centro da imagem e divide o registro fotográfico com sua face (fig. 70). Torna-se perceptivo que o fotógrafo almejou enfatizar o rosto do sujeito ao cruzar duas linhas em cada ponta em forma de “X”.

Seu corpo está voltado para frente, enquanto a cabeça, ligeiramente orientada para a esquerda, acompanha um chapéu de palha (chamado *yarey*<sup>93</sup>). No artigo de Pierre Bourdieu, *O camponês e a fotografia* (2006), a postura do camponês em frente à máquina expressaria os valores e as relações com outros indivíduos na

---

<sup>93</sup> O *sombrero de yarey* há muito tempo é utilizado pelos camponeses cubanos para amparar-lhes dos fortes raios do sol, é formado por abas largas, fresco, leve, barato e de fácil confecção. Também formou parte do uniforme dos guerrilheiros independentistas cubanos enquanto lutavam contra o colonialismo espanhol. Esses guerrilheiros, conhecidos por *mambises*, levavam o chapéu com uma diferença dos camponeses “comuns”: na parte frontal, a aba era virada para cima e nesse local colocava-se um escudo com a insígnia nacional.



sociedade rural. Em geral, os sujeitos fotografados não cogitam a possibilidade de “infringir as instruções dadas pelo fotógrafo” e adotam uma “posição correta e digna” que consiste em “ficar de pé, direito, olhando em frente com gravidade”, assim, apresentam-se aos olhares dos outros a imagem de si o mais honrosa possível. Penetrante e atento, seu olhar mira o horizonte em busca de algo ou alguém. Os demais elementos que aparecem ao fundo da imagem, uma árvore e a silhueta de outra pessoa, são praticamente deixados de lado diante da grandeza do objeto central.

Essa fotografia veio a público pela primeira vez, no dia 20 de outubro de 1959 como ilustração de uma matéria do jornal cubano *Revolución* sem menção da autoria. No entanto, durante o processo investigativo descobriu-se a quem lhe pertencia. Ela foi tomada pelo cubano Raúl Corrales e é sobre ele que dedicaremos nossa atenção para melhor situarmos o estudo dessa imagem.

*Figura 70 - Los Malagones.*



*Fotografia: Raúl Corrales, Píñar del Río, cerca de 1960.  
Fonte: RETAMAR, Roberto Fernández. Cuba la fotografía de los años 60, Cuba:  
Fototeca de Cuba, p. 27, 1988.*

### 10.1. Raúl Corrales: vida e carreira profissional

De norte à sul, a América desde há muito tempo despertou o sonho de milhares de pessoas, sobretudo do Velho Mundo, de terem uma vida distante de conflitos regionais, guerras, fome, doenças etc. Na década de 1920 essa linha de pensamento ainda estava a pleno vapor; e agarrados a isso, uma família partiu da Galícia na esperança de fazerem sua fortuna em solo cubano. Assim como tantas outras, essa família se estabeleceu em um lugar inóspito chamado *Quince y Medio*, onde se produzia cana de açúcar, próximo à usina Stewart, anteriormente, na província de Camagüey.

Raúl Corrales Fornos, como se diz em Cuba, era um “*guajiro* (camponês) *de tierra adentro*” nasceu em Cuba no dia 29 de janeiro de 1925 em *Ciego de Ávila*, num contexto familiar similar a de muitos cubanos residentes no meio rural. Aos oito anos de idade, a família se mudou para a capital do país, Havana. Durante a crise econômica, que coincidiu com o regime ditatorial de Gerardo Machado (1925-1933), o jovem Raúl trabalhou como: comerciante, vendedor de jornal, ajudante de cozinha e engraxate.

Sua primeira câmera foi uma “Kodak Baby Brownie”<sup>94</sup>, uma representação fiel do slogan de George Eastman: “você aperta o botão e nós fazemos o resto” na qual se referia à facilidade de fotografar (fig. 71). Tamanho reduzido, foco fixo, rápido tempo de exposição e totalmente automática, eram os principais atributos desse tipo de câmera desenvolvido pela Kodak, o que permitia que fosse usada por qualquer pessoa, e não apenas por quem entendesse a fundo os processos e métodos fotográficos (Notimex, 2016).

---

<sup>94</sup> A Kodak Baby Brownie foi fabricada pela Eastman Kodak Company de 1934 a 1941. Construída em baquelite (uma resina sintética, quimicamente estável e resistente ao calor, que foi o primeiro produto plástico) moldada em preto brilhante, com estilo Art Deco. Inventada por Walter Dorwin Teague, esta câmera possui uma lente de menisco básica com uma distância de foco mínima de cinco pés e uma única velocidade fixa do obturador (estimada em cerca de 1/40) ativada pelo botão do lado próprio para exposições instantâneas. O visor óptico percorre a parte superior da câmera ao lado do botão de avanço do filme. A série Kodak Baby Brownie usa o filme 127, que, impressionantemente, ainda está sendo feito por uma única empresa na Croácia. Preço em apenas US \$ 1,00 em 1935. As câmeras foram fabricadas de 1934 a 1941 nos EUA e de 1948 a 1952 no Reino Unido (CAMERAPEDIA, 2017).

Figura 71 - Kodak Baby Brownie. EUA (1934 -1941) e Reino Unido (1948 – 1952).



Fonte: Camerapedia. Disponível em: < [http://camerapedia.wikia.com/wiki/Kodak\\_Baby\\_Brownie](http://camerapedia.wikia.com/wiki/Kodak_Baby_Brownie) >, acesso em: 15/07/2017.

Os primeiros contatos formais no âmbito fotográfico iniciaram-se na década de 1940 quando começou como assistente de laboratório na agência de filme Cuba Sono Film<sup>95</sup>, criada em 1938 pelo Partido Comunista. Por necessidades da agência fotografava junto a outro destacado fotógrafo, José Pepe Tabío (1915-1975)<sup>96</sup> e nesse contato aprendeu a manusear diferentes câmeras. Paralelamente a este trabalho cobria os atos sindicais como fotógrafo de “*La Asociación de la Prensa Obrera de*

<sup>95</sup> *Cuba Sono Film* foi uma produtora cinematográfica que propiciou a realização de filmes documentais fora do circuito comercial da época. Seu foco era explorar a realidade sociocultural da época, a orientação de *Cuba Sono Film* era fundamentalmente propagandística e de denúncia. Muitos dos filmes, fotografias e gravações dirigidos por Luis Álvarez Tabío e por José Tabío se projetavam em espaços públicos. Entre suas linhas de realização cinematográfica estiveram testemunhos de abusos contra os camponeses e demais cidadãos cubanos, como em “*El desalojo de Hato del Estero*” (1942), que contava como a guarda rural à serviço dos latifundiários ordenavam o despejo dos camponeses de suas casas na província de Camagüey. Havia também nessa linha temática: “*Gran manifestación*” de 20 de agosto de 1939, que refletia sobre os protestos organizados pela CTC (*Central de Trabajadores de Cuba*) contra a ofensiva dos patrões; “*Azúcar amargo*” (1943), que assessorado pelo líder sindical Jesús Menéndez, mostrava as condiciones de vida dos trabalhadores açucareiros. À *Cuba Sono Film* vincularam-se personalidades como Juan Marinello, Nicolás Guillén, Mirta Aguirre, José Antonio Portuondo, Ángel Augier, Luis Felipe Rodríguez e Alejo Carpentier, entre outros (GARCÍA, 2003, p.27).

<sup>96</sup> José José Tabío Palma nasceu em Santiago de las Vegas e estudou Desenho e Escultura na Academia de Bellas Artes de San Alejandro em Havana. Se dedicou a fotografia e com vinte e três anos foi um dos fundadores da Cuba Sono Films (1938-1948), com a qual tomava a forma de vida rural, os usos e costumes da gente do campo e suas degradantes condições de trabalho. Colaborou com várias revistas em Cuba como *Bohemia* e *INRA* depois do triunfo da Revolução. Ao longo de sua carreira fotográfica tentou refletir o modo de vida e os aspectos sociais da população de seu país. Seu enfoque era: camponeses, bailarinas, atores políticos; ambientes urbanos e do campo nas distintas cidades da Ilha. Trabalhou como diretor de cinema e formou parte do ICAIC (CASTELLANOS, 1999, p.216).

*Cuba*". Em 1946 colaborou para o periódico *Hoy* (pertencente ao Partido Socialista Popular), até seu fechamento em 1953. O "buen ojo fotográfico" de Corrales lhe permitiu vender suas imagens nas revistas *Ultima Hora*, *Vanidades* e nas afamadas revistas *Carteles* e *Bohemia*. De 1957 a 1959 foi chefe de fotografia da empresa *Publicitaria Siboney*<sup>97</sup>

Nos anos 1950, Raúl estudou alguns anos para técnico gráfico na "Escuela de Periodismo Manuel Márquez Sterling", mas não o concluiu. Por outro lado, como companheiro do jornalista crítico da vida socioeconômica do país, Oscar Pino Santos (1928-2004),

*Corrales llegó a los lugares más inimaginables de la geografía cubana para develar cómo vivían y morían los campesinos de las montañas y los carboneros de las ciénagas, los cortadores de caña y los mineros... Eran verdaderas denuncias aquellos reportajes, un llamado a la conciencia. "Cuando se acabe la miseria en Cuba, dijo un día Korda a Corrales, te vas a morir de hambre"(ROSS, 2014).*

Essa frutífera jornada de Corrales pelos confins de Cuba e, claro, sempre documentando as condições de vida das pessoas que nelas viviam, foram publicadas pela revista *Carteles*. Em 2001 o *Instituto Cubano del Libro* produziu o livro "Los Años 50" uma recompilação das principais reportagens de Oscar Pino Santos publicados em *Carteles*, que por sua compreensiva variedade temática conjuntamente às fotos de Corrales, representam uma visão caleidoscópica da Cuba daqueles anos.

A respeito de seu convívio profissional com Raúl Corrales, Oscar Pino Santos relatou o seguinte:

*Otro aspecto al que, finalmente, me parece justo y necesario aludir, es el del papel de Raúl Corrales —mi compañero de andanzas periodísticas de aquellos años. Raúl, con quien había comenzado a trabajar desde los tiempos de Hoy (1950-53), tenía un poderoso instinto capaz de traducir la tarea de fotorreportero en un ejercicio de arte. Sus fotos —sin duda, a veces impresionantes testimonios gráficos de lo que era la Cuba prerrevolucionaria— resultaban decisivas para dar vida, realismo e impacto a aquellos reportajes y artículos de Carteles. Raúl y yo formábamos un equipo de esos que parecen irrepetibles. Mas, ahora —laureado con el Premio Nacional de Artes Plásticas (1996) y reconocido internacionalmente como una de las figuras más significativas de la fotografía contemporánea—, pienso que en los merecidos estudios y elogios con que se exalta su obra falta apuntar un rasgo personal suyo que suelo recordar muy bien: aquella infallible disposición que tenía para el trabajo. Cuando a Raúl yo le planteaba hacer un reportaje —a veces sobre los más insólitos temas y en los más*

<sup>97</sup> José Manuel Cubas fundou a agência *Publicitaria Siboney* em 1953 em Cuba. Depois de deixar Cuba nos anos 1960, José Manuel e Gustavo Cubas reabriram-na em Porto Rico, em 1963 com outros dois parceiros.

*remotos lugares y adversas condiciones— su reacción era siempre la misma. —Está bien. ¿Cuándo salimos? —Mañana. —De acuerdo.* (SANTOS & CORRALES, 2001, p. 24).

Onde as palavras de Oscar Pino Santos não eram capazes de alcançar o público leitor de *Carteles*, lá estavam as fotografias de Raúl Corrales para dar forma, contornos, expressão e amparo no real. Aliás, esse seu interesse pelos mais necessitados e pela forma de retratá-los, deixando assim um testemunho precioso para a história gráfica de seu país, desagua em parte por sua formação como fotógrafo.

Adepto do fotojornalismo americano das revistas *Life* e *Time*, Corrales reconheceu certa influência de importantes figuras em sua vida profissional tais como Eugene Smith, Walker Evans, Dorothea Lange e o cubano Pepe Tabío (AMADOR, 2008, p. 237). Incluiria também nesse rol de “mestres do ver”, a fotógrafa italiana Tina Modotti, no entanto faltamos aprofundar um pouco nesta afirmação.

Com a vitória dos rebeldes em 1959, incorporou-se como fotógrafo do periódico *Revolución* e ao mesmo tempo ocupou o cargo de *Director del Departamento de Fotografía do Instituto Nacional de la Reforma Agraria* (INRA). Paralelo a isso, no triênio (1959-1961), transformou-se no fotógrafo pessoal de Fidel Castro. A partir de 1961 tornou-se Membro Fundador da Seção de Fotografia da *Unión de Escritores y Artistas de Cuba* (UNEAC); em 1964, foi nomeado Chefe da seção de micro-filmes e fotografia da *Oficina de Asuntos Históricos del Consejo de Estado*, função que desempenhou até o ano de 1991.

Ora se por um lado o desempenho de Raúl Corrales como fotojornalista foi fundamental em sua preocupação com as causas sociais, refletido em seus trabalhos prévios ao triunfo revolucionário. Por outro lado, o segredo da vida profissional de Corrales e que o prenderia a fotografia parecia ser o trabalho de alguém obstinado que persistiu em manter unidos os espaços de sua vida. Podemos pensar que mais do que simplesmente pressionar um botão, Raúl Corrales expressava criticamente por meio da câmera fotográfica uma Cuba desconhecida pelo público urbano e também uma parcela de si mesmo.

Depois de apresentadas algumas características da vida profissional e pessoal de Corrales, partiremos então para a análise da fotografia de Corrales selecionada para esse estudo.

## 10.2. *Revolución* e a captura do Cabo Lara pelos doze

Na edição do dia 20 de outubro de 1959, no núcleo do jornal, há uma matéria que sustenta o seguinte título “*Fidel presenteou con rifles os camponeses de Pinar del Río*”, sob assinatura do jornalista Luis Báez (1936 - 2015)<sup>98</sup>. Nesse texto, Baéz narrou o encontro do Primeiro Ministro Fidel Castro com um grupo de doze camponeses responsáveis pela captura de um fugitivo dos tribunais revolucionários. Conforme o jornalista, Fidel mostrou-se bastante interessado com a realização de tal façanha e em seguida:

Felicitou-lhes fazendo ressaltar o grande trabalho que o homem do campo identificado plenamente com a Revolução não só coopera nos serviços de fomento agrícola, como em tudo o que possa servir para a maior causa da mesma (BÁEZ, 1959, p. 18).

Segundo Baéz, o diálogo com esses camponeses expôs não somente a “*nobleza de estos doce campesinos*”, mas também a perícia com a qual valeram-se para capturarem Luis Lara Crespo mais conhecido como “Cabo Lara”, ex-militar do exército de Batista condenado a pena de morte por três tribunais revolucionários sob a acusação de ter assassinado 20 pessoas durante a ditadura. Para prender o Cabo Lara, esses doze camponeses:

Fingiram a existência de um capitão, uma metralhadora e forças para surpreendê-lo. Quando o descobriram um gritou: “Capitão, preparem a Thompson...!” E não existia tal capitão nem tal arma. Assim foi detido, graças à astúcia desses inteligentes homens de terra adentro (*Ibidem*, p. 18).

Como recompensa por essa proeza, Fidel lhes presenteou com os rifles com que haviam capturado o ex-cabo e ainda enfatizara que esta foi “*uma lição inesquecível para os contrarrevolucionários, já que somente doze guajiros sem experiência militar suficiente detiveram a um grupo de homens conhecedores da táctica militar e que ademais se encontravam bem armados*” (*Ibidem*).

---

<sup>98</sup> Graduado na Escuela Profesional de Periodismo “Manuel Márquez Sterling” em 1958, Luis Francisco Báez Hernández, já executava a profissão de jornalista quando trabalhou no periódico El Crisol em 1954 como cronista esportivo e no diário Avance. Instaurada a Revolução, Luis Báez se encarregou da redação de Avance e formou parte do grupo de jornalistas que viajou para Venezuela cobrirem a visita de Fidel em janeiro de 1959. Em junho de 1959 iniciou seu trabalho no *Revolución*. Além disso, foi fundador da UPEC (1963), do jornal Granma (1965-1967). Nos anos seguintes trabalhou nos periódicos Juventud Rebelde (1967-1970), Revista Bohemia (1970-1980), Revista Cuba Internacional (1978-1980) e Prensa Latina (1980-2005). Faleceu na capital Havana no dia 9 de fevereiro de 2015 vítima de um infarto aos 79 anos de idade.

Depois desse encontro, Leandro Rodríguez Malagón (o chefe) e os demais *Malagones*, como ficaram conhecidos desde então, foram levados para Havana onde passearam pelas ruas da cidade, receberam treinamento militar e foram condecorados diante das principais autoridades do governo.

A grandeza desses simples homens só não era maior que o místico número 12, que para o comandante Raul Castro novamente havia entrado em ação:

Doze foram os que se salvaram depois do frustrado ataque mambí contra Yara em 10 de outubro; 12 foram os expedicionários do <<Granma>> que ficaram com vida e livres na Sierra Maestra e agora doze camponeses capturaram o tão afamado criminoso de guerra (*Ibidem*, p. 18).

Nota-se nesse pensamento de Raul um jogo duplo. O primeiro recorrendo-se ao tom celestial dos vários “dozes”, possivelmente também apelara ao imaginário cristão e ao coincidente número de apóstolos escolhidos por Jesus; e uma segunda como um tipo de linha sucessória, um *continuum*, que selaria as lutas iniciadas pelas guerras de independência no passado e que se realizariam completamente no presente revolucionário unido aos camponeses.

Depois desse encontro, Leandro Rodríguez Malagón (chefe), Cruz Camacho Ríos (El Niño), Alberto Pérez Lledía, Antonio Gómez González (El Negro), Hilario Fernández Martínez, Jesús Padilla González, José Antonio Álvarez Camacho (Pepe), Gerardo Rodríguez Malagón, José María Lledía Ceballos, Eduardo Serrano Martínez, Juventino Torres Véliz e Juan Quintín Paz Camacho (Juanito) foram levados para Havana onde passearam pelas ruas da cidade, receberam treinamento militar e foram condecorados diante das principais autoridades do governo.

A predominância de seis fotografias sobre o texto escrito é evidente. Nelas vê-se a presença de figuras proeminentes do governo, os camponeses com seus rifles e no canto inferior esquerdo uma minúscula imagem do amedrontado Cabo Lara preso. Da forma como a narrativa visual foi construída na página do *Revolución*, em “S”, observa-se que arranjo e a relação entre fotos e texto não foi fruto de uma produção meramente casual. As imagens narram um começo e um fim envolvidas num jogo maniqueísta: grandes fotografias de camponeses armados, organizados e bem paramentados que atingem facilmente seu objetivo de capturar um sujeito pequenino, fotograficamente falando, com semblante pouco confiante, sujo e andrajoso (fig. 72).

Retomando a fotografia de Corrales, na página do periódico ela está no canto inferior esquerdo ao lado da foto de Lara e somente um pouco maior que esta. Outro fator que chama a atenção são os elementos “sobressalentes” da primeira foto que foram eliminados dando-se total ênfase ao camponês com seu rifle. Logo abaixo dela foi inserida a seguinte legenda:

Um camponês cubano. Um soldado do povo. Pela primeira vez se pôs a prova o axioma revolucionário de que os camponeses são o pontal mais firme da Pátria. E a prova resultou satisfatória e exemplar (*Ibidem*, p. 19).

Novamente a união rebelde-camponesa foi tonificada, só que desta vez ancorada à fotografia. Aliás, ela também complementa tanto o texto de Baéz quanto as intervenções de Fidel presentes na mesma matéria do *Revolución*. Verdadeiro sustentáculo da Revolução, a base na qual esta e todo seu projeto se apoiavam, o camponês da foto sem nome na legenda, assim como tantos outros, carregaria sobre os ombros o dever de construir uma nova pátria. O todo é, sem sombra dúvidas, maior que a parte e, o camponês cubano era para a Revolução essa perfeita união elementar sem a qual dificilmente romperiam as amarras que os prendiam ao seu recente passado, ao menos era essa a ideia que o governo propagava nos meios de comunicação, discursos oficiais e principalmente, através das fotografias.

Comumente no seio da historiografia oficial, a relação do camponês cubano com a Revolução e seus agentes se caracterizou como amistosa, tanto o é que nessa virada histórica conjugara a fama de “*pueblo oprimido, por ser precarista [e] analfabeto*” e recebia alguns atributos novos a sua imagem tais como: “*trabajador, honesto, patriota y...indispensable de la guerrilla en las sierras*” (ROSELFELD, 2008, p. 85).

Quando os rebeldes sobreviventes da tentativa frustrada de desembarque do iate *Granma* em 1956 se embrenharam nas matas da *Sierra Maestra*, lá encontraram acolhimento de algumas famílias camponesas<sup>99</sup>. Com a retirada de Batista do poder e a formação do governo revolucionário em 1959, deu-se início a um

---

<sup>99</sup> Comida, informações da geografia local e braços para engrossar o exército rebelde, foram algumas das contribuições dos camponeses para com os insurgentes. Em contrapartida, conforme os rebeldes conquistavam trechos de terra esta era repartida e distribuída para famílias camponesas. Ademais, cabe destacar que essa “lua de mel” entre camponeses e rebeldes tivera seus contratempos. A discricção, considerada por Ernesto “che” Guevara como essencial tanto para as ações nas cidades quanto na Sierra, era considerado o “calcanhar de Aquiles” do camponês: “Nunca deve confiar-se demasiado na discricção camponesa, porque há uma lógica tendência de falar e a comentar os fatos com outras pessoas de confiança e da família” (GUEVARA, 1987, p. 60).



período em que o novo governo se esforçava para concretizar algumas das promessas de transformação da vida de quem há tempos sobrevivia no e do campo como, por exemplo, a lei de reforma agrária assinada em maio de 1959 que registrou um primeiro passo moderado para o desenvolvimento da economia cubana - além de minar interesses de latifundiários nacionais e estrangeiros,<sup>100</sup> com essa lei, várias famílias do meio rural foram beneficiadas<sup>101</sup>. Ademais, a campanha de alfabetização, a reforma do sistema de saúde e a formação de organizações em massa marcaram esse período pelo voluntarismo.

*Figura 72—Regalo Fidel los rifles a campesinos de Pinar del Río*



*Fotografía: Sem autoria.*

*Fonte: Revolución, ano 2, n. 270, 20/10/1959, p. 18.*

<sup>100</sup>Empresas e particulares norte-americanos dominavam no período cerca de 55% da superfície total da ilha e 48% da área de cultivo do açúcar. Todas concentradas em apenas treze companhias (DÍAZ, 2009).

<sup>101</sup> Na prática a lei anulou o direito de empresas e indivíduos estrangeiros a adquirirem e possuírem terras em Cuba, salvo pequenos agricultores. Fixou-se também em 30 *caballerías* (402 hectares, aproximadamente 402.000m<sup>2</sup>) a extensão máxima de terra que cada pessoa poderia obter. Além disso, sob chefia do primeiro-ministro, ordenou-se a criação do Instituto Nacional de Reforma Agrária (INRA) para acompanhar a efetivação de tais medidas e auxiliar os trabalhadores na organização de cooperativas. No entanto, para Richard Gott (2006, p.197) certo número de grandes criadores de gado foi isento assim como algumas plantações de açúcar e de tabaco reconhecidas pela sua produtividade excepcional.

Evitar o retrocesso de tais medidas, pois parte delas colidia com interesses internos e externos, apresentava-se como algo primordial tanto para o governo quanto para setores da sociedade. O apoio popular deveria ser o carro-chefe para defesa de qualquer tentativa de retrocesso de seus direitos recém-conquistados nem que para isso fosse necessário pegarem em armas contra velhos inimigos conhecidos ou antigos aliados.

Além da fotografia cubana desse período, contribuir na mobilização de corações e mentes para defesa da Revolução, observa-se que ao passo que ela construía um novo imaginário social de setores antes marginalizados ela também poderia atingir seus inimigos. O caso do arranjo fotográfico do *Revolución* envolvendo o Cabo Lara, foi exemplar. Nessa circunstância, as fotografias de Corrales tinham destino certo: os grupos contrários ao novo governo, que foram alcunhados de contrarrevolucionários e que se manifestaram desde os primeiros dias daquela Cuba revolucionária.

### **10.3. Síntese dos primeiros movimentos contrarrevolucionários na Revolução**

Embora muitos cubanos tenham colaborado nas mudanças da sociedade, após a ascensão do governo revolucionário - espontaneamente ou sob “pressão social” que ditou o envolvimento de alguns (HILB, 2010, p.46) - outra parcela da sociedade deixou a ilha com destino, principalmente, aos Estados Unidos. Essa primeira leva de exilados, vale ressaltar, divergente das que ocorreram nos anos posteriores como no caso Mariel (1980), pode ser encarada como uma das primeiras demonstrações de descontentamento derivado sincronicamente com o triunfo da Revolução.

Segundo Jesus Arboleya (2000, p.4), esses primeiros exilados - o qual o autor relacionou ao fenômeno contrarrevolucionário - teriam dois componentes: de um lado um reflexo da reação “*múltiple y compleja de los sectores de la población cubana*” que decidiram “*emigrar insatisfechos*” com o processo revolucionário e que “*refuerzan esta posición en correspondencia con las exigencias y los beneficios que impone la política norteamericana hacia Cuba*”. E outro de cunho representativo de um “*movimiento político militante, minoritário, estrechamente vinculado con el Gobierno de Estados Unidos*”.

Do ponto de vista do cenário interno cubano, a contrarrevolução - isto é, uma tentativa de restauração do *status quo* anterior - presente desde os primeiros

meses do governo revolucionário instituído, pode ser observada como uma ramificação em três vertentes: a) uma caracterizada por elementos remanescentes vinculados à ditadura de Batista que exerciam cargos de mando como também atuavam em setores administrativos e burocráticos; b) uma segunda relacionada a sujeitos lesados economicamente com as leis do novo governo; e c) por ex-apoiadores dos rebeldes ao longo da etapa insurrecional, mas que ou ficaram de fora dos projetos do governo revolucionário ou depois de certo tempo por divergência dos rumos que estavam sendo empreendidos pelo regime, abandonaram as filas do próprio governo. Contudo, segundo Ana Paula Calegari (2013, p.175) esse primeiro levante opositor assinalou a ausência de “organizações mais complexas ou plano de ação, evento ocorrido somente após 1959”. Já para Fabián Escalante Font (2010, p. 50), num primeiro momento a contrarrevolução se estruturou num ato de metamorfose formado por antigos partidos políticos, organizações religiosas e laicas.

O abalo causado pela Revolução Cubana atingiu incontáveis países do sul ao norte, do leste ao oeste. Ao considerarmos o contexto político desse período, marcado pela bipolarização: capitalistas versus comunistas, os representantes do alto escalão do capitalismo, os Estados Unidos, certamente sentiram com maior intensidade o tremor sob seus pés. O receio de ter uma célula comunista implantada às suas portas, moveram as autoridades norte-americanas a não ficarem de braços cruzados diante desta “ameaça”. Contudo, além dos embates estabelecidos com os EUA ao longo de décadas, nota-se também o papel das *bandas*, as quais surgem logo após o triunfo da Revolução.

De composição variada, associando desde elementos ligados ao regime de Batista até pequenos camponeses, as *bandas* foram grupos que se concentravam principalmente em regiões montanhosas e que adotaram a tática de guerrilha como uma forma de lutar contra a Revolução. Embora suas ações remontem desde início de 1959, somente no ano seguinte se encontraram minimamente organizadas. De acordo com Arboleya (2000, p. 120), a base de apoio das *bandas* era o setor da média burguesia agrária. Na medida em que elementos da própria região em que se desenvolvia a banda, incorporavam-se a ela, os familiares daqueles também atuavam, o que aumenta substancialmente o número de combatentes. Nesse primeiro ano, ao menos três grupos armados se organizaram para tentar derrubar o regime. O mais famoso deles, o *Rosa Blanca*, contou com o apoio do ditador dominicano Leonidas Trujillo para a orquestração da primeira invasão armada à Ilha.

Juntamente com a *Legión Anticomunista del Caribe*, intentaram desembarcar na ilha em agosto de 1959, porém a operação foi frustrada.

De dentro do próprio governo também houve dissidências, sendo a primeira vinda do interior do Movimento 26 de Julho, sob a liderança de Hubert Matos, um dos dirigentes da guerrilha, que na época agia como chefe militar na província de Camaguey. Matos enviara por escrito sua renúncia ao cargo a Fidel Castro em protesto à nomeação de Raul Castro como ministro das Forças Armadas. Paralelamente ao envio da carta, prepara uma rebelião, desarticulada pela rápida ação do governo, culminando com a prisão de Matos.

No início dos anos 60, surgiram importantes focos armados na Serra de Escambray, província de Sancti Spiritus, e na província de *Las Villas*. No primeiro caso, os insurgentes eram remanescentes de grupos moderados da oposição a Batista, vinculados originalmente à II Frente Nacional de Escambray (fundada em julho de 1958), liderada por Eloy Gutiérrez Menoyo, ex-membro do *Directorio Revolucionario* – uma organização política contrária à ditadura de Fulgencio Batista, que no dia 13 de março de 1957 assaltou o Palácio Presidencial.

Contra esses focos, foi lançada uma ofensiva das forças governamentais que se estendeu de dezembro de 1960 até março de 1961, com um saldo de 39 baixas e 381 prisioneiros para os grupos rebeldes. Os sobreviventes, pouco mais de duzentos, reorganizaram-se a partir da província de Las Villas, sob a liderança de Osvaldo Ramirez, que no início de 1962 chegou a contar com mais de 500 homens, distribuídos em 41 grupos. Nesse ano, o governo promoveu uma nova investida que praticamente desmobilizou a oposição organizada. Em janeiro de 1965, sob o comando de Eloy Gutierrez Menoyo, o último foco rebelde foi desarticulado. Nessa ocasião, Menoyo organizara uma expedição que saiu da República Dominicana para desembarcar na província de *Oriente*, mas ao pisar em terras cubanas foi preso pelas forças do novo governo (AYERBE, 2004, p.65).

#### **10.4. A fotografia entra em *Campo de Revolución***

Cinco dias após a publicação dessa matéria um suplemento do jornal *Revolución* também dedicou algumas de suas páginas para o feito dos doze camponeses. Nela encontramos novamente o uso dessa fotografia de Corrales, mas com uma conotação distinta, vejamos a seguir.

Segundo Roland Barthes (2015, p. 19), quando se posa para uma fotografia, instantaneamente aquele que será fotografado fabrica “outro corpo”. Em outras palavras, no momento precedente ao registro fotográfico, o objeto ciente da presença do fotógrafo metamorfoseia sua pose, isto é, camufla seu “eu” verdadeiro numa imagem em que o fotógrafo julga ter extraído parte de sua essência. Ora quando não é de iniciativa do fotografado, a construção da pose também pode partir do fotógrafo como gerenciador de sentido.

Como capa do suplemento *Campo de Revolución* (suplemento do *Revolución* voltado principalmente para o público camponês) no dia 25 de outubro de 1959, vemos outra vez a fotografia de Raúl Corrales, dessa vez em tamanho grande e sem recortes (fig. 73).

Sob o título “CENTINELA DE LA REVOLUCIÓN”, a matéria ao qual a foto estava associada retomava o discurso de exaltação e heroísmo dos doze camponeses da província de *Pinar del Río*. Um dos responsáveis pela captura do “cabo Lara y a su grupito de guapos”, esse camponês era a vanguarda da defesa dos rumos da Revolução, ou melhor, seu sentinela:

O camponês se converteu em Sentinela da Revolução. Sob o sol glorioso de nossos campos, o fio dos *machetes* está brilhando vigilante, disposto a defender a Cuba, como ontem, como sempre, de todos os inimigos de dentro e de fora (CAMPO DE REVOLUCIÓN, ano 1, n. 4, 25/10/1959, p. 02).

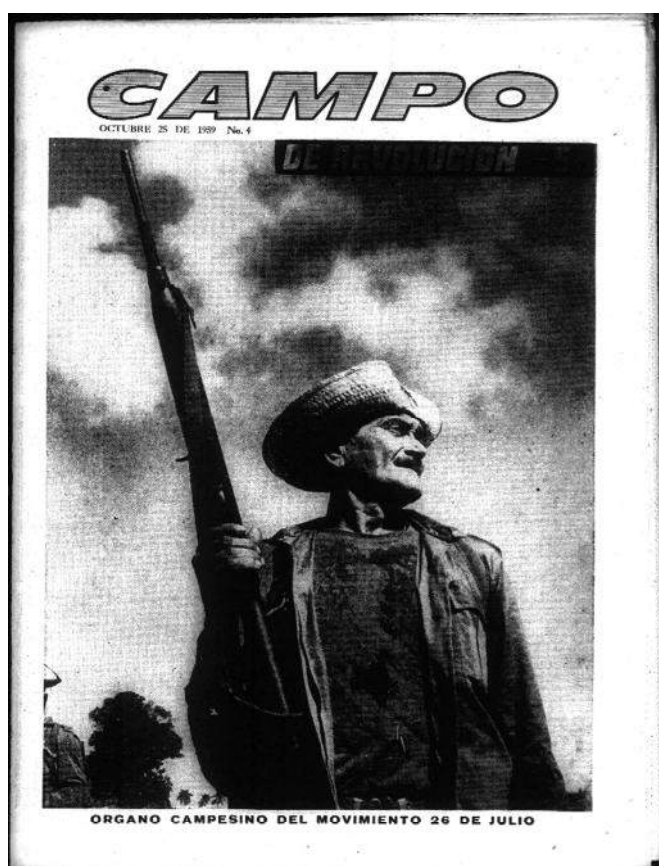
Nesse excerto entende-se o camponês como aliado primoroso da Revolução. Além do compromisso - chancelado há anos sob o fio de seus facões ou “*machetes*” – necessário para dar cabo das adversidades. Aliás, antes de qualquer mal-entendido, a matéria saía em defesa dos guajiros tratando de deixar claro que aqueles doze homens não eram como os membros da guarda rural de Batista que no caso era responsável pela prisão, tortura e despejo das famílias rurais: “*Porque los guajiros no son asesinos, ni dan plan de machete como la rural de Batista. Pero allí están los presos, entregados a la justicia. ¡Porque con los guajiros no se juega!*”

Se na matéria do *Revolución* notamos que o tom da narrativa rodeia em torno do júbilo pela captura do inimigo interno, no *Campo* ela toma uma dimensão mais abrangente, crítica e ameaçadora aos seus opositores externos. Segundo consta na matéria, durante a visita de estrangeiros, vários civis ficaram feridos e dois

faleceram após terem sido atacados por uma rajada de metralhadora vinda de um avião "que todos sabemos de dónde vino, y todos sabemos para dónde va".

De rifle na mão e não um *machete*, porventura simbolizando a união camponesa-revolucionária-guerrillheira conquistada durante o processo revolucionário, o ângulo de captação da imagem, nesse caso um plano contrapicado (*contre-plongée*) - isto é, quando a imagem é tomada de baixo para cima, tendendo a valorizar o motivo fotografado que implica uma hierarquização positiva do sujeito e a construção de um sentido de superioridade do motivo fotografado em relação ao observador – vai ao encontro dos valores que lhe foram imputados textualmente.

Figura 73 - CENTINELA DE LA REVOLUCIÓN



Fotografia: Sem autoria.

Fonte: Campo de Revolución, ano 1, n. 4, 25/10/1959.

Por fim, nem as terras, nem os tratores, nem as cooperativas, nem as escolas para que seus filhos "*campesinos también puedan aprender y ser cultos*", nem a saúde e principalmente a "*libertad*" lhes seriam retirados, afirmava a matéria, pois "*el campesinado unido y despierto, con el machete listo para defender a Cuba, es la garantía de la Revolución*". Portanto, àqueles que ousassem ameaçá-los, foi dirigido

o seguinte recado: “*que venga a discutir con nosotros. A machetazos! A machetazos vamos a defenderla!*” (CAMPO DE REVOLUCIÓN, ano 1, n. 4, 25/10/1959, p.14).

Além do que foi dito até aqui, o exercício de análise desta fotografia também permitiu-nos observar celeremente certa recorrência de imagens semelhantes a esta em diferentes tempos históricos. Observar essa sobrevivência, segundo Didi-Huberman (2013), suscita uma interessante reflexão sobre o modo como certa particularidade se consolida, ressurgiu, na longa duração e adota diferentes significados. No entanto, considerando-se o prazo dispensado para conclusão dessa pesquisa, faremos apenas uma ligeira menção às imagens. Todavia, saliento, não descartar a possibilidade de que tais fotografias serão trabalhadas num futuro próximo, tal qual merecem. Primeiramente nos deparamos com a fotografia em que Emiliano Zapata aparece de pé com o rifle na mão direita, um sabre na esquerda e uma faixa cobrindo seu peito sob duas correias de cartuchos. Capturada em 1911 por algum fotógrafo norte-americano talvez chamado F. Moray ou F. McKay, a iconicidade dessa fotografia de Zapata rendeu-lhe incontáveis reproduções em livros, revistas, pôsteres, camisetas, assim como, provavelmente ocupou algum espaço na galeria de imagens presentes no inconsciente óptico de vários fotógrafos.

Uma segunda fotografia semelhante à de Leandro Malagón, foi tirada pelo jovem fotógrafo da *Magnum*, Burt Glinn, logo após a fuga de Batista. Nesta foto, uma jovem de longos cabelos negros, conversa com dois rapazes enquanto às suas costas estão dois homens, provavelmente um rebelde e um jornalista. Descalça, com a base do fuzil apoiado em sua cintura, pontaria direcionada para cima e dedo fora do gatilho, essa jovem sustenta firmemente seu fuzil com mão esquerda enquanto ouve atentamente um dos rapazes que lhe dirige a palavra. Essa foto e tantas outras de Glinn, tornaram-se um dos registros fotográficos definidores da vitória da Revolução Cubana. E por último, a fotografia tirada de Fidel Castro logo após o episódio do abatimento de um animal para o almoço do público presente, que aguardava a assinatura da lei de reforma agrária no alto da *Sierra Maestra*.

## **10.5. Monumento em Valle de Viñales**

### **10.5.1. Contexto: Período Especial**

A integração de Cuba nos anos 1970 ao Come (Conselho Econômico de Ajuda Mútua), que reunia o bloco de países liderado pela União Soviética, incrementou e desenvolveu inúmeros setores cubanos como tecnologia, educação e pesquisa. No comércio exterior, as exportações crescem a uma média anual de 7,3% entre 1975 e 1985, e o açúcar participou com 75% do total. A reexportação do petróleo soviético, de derivados de petróleo, de fumo, níquel, frutas cítricas e peixe fresco completa o leque de exportações cubanas. O processo de industrialização gerou um aumento crescente das importações de equipamentos e insumos como 48% dos fertilizantes e 82% dos pesticidas, fora as importações diretas de alimentos que representavam aproximadamente 75% das calorias da dieta das famílias cubanas. No final dos anos 1980, o comércio com esses países chega a 80% (AYERBE, 2004, p.80-81).

O ingresso no Come permitiu a Cuba iniciar um processo de desenvolvimento integrado à divisão internacional do trabalho do bloco liderado pela URSS. Isso trouxe vantagens e problemas. Das vantagens: garantia de mercados para os seus produtos, com certa estabilidade nos preços; abastecimento de bens manufaturados; matérias-primas e o acesso à tecnologia. Entre os problemas: aceitação de parâmetros de integração baseados na especialização, que no caso cubano redundou na priorização da agroindústria direcionada principalmente para produção de açúcar.

Na década de 1990, o fim do socialismo real no leste europeu e da desintegração da União Soviética, levou a ilha a passar por um dos momentos mais difíceis desde 1959, o qual ficou conhecido como “Período Especial em Tempos de Paz”. A reconfiguração de seu mercado internacional e a continuação da luta contra o bloqueio dos Estados Unidos iriam refletir no PIB da ilha, que sofreu uma queda de 35% das exportações entre 1989 e 1993 e uma derrocada de 75% de suas importações. No entanto, várias medidas foram adotadas ao longo desse decênio para reverter esse quadro desesperador que em 2009 foi possível visualizar uma retomada do crescimento do PIB para 4,7%.



Contribuiu para reversão dos sintomas do Período Especial, uma nova atitude frente aos métodos empregados no campo. Os camponeses cubanos enfrentaram a tarefa de recuperar as práticas tradicionais, pois estas não dependiam de insumos externos. Com a redução da importação dos insumos químicos, instrumentalizou-se sua substituição por produtos locais e, na maioria dos casos, biológicos. Dessa forma, ocorreu uma interação positiva entre o resgate da agricultura camponesa e os avanços tecnológicos alternativos provenientes dos institutos de pesquisa.

O esforço de Cuba por transformar a agricultura concentrou-se, nesta primeira fase na substituição de insumos, como biopesticidas e biofertilizantes, pois são menos nocivos que os produtos químicos. Entretanto, a substituição de insumos não aproveita as vantagens da agroecologia, pois não rompiam a lógica do uso intensivo de insumos e da dependência devido a cortes de energia elétrica, falta de meios de cultivo etc.

Estes insumos alternativos reduzem os graus de contaminação, de toxicidade para os seres humanos e os danos aos ecossistemas. Além do mais, produzi-los não custa muito. Mas, ainda assim, não resolvem os problemas “estruturais” do agroecossistema, como a falta de agrobiodiversidade funcional e de matéria orgânica. Em outras palavras, mantém-se intacta a lógica da monocultura.

Conforme analisou Machín Sosa (2012, p. 54), foi em virtude da “combinação de tradição e modernidade que em Cuba, as famílias cubanas e sua Revolução conseguiram sobreviver aos anos mais difíceis, no começo do Período Especial”. E ainda manifestou que se nesse período as pessoas não comeram como antes, ainda assim comeram. Somente a partir de 1995, observou-se que a maioria dos cubanos não enfrentava reduções drásticas no abastecimento básico de alimentos.

Tal reviravolta nos quadros alimentícios foi possível graças a um fenômeno denominado de “recampenização”, isto é a volta das pessoas para o campo e sua incorporação à agricultura – ou reincorporação, no caso de indivíduos e famílias de

ascendência camponesa – facilitada pelas novas políticas estatais<sup>102</sup>. O Estado favoreceu este processo a partir de 1994, mediante a entrega de terras em usufruto a mais de 140 mil famílias, principalmente para incrementar a produção de alimentos e de outras culturas de interesse econômico para o país, como fumo, café e cacau. Além disso, nos anos de escassez alimentar, comia-se melhor no campo - o que provavelmente também pesou na decisão das famílias ponderarem voltar sua atenção para o campo.

Nas palavras de Machín Sosa (2012, p.57), o Período Especial foi duro, mas houve ganhos para além do reabastecimento da mesa dos cubanos:

Foi uma época em que o povo cubano aumentou seu espírito de resistência, disposto a suportar a escassez e as dificuldades e a seguir em frente. O fortalecimento dos valores socialistas, o fato de compartilhar os problemas e pensar coletivamente as soluções, foram aspectos que marcaram esse período. Como se vê, a necessidade obrigou a utilizar práticas mais ecológicas.

A nova valorização do ambientalismo foi além da agricultura. A relação entre consciência e proteção ambiental, de um lado, e crescimento e desenvolvimento econômico, de outro, não é óbvia. Grande parte dos ambientalistas afirma que tanto o modelo capitalista como o socialista de industrialização e progresso econômico se basearam na depredação do meio ambiente. Os sistemas agrícola e industrial de Cuba apresentaram quase o mesmo descuido ambiental do mundo capitalista (CHOMSKY, p.207).

Em meio a esse conturbado contexto socioeconômico e de revalorização do camponês cubano, no ano de 1999 contemplou-se a inauguração do monumento edificado inspirado pela fotografia de Corrales com o objetivo de render homenagem aos primeiros 12 milicianos de Cuba, exatamente 40 anos depois de terem rendido o cabo Lara. Nesse espaço, fora a estátua de Leandro Malagón (1899-1989),<sup>103</sup> há

---

<sup>102</sup> Para Denise Rosenfeld (2009, p.88) as distintas reformas agrárias contribuíram para o crescimento paulatino de 80% da posse das terras sob controle do Estado. Com efeito, a autora observou certa “voluntad de borrar el campesinado y la supresión de las oposiciones entre el campo y la ciudad”, Cuba então passou, de um período de migração em massa do campo para a cidade. Já no Período Especial, delinea-se uma tendência para um saldo positivo em relação ao retorno ao campo (ROSENFELD, 2009, p.86).

<sup>103</sup> Leandro Rodríguez Malagón, o homem que Fidel incumbiu de reunir e dirigir uma tropa de camponeses para capturar o cabo Lara, nasceu em Peña Blanca, Viñales, província de Pinar del Río, em 13 de fevereiro de 1899. De origem humilde e desde pequeno dedicado aos afazeres do campo, não soube ler ou escrever até o triunfo da Revolução. O contato que Malagón teve com Fidel, ocorreu por intermédio Antonio Núñez Jiménez que em 1954 visitava a região Viñales em busca da Gran Caverna de Santo Tomás. Em 31 de agosto de 1959 Jiménez leva Fidel Castro para visitar a Gran

doze nichos dedicados a cada um dos camponeses que terão assim como o comandante da primeira milícia, seus restos mortais depositados nesses espaços.

*Figura 74 - Estrada para Viñalles: “Si ustedes triunfan, habrá milicias em Cuba”, 2017*



*Fonte: Quiyun Song. Disponível em: <<http://qiuyunsong.com/photography/south-america/cuba/>>, acesso em: 10/08/2017.*

Com o custo de apenas um CUC \$ 1 (R\$ 3,17) por pessoa, os visitantes são recepcionados por um guia que rememora todos os eventos que deram origem à milícia e ao local. Segundo é relatado aos turistas, a estátua foi disposta pra manter o olhar do chefe sempre mirando o norte onde está localizado o imperialismo ianque. A escadaria ao lado, foi projetada para que a água que por ali escorre replique o som de uma metralhadora. Há também um pequeno museu no local onde estão objetos

---

Caverna e também conhecer Leandro Malagón. Ao conhecer o líder cubano, o camponês relatou as violações que ex-militar estaria praticando na região. Em razão disso, Fidel então delegara a Leandro a tarefa de reunir outros onze companheiros da própria região para cumprir a tarefa de captura o cabo Lara. Arregimentada a milícia camponesa, Fidel teria dito a Leandro, poucos instantes antes desse grupo partir, o seguinte: "Ya están listos para cumplir la misión. Tienen tres meses para capturar a esa banda. Si ustedes triunfan, habrá milicias en Cuba". A missão foi cumprida em 18 de outubro de 1959. Desta experiência se materializou a ideia de criar Las Milicias Nacionales Revolucionarias em outubro do mesmo ano. Desde então a esse grupo de camponeses, autores de tal proeza, se lhes conhece como "Los Malagones". Leandro faleceu no dia 24 de novembro de 1989, em sua região natal. Seus restos repousam no monumento de carácter nacional erigida nos arredores da Gran Caverna de Santo Tomás.

que foram utilizados pelos Malagones. Dos doze apenas Juan Quintín Paz Camacho continua com vida.

Segundo a jornalista cubana Mayra García Cardentey (2014), o último dos doze, Juan Camacho (Juanito), vive nos arredores do memorial e desce três vezes ao dia a esse local. Nesta mesma entrevista Juanito recorda como era seu convívio com os demais camponeses mais velhos dentre eles o “*buen y respetuoso Leandro*”, como ele mesmo o define.

Figura 75 - Memorial “Los Malagones”, 2014.



Fonte: Ecured. Disponível em: < [https://www.ecured.cu/Los\\_Malagones](https://www.ecured.cu/Los_Malagones)>, acesso em: 12/08/2017.

No que tange ao episódio heroico dos *Malagones*, Juanito recorda-se como essa trama teve início:

Todos nos conhecíamos por esses contornos, inclusive Lara. Por isso quando veio Fidel, nos encarregou, a um grupo de *guajiros*, de capturá-lo com Leandro a frente. Não havia caverna nem caminho que não soubéssemos, dessa forma era mais fácil estabelecer os possíveis esconderijos... Foi uma marcha incessante. Mais de 15 dias com o uniforme posto, o cheiro nos denunciava a quilômetros (risos). Andávamos sem parar como para dar a entender aos bandidos que estávamos em seus calcanhares; íamos de “fuja de mim que te pego”.

Juanito também revelou como renderam a um dos companheiros de Lara, que segundo conta, foi quem deu a localização do líder da banda e de seus

comparsas: *“Éramos cinco en ese momento, junto con um soldado del Ejército Rebelde que se nos había incorporado. Los demás estaban peinando la zona cercana”*.

Quando o grupo de Juanito se deparara com Lara, os grupos ainda se encontravam separados, mesmo assim decidiram proceder a captura de Lara, pois aquela era a hora que não podiam deixar que escapasse entre seus dedos *“y eso ni de juego”*, explica. Como uma espécie de filme de faroeste descreveu cada detalhe da operação: quando simularam gritos de oficiais para por em funcionamento metralhadoras e morteiros fictícios; o momento em que pensou que haviam matado um de seus companheiros Cruz Camacho Ríos (El Niño), ao ver os mais de vinte disparos que chocaram-se com uma pedra que o protegia; ou a ocasião em que Lara, imaginando que fora do seu esconderijo lhe aguardava uma brigada militar inteira, se entregara aos mesmos homens que conhecia daquela região. *“Yo pensé que era el Ejército... Si sé que son ustedes, no me rindo”*, recorda que disse o bandido.

Posteriormente a captura, os 12 Malagones foram recebidos sob cerimônias militares em Havana. Juanito relembra que neste ato *“estaban Fidel, Raúl, Camilo”*, mas toda a pompa do cerimonial parece não lhes ter agradado, conforme indicou *“¿Cómo los héroes de la Sierra nos iban a rendir honores? Pero Camilo nos dijo que así debía ser”*.

Da criação das milícias anunciou que *“ese es mi gran orgullo. Las Milicias demostraron su eficacia en Girón, en la lucha contra bandidos, y hasta en las misiones internacionalistas en África, muchos de quienes combatieron allí eran milicianos”*. Juanito ainda se integrou a uma unidade de luta contra bandidos, donde se desempenhou como chefe de operações até 1965, quando o último foco contrarrevolucionário foi subjugado.

Figura 77 À esquerda a fotografia de Raúl Corrales sem cortes, no centro pedras com os nomes dos malagones entalhas e à direita uma homenagem com a bandeira nacional.



Fonte: Rádio Guamá. Disponível em: <  
[http://www.rguama.icrt.cu/index.php?option=com\\_content&view=article&id=8162&catid=43&Itemid=179&lang=es](http://www.rguama.icrt.cu/index.php?option=com_content&view=article&id=8162&catid=43&Itemid=179&lang=es)>, acesso em: 23/10/2017.

Figura 76 - Lugar onde estão guardados os objetos pessoais do malagones: medalhas, armas, uniformes e instrumentos utilizados na campanha.



Fonte: Rádio Guamá. Disponível em: <  
[http://www.rguama.icrt.cu/index.php?option=com\\_content&view=article&id=8162&catid=43&Itemid=179&lang=es](http://www.rguama.icrt.cu/index.php?option=com_content&view=article&id=8162&catid=43&Itemid=179&lang=es)>, acesso em: 23/10/2017.

Figura 78 - Ao pé do monumento a frase que Fidel teria se dirigido à Leandro: "Malagón, si ustedes triunfan habra milicias en Cuba".



Fonte: Rádio Guamá. Disponível em: <  
[http://www.rguama.icrt.cu/index.php?option=com\\_content&view=article&id=8162&catid=43&Itemid=179&lang=es](http://www.rguama.icrt.cu/index.php?option=com_content&view=article&id=8162&catid=43&Itemid=179&lang=es)>, acesso em: 23/10/2017.

### 10.5.2. Bodas de ouro dos *Malagones*: Selo comemorativo dos 50 anos do primeiro grupo de milicianos

No ano de 2009 os correios cubanos lançaram um selo comemorativo em homenagem aos 50 anos da formação da primeira milícia cubana e, novamente vemos a fotografia de Raúl Corrales em ação, desta vez num tamanho que cabe na palma da mão (fig. 79). Coincidentemente, nesse mesmo ano, Cuba demonstrou certa melhora na economia graças ao apoio popular e às medidas adotadas pelo governo. Todavia notamos que tanto o monumento quanto o selo comemorativo são conforme o historiador francês Pierre Nora (1993, p. 12), instrumentos de comemoração, moldados conscientemente segundo necessidades e especificidades na esfera do político.

No entender do autor, os lugares da memória (*lieux de mémoire*) nascem e vivem do sentimento de que não há mais memória espontânea<sup>104</sup>. Nora entende que

<sup>104</sup> De acordo com Nora (1993, p.13), as comemorações são, por excelência, gestos que demarcam os “lugares da memória” (*lieux de mémoire*), um conceito que sintetiza as relações entre a história e a memória. Embora a obra verse sobre os lugares da memória no contexto da história francesa e no

os mecanismos de memória (arquivos, aniversários, celebrações, etc.) são operações conscientes.

*Figura 79 - 50 ANIV. DE LA CONSTITUCIÓN DEL PRIMER GRUPO DE MILICIANOS "LOS MALAGONES". Correos, 2009.*



*Fonte: Filatelia de La Habana. Disponível em: < <http://filateliadelahabana.com/en/home/5918-20099-cuba-2009-mnh-50-aniv-del-primer-grupo-de-milicianos-los-malagones-militia-army.html>>, acesso em: 27/10/2017.*

Há anos a câmera fotográfica tem acompanhado e comprovado a trajetória de conquistas da humanidade, isto é, desde os primeiros registros com a invenção do daguerreotipo, à cobertura das guerras até a primeira pegada humana na lua. Para Boris Kossoy, “o fragmento da realidade gravado na fotografia representa o congelamento do gesto e da paisagem, e, portanto, a perpetuação de um momento, em outras palavras, da memória”.

Para Kossoy, fotografia e memória são um único ser dotado de informações e emoção. “Memória visual do mundo físico e natural, da vida individual e social. Registro que cristaliza, enquanto dura, a imagem – escolhida e refletida – de uma ínfima porção de espaço do mundo exterior”. Por fim, ela ainda é um estímulo à lembrança, a reconstituição, a imaginação (KOSSOY, p.156). Portanto, vemos operar mais uma vez, de acordo com cada contexto histórico cubano, tal estímulo à lembrança de modo consciente correlato a uma tentativa de imputar, ou melhor,

---

âmbito da nação, em sua discussão teórica há algumas indicações que nos são úteis para pensar o sentido das comemorações – no caso, o selo de comemoração dos 50 anos da criação da primeira milícia – Los Malagones e o monumento também em sua memória.



reavivar um imaginário coletivo no qual visa rememorar o sacrifício, a astúcia e a prontidão que aqueles doze homens responderam ao chamado de Fidel. Tal qual os *Malagones*, a sociedade cubana foi e ainda é instigada a se espelhar no seu modelo exemplar de revolucionários.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como principal meta dessa dissertação, compreender os imaginários criados sobre os camponeses cubanos a partir da análise das fotografias no *Revolución* e no *Campo de Revolución*, outros temas análogos também foram contemplados como o fotojornalismo cubano, reapropriações de fotografias na posteridade e as funções que elas possuíam tanto nos periódicos quanto na Revolução em si. Por sua vez, a hipótese que nos guiou, entendia que as fotografias nos periódicos contribuíram em grande parte no processo de moldagem de imaginários sobre o *ser* camponês conforme os desdobramentos e necessidades históricas do período, ao passo que cooperavam na condução das ações do governo revolucionário.

Para darmos cabo desses objetivos, primeiramente nos deparamos com a necessidade de conferir como a historiografia, sobretudo cubana, apreendeu o processo revolucionário e como ela definia a população camponesa. Em decorrência disso, de um lado encontramos algumas obras enviesadas por um caráter mistificador de figuras políticas e de acontecimentos e do outro, pesquisas de natureza mais crítica.

Conforme o exposto, essa historiografia “mítica” que durante muito tempo enalteceu a *Sierra Maestra*, e, que ocultou a participação de outros grupos na luta contra a ditadura de Fulgencio Batista, alçou os camponeses cubanos da *Sierra* como os principais responsáveis pelo processo de conscientização dos rebeldes, considerado como crucial no processo insurrecional. Ademais, nesta fase da luta de guerrilha, os camponeses receberam outros atributos como: personagens acalentadores em momentos de dificuldade dos insurgentes e de soldados de “corpos ideais” e resistentes, ou seja, guerrilheiros natos.

Para explorarmos os periódicos e o papel da fotografia dentro de cada um, empreendemos uma imersão no contexto de seu surgimento e em seguida sua esfera organizacional. *Revolución* surgiu na *Sierra Maestra* sob chefia de Carlos Franqui e tinha como objetivo primeiro, conclamar uma ampla gama de setores da sociedade a se engajarem no processo revolucionário ao mesmo tempo em que rebatia as acusações dos meios de comunicação submetidos ao controle de Batista. Aliás, verificamos que mesmo na clandestinidade, e com todas as dificuldades inerentes ao contexto, o periódico não dispensou o uso de fotografias em suas matérias.

Com o triunfo em 1959, *Revolución* expandiu-se de inúmeras maneiras, inclusive organicamente a ponto de gerar suplementos como o *Lunes de Revolución* e o *Campo de Revolución*. No caso deste último, também fora contemplado ao longo da dissertação, pois visava um público específico, isto é, o camponês cubano. Averiguamos também certo tratamento especial do jornal com este segmento social, uma vez que outros setores sociais não receberam o mesmo destaque. Ademais de educador e defensor da causa camponesa, percebemos que dentre os vários conteúdos analisados no *Campo*, parte deles tendem a uma integração entre o campo e cidade.

A segunda parte desse estudo dedicou-se inicialmente à contextualização do lugar da fotografia em Cuba, desde o século XIX, com a fotografia de guerra ao estilo Roger Fenton, até a fotografia “épica” nos 1960.

Para alguns autores a “épica” não seria mais que uma mera reprodutora visual do discurso verbal dos líderes do governo. Em termos estéticos, a figura masculina, em sua maioria, teria ares de romantismo e mistério ao passo que os líderes do governo seriam esculpidos de modo a diluir as divisões entre a classe política e as pessoas comuns. No entanto, percebemos que essa lógica da “épica” também se estendeu para os demais setores da sociedade como: operários, políticos e camponeses.

Como pudemos perceber, a fotografia na Revolução tivera uma importância não apenas para os meios de comunicação e seus leitores, mas principalmente para o governo revolucionário, pois do ponto de vista do poder, a fotografia encaixava-se perfeitamente aos seus objetivos de ampliar e disseminar ao máximo seus ideais, por conta da sua aura de veracidade e poder de convencimento.

Depois de mergulharmos no contexto histórico e fotográfico cubano, passamos para a sondagem dos periódicos em si e observamos que no decorrer do triênio estudado a quantidade de páginas e fotografias variavam segundo a magnitude dos eventos do cotidiano ou de acordo com datas comemorativas. Além disso, tomamos conhecimento de uma fecunda quantidade de fotografias - humanamente impossível de ser totalmente trabalhada por uma única pessoa em tão pouco tempo o que também justifica nossa escolha pela abordagem do camponês -, que outorgam um vasto horizonte de possibilidades de pesquisa científica.

Comparativamente, *Revolución* e *Campo de Revolución* possuíam propostas organizacionais e estéticas divergentes, enquanto o primeiro adotou

padrões básicos de um jornal diário; o segundo aproximava-se mais de uma revista. O principal ponto em que dialogavam eram as fotografias de camponeses.

A análise da distribuição espacial das fotografias em *Revolución* e *Campo*, permitiu-nos conhecer a existência de zonas de preferência nos mesmos. A partir dos dados coletados, verificamos que havia dinamicidade e rigor na escolha dos locais onde iriam as fotografias. Tais regiões propiciavam assim um aumento considerável das chances dos leitores se depararem com alguma fotografia alusiva à causa camponesa.

Em linhas gerais, percebemos que a organização visual das fotografias tanto no *Revolución* quanto no *Campo de Revolución*, inviabilizava que seus leitores caíssem numa rotina monótona e aborrecedora, ou seja, cada página era um desafio diferente para seus olhares, logo cada exemplar demandava uma interação visual ágil e dinâmica do seu receptor.

No quesito formato da expressividade fotográfica, vimos que no *Revolución* predominaram fotografias do tipo retrato, retangular vertical, pequenas – o que garantia mais fotos por página e destaque ao texto escrito –, posadas ou instantâneas, com predileção pelo registro durante o dia e, por último, ênfase no máximo de elementos capturados. Por seu turno, os resultados obtidos de *Campo* revelam, alguns pontos comuns ao jornal, como a superioridade de fotos no formato retangular vertical, a opção pela captura de fotos durante o dia e todos os elementos focalizados. Já no que tange o tamanho e o tipo de registro, notamos divergências com relação ao jornal. No primeiro caso, reparou-se que fotos de porte médio quase se equipararam a quantidade de fotos pequenas, algo bastante distinto do *Revolución* onde predominaram imagens de pequeno formato. Quanto ao tipo de registro, fotos de tipo instantânea tiveram maior destaque.

Examinadas geograficamente, as fotografias no *Revolución* se concentraram em demasia nas províncias de *Oriente* e *La Habana*. Situação essa, um pouco dessemelhante ao suplemento que tivera outras *Oriente*, *Las Villas* e *Pinar del Río*. Não obstante, todo o território cubano tivera algum registro fotográfico de camponeses.

Em sincronia com a observação das fotografias, demos atenção às suas legendas e topamos com uma porcentagem considerável de instantâneas que não reuniam informações caras e básicas para o fotojornalismo como local dos registros e os fotógrafos. À vista disso, pensamos que as legendas detinham uma função

secundária em ambos os periódicos, uma vez que não eram padronizadas, não detinham informações básicas e em algumas ocasiões, seu conteúdo divergia tanto da fotografia quanto da matéria ao qual estava atrelada.

Para cumprirmos com o objetivo de averiguar quais foram os colaboradores dos periódicos, o levantamento serial levou-nos a perceber certa heterogeneidade que perfazia suas fileiras. Portanto, cremos que os vários olhares propiciaram “leituras ópticas” da situação camponesa de modo diferenciado, contrariando assim alguns autores que afirmaram que todas as fotografias desse período fossem puramente reprodutoras do discurso verbal.

Constatamos que alguns registros fotográficos, flertaram na construção imagética de entidades revolucionárias quase divinas, como o caso de Camilo Cienfuegos, exposto como um semi-Cristo camponês. Percebeu-se também que gradativamente a Revolução eliminava a condição cultural e ideológica que vigorou durante anos por meio de recursos histórico-simbólicos cujo escopo era penetrar nos corações e mentes de cada cidadão cubano e com isso solidificar-se como poder legítimo. Por sua vez, ao redor de figuras políticas o camponês divide essas cenas no anonimato como coadjuvante e auxiliador.

Os momentos em que os camponeses eram o centro das atenções, encontramos em manifestações de massa como observado na "*Gran Concentración Campesina*" em 26 de julho de 1959, onde cerca de um milhão de *guajiros* se concentraram na Plaza Cívica. Grandiosidade e união eram as mensagens emanadas das fotos desse evento, não apenas entre os camponeses, mas também com os cidadãos urbanos. Essa era uma estratégia de integração nacional, uma tentativa de unir dois segmentos sociais historicamente e socialmente cindidos. Fazer com que a população urbana tivesse um contato direto com os camponeses daria também uma dose de conscientização que os guerrilheiros tiveram na *Sierra Maestra*, ou seja, o imaginário que por anos fora alimentado do campo para a cidade e vice-versa cairia por terra e se fundiriam numa única comunidade real.

No tratamento com as fontes, descobrimos que algumas fotografias passaram por um processo de manipulação com o objetivo de instigar o leitor, sobretudo urbano, a refletir sobre os eventos daquele momento histórico, conscientizá-lo sobre as condições de vida no campo e convidá-lo a participar ativamente daquele processo de mudanças.

Constatou-se que os fotógrafos utilizavam vários ângulos, em especial o *contre-plongée*, para engrandecer os camponeses, além disto, optavam por registros que tivessem o maior número de pessoas possível e, isso nos parece estar diretamente atrelado aos assuntos referentes à “Trabalho”, “Reforma Agrária”, “Manifestação” e “Política”, pois agregam grandes conglomerados de camponeses. No entanto, também houve destaque no discurso fotográfico do jornal, para o individual, embora em menor escala.

Por sua vez, em *Campo* topamos com uma inversão de papéis, onde um único sujeito por foto sobrepujava fotografias com mais de cinco pessoas. Sendo assim, esses projetos fotográficos, num primeiro momento antagônicos - de um lado o jornal, que atendia a vários leitores de segmentos sociais variados, que enfatizava o coletivo e do outro o suplemento, com público-alvo direcionado, realçou os indivíduos -, agiriam de fato como complementares.

No final da segunda parte desse estudo, o camponês anônimo, abnegado e companheiro dos rebeldes passava a ter sua face amplamente reconhecida como um sujeito em idade adulta, carregado simbolicamente pelo novo e responsável pela motricidade das mudanças socioeconômicas no país. Em razão disso, compreendemos também que tal atenção desmesurada para os adultos, caberia dentro de uma lógica de estímulo do leitor à entrega ao trabalho, seu apoio à reforma agrária, sua mobilização massiva nas manifestações, comemorações e etc. que fariam parte do processo de mudança.

A condição do negro nas fontes nos levou à tentativa de compreensão do espaço lhe fora relegado tanto na história da fotografia cubana quanto nas fontes consultadas. Vimos que da situação de “inexistência” no século XIX, passando pela marginalidade em zonas urbanas, a década de 1960 deu-lhe visibilidade sem marcá-lo por sua condição racial, mas fora diluído em meio ao popular. Aliás, nos deparamos com uma carência de estudos que considerem os registros fotográficos de negros residentes em áreas rurais.

No caso desta investigação, reparamos na hegemonia de pessoas brancas no *Revolución* e no *Campo de Revolución*. Cabe destacarmos que essa relação poderia ser diferente por conta da qualidade do material consultado, que prejudicou numa distinção mais precisa e, por isso, em ambos os casos a margem de pessoas não identificadas fora alta.

Reformas estruturais como: criação de oportunidades econômicas para as mulheres e socialização de tarefas que antes eram delegadas exclusivamente para o público feminino, foram alguns dos esforços da Revolução em tentar vencer a desigualdade entre os gêneros. Contudo, a nível fotográfico, esse aspecto não fora a princípio contemplado pelos fotógrafos e pelos periódicos, que no caso reforçavam os papéis que se esperava serem desempenhados pelo núcleo familiar rural: para as mulheres o cuidado com os afazeres domésticos e a educação dos filhos, enquanto para os homens caberia o trabalho com a terra e o fuzil, quando necessário.

Na terceira parte do trabalho, tratamos de compreender qualitativamente algumas fotografias e reportagens que se destacaram. Logo, nos defrontamos com fotografias que reforçavam lugares sociais no espaço doméstico da vida camponesa, por exemplo, ao homem do campo o trabalho braçal, à figura materna os cuidados com os afazeres domésticos e dos filhos.

Adjacentes às figuras políticas como Fidel Castro, Raúl Castro, Camilo Cienfuegos, Che Guevara entre outros, a população rural foi registrada em posição de igualdade com aqueles. Ambos se fortaleciam mutuamente, mas em proporções distintas uma vez que alçavam a ideia de líderes que estariam próximos dos camponeses, logo tinham mais peso na esfera nacional.

Entretanto, esses registros não ficaram ancorados somente ao calor dos eventos cotidianos, constatamos que em algumas ocasiões o fotojornalismo conceituado por Jorge Pedro Sousa como *strictu sensu* adquiria um viés documentalista tal qual na entrevista com o camponês Pepe Prades do Realengo 18, transformado em símbolo de resistência, apoiador do governo revolucionário e de suas ações. Essa natureza documental, similar ao trabalho da FSA, fora percebido nas edições de *Revolución* entre os meses de janeiro a abril de 1959 com o objetivo de manter viva uma memória das condições de miséria da zona rural. Presumimos que isso fizesse parte de uma estratégia para criar empatia do leitor, principalmente das camadas urbanas, às condições de vida dos camponeses e num momento histórico em que era colocado como urgente a sanção da reforma agrária.

No decorrer dos meses, as fotografias transmitem uma pluralidade no trabalho do campo. Se no início de 1959 a figura feminina encontrava-se confinada dentro de casa, em *Campo* ela foi apresentada como alguém tão capaz quanto os homens de fazer serviços "*más fuertes*" ainda que isso viesse com uma entonação de

surpresa. Vê-se certa mudança no enfoque para as camponesas e uma tentativa de incluí-las em outros trabalhos além do doméstico.

O discurso fotográfico revelou que todos possuíam espaço para o trabalho no campo desde a semeadura até a confecção de caixas onde iriam frutas e legumes. Paralelamente a isso, o coletivo passou a se sobressair aos individuais e nessa atitude vimos que acepções de harmonia e organização se fortaleciam nas lentes dos fotógrafos.

Do júbilo estampado nos rostos dos camponeses após os primeiros frutos colhidos, *Revolución* cedeu espaço para fotografias de ataques às plantações de cana-de-açúcar em seu país e ao sofrimento de famílias camponesas prejudicadas pelos ataques.

Naquele momento Cuba encontrava-se num sério impasse: manter a produção de cana-de-açúcar e ao mesmo tempo defender-se dos ataques externos. Em virtude disso, a solução encontrada conduziu camponeses adultos a abandonarem temporariamente os arados para empunharem armas e engrossar as fileiras das milícias. Com isso, coube às mulheres, organizações sociais, e até mesmo crianças das mais diversas idades, o fardo de cuidar de todo o processo de fabrico do açúcar.

Com efeito, dadas as necessidades da Revolução, o ambiente de trabalho do campo fotograficamente masculinizado transformou-se em espaço ocupado por mulheres, que em nada perdiam a nível de rendimento para os homens.

Nesse sinuoso trajeto das fotografias referentes ao tema da reforma agrária, notamos a mutabilidade dos assuntos iniciados como exposição da miséria dos camponeses antes da Revolução e finalizando com a convocação da população a cooperar com a primeira safra popular. Além do mais, as mensagens subjacentes transmitidas pelas fotografias estão embutidas de entrega patriótica, dedicação em prol da construção de uma sociedade cubana livre e soberana e de explicitação dos inimigos desse projeto.

A respeito da Campanha de Alfabetização, verificamos que projetos do governo eram constantemente readaptados às adversidades. Se intencional ou de improviso, o que compreendemos é que mais uma vez o governo cubano tentou colocar a sociedade como principal agente das mudanças dos próprios quadros sociais.



Os depoimentos de agentes que cooperaram na Campanha nos revelaram um universo mais complexo do processo de alfabetização dos cubanos. Logo, a necessidade de escolarização não era uma bandeira comum em todo o território cubano. Se em alguns locais a escola e o ensino básico vieram como reivindicação popular, em outros casos estas necessidades precisaram de um processo de convencimento. E, diga-se de passagem, mesmo durante sua execução, apesar dos esforços empreendidos e da valiosa experiência acumulada durante o trabalho, houve muitas dificuldades até o cumprimento de seus objetivos.

Enquanto isso, fotograficamente falando, prevaleceram registros de voluntários nacionais ou não concentrados, camponeses de todas as idades, gênero e etnia esforçados e felizes por conhecerem as primeiras letras, como exemplo de disciplina e entrega, fosse em quais situações e disposição de local as aulas eram dadas desde que houvesse um teto sobre suas cabeças. As fotos revelavam concentração, envolvimento dos camponeses e esperança de um novo futuro a frente.

Percebemos que a Campanha de Alfabetização envolveu perigos para os brigadistas. As agressões contra Cuba, também modificaram a rota de representação da Campanha se num primeiro momento os fotógrafos captavam famílias camponesas no íntimo dos seus lares diante da presença de um(a) jovem brigadista ensinando-lhes as letras com a cartilha em mãos em perfeita harmonia, esse cenário foi substituído em maio de 1961 por um perfil militarizado da Campanha, cujo mote era: “estudo, trabalho e fuzil”. Portanto ao camponês lhe foi acrescido outro elemento imagético que dividiu suas atividades entre o trabalho com a terra, a defesa da Revolução com o fuzil e a batalha contra o analfabetismo com um lápis e uma cartilha.

Ao ímpeto da juventude revolucionária em corrigir os erros de um passado abandonado soma-se a ideia de construção de uma sociedade modelar para os demais países, sobretudo, latino-americanos que padeciam de escolaridade básica para seus cidadãos. O exemplo do esforço cubano deveria ser como um farol que iluminava em meio as trevas.

A redução do analfabetismo em Cuba não fora o único ganho dessa Campanha. Conforme observado em algumas fotografias e depoimentos de participantes diretos. Os agentes que se envolveram na missão de alfabetizar, aprenderam sobre as dificuldades da vida no campo, souberam conviver com as diferenças e adversidades de seus alunos e principalmente influenciou a mentalidade de toda uma geração. Vale ressaltar que se, por um lado, a Campanha impulsionou

a Revolução, ajudando na conquista de hegemonia para o processo revolucionário, por outro lado, uma Campanha com essas dimensões dificilmente teria eficácia semelhante em uma sociedade que não estivesse vivendo uma conjuntura revolucionária à altura.

Constatamos que algumas fotografias devido à sua iconicidade e carga simbólica foram reapropriadas nos mais diferentes contextos temporais e espaciais. Ademais, foram ressignificadas segundo as necessidades dos seus manipuladores, muitas vezes manejadas sem o devido cuidado que mereciam como menção ao fotografo original, ao contexto em que fora registrada e etc. Tal qual a fotografia analisada de Raúl Corrales intitulada *Los Malagones*, que obtivera seu valor semântico revitalizado em quatro momentos ao longo da Revolução: a) no convite à defesa da Revolução com armas em punho para combater seus inimigos publicado no *Revolución*; b) passando pela mitificação no *Campo de Revolución*; c) transformada em pedra nos anos 1990, durante o período conhecido como “Período Especial em Tempos de Paz” e d) no selo comemorativo de 50 anos da criação das milícias camponesas. Portanto, vemos operar mais uma vez, de acordo com cada contexto histórico cubano, tal estímulo à lembrança de modo consciente correlato a uma tentativa de imputar, ou melhor, reavivar um imaginário coletivo no qual visa rememorar o sacrifício, a astúcia e a prontidão que aqueles doze homens responderam ao chamado de Fidel. Tal qual os *Malagones* a sociedade cubana foi e ainda é instigada a se espelhar no seu modelo exemplar de revolucionários.

De certa maneira, a história visual criada sobre os camponeses cubanos caminha lado a lado com a historiografia oficial produzida após o triunfo e que tivemos acesso durante a pesquisa. Porém, é importante salientar-mos que o processo de construção daquela não foi retilíneo, pois estava sujeita aos desdobramentos sócio-históricos conjuntamente com a subjetividade do olhar dos fotógrafos (de origem camponesa) que atuavam decisivamente nessa empresa e a palavra final dos editores.

O tratamento desse *corpus* fotográfico permitiu-nos observar que a moldagem desse imaginário não fora unívoca ou rígida, pois a realidade histórica vivida intensamente pelos cubanos nos primeiros três anos tornou-a flexível. Além disso, a metodologia empregada na análise das fotografias permitiu-nos discutir outros assuntos inerentes ao universo rural cubano.

Por fim, ao falar-se de Cuba e sua história, assim como em qualquer país, é imprescindível considerarmos sua complexidade e diversidade. Em vista disso, acreditamos que a história desses sessenta anos de Revolução pode (e deve) ser (re)visitada e compreendida por diversos ângulos e interpretações.

## FONTES

CAMERAPEDIA. Disponível em: < [http://camerapedia.wikia.com/wiki/Kodak\\_Baby\\_Brownie](http://camerapedia.wikia.com/wiki/Kodak_Baby_Brownie) >, acesso em: 15/07/2017.

CASTRO, Fidel. Bilhete a Célia Sanchez, Sierra Maestra, junio 5, 1958. In Núñez Jiménez, 1973, p. 17.

\_\_\_\_\_. Discurso pronunciado por el comandante fidel castro ruz, primer ministro del gobierno revolucionario, en ciudad libertad, el 31 de diciembre de 1960. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f311260e.html>>. Acesso em: 28 de mai de 2018.

\_\_\_\_\_. Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del gobierno revolucionario, en el acto de graduación de los maestros voluntarios, efectuado en el teatro de la CTC revolucionaria, el 23 de enero de 1961. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f230161e.html>>.

\_\_\_\_\_. Discurso pronunciado en las honras fúnebres de las víctimas del bombardeo a distintos puntos de la república, efectuado en 23 y 12, frente al cementerio de Colón, el día 16 de abril de 1961. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f160461e.html>>. Acesso em: 24 de abr. de 2018.

\_\_\_\_\_. Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del gobierno revolucionario, en el parque central de melena del sur, primer territorio municipal libre de analfabetismo, el 8 de noviembre de 1961. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f081161e.html>>. Acesso em: 04 de jun. de 2018.

CAMPO DE REVOLUCIÓN, ano 1, n. 4, 25/10/1959, p. 1<sup>105</sup>.

\_\_\_\_\_, ano 1, n. 2, 10/10/1959, p. 2-3.

\_\_\_\_\_, ano 1, n. 2, 10/10/1959, p. 13.

\_\_\_\_\_, ano 1, n. 2, 10/10/1959, p. 14.

\_\_\_\_\_, ano 1, n. 2, 10/10/1959, p. 18.

\_\_\_\_\_, ano 1, n. 3, 17/10/1959, p.9.

\_\_\_\_\_, ano 1, n. 3, 17/10/1959, p.15.

\_\_\_\_\_, ano 1, n. 4, 25/10/1959, p. 2.

\_\_\_\_\_, ano 1, n. 4, 25/10/1959, p.14.

ESTANTE VIRTUAL. Disponível em: < <https://www.estantevirtual.com.br/livros/carlos-alberto-torres/a-politica-da-educacao-nao-formal-na-america-latina/1186194545> >. Acesso em: 28 de maio de 2018.

<sup>105</sup> *Campo de Revolución e Revolución*, estão disponíveis para acesso no Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa - Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Unesp.

FIDEL Castro la historia no contada. Documental de Estela Bravo emitido en TVE2 Año 2001. 1 hora 31 minutos.

FILATELIA DE LA HABANA. Disponível em: < <http://filateliadelahabana.com/en/home/5918-20099-cuba-2009-mnh-50-aniv-del-primer-grupo-de-milicianos-los-malagones-militia-army.html>>, acesso em: 27/10/2017.

IMPULSOINFORMATIVO.NET. Disponível em: < <http://impulsoinformativo.net/2015/05/18/felicidades-a-todos-aquellos-que-son-maestritos-de-pueblo/>>. Acesso em: 28 de maio de 2018.

PERFECTO Romero: fotógrafo de la Revolución. Dirección: Raymundo Reynoso. Produção: AMATE, Agencia de Medios Alternativos y Taller Editorial. México/Cuba, 2016. Documentário, 60min. Disponível em:<[https://archive.org/details/Romero\\_Fotografo\\_CUBA\\_-\\_10marzo\\_RV-3-2016](https://archive.org/details/Romero_Fotografo_CUBA_-_10marzo_RV-3-2016)>. Acesso em: 15 de abril de 2017.

QUIYUN SONG. Disponível em: <<http://qiuyunsong.com/photography/south-america/cuba/>>, acesso em: 10/08/2017.

RÁDIO GUAMÁ. Disponível em: < [http://www.rguama.icrt.cu/index.php?option=com\\_content&view=article&id=8162&catid=43&Itemid=179&lang=es](http://www.rguama.icrt.cu/index.php?option=com_content&view=article&id=8162&catid=43&Itemid=179&lang=es)>, acesso em: 23/10/2017.

RETAMAR, Roberto Fernández. Cuba la fotografía de los años 60, Cuba: Fototeca de Cuba, p. 24, 1988.

\_\_\_\_\_. Cuba la fotografía de los años 60, Cuba: Fototeca de Cuba, p. 27, 1988.

\_\_\_\_\_. Cuba la fotografía de los años 60, Cuba: Fototeca de Cuba, p. 70, 1988.

REVOLUCIÓN, s.n., ano 1, 07/1957, p.1.

\_\_\_\_\_, s.n., ano 1, 07/1957, p. 6.

\_\_\_\_\_, s.n., ano 1, 07/1957, p. 7.

\_\_\_\_\_, ano 2, n. 12, 26/07/1958, p. 12.

\_\_\_\_\_, ano 2, n. 20, 20/10/1958, p.1.

\_\_\_\_\_, ano 2, n. 20, 20/10/1958, p. 2.

\_\_\_\_\_, ano 2, n. 25, 04/01/1959, p. 4.

\_\_\_\_\_, ano 2, n. 28, 07/01/1959, p. 2.

\_\_\_\_\_, ano 2, n.33, 13/01/1959, p. 3.

\_\_\_\_\_, ano 2, n. 43, 24/01/1959, p.8.

\_\_\_\_\_, ano 2, n.55, 07/02/1959, p. 9.

- \_\_\_\_\_, ano 2, n. 55, 07/02/1959, p. 16.
- \_\_\_\_\_, ano 2, n. 58, 11/02/1959, p. 15.
- \_\_\_\_\_, ano 2, n. 60, 13/02/ 1959, p. 7.
- \_\_\_\_\_, ano 2, n. 72, 28/02/1959, p. 14.
- \_\_\_\_\_, ano 2, n. 80, 10/03/1959, p. 16.
- \_\_\_\_\_, ano 2, n. 90, 21/03/1959, p. 11.
- \_\_\_\_\_, ano 2, nº 103, 06/04/1959, p. 12.
- \_\_\_\_\_, ano 2, nº 108, 11/04/1959, p. 14.
- \_\_\_\_\_, ano 2, n. 115, 20/04/1959, p. 13.
- \_\_\_\_\_, ano 2, n. 138, 18/05/1959, p. 12.
- \_\_\_\_\_, ano 2, n. 173, 29/06/1959, p. 12.
- \_\_\_\_\_, ano 2, n. 182, 09/07/1959, p. 01.
- \_\_\_\_\_, ano 2, n. 224, 27/08/1959, p.19
- \_\_\_\_\_, ano 2, n. 252, 29/09/1959, p. 20.
- \_\_\_\_\_, ano 2, n. 270, 20/10/1959, p. 18.
- \_\_\_\_\_, ano 2, n. 305, 30/11/1959, p. 23.
- \_\_\_\_\_, ano 3, n. 333, 05/01/1960, p. 18.
- \_\_\_\_\_, ano 3, n. 386, 08/03/1960, p. 01
- \_\_\_\_\_, ano 3, n. 381, 02/03/1960, p. 01.
- \_\_\_\_\_, ano 3, n. 396, 19/03/1960, p. 01.
- \_\_\_\_\_, ano 3, n. 396, 19/03/1960, p. 18.
- \_\_\_\_\_, ano 3, n. 408, 02/04/1960, p. 06.
- \_\_\_\_\_, ano 3, nº 408, 02/04/1960, p. 18.
- \_\_\_\_\_, ano 3, n. 444, 16/05/1960, p.38.
- \_\_\_\_\_, ano 3, n. 485, 04/07/1960, p. 21.
- \_\_\_\_\_, ano 3, n. 533, 30/08/1960, p. 08
- \_\_\_\_\_, ano 3, n. 643, 07/01/1961, p. 10.

\_\_\_\_\_, ano 4, n.728, 08/04/1961, p. 05

\_\_\_\_\_, ano 4, n. 733, 13/04/1961, p. 13.

\_\_\_\_\_, ano 4, n.761, 11/05/1961, p. 16.

\_\_\_\_\_, ano 4, n.767, 17/05/1961, p. 16.

THE CUBAN HISTORY. Disponível em: <<http://www.thecubanhistory.com/2016/07/jose-de-la-luz-y-caballero-philosopher-scholar-jose-de-la-luz-y-caballero-filosofo-e-intelectual/>>. Acesso em: 28 de maio de 2018.

## BIBLIOGRAFIA

ALONSO RODRÍGUEZ, Giselle. *La música campesina en la cultura popular del municipio de Las Tunas*, en Contribuciones a las Ciencias Sociales, julio 2011, Disponível em: <[www.eumed.net/rev/cccss/13/](http://www.eumed.net/rev/cccss/13/)>. Acesso em 13 de out. de 2017.

AMADOR, Iliana Cepero. Mythes et réalités: la photographie cubaine des années 1960 et 1970. In: Musée des beaux-arts de Montréal. *Cuba: Art et histoire de 1868 à nos jours*. Paris: Éditions Hazan, 2008, p. 232-250.

ARBOLEYA, Jesus. *La contrarrevolucion cubana*. Editorial de Ciencias Sociales. La Habana, 2000.

ARCE-RODRÍGUEZ, Mercedes Beatriz. La mujer en la agricultura cubana: Recuperación de una experiencia. *Ra Ximhai*, Mochicahui, v. 8, p. 127-139, jan- abr. 2012.

ARICÓ, José. O marxismo latino-americano nos anos da Terceira Internacional. In: HOBBSAWM, Eric (org.) *História do Marxismo*. O Marxismo na época da Terceira Internacional: o Novo capitalismo, o Imperialismo, o Terceiro mundo (Rio de Janeiro: Paz e Terra) Vol. 8. 1987.

AYERBE, Luis Fernando. *A Revolução Cubana*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: *Leach*, Edmund et Alii. *Anthropos-Homem*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BAMBIRRA, Vania. *La revolucion cubana: una reinterpretacion*. México: Nuestro Tiempo, 1974.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *De Martí a Fidel: A Revolução Cubana e a América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Lisboa: Edições 70, 2015.

\_\_\_\_\_. El mensaje fotográfico. In: *Cuadernos de Cine Documental 10 se diseñó en y se imprimió en Docuprint SA*, Bs. As., Argentina, junio 2016.

BENJAMIN, Walter. Pequeña historia de la fotografía. In: *Discursos interrumpidos I*. Madrid: Taurus, 1987, p. 14-60.

BOURDIEU, Pierre; BOURDIEU, Marie-Claire. O camponês e a fotografia. *Rev. Sociol. Polit.*, Curitiba, n. 26, p. 31-39, June 2006. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-44782006000100004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782006000100004&lng=en&nrm=iso)>. access on 15 July 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-44782006000100004>.

BORGES, Maria Elisa Linhares. *História & fotografia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

BOSQUE, Juan Almeida. *Prisão*. São Paulo: Edições Mandacaru, 1989.

BUSETTO, Áureo. A mídia brasileira como objeto da história política: perspectivas teóricas e fontes. In: SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti et. al. (Org.). *Dimensões da política na historiografia*. Campinas: Pontes, 2008, p. 9-23.

BUSTO, Ernesto Hernández. El imaginario revolucionario: Historia de una fotografía. *Letras Libres*. México, 31 de jan. 2009. Disponível em: <<http://www.letraslibres.com/mexico/el-imaginario-revolucionario-historia-una-fotografia>>, Acesso em: 28 de out. de 2017.

CALEGARI, Ana Paula. C.. A formação da contrarrevolução cubana em 1959. In: V Simpósio Internacional Lutas Sociais na América Latina, 2013, Londrina. *Anais do V Simpósio Internacional Lutas Sociais na América Latina/2013*, 2013. v. 1.

CALVA, José Luis. *Los campesino y su devenir en las economias de mercado*. México D.F.: Siglo XXI Editores, 1988.

CALVO GONZÁLEZ, Patricia. Discurso y praxis del Movimiento 26 de Julio: ¿planificación o improvisación? *Naveg@mérica. Revista electrónica de la Asociación Española de Americanistas*. 2012, n. 9. Disponível em: <http://revistas.um.es/navegamerica>>. Acesso em: 24. Nov. 2015.

\_\_\_\_\_. Visiones desde dentro. La insurrección cubana a través del Diario de la Marina y Bohemia (1956-1958). *História*, Franca, v. 33, n. 2, p. 346-379, Dec. 2014. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-90742014000200346&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742014000200346&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 19 de mai. de 2016.

CAPELATO, Maria Helena Rolim e PRADO, Maria Lígia. *O Bravo Matutino: imprensa e ideologia: o jornal O Estado de S. Paulo*. São Paulo: Alfa-Omega, 1980.

\_\_\_\_\_. *Multidões em Cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. 2ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CARDENTHEY, Mayra García. El hombre detrás del Malagón. *Cuba Hora*, 31 de ago de 2014. Disponível em: <<http://www.cubahora.cu/historia/el-hombre-detras-del-malagon>>. Acesso em: 18 de jul. de 2017.

\_\_\_\_\_. *Juventud Rebelde*. ¿Quién era la niña de la muñeca de palo? Disponível em: <<http://www.juventudrebelde.cu/cuba/2013-12-14/quien-era-la-nina-de-la-muneca-de-palo/>>. Acesso em: 19 abr. 2018.

CARTIER-BRESSON, H.: *Fotografiar del natural*. Barcelona: Gustavo Gili, 2003.

CASANOVA, Pablo González. *Historia política de los campesinos latino-americanos*. España: Siglo XXI de España Editores, 1985.

CASTELLANOS, Paloma. *Diccionario histórico de la fotografía*. España: Editorial Istmo, 1999.



CASTILLO TRONCOSO, Alberto del. Imágenes y representaciones de la niñez en México en el cambio del siglo XIX al XX. Algunas consideraciones en torno a la construcción de una historia cultural. *Cuicuilco*, México, v. 10, n. 29, p.1-29, set-dez. 2003.

CASTRO, Fidel. *A História me absolverá*: discurso de Fidel Castro, ante o tribunal de exceção de Santiago de Cuba, proferido em 16 de outubro de 1953. São Paulo: Alfa-Ômega, 1979.

CASTRO, Fidel. *Palabras a los intelectuales*. Havana: Ediciones del Consejo Nacional de Cultura, 1961.

CHOMSKY, Aviva. *História da revolução cubana*. São Paulo: Veneta, 2015.

CASTAÑEDA, Jorge G.. *Che Guevara: a vida em vermelho*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

COBO, Jorge Wejebe. Cuando realengo 18 derrotó al dictador batista. *Bohemia*. Disponível em: <<http://bohemia.cu/historia/2016/11/cuando-realengo-18-derroto-al-dictador-batista/>>. Acesso em: 05 mai. 2018.

CUBADEBATE, *Una Revolución de los humildes, por los humildes y para los humildes*. 16 de abril de 2015. Disponível em: < <http://www.cubadebate.cu/noticias/2015/04/16/una-revolucion-de-los-humildes-por-los-humildes-y-para-los-humildes/#.WgrnvtNSzIU>>, acesso em: 14 de nov. de 2017.

CUÉ, Liliana Casanellas. *Tradición oral de la décima cantada en el punto cubano*. Disponível em: <[http://www.lacult.unesco.org/docc/oralidad\\_10\\_67-75-tradicion-oral-de-la-decima.pdf](http://www.lacult.unesco.org/docc/oralidad_10_67-75-tradicion-oral-de-la-decima.pdf)>, s.d. Acesso em: 13 de out. de 2017.

CUENCA, Waldo Fernández. Sergio Carbó: un periodista olvidado. *Palabra Nueva*. Havana. S.d. Disponível em: <[http://palabranueva.net/pn-old/index.php?option=com\\_content&view=article&id=655:sergio-carbo-un-periodista-olvidado&catid=227:sociedad&Itemid=285](http://palabranueva.net/pn-old/index.php?option=com_content&view=article&id=655:sergio-carbo-un-periodista-olvidado&catid=227:sociedad&Itemid=285)>, acesso em: 19 de dez. de 2017.

DAVIS, Mike. O imperialismo nuclear e a dissuasão extensiva. In: THOMPSON, E. (org.). *Exterminismo e Guerra Fria*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DESNOES, Edmundo. La imagen fotográfica del subdesarrollo. In: HERNÁNDEZ MORALES. *Punto de vista*. La Habana: Instituto del Libro, 2007.

DÍAZ, Ernesto Limia. *La Reforma Agraria en Cuba: "El precio de un derecho"*, 16 de maio de 2009. Disponível em: <<http://www.cubadebate.cu/especiales/2009/05/16/reforma-agraria-cuba/#.VINkMNirTIU>>. Acesso em: 23 de abr. de 2017.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg*. Rio de Janeiro. Contraponto, 2013.

ECURED. *Comités de Defensa de la Revolución*, Disponível em: <[http://www.ecured.cu/Comit%C3%A9s\\_de\\_Defensa\\_de\\_la\\_Revoluci%C3%B3n](http://www.ecured.cu/Comit%C3%A9s_de_Defensa_de_la_Revoluci%C3%B3n)>. Acesso em: 15 de abr. de 2017.

EL DIARIO. 'Errancia y fotografía' muestra en España obra del cubano Jesse A. Fernández. Disponível em: <[http://www.eldiario.es/cultura/errancia-fotografia-espana-jesse-fernandez\\_0\\_700629932.html](http://www.eldiario.es/cultura/errancia-fotografia-espana-jesse-fernandez_0_700629932.html)>. Acesso em: 16 jan. 2018.

ELLIOTT, David. Introduction – Moscow. In: ADES, Dawn. *Art and Power: Europe Under the Dictators 1930-1945*. Great Britain: Thames and Hudson Ltd., 1995, p. 186-188.

ESSUS, Ana Maria Mauad de Souza Andrade; GRINBERG, Lúcia. O século faz cinquenta anos: fotografia e cultura política. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, vol.14, n.27, p. 129-148, 1994.

ESTUPIÑÁN, Leandro. *Lunes: un día de la revolución cubana*. Buenos Aires, Editorial Dunken, 2015.

FABRIS, Annateresa. *Fotografia: Usos e Funções no Século XIX*. São Paulo: Edusp, 2008.

\_\_\_\_\_. Entre arte e propaganda: fotografia e fotomontagem na vanguarda soviética. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 99-132, June 2005. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-47142005000100004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142005000100004&lng=en&nrm=iso)>. access on 14 Dec. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-47142005000100004>.

FAVATTO Jr. Barthon. *Entre o Doce e o Amargo: Memórias de exilados cubanos: Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante*. São Paulo: Alameda, 2014.

FELTRINELLI, Carlo. *Senior Service*. London: Granta Books, 2001.

FERNANDES, Florestan. *Da guerrilha ao socialismo: A Revolução Cubana*. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

FIGUEROA, Eugenio Valdés. El outro rostro de la fotografía cubana. In: SANTANA, Andrés Isaac. *Nosotros, los más infieles: narraciones críticas sobre el arte cubano (1993-2005)*. España: CENDEAC, 2007, p. 862-870.

FONT, Fabián Escalante. *La Guerra Secreta: proyecto Cuba*. Editorial de Ciencias Sociales. La Habana, 2008.

FRANCISCO, Ismael. Santiago Cardosa Arias, Premio Nacional de Periodismo José Martí 2014. *Cubadebate*. Disponível em: <<http://www.cubadebate.cu/noticias/2014/02/21/santiago-cardosaariaspremionacionaldeperiodismojosemarti2014fotos/#.Vie9fAwjlU>>. Acesso em: 14/09/2017.

FRANQUI, Carlos. *Diary of the Cuban Revolution*. Ed. Vikin Press: New York, 1980.

\_\_\_\_\_. *Cuba, la Revolución: ¿Mito o Realidad? Memorias de un fantasma socialista*. Barcelona: Península, 2006a.

\_\_\_\_\_. Hay tres tendencias disputándose el poder. Entrevista concedida a Miguel Rivero em Lisboa. In: *Cubaencuentro*. 18 dez. 2006b. Disponível em: <<http://www.cubaencuentro.com/entrevistas/hay-tres-tendenciasdisputandose-el-poder-28404>>. Acesso em: 28 jul. 2017.

FURIATI, Claudia. *Fidel Castro: uma biografia consentida*. Rio de Janeiro: Revan, 2001.

GALLÓ, Gaspar J. García. La escuela que heredamos fue una escuela que tendía a servir los espúrios intereses de los imperialistas. In: *Conferencia en la Universidad Popular*. La Habana, 1961.

GANTÚS, Fausta. *Caricatura y poder político. Crítica, censura y represión en la ciudad de México, 1876-1888*. Ciudad de México: El Colegio de México, 2009.

GARCÍA, Osuna Alfonso J. *The Cuban filmography: 1897 Through 2001*. The United States of America: McFarland & Company, 2003.

GIRARDET, Raoul. *Mitos e Mitologias Políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GONZALEZ, Patrícia Calvo. Visiones desde dentro. La insurrección cubana a través del Diario de la Marina y Bohemia (1956-1958). *História*, Franca, vol. 33, n. 2, p. 346-379, Dec. 2014.

GONZÁLEZ GONZÁLEZ, José Pedro e REYES VELÁZQUEZ Raúl, Desarrollo de la Educación en Cuba después del año 1959. *Revista Complutense de Educación*. Espanha, vol. 21, n. 1, p. 13-35, 2010.

GOTT, Richard. *Cuba: uma nova história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

GRAMSCI, A. *Quaderni del cárcere*. Turim: Einaudi, 1975.

GUERRA, Lillian. *Visions of Power in Cuba: Revolution, Redemption, and Resistance, 1959–1971*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2012.

GUEVARA, Che. *Cartas*. São Paulo: Edições Populares, 1980.

\_\_\_\_\_. *La guerra de guerrillas*. La Habana: Editorial de Ciências Sociais, 1985.

\_\_\_\_\_; CASTRO, Raúl. Rumo à Sierra Maestra. Os diários inéditos da guerrilha cubana. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1997.

GUZMÁN-SEVILLA, Eduardo; YRUELA, Manuel Pérez. Para una definición sociológica del campesinado. *Agricultura y sociedade*, Espanha, n.1, p. 15-39, 1976.

HERNÁNDEZ MORALES, Sergio Luis. *Cine cubano: el camino de las coproducciones*. Santiago de Compostela: Universidade. Serviço de Publicações e Intercambio Científico, 2007.

HILB, Claudia. *Silêncio, Cuba: a esquerda democrática diante do regime da Revolução Cubana*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

HOBSBAWN, Eric. J., Peasants and politics. *The Journal of Peasant Studies*, Inglaterra, vol.1 n.1, p. 3–22. 1973.

HOLZ, Wolfgang. Allegory and Iconography in Socialist Realist Painting. In: BOWN, Matthew Cullerne; TAYLOR, Brandon. *Art of the Soviets: Painting, Sculpture and Architecture in a One-Party State, 1917-1922*. Manchester and New York: Manchester University Press, 1993, p. 73-85.

JEANNENEY, Jean-Noël. A mídia. In: RÉMOND, René. (Org.). *Por uma história política*. Trad. Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 213-230.

JIMÉNEZ SOLER, Guillermo. *Las empresas de Cuba 1958*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2014.

JONSSON, Stefan. *A Brief History of the Masses Three Revolutions*. New York: Columbia University Press, 2008.

KOLÉSNIKOV, N. Cuba: educación popular y preparación de los cuadros nacionales 1959-1982. Tradução de Edgar Timor Sánchez. Moscú: Editorial Progreso, 1983.

LA JIRIBILLA. Samuel Feijóo. Disponível em: <<http://epoca2.lajiribilla.cu/autor/samuel-feijoo>>. Acesso em: 16 jan. 2018.

LAGUNA ENRIQUE, Martha Elizabeth. *El museo nacional de bellas artes de la habana y la colección de retratos de la pintura española del siglo XIX*. España: Ediciones Universidad de Salamanca, 2013.

LOVINY, Christophe; SILVESTRI-LÉVY, Alessandra. *Cuba por Korda*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

LÖWY, Michael. *O pensamento de Che Guevara*. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

\_\_\_\_\_. *O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. São Paulo: Expressão Popular: Perseu Abramo, 2016.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2006, pp. 111-153.

MATOS, Huber. *Cómo Llegó la Noche*. Barcelona: Tusquets Editores, 2002.

MAUAD, Ana Maria. Imagens da Terra: Fotografia, Estética e História. *Locus: Revista de História, Juiz de Fora, Núcleo de História Regional, Departamento de História/Arquivo Histórico/EDUFJF*, vol.8, n.2, 2002, pp 9-26.

\_\_\_\_\_. Os fatos e suas fotos: Dispositivos modernos na produção do acontecimento. *Z Cultural*, Rio de Janeiro. 2009. Disponível em: <<http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/os-fatos-e-suas-fotos-dispositivos-modernos-naproducao-do-acontecimento-na-contemporaneidade-de-ana-maria-mauad-2/>>. Acesso em: 20 out. 2017.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 23, n.45, p. 11-36, 2003.

MILICIAS NACIONALES REVOLUCIONARIAS. *Ecured*, Cuba. Disponível em:< [https://www.ecured.cu/Milicias\\_Nacionales\\_Revolucionarias](https://www.ecured.cu/Milicias_Nacionales_Revolucionarias)>, acesso em 10 de nov. de 2017.

MILLER, Arthur. A Visit With Castro Brilliant, spirited, but he's stayed too long. *The Nation*. 24 de dezembro de 2003. Disponível em: <<https://www.thenation.com/article/visit-castro/>>. Acesso em: 30 de ago. de 2017.

MIRZOEFF, Nicholas. *Una introducción a la cultura visual*. Barcelona: Paidós, 2003.

MISKULIN, Sílvia C. *Os intelectuais cubanos e a política cultural da Revolução (1961-1975)*. São Paulo: Alameda, 2009.

\_\_\_\_\_. A Revolução cubana: conquistas e desafios na história das Américas. In: BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio (org.). *As revoluções contemporâneas paradigmáticas*. Maringá: UEM-PGH-História, 2016, pp. 207- 241.

MOLINA, Juan Antonio. Marginación y Carnaval: la imagen del negro en la fotografía cubana. *Estudios interdisciplinarios de América Latina y El Caribe*, Universidade de Tel Aviv, vol. 9, n. 1, s.p., jan-jun. 1998.

\_\_\_\_\_. El espejo y la máscara: Comentarios a la fotografía cubana postrevolucionaria. *Cuba*, Encuentro de la Cultura Cubana, n. 11, p. 59-73, 1999.

MONTEIRO, Charles. História e Fotojornalismo: reflexões sobre o conceito e a pesquisa na área. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, vol. 8, n. 17, p. 64 - 89. jan./abr. 2016.

MORALES, Domínguez, E., PONS, Duarte, H. Embrago o bloqueio? compensación?: aspectos económicos del conflicto bilateral Cuba-Estados Unidos. Primeira parte. *Economía y Desarrollo*, n.101, nov-dic. 1987.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A figura caricatural do gorila nos discursos da esquerda. *ArtCultura*, Uberlândia, v.9, n.15, p.195-212, jul.-dez. 2007.

\_\_\_\_\_. A ditadura nas representações verbais e visuais da grande imprensa: 1964-1969. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 26, p. 62-85, June 2013 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2237-101X2013000100062&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-101X2013000100062&lng=en&nrm=iso)>. access on 11 Sept. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/2237-101X014026005>.

NAKAMURA, Karen. *Kodak Brownie Starflex*. 6 de jan. de 2011. Disponível em: <<http://www.photoethnography.com/ClassicCameras/KodakBrownieStarflex.html>>. Acesso em: 12 de set. de 2017.

NAPOLITANO, Marcos. A relação entre arte e política: uma introdução teórica metodológica. In: *Temáticas*. Revista dos pós-graduandos em Ciências Sociais. Campinas: IFCH-UNICAMP, 37/38, pp. 25-56, 2011.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo: PUC-SP. N° 10, p. 12. 1993.

ORTEGA, Luis, La verídica historia de la paloma de Fidel. *La Prensa*, New York, 29 de dezembro, 2003. Disponível em: <<http://www.consciencia.net/2004/mes/01/fidel-paloma.html>>, acesso em: 30 de out. De 2017.

OSA, José A. de la. Um olhar para a saúde pública cubana. *Estudos Avançados*, São Paulo, vol. 25, n. 72, p. 89-96, 2011.

PAIVA, Francisco Jairo Silva; GONDIM, Raimundo Leontino. Cantoria e poesia oral: a resistência da cultura popular. *Revista Colineares*, Rio Grande do Norte, v. 3, n. 1, p. 86-105, jan-jun. 2016.

PASQUALINO, Beatriz Buschel. A Radio Rebelde como arma de guerrilha na Revolução Cubana. Campinas, SP: [s.n.], 2016. Orientador: Marcelo Siqueira Ridenti. Dissertação

(mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. 188p.

PÉREZ-CRUZ, Felipe de Jesús. La Campaña Nacional de Alfabetización en Cuba. *Varona*, Habana, n. 53, pp. 10-23, jul-dez., 2011.

PÉREZ-STABLE, Marifeli. *La revolución cubana: orígenes, desarrollo y legado*. Lisboa: Colibrí, 1998.

PERONI, Vera M.V. *A campanha de alfabetização em Cuba*. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

RAMONET, Ignacio. *Cien horas con Fidel*. Oficina de Publicaciones del Consejo de Estado. La Habana, 2006.

RÉMOND, René. Do político. In: RÉMOND, René. (Org.). *Por uma história política*. Trad. Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 441-450.

RIDENTI, Marcelo. Brasilidade Vermelha: Artistas e Intelectuais Comunistas nos Anos 1950. In: BOTELHO, André, et. al. *O Moderno em Questão: A década de 1950 no Brasil*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2008, p. 169-211.

ROJAS, Rafael. Mito e Historia. *El Nuevo Herald*. Maio de 2008. Disponível em: <http://www.elnuevoherald.com/211/story/296904.html>. Acesso em: 02 de julho de 2017.

ROSENFELD, Denise Douzant. Cuba: ¿La vuelta de los campesinos? *Anuario Americanista Europeo*, N° 6-7, 2008-2009, p. 85-109. Disponível em: <[http://www.red-redial.net/doc\\_adj/anuario/79-cuba-vuelta.pdf](http://www.red-redial.net/doc_adj/anuario/79-cuba-vuelta.pdf)>.

ROUILLÉ, André. *A fotografia entre documento e arte contemporânea*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009.

ROSS, Ciro Bianchi. Hablar de Raúl Corrales. *Juventud Rebelde*. Cuba. Acessível em: <<http://www.juventudrebelde.cu/columnas/lectura/2014-01-25/hablar-de-raul-corrales/>>.

SÁENZ COOPAT, Carmen María: "La décima cantada y los conjuntos instrumentales de punto cubano", en *Actas del Simposio Internacional sobre la Décima*, Las Palmas de Gran Canaria, Cabildo Insular de Gran Canaria, 1994, p. 133-140.

SANTOS, Oscar Pino; CORRALES, Raúl. *Los años 50: en una Cuba que algunos añoran, otros no quieren ni recordar y los más desconocen*. Instituto Cubano del Libro. Ciudad de La Habana: Cuba, 2001.

SEGRELLES ÁLVAREZ, Carmen. *La Revolución Cubana y la Iglesia Católica: historia de un desencuentro*. *GeoGraphos*, Alicante, vol. 9, n. 102, p. 1-47, 2018.

SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In: RÉMOND, René (Org). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. Trad.: Rubens Figueiredo. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2004.

SOUSA, Jorge Pedro. *Uma história crítica do fotojornalismo ocidental*. Chapecó: Argos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

SPICER, J. Cuba: brazo derecho de la Revolución. In: PIERCE, R. N. *Libertad de expresión en América Latina*. Barcelona: Mitre, 1982, p. 123-142.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

SONTAG, Susan. Some Thoughts on the Right Way (for us) to Love the Cuban Revolution. *Ramparts Magazine*, Estados Unidos, p. 6-19, 1969.

STRADA, Vittorio. Do “realismo socialista” ao zhdanovismo. In: Eric J. Hobsbawm. *História do Marxismo V. IX; o marxismo na época da terceira internacional: problemas da cultura e da ideologia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

SUÁREZ NÚÑEZ, J. *El gran culpable*. ¿Cómo 12 guerrilleros aniquilaron a 45.000 soldados? Caracas: s/ed., 1963.

SUASSUNA, Ariano et al . O Nordeste e sua música. *Estudos Avançados*., São Paulo , v. 11, n. 29, p. 219-240, Apr. 1997 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141997000100012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141997000100012&lng=en&nrm=iso)>. access on 26 Nov. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141997000100012>.

SWANGER, Joanna. *Rebel lands of Cuba: the campesino struggles of Oriente and Escambray*. Lanham: Lexington Books, 2015.

TEIXEIRA, Rafael Saddi. O ascetismo revolucionário do Movimento 26 de Julho: o sacrifício e o corpo na Revolução Cubana (1952 a 1958) – 2009.209 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Goiás (UFG), Faculdade de História, Goiânia, 2009.

TRAPERO, Maximiano. La décima entre canarias y Cuba, una poesia de ida y vuelta. In: *Islas la Isla: Poetas canarios emigrados a Cuba / Poetas canarios de ascendencia cubana* (estudio, selección y notas de Javier Cabrera). Gobierno de Canarias: Viceconsejería de Cultura y Deportes, 2003, p. 389-399.

TRONCOSO, Alberto del Castillo. *Las mujeres de X'oyep*. México: Centro de la Imagen, 2013.

TROTSKY, Leon. A arte e a revolução. In: FACIOLLI, Valentin (org.). *Por uma arte revolucionária independente*. São Paulo: Paz e terra, 1985, p. 95.

TSÉ-TUNG, Mao. Relatório Sobre uma Investigação Feita no Hunan a Respeito do Movimento Camponês. In: *Obras Escolhidas de Mao Tsetung*, Pequim, 1975, tomo I pág: 19-83. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/mao/1927/03/hunan.htm#tc1>>. Acesso: 25 de ago. de 2017.

VASCONCELOS, Joana Salém. *História Agrária da Revolução Cubana: Dilemas do socialismo na periferia*. São Paulo: Alameda, 2017.

VILA, A. F. *Por las ideas del Moncada*. La Habana: Casa Editorial Verde Olivo, 2013.

VILLAÇA, Mariana Martins. *José Martí*. São Paulo: Memorial da América Latina, 2008.

VELOSO, Carlos Tejo. *El cuerpo habitado: fotografía cubana para un fin de milenio*, Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 2009.

WARREN, Lynne. *Encyclopedia of twentieth-century photography*. New York: Routledge, 2006.

WOLF, Eric. *Guerras camponesas no século XX*. São Paulo: Global, 1984.

ZICMAN, Renée Barata. História através da imprensa - Algumas considerações metodológicas. *Revista Projeto História*, n.4. São Paulo: PUC, 1985, p. 89-103.

ZOTTA, *Experiencias pedagógicas en Cuba*. Madrid: Sociedad de Educación Atenas, 1976.



## ANEXOS:

## ANEXO 1

## A NUESTROS LECTORES.

## A NUESTROS LECTORES

El periódico REVOLUCION pide perdón a sus lectores. Estamos en un proceso de organización, acosados por innumerables actividades, y nuestro primer empeño es que el periódico esté en la calle día a día. Estamos luchando día y noche para ofrecer al pueblo libre de Cuba la voz impresa de la REVOLUCION. Tenemos que vencer un buen número de obstáculos: el periódico sólo cuenta en la actualidad con el abnegado personal de talleres, hombres que llevaban una semana sin cobrar, porque la empresa batistera huyó sin pagarles, y con elementos valiosos de la antigua redacción —dibujantes, periodistas, fotógrafos— que se han ofrecido generosamente a colaborar con este empeño de la libertad triunfante. Entre constantes llamadas telefónicas, visitas de familiares de los gloriosos milicianos que se alojan en nuestro edificio, público que viene a presentar sus demandas y muchas actividades más, estamos tratando de poner en camino la organización definitiva del periódico, para que esté a la altura de los mejores de Cuba y de América. Los más valiosos representantes de la nueva generación han

ofrecido su cooperación. Estos jóvenes pasan las noches sin dormir, después de haber rendido sus labores en otras empresas, trabajando en las tareas que necesitan urgente solución. A pesar de todo el entusiasmo y decisión que anima al cuerpo de redacción y a los obreros, aún nos faltan muchos puntos por resolver. El periódico REVOLUCION no sólo ha de ser, principalmente, el medio de expresión de las tareas revolucionarias, sino que también aspira a ser el vocero de las legítimas aspiraciones de nuestro pueblo. Los obreros, campesinos, todas las clases trabajadoras de Cuba presentarán sus demandas en REVOLUCION. Por eso queremos que éste sea un periódico ágil, nuevo, diferente al periodismo cansado y comprometido que se ha venido haciendo hasta hoy en nuestro país. Esos son nuestros objetivos. No los lograremos de inmediato, pero estamos dispuestos a brindar nuestros mejores esfuerzos para que nuestro pueblo pueda contar con un periodismo limpio, justo y libre. Pedimos, así, paciencia a nuestros lectores y recibiremos de buen grado todas las críticas que se nos hagan.

## ANEXO 2

Tabela 13 - Informações do corpo editorial de *Revolución*, locais de produção e quantidade de páginas (1959 - 1961).

Data, Nº da edição, Nº de páginas.	Locais de produção	Corpo editorial em Cuba	Nomes e direção dos agentes no estrangeiro
<p><b>30 de junho de 1959</b></p> <p>Edição nº: 200</p> <p>Nº de páginas: 20</p>	<p><b>Carlos III nº 615. La Habana.</b></p> <p><b>Teléfonos: Centro Privado 70-5591-92-93.</b></p>	<p><b>Director:</b> Carlos Franqui</p> <p><b>Subdirector:</b> Euclides Vazquez Candela</p> <p><b>Administrador:</b> Vicente Baez</p> <p><b>Director Artístico:</b> Ithiel Leon</p> <p><b>Consejo de Dirección:</b> Emílio Guede, Orestes Martínez, Carlos Irigoyen, Oscar Pino Santos.</p> <p><b>Director de Lunes de Revolución:</b> Guillermo Cabrera Infante</p>	
<p><b>31 de dezembro de 1959</b></p> <p>Edição nº: 330</p> <p>Nº de páginas: 20</p>	<p><b>Carlos III nº 615. La Habana.</b></p> <p><b>Teléfonos: Centro Privado 70-5591-92-93.</b></p>	<p><b>Director:</b> Carlos Franqui</p> <p><b>Subdirector:</b> Euclides Vazquez Candela</p> <p><b>Administrador:</b> Vicente Baez</p> <p><b>Director Artístico:</b> Ithiel Leon</p> <p><b>Director de Lunes de Revolución:</b> Guillermo Cabrera Infante</p>	<p><b>Fausto Osle</b> Phone: WA 3-9035 558 West 181 St. <b>NEW YORK 33, N.Y.</b></p> <p>-----</p> <p><b>Suscribase a REVOLUCIÓN en Miami</b> llamando a los teléfonos MO-7-8377 Fr-9-2248 y Fr-9-3940 o escribiendo a <b>Pedro J. Alzuri</b> P.O. Box. 35-275 6081 N.W. 5St. <b>MIAMI, Fla.</b></p> <p>-----</p> <p><b>Roberto de los Ríos</b> P.O. Box 5837 Telephone: 25-0912. <b>TAMPA 5. Florida.</b></p> <p>-----</p> <p><b>Oswaldo Aguero.</b> Ave. Muñoz Rivera Nº 1001 <b>Río Piedra</b> <b>PUERTO RICO.</b></p> <p>-----</p> <p><b>Francisco René Chacón</b> Calle 300 Apto. 10 Urbanización 5ta Crespo <b>CARACAS, Venezuela.</b> Tel.: 42-3059</p>

<p><b>04 de julho de 1960</b></p> <p>Edição nº: 485</p> <p>Nº de páginas: 24</p>	<p><b>General Suárez entre Ayestarán y Calzada de Rancho Boyeros</b></p> <p>Teléfonos: Centro Privado: 70-5591-92-93.</p>	<p><b>Director:</b> Carlos Franqui</p> <p><b>Subdirector:</b> Euclides Vazquez Candela</p> <p><b>Administrador:</b> Vicente Baez</p> <p><b>Director Artístico:</b> Ithiel Leon</p> <p><b>Director de <i>Lunes de Revolución</i>:</b> Guillermo Cabrera Infante</p>	<p><b>Fausto Osle</b> Phone: WA 3-9035 558 West 181 St. <b>NEW YORK 33, N.Y.</b></p> <hr/> <p><b>Suscribase a <i>REVOLUCIÓN</i> en Miami</b> llamando a los teléfonos MO-7-8377 Fr-9-2248 y Fr-9-3940 o escribiendo a <b>Pedro J. Alzuri</b> P.O. Box. 35-275 6081 N.W. 5St. <b>MIAMI, Fla.</b></p> <hr/> <p><b>Roberto de los Ríos</b> P.O. Box 5837 Telephone: 25-0912. <b>TAMPA 5. Florida.</b></p> <hr/> <p><b>Oswaldo Aguero.</b> Ave. Muñoz Rivera Nº 1001 <b>Río Piedra</b> <b>PUERTO RICO.</b></p> <hr/> <p><b>Francisco René Chacón</b> Calle 300 Apto. 10 <b>Urbanización 5ta Crespo</b> <b>CARACAS, Venezuela.</b> Tel.: 42-3059</p>

<p><b>30 de dezembro de 1960</b></p> <p>Edição nº: 636</p> <p>Nº de páginas: 20</p>	<p><b>General Suárez entre Ayestarán y Calzada de Rancho Boyeros</b></p> <p>Teléfonos: Centro Privado: 70-5591-92-93.</p>	<p><b>Director:</b> Carlos Franqui</p> <p><b>Administrador:</b> Vicente Baez</p> <p><b>Director Artístico:</b> Ithiel Leon</p> <p><b>Director de <i>Lunes de Revolución</i>:</b> Guillermo Cabrera Infante</p>	<p><b>Fausto Osle</b> 1557 Saint Nicholas Avenue entre 187 y 188 Telephone SW - 54484 <b>NEW YORK 40, N.Y.</b></p> <hr/> <p><b>Suscribase a <i>REVOLUCIÓN</i> en Miami dirigiéndose a:</b> <b>Oscar Rodríguez Gonzále</b> 1630 N.W. 29 Ave. Telephone: NE-4-1981 <b>MIAMI, Fla</b></p> <hr/> <p><b>Felipe Jiménez</b> P.O. Box 5954 Telephone 41-25-93 <b>TAMPA 5. Florida.</b></p> <hr/> <p><b>Francisco René Chacón</b> Calle 300 Apto. 10 Urbanización 5ta Crespo <b>CARACAS, Venezuela.</b> Tel.: 42-3059</p> <hr/> <p><b>Gregorio Amor</b> <b>PANAMA. C.A.</b> Calle 86. Nº 29</p> <hr/> <p><b>Servimos suscripciones a cualquier ciudad de los Estados Unidos de América. Diríjase a Oscar Rodríguez González, 1630 N. W. 29 Ave. MIAMI, Florida.</b> Telephone N-E-4-1981</p>
<p><b>01 de março de 1961</b></p> <p>Edição nº: 687</p> <p>Nº de páginas: 16</p>	<p><b>General Suárez entre Ayestarán y Calzada de Rancho Boyeros</b></p> <p>Teléfonos: Centro Privado: 70-5591-92-93.</p>	<p><b>Director:</b> Carlos Franqui</p> <p><b>Administrador:</b> Vicente Baez</p> <p><b>Director Artístico:</b> Ithiel Leon</p> <p><b>Director de <i>Lunes de Revolución</i>:</b> Guillermo Cabrera Infante</p>	

<p><b>30 de dezembro de 1961</b></p> <p>Edição nº: 943</p> <p>Nº de páginas: 11</p>	<p><b>General Suárez entre Ayestarán y Calzada de Rancho Boyeros</b></p> <p><b>Teléfonos: Centro Privado: 70-5591-92-93.</b></p>	<p><b>Director:</b> Carlos Franqui</p> <p><b>Administrador:</b> Vicente Baez</p> <p><b>Director Artístico:</b> Ithiel Leon</p>	
---	--	--	--

*Elaborado pelo autor*  
*Fonte: Revolución*

### ANEXO 3

*Ficha catalográfica.*

The image shows a screenshot of a web-based cataloging form titled "Cadastro de fotografias". The form is displayed within a browser window with a red title bar. The form itself has a green background and contains various input fields and dropdown menus for recording photograph metadata. The fields are organized into several sections:

- Top Section:** Includes fields for "Código" (36), "Edição" (80), "Preço" (10), "Ano de publicação" (2), "Nº da Página" (16), "Data" (10/03/1959), and "Manchete/Título" (La Tierra es del que la trabaja).
- Localization Section:** Includes "Localización na página" (Centro Superior), "Formato" (Retangular Verticais), "Dimensão" (Média\_ 1/2. PÁG. <>), and "Autor da matéria" (J. Hernandez Artigas).
- Photographer and Location Section:** Includes "Fotógrafo" (Raul Corrales), "Legenda 0" and "Legenda 1" (empty), and "Loc Geográfica" (Oriente).
- Technical and Subject Section:** Includes "Posição" (Posada), "Iluminação" (Claro), "Foco" (Todo focalizado), "Face" (Ocultada), "Temas - Assuntos" (Militar), "Sexo" (Homem), "Etnia" (Negro), and "Quant. de pessoas" (Uma).
- Additional Information Section:** Includes "Faixa etária" (Idoso), "Espaço do(s) sujeito(s)" (Exterior), "Objetos" (NENHUM), and "Observações 0" (Foto de mãos, cabeça e pés).
- Image Section:** Labeled "Anexo", it contains a small thumbnail image of a photograph showing hands, a head, and feet.

The browser window shows the URL "1959 - 1960 - 1961 - Catalogação Revolución : Banco de dados - G:\Users\ed\_ed\Google Drive\0\_MESTRADO - 2016\03\_FONTE\Revolucion\1959 - 1960 - 1961 - Catalogação Revolución..." and the user "Edinaldo Santos". The browser's address bar and various toolbars are visible at the top.

*Elaborado pelo autor*